

CATHERINE GASKIN

A Escritora Mais Famosa de Livros de "Suspense"

UM FALCÃO PARA A RAINHA





Orelhas:

UM FALCAO PARA A RAINHA

Romance de

CATHERINE GASKIN

Depois da morte do pai, um bispo anglicano, e já tendo perdido a mãe, Kirsty Howard viaja da China para a Escócia com o objetivo de descobrir o significado das misteriosas palavras escritas em um pergaminho, em mandarim, pelo irmão, William, que morrera de um acidente de caça em Cluain, imensa propriedade do avô, Angus Macdonald.

Kirsty encontra um mundo estranho em Cluain, povoado de gente que ela a princípio não pode compreender: seu avô, um velho solitário e arrogante, dirige uma das melhores destilarias de uísque do mundo; Morag, a criada, jovem, ruiva e bonita, esconde muito bem sua ambição de ficar com a propriedade; Mairi Sinclair, a governanta, austera, retraída, de aspecto suspeito; Calum Sinclair, filho de Mairi e de pai desconhecido, uma figura irreal, que cavalga as charnecas em um pônei, com seu cão nos calcanhares e um falcão domesticado sobre o pulso; Margaret e Gavin Campbell, um casal que mora na vizinha propriedade de Ballochtorra, ela bonita e leviana, ele um homem jovem de família nobre, mas frustrado porque é dominado pelo dinheiro do sogro.

Kirsty apaixona-se por Calum mas vem a saber do seu affair amoroso com outra mulher e, mais tarde, descobre um terrível segredo a seu respeito que seria um empecilho para o casamento. Muito breve, ela se vê envolvida com cada um dos outros desconhecidos, e então as paixões crescem, as suspeitas se intensificam, a ambição está sempre presente, e Kirsty não pode mais permanecer indiferente, enquanto olhos cobiçosos se voltam para o ouro líquido de Cluain.

Com a história toda ambientada na Escócia, a autora, além de marcar com perfeição o perfil de cada um dos personagens que se movimentam dentro de um enredo extremamente absorvente, faz uma reconstituição magistral da época que transcorre do fim da era vitoriana até à Primeira Guerra Mundial.

Contracapa:

Um Falcão Para a Rainha

A MULHER-DRAGÃO E A SEDUTORA FEITICEIRA.

Agora o semblante sombrio, de olhar fixo, era quase o de uma bruxa, a beleza, desaparecida em uma expressão de loucura.

Por um momento ela ainda forçou a porta, e então recuou; deixei de sentir a pressão no meu ombro. Através do pequeno espaço ouvi seu murmúrio, um suspiro queixoso, quase suplicante.

— Cluain não é sua!

Ela estava louca — completamente louca.

UM FALCÃO PARA A RAINHA

Novo e fascinante romance de Catherine Gaskin, autora do *bestseller* A HERANÇA MALDITA.

CATHERINE
GASKIN

Um Falcão Para a Rainha

Tradução de:
MARIA CÉLIA CASTRO



EDITORA RECORD

Título original inglês A FALCON FOR A QUEEN

Copyright (C) 1972 by Catherine Gaskin Cornberg

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S. A. Rua Argentina 171 — 20921 Rio de Janeiro, RJ que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

Este e-book:

*Digitalização, ocerização, revisão, formatação, PDF e e-pub: **The Flash***

MACDONALD DO CLÃ RANALD

Minha esperança é constante em ti

CAMPBELL DE CAWDOR

Sê vigilante

SINCLAIR

Entrega teu trabalho a Deus

MACPHERSON

Não desafies o gato senão de luvas

(MAC) LACHLAN

Corajoso e leal.

FERGUSON

Mais dócil após dificuldades

PRÓLOGO

Há lugares no vale onde jamais irei novamente; há caminhos no alto das depressões estreitas para onde nunca dirigirei os passos do meu pônei. Os rostos, as vozes, os nomes encontram-me lá, e não vão embora. É claro que, regularmente, devo percorrer a trilha, através do cemitério, até a igreja, onde aqueles nomes estão cinzelados na pedra. Os espíritos, porém, não jazem ali; para mim, não jazem ali. Eles são os fantasmas desassossegados — aqueles que amaram — errada, obstinadamente, com paixão, sem pensar. Todos esperam por mim, em qualquer parte do vale, mas especialmente em alguns locais, onde não vou. Ballochtorra começa a desmoronar-se de sua altura; as chuvas e neves levam parte do telhado, o gelo se arrasta para dentro, abrindo fendas nas paredes. A hera está tomando posse; muito breve, será preciso o olho de um conhecedor para distinguir o que foi construído recentemente, no orgulho da riqueza e ambição, do muito antigo. As gralhas se reúnem na árvores de hera crescida e sobre as ameias. E para sempre, incessantemente, meus olhos examinam os céus à procura de um falcão.

CAPÍTULO UM

I

É um longo caminho vir da China até o interior das Terras Altas da Escócia por causa de umas poucas palavras esparramadas em confuso dialeto chinês, na parte lateral inferior de um rolo de pergaminho, com o desenho de uma ave pousada no galho nu de um salgueiro. Mas eu viera sem convite, de forma inesperada, e por tudo que sabia, importuna. Havia vindo porque meu irmão, William, jazia no cemitério de uma igreja no centro das Terras Altas, e antes de morrer, escrevera aquelas poucas palavras. Sim, uma grande distância a percorrer.

Não enviei recado ou telegrama, talvez com medo de ser repelida — pelo que sabia de Angus Macdonald, ele era capaz de fazer isto. Assim, fiquei de pé com minha mala e a sacola de couro de meu pai na pequena estação de Ballinaclesh, e não havia ninguém para me receber, e, até onde eu podia julgar, nenhum meio de chegar onde queria.

O chefe da estação sacudiu a cabeça.

— Cluain, é? Bem, fica a mais de 9km. Não estão à sua espera... não mandaram o cabriolé.

A curiosidade era evidente; somente um tipo inato de cortesia conteve as perguntas francas que o homem desejava fazer.

— Sinto muito, senhorita, não há veículo algum de aluguel, aqui. Como vê, não é nem mesmo um vilarejo. Só uma parada quando há um passageiro, e para receber a correspondência, etc.

— Tem que haver um meio... — estremecei.

Estava frio e ia chover. Quem esperaria ser deixado ali, no meio de aparente deserto, pinheiros e lariços alinhando-se no corte escarpado de ferrovia, e o som do trem já perdido na distância ao dobrar a curva? Não havia casas, nenhuma fumaça enroscando-se das chaminés; não havia nada a não ser uma promessa de chuva, e o olhar fixo, ansioso e assombrado do chefe da estação. Era evidente que ninguém vinha a Ballinaclesh sem avisar — nem mesmo de Inverness, e muito menos da China. Era claro também que eu devia estar louca para ter feito aquilo.

Havia alguma coisa, porém, além do suspiro do vento através dos pinheiros, e do clique automático do telégrafo da ferrovia no pequeno escritório. Havia o som de passos atrás de mim, e fora, em frente à estação, escondido no abrigo do prédio, estava um pequeno landau puxado por um cavalo, a cabeça do animal segura por um

homem com uma comprida capa de lã xadrez. Ele também me fixava, e além de mim naquele momento, ao tirar o chapéu; mas o gesto não era para mim.

— Vi sua bagagem.

Virei-me. O homem que tinha descido, evidentemente, de um dos últimos vagões do trem e caminhara pelos trilhos com uma única maleta na mão, havia erguido também o chapéu, mas colocou-o de novo. Um rosto comprido e zombeteiro, sob cabelos louros matizados, os olhos de um azul-claro vivo, que poderiam parecer inocentes e mesmo infantis, se não fossem as linhas fundas nos cantos, linhas que ficavam quase paralelas às dos cantos da boca. Era um rosto bastante jovem, e no entanto, abatido — ou era o semblante de um homem jovem, desencantado.

Ele continuou sem vislumbre de timidez:

— Ninguém veio recebê-la? Meu nome é Campbell.

Era tão frio, tão positivo, que me teria enervado se eu não estivesse tão cansada e não tivesse tantas outras coisas em que pensar.

— Como vai? — falei, automaticamente.

Não se dizia aquilo na sociedade educada, apesar do encontro e lugar absurdos? Sempre se observava a formalidade.

— Não, ninguém veio me receber. Não sou esperada. Pensei que talvez pudesse alugar...

Ele já balançava a cabeça e julguei perceber um leve encolhimento de ombros, como se estivesse assombrado com a insensatez de algumas pessoas.

— Bem, agora vê que não pode, senhorita... ? É senhorita?

— Howard — disse eu.

Por um segundo a indiferença desapareceu.

— Howard? É a irmã de William Howard! Sim... sim, eu devia ter sabido. Parece-se com ele.

O som do nome foi um consolo. Fazia tanto tempo desde que alguém o pronunciara. Ninguém, desde que eu havia deixado a China, falara o nome de William.

— Conhecia William? — agarrei-me ao pensamento.

— Sim... sim, eu o conhecia. Não bem, mas ele não ficou aqui tanto tempo assim.

— Não... não muito tempo. Só aquelas visitas ao vir de Edinburgh e depois, no último verão...

Não me deixou insistir no assunto. Já havia segurado meu braço e, ao mesmo tempo, acenava para o homem de pé ao lado do cavalo.

— Stevens, ajude aqui o Sr. McBane com a bagagem. Toda ela. Levaremos a Srta. Howard a Cluain.

— Cluain, senhor? Cluain — então, deteve-se abruptamente, como se houvesse algum gesto autoritário do homem que segurava meu braço.

Senti-me empurrada, as decisões tomadas por mim. E no entanto, por que não? Meu problema imediato estava resolvido; senti-me grata, tanto quanto cansada.

— Gosto de guiar — disse o homem. — Importa-se de subir na frente comigo ou o vento é demasiado? Stevens pode sentar com a bagagem.

Concordei com um gesto de cabeça; o que importava um pouco de vento? O homem pronunciara o nome de William, e pareceu chamá-lo de de volta à vida. Deixei que me ajudassem a subir para o assento, e em seguida, o homem se acomodou ao meu lado, tomando as rédeas de Stevens. Esperamos que as malas fossem trazidas, carregadas pelo chefe da estação e Stevens, e arrumadas no espaço de passageiros. Todos pareciam se mover depressa sob as ordens de Campbell, contudo, havia uma estranha camaradagem entre eles; não existia sinal de servilismo mascarando ressentimento. O chefe da estação ficou aliviado por se livrar de mim — porém, ele mostrara preocupação comigo. Ergueu o boné quando nos preparamos para partir.

— Bem, senhorita, se sentirá bem agora, e parece que não haverá chuva antes de chegar a Cluain...

Campbell fez um cumprimento vago de agradecimento com o chicote, e nos afastamos. O veículo tinha boas molas, o cavalo era forte e bom, até a estrada entre pinheiros e lariços parecia plana. Nem mesmo fazia frio agora.

— Espero não estar... — comecei.

— Ora, vamos — interrompeu-me ele. — Por favor, peço-lhe, não comece com todas essas delicadezas. Teria eu deixado a senhorita de pé lá na estação de Ballinaclesh? Se é suficientemente tola para não tê-los avisado sobre sua vinda, então, o mínimo que posso fazer é salvá-la de algumas das consequências de sua loucura. Não acho — acrescentou sem ênfase — que Angus Macdonald goste de surpresas.

— Talvez não. Veremos. Tudo que ele pode fazer é me mandar embora.

— Ele não fará isso. O mundo pode pensar que somos bárbaros, aqui, nas Terras Altas... oh, bárbaros românticos, talvez, mas bárbaros ainda assim. De alguma forma, porém, com toda a nossa pobreza ainda temos as tradições de hospitalidade, que conservamos. E suspeito de que Angus Macdonald acredita que o sangue é mais espesso que a água. A senhorita é a única neta que lhe restou — depois, com candura devastadora veio a facada: — Naturalmente, era William que ele queria. Uma moça, dificilmente, será de grande utilidade para ele.

— É — respondi com desânimo — não espero ser de grande utilidade.

Ele me lançou um rápido olhar e em seguida desviou-o de novo para a estrada, o semblante bastante austero suavizando-se um pouco, como se lamentasse suas palavras.

— Então... resolveu vir para cá depois da morte de seu pai?

— Sabia que meu pai foi morto?

— Todo o reino soube. Talvez não compreenda como os jornais ingleses são bons, em se lançar com frenesi sobre um acontecimento distante, sangrento e trágico... muito especialmente quando diz respeito a um bispo da Igreja Oficial. Durante dois dias, os jornais falaram, febrilmente, sobre o assunto. Houve boato sobre o envio de canhoneiras. A dignidade imperial havia sido gravemente insultada. Pergunto-me se alguém pensou no que a senhorita deve ter sofrido então... com William morto tão recentemente.

— Talvez fosse uma graça eu não saber que William estava morto naquele momento. A carta do meu avô ainda não chegara. Tampouco ele parece acreditar em telegramas.

— Santo Deus! — olhou-me novamente, por mais tempo desta vez. — Estava bastante só, então, quando a notícia sobre William chegou. Sinto muito, Srta. Howard. Passou... — agora sua voz ficou tão baixa que era difícil ouvir acima do som dos cascos, e da agitação do vento através das árvores. — Passou um mau bocado.

— Meu pai tinha muitos amigos... ajudaram-me bastante. Sim, sabíamos sobre o boato das canhoneiras, mas ninguém na Inglaterra parecia compreender que meu pai foi morto em uma rebelião local, a 300km do ponto em que o Rio Grande... o Yangtse... é navegável por uma canhoneira. E de que adiantaria? Eu sabia que era a última coisa que meu pai desejaria. Era uma discussão histérica, sem sentido. Na China estas coisas são tratadas à sua maneira, mas os ingleses parecem ter ideias

muito estranhas sobre a China. Quando eu rezava naqueles dias, rezava para que o Ministro do Exterior estivesse mais bem informado que os jornalistas.

Eram palavras simples, sensatas, calmas, palavras com que tentara me convencer havia muito tempo, para deter o sofrimento. Mas sim, ele estava certo, fora uma época difícil. Muito difícil. A China, porém, era cruel muitas vezes, e a morte violenta era comum. A coisa mais dura de suportar havia sido o pensamento, de que não precisava ter sido meu pai; havia muitos outros que ele poderia ter enviado naquela viagem. Mas ele nunca se esquivava do que imaginava ser seus deveres — jamais procurara fugir, porque os amava. Mesmo quando a visitação significava, literalmente, jornadas de 1.500km, e sentia fome e frio com frequência, com as roupas encharcadas, ou a pele queimada pelo calor intenso daqueles verões.

Não, a viagem oficial de um bispo na China tinha pouca coisa em comum com a procissão pomposa de uma paróquia a outra, que ele me descrevera, com uma espécie de riso, como sendo costume na Inglaterra. Para ser justa, a Igreja pagava por uma dignidade maior do que meu pai jamais manteve, dizendo ele que havia tantas outras coisas em que gastar dinheiro na China, do que sustentar uma posição episcopal. Ele viajava, em geral, apenas com um coadjutor, que funcionava como seu secretário. Teriam existido poucos bispos, com a distinção assustadora de terminar suas vidas, com as cabeças em uma das sempre presentes varas de bambu dos chineses. Ele não tivera sorte. Mal podia ter consolado a si mesmo, naqueles últimos momentos terríveis, de que morria pela causa de levar a luz da fé às hordas pagãs. Foi suficientemente infeliz ao ser apanhado, contra a vontade, em uma revolta contra um generalíssimo local na remota província de Szechwan — ele, o coadjutor e os dois engenheiros que viajavam em sua companhia, para estudar o itinerário de uma futura ferrovia para o interior. O exército do generalíssimo não chegou o bastante depressa, para salvar os demônios estrangeiros. Foi um divertimento maior para a multidão anônima de camponeses, que uma de suas vítimas fosse um sumo-sacerdote que servia ao deus estrangeiro. Alguns dos líderes da revolta foram punidos, com os refinamentos usuais de tortura e execução pública, pelo generalíssimo. Todos soubemos em Pequim que nenhuma canhoneira ou expedição seria necessária. E o corpo de meu pai foi mandado de volta para o funeral. Tentaram me fazer ignorar a forma brutal como ele havia morrido. Mas eu sabia; sempre se sabia estas coisas na China.

Não fora suficiente. Seus deuses, ou meu Deus, resolveram que não havia sido bastante. Menos de um mês depois do funeral, chegaram uma carta e uma arca, enterrando a última pessoa que eu tinha no mundo. A carta, endereçada ao meu pai, continha as frases e escrita formal de Angus Macdonald.

“Seu filho, meu neto, William Howard, morreu em um acidente de caça nas terras acima de Cluain. Está enterrado entre seus ancestrais no cemitério de St. Andrew, na freguesia de Ballochtorra, de acordo com os ritos da Igreja Oficial da Escócia. Se desejar...”

Meu pai não tinha mais desejos; também ele estava enterrado, segundo os ritos da Igreja Anglicana, no terreno da Legação Britânica em Pequim. E eu estava de posse dos objetos pessoais de William, despachados para Pequim com a carta. Incluíam o rolo de pergaminho, o desenho da ave sobre o galho nu, com caracteres imprecisos e confusos, em dialeto chinês, esparramados no canto inferior.

E para que, e por que eu viajara? De Pequim a Tientsin, pelo rio até a costa, em um barco maior para Hong Kong, depois em navio inglês através do Mar Vermelho de Suez, até a fumaça e fuligem de Londres. Em seguida, de trem até a Escócia, em direção ao interior das Terras Altas, para Inverness, e depois, por ramal, a Ballinaclesh, e dali... bem, aquele homem, Campbell, levava-me para onde eu resolvera ir — Cluain.

Como eu sabia pouco sobre Cluain. Como me importara pouco em perguntar. Naturalmente, todo o mundo de língua inglesa tem alguma noção fantasiosa sobre as Terras Altas. Não tínhamos todos visto aqueles desenhos formalizados da Rainha e seu Consorte, e o castelo que construíram em Balmoral? — e de uma data posterior havia aqueles tristes daguerreótipos da Rainha atarracada e pequena em seu luto de viúva, sentada em um pônei seguro por seu criado, e com o vestido das Terras Altas. Pinturas de veados e vales estreitos e brumosos, histórias de feudos e rebeliões, e de homens fortes e corajosos — as noyelas de Walter Scott. Mas o Jubileu de Diamante fora comemorado no ano anterior, e Victoria estava muito idosa agora, e tinha que estar nos últimos anos de seu reinado; Eduardo, o Príncipe de Gales, havia esperado além dos limites da paciência de um homem, para assumir as responsabilidades, pelas quais era, havia tanto tempo, uma figura decorativa. O século chegava ao fim, como a velha Rainha; e eu sabia muito bem que a realidade das Terras Altas devia ser completamente diferente daquelas pinturas brumosas. Tinha que haver inverno ali, e pessoas que não viviam em castelos. Por que eu não perguntara mais sobre Cluain? Nas cartas escritas em resposta às de William, eu mal mencionara Cluain, muito menos fizera perguntas sobre o local. Teria ficado ressentida com a inexplicável ligação de William com o lugar, que nem mesmo havia querido visitar? Ele foi para a Universidade de Edinburgh a fim de estudar engenharia, e esperara, com o tempo, poder também planejar e construir as ferrovias da China, competindo, como faziam todas as firmas estrangeiras, pelas concessões de seu rico comércio. Mas Angus Macdonald soubera que William estava em Edinburgh, e cartas foram trocadas entre eles. A princípio, William foi a Cluain contra a vontade.

“Suspeito de que este velho é possessivo”, escrevera-me ele antes da primeira visita, “e tenho que ser livre para fazer o que sempre sonhei. Tenho que pertencer a mim mesmo.”

Não houve mais palavras sobre ser livre. Ele voltou a Cluain no Natal, na Páscoa, e depois passou lá todo o verão seguinte. Foi no início do inverno em Cluain, porém, que ele morreu, e agora eram os primeiros dias de junho. Meu pai havia morrido no meio de um inverno chinês sem saber que o filho já estava morto. Tem sido a terra congelada para ambos, tão distantes um do outro. Agora perguntava-me por que, desde que não interrogara William, eu não havia pensado em fazer perguntas ao meu pai sobre Cluain; seria por que eu tinha a impressão de que ele sentia uma culpa sobre aquilo e seria cruel aprofundá-la? Eu sabia que era um rompimento que nunca fora reparado. Ele casou com a filha única de Cluain e a levou para longe; ela também jazia no terreno da Legação em Pequim. Ele conheceu Cluain somente por um verão — um idílio de verão nas Terras Altas, e se apaixonara perdidamente. Por isto, não perguntei nada, não fiz questão de lhe lembrar, e ele não falou sobre o assunto. Eu me havia deixado absorver pela vida da China — isto é, a vida que os estrangeiros conheciam, porque nenhum intruso podia afirmar, verdadeiramente, conhecê-la por completo. Eu havia pensado que casaria, provavelmente, lá — e, no entanto, não fixei o pensamento em nenhum dos rapazes que iam e vinham nas Legações. Eu queria alguém que fosse ficar na China. Inconscientemente, talvez, esperara pela volta de William. Gostaria de ouvir sua opinião valiosa sobre qualquer homem com quem eu fosse casar. Pensei em tomar a China minha vida, como era a de meu pai e seria a de William. Agora, porém, tudo ficava para trás, os luxos melífluos e as crueldades selvagens, e era levada em direção a Cluain, premunida com tão pouco conhecimento, exposta ao vento. Talvez, então, estremeci.

— Está com frio — disse o homem. — Sinto muito. Foi imprevidência minha colocá-la aqui em cima, na boleia. Eu poderia ter viajado lá embaixo com a senhorita, mas estive uma semana em Edinburgh, e quando fico longe daqui, sinto um desejo terrível de voltar. E quando estou de volta, tenho que sentar aqui em cima, e ver tudo novamente. Sei, então, que estou em casa.

— Não estou com frio — respondi — talvez apenas cansada. E entendo o que quer dizer... sobre ver tudo...

Havia tanto para ver, para tentar saber. Era um lugar bonito; mesmo meu olhar desorientado, fatigado, podia apreciar a região. Bonita, mas não suave. Passamos de arvoredos para cenários de campos abertos, e além deles, a charneca pantanosa. O vento corria através das novas plantações verdes; parecíamos subir e

descer interminavelmente — algumas vezes por extensões abertas de terrenos alagadiços, outras vezes, a estrada serpenteava para baixo e para o alto de um vale tão estreito, que a própria luz parecia impedida de entrar. Quando as nuvens se deslocavam depressa antes do vento, eu via as montanhas, de quando em vez — sabia que elas tinham que ser parte da Cordilheira Caimgorm. Eu havia estudado o mapa da Escócia tantas vezes, desde a carta de Angus Macdonald! Passamos por pequenos chalés amontoados onde podiam encontrar uma sombra de abrigo — eu sabia que as neves viriam até ali, como iam à China. Era uma região estranha e selvagem, que me animou de forma inesperada. O sangue de minha mãe existia em mim também, pensei. De repente, comecei a compreender a sensação de identificação que devia ter despertado em William.

Então, via a propriedade — grande, empoleirada sobre um afloramento escarpado, acima de um rio, um rip cujas águas cristalinas se agitavam e brilhavam mesmo naquela tarde cinzenta. A casa era alta e antiga, com torreões e ameias. A construção central era de um a época grandiosa, e fora antes uma fortaleza, dominando a passagem estreita através do vale. Mas, obviamente, quando os tempos se tornaram mais pacíficos, acrescentaram-se partes à casa, e jardins se estendiam em terraços largos que desciam até o rio. Apesar dos jardins, sua magnificência ainda possuía uma espécie de aspecto sinistro.

— O que é aquilo?

— Ballochtorra.

Era um nome que já estava em meu coração; William jazia enterrado em algum lugar próximo.

— Quem vive lá?

— Um Campbell — depois acrescentou, virando-se, e com um meio sorriso para mim, a primeira vez que eu via um sorriso: — Eu.

— Então, por que respondeu daquela maneira? Um Campbell?

— Porque a senhorita, Srta. Howard, é uma Macdonald, quer use o nome ou não. Na história escocesa, desde o massacre de Glencoe... oh, e mesmo antes disso... os Macdonalds e Campbells são considerados inimigos implacáveis. Naturalmente, nem sempre foi verdade. Muitas vezes, lutaram do mesmo lado... tantas quantas se enfrentaram com espadas desembainhadas. Como a maioria dos clãs na Escócia. Atacaram de surpresa o gado e os castelos, uns dos outros. Roubaram-se as mulheres, mutuamente. Algumas vezes, negociaram até mesmo casamentos pacíficos. Mas a senhorita e eu... devemos ser, segundo os leigos,

inimigos hereditários; na verdade, foram outros clãs que estiveram envolvidos em Glencoe. É uma Macdonald do Clã Ranald, e eu sou um Campbell de Cawdor. Ainda assim, foram Campbells que ficaram alojados nas propriedades dos Macdonalds em Glencoe, e que aceitaram sua hospitalidade, e que os mataram naquela manhã, na neve de fevereiro... todos, de 7 a 70 anos. Cinco horas da manhã, muitos deles cambaleando para fora das camas, e terminaram jazendo nus e mortos na neve. Isto não pode ser perdoado ou esquecido... mesmo se os Macdonalds fossem rebeldes contra o Rei Guilherme de Orange... e dissessem que os Campbells apenas executavam ordens. Por ter sido feito furtivamente, por homens vivendo nas casas de suas vítimas, é que não pode ser perdoado. Aconteceu há mais de 200 anos, mas ainda devemos, supostamente, odiar uns aos outros. Agora, a Escócia está em paz por muito tempo, e somente fanáticos é que continuam trazendo à baila os Stuarts e o Príncipe Charlie, O Belo. Temos nossa velha rainha hanoveriana vivendo aqui, entre nós, e ninguém pensaria em fazer mal a ela ou ao filho. Mas é um jogo romântico e tolo que nós, escoceses... que todos os clãs ainda possuem laços fraternais e de sangue. Temos sido tão cruéis uns com os outros como os homens poderiam ser... Ballochtorra poderia contar suas histórias, e as masmorras estavam lá por outras razões do que estocar vinhos. Mas seu nome é Macdonald, o meu é Campbell, e dizem que não devemos jamais deixar a lembrança de Glencoe morrer. Embora a senhorita e eu sejamos primos distantes.

Sentei-me, ereta.

— Primos? Como?

Ele encolheu os ombros.

— Acontece. Oh, é uma estranha história, e seu avô gostaria de mantê-la viva, porque ele conseguiu uma grande vitória pessoal com ela. Ganhou o melhor que Ballochtorra possuía. Ganhou a casa do tal de Ballochtorra, que é Cluain. Com ela, recebeu as melhores terras no grande vale, terras que davam a Ballochtorra, antigamente, seu cereal e gado... as terras para arrendar a rendeiros, que, em troca, prestavam ajuda aos Campbells em tempos difíceis, para que o chefe dos Campbells protegesse suas terras e casas, mulheres e crianças. A maioria adotava o nome de Campbell... ou Macdonald, Frazer ou Grant... qualquer que fosse o nome do chefe a quem serviam. Era assim que o sistema de clãs funcionava então, quando era uma necessidade real, não uma decoração. Uniam-se para proteção mútua, como fazem as famílias. E como as famílias fazem, muitas vezes, brigavam. Era um sistema. Funcionava em sua época, mas esse tempo terminou agora. No governo dos ingleses, depois da última esperança dos Stuarts desaparecer com o Príncipe Charlie em Culloden, o sistema de clãs morreu. Durante muitos anos nenhum escocês das

Terras^Altas podia usar o manto xadrez com padrão distintivo do clã, ou carregar armas. Mas faríamos melhor esquecendo isso, ou ao menos compreendendo a que época pertence. Seria melhor se não esperasse que nós dois desconfiássemos ou não gostássemos um do outro, apenas por causa dos nossos nomes.

— Montecchío e Capuleto...

Ele suspirou, som que ouvi mesmo acima do vento.

— Sim, Montecchío e Capuleto, se quiser. Perdoe-me por me entregar a esta preleção sobre alguma coisa que talvez já saiba... mas se sentirá mais feliz aqui, talvez, se se lembrar de algumas destas coisas.

Atravessávamos uma graciosa ponte de pedra arqueada, e ele ergueu os olhos para as elevações de Ballochtorra.

— Essa era uma das coisas tão atraentes em William., possuía muitas qualidades de que todos gostávamos. Era como um vento puro soprando através de toda esta tolice. Não veio com ideias preconcebidas. Não odiou os Campbells por causa de seu nome. E foi contra tudo em que seu avô acreditava, quando veio fazer uma visita a Ballochtorra.

— Ele sempre disse que seria dono de si mesmo.

— Era. Nunca acreditei que pudesse fazer qualquer coisa que não quisesse. A senhorita gostava muito de William — disse, no mesmo tom indiferente.

— Eu tinha apenas um irmão. Na China, a pessoa fica isolada. Há poucos de nossa raça. Não sei bem como irmãos e irmãs se sentem em relação uns aos outros... se são tão íntimos quanto éramos. William era o mais velho... guiava-me a toda parte. Por muito tempo, eu não sabia o que pensar antes de perguntar a William. Era como papai... porém, muito mais próximo da minha idade.

— E ele a guiou para cá?

—Talvez.

Começávamos a subida escarpada de novo, a estrada serpenteando ao redor do castelo, para chegar à curva ao longo da plataforma do rochedo. Alcançamos uma casa de porteiro de pedra, porém bastante nova, pensei, com torreões no estilo do castelo; esplêndidos portões de ferro eram embelezados por um escudo com ponta de ouro, o brasão de armas, uma ave de alguma espécie com um pescoço longo e arqueado, como um cisne sibilante. A folha fina de ouro era tão clara que pude ler o mote acima da ave. Sê vigilante. Perguntei-me se significava um conselho ou uma advertência.

Não pude evitar a irritação passageira.

— Para aqueles que têm perdido suas melhores terras para outro clã, parece ser bastante próspero.

Ele concordou com um gesto de cabeça.

— Oh, sim... nossas boas terras de plantação se foram. O que temos ainda são as charnecas para os homens ricos caçarem.

— Então, é rico.

— Digamos que minha mulher é.

Eu estava cansada demais; não podia assimilar mais nada daquilo, por isto deixei o comentário se perder. Sabia que, breve, teria que enfrentar Cluain e o que quer que esperasse por mim lá. Senti os ombros vergados, e foi então que comecei a sentir frio, verdadeiramente. As árvores que tinham sido derrubadas para dar realce ao castelo reapareciam agora, uma plantação antiga de carvalhos e faias. Fazíamos a curva e entrávamos em uma vasta pradaria ao lado do rio, quando eu o vi. Teria sido fácil não percebê-lo. Estava de pé à sombra de uma faia, e as folhas acima dele eram as

únicas coisas que se moviam; o cão, ao seu lado, também estava imóvel. O homem era moreno — eu mal podia ver seu rosto na sombra; usava um saiote escocês, de um padrão vermelho desbotado, e um gibão roto de pele de carneiro sobre ele. Olhava fixamente para nós; a mão estava erguida, mas não em saudação. Havíamos quase passado por ele antes de eu ver a ave empoleirada na mão enluvada e erguida. Uma ave grande, eu não sabia de que espécie, mas com olhos muito negros, tão imóveis e fixos como o homem e o cão. Talvez todos eles movessem os olhos para nos observar, porém, nenhum virava a cabeça. Estranhamente, contudo, Campbell, ao meu lado, levantou o chicote em um cumprimento breve e rápido; o homem não respondeu. Depois, estavam atrás de nós, o estranho trio, e de alguma forma, consegui não virar a cabeça para trás a fim de olhá-los.

— O que fará em Cluain?

— Quem pode saber? Talvez, não fique.

Continuamos em silêncio por algum tempo. Depois, ele disse:

— Angus Macdonald ficou amargamente triste com a morte de William. William deve ter parecido a resposta para todas as suas esperanças. Durante os últimos meses depois da morte de William, só o vi de relance, uma vez. Pareceu-me muito envelhecido. Talvez fosse um ato de bondade, se fizesse um esforço para

ficar, não importa o que aconteça.

— Isto significa que acredita que não serei bem-vinda? Eu lhe disse que não era esperada.

— Quem pode dizer? Cluain não é um lar comum. Se precisar de um amigo... se precisar de algum lugar para ir, Ballochtorra é bem perto.

— E sua mulher... me receberá bem?

— Elq receberá bem, a quem eu der boas-vindas. Ela recebe bem muitos que eu não aceito. Isso não é uma observação sobre ela, mas sobre mim. Não sou muito sociável.

— Prestou-me um serviço pelo qual, estou certa, meu avô desejaria lhe agradecer. Estou segura de que Cluain não falhará em relação à hospitalidade das Terras Altas, de que falava. Afinal, como o senhor disse, sou sua única neta — e ajuntei depressa, para me proteger: — Provavelmente, não permanecerei muito tempo.

— Não permanecerá? Uma pena...

Perguntei-me:

“Uma pena para quem?”

Agora, ele gesticulava novamente com o chicote, e as rédeas apressavam o cavalo para uma andadura mais rápida.

— Lá está agora... Cluain.

Erguia-se, solitária, nos campos extensos que subiam gentilmente do rio; o vento atravessava os cereais verdes e novos; o gado comia o capim dos pastos mais altos, e daqueles que desciam em direção ao rio. As nuvens subiram, e as montanhas estavam claras e pontiagudas, o vento soprando diretamente delas. Não pude descobrir facilmente a residência de Cluain, porque as outras construções a dominavam. Não havia apenas os anexos comuns em uma boa propriedade no campo, mas uma longa série de abrigos de pedra iguais, um ao lado do outro, que deviam ser usados, pensei, para armazenagem. Depois havia a estranha construção de pedra com chaminés, terminando em abóbadas semelhantes a pagodes, que podiam ter vindo diretamente da China. Era uma vista estranha — o agrupamento de prédios no meio de um cenário rural, como alguma grande fábrica transportada do Norte industrial através do qual o trem me trouxera, mas com aquelas pedras livres de fuligem e sujeira por causa da chuva fustigante das montanhas. Eu não soubera o que esperar do aspecto de uma destilaria de uísque, mas aquilo não passara por

minha cabeça.

— Angus Macdonald sustenta — disse Campbell — que faz o melhor uísque de malte de todas as Terras Altas, e nunca ouvi ninguém discutir, seriamente, suas afirmações. Agora, está velho, e Willíam se tomara sua única esperança. Temo que ele seja um homem muito triste e muito zangado...

II

A estrada que descia do rochedo de Ballochtorra fazia uma curva tão larga para trazê-la ao nível das campinas do rio que, agora, tinha que serpentear de volta sobre si mesma para se acercar de Cluain; todo o grupo de prédios se voltava para nós em diagonal, de forma que olhávamos bem para o seu centro. Agora, podia identificar a casa — a primeira construção que alcançaríamos, a menor e mais antiga. Havia uma cocheira e um pátio com chão de pedras arredondadas que servia aos estábulos, casa e destilaria. Do lado oposto da estrada, começando em uma fila com a destilaria, iniciava-se a longa fileira de depósitos de mercadorias. Estes eram baixos — um andar apenas, mas com telhados e telhas de ardósia. Embora as chaminés, semelhantes a pagodes, da destilaria dominassem o cenário, o aglomerado melancólico dos depósitos — estendendo-se ao longo da estrada como um grande terraço em empena — possuía uma característica irresistível, um sentido de estabilidade. Do alto de Ballochtorra, eu vira os telhados das construções da propriedade atrás da destilaria, e alguns chalés com áreas ajardinadas. Parecia uma cidade isolada; no entanto, estranhamente silenciosa, como se todos tivessem partido e a deixado abandonada.

Mas não permaneceu silenciosa. Um cão latiu, e enquanto o landau se aproximava da casa, um bando de gansos veio em louca corrida, da direção dos depósitos, sibilando e guinchando. Ouvi, atrás de mim, a imprecação meio abafada de Stevens, e Campbell teve que puxar mais as rédeas para evitar que o cavalo passarinhasse. Stevens escorregou para fora do assento e se dirigiu à cabeça do cavalo; prosseguimos em marcha lenta, e Campbell jogou o chicote para Stevens, que o usou para afastar os gansos. Finalmente, até o grande macho encarregado do bando começou a aceitar nossa presença com relutância; soltou um grasnido como sinal, e toda a corrente branca de aves se voltou e regressou, com andar bamboleado, para os depósitos de mercadorias, encantada, achei, com a confusão que provocara.

— Malditos animais — resmungou Stevens. — Deviam ser proibidos aqui. Esta é uma estrada pública.

Campbell não respondeu. A agitação dos gansos não pareceu fazer com que alguém notasse nossa chegada. Agora, o landau se deteve diante da casa. Na

confusão, eu não tivera tempo de examinar a casa com atenção, mas agora ela assumia sua importância esmagadora, como o coração de Cluain. Não era, afinal, quando ficamos de pé ao seu lado, tão pequena. Simplesmente, as outras construções eram maiores. Todas partilhavam a mesma, e quase dolorosa, simplicidade. A casa era muito mais velha que o resto do grupo — a casa do tal de Ballochtorra devia existir, talvez, dois séculos antes da destilaria. Era em forma de L, construída em volta de dois lados de um pátio. A alta muralha de pedra deste pátio era nivelada ao muro da casa, e uma antiga porta tachonada, como a porta da residência, dava diretamente para a estrada. Apesar do ruído de nossa chegada, ambas permaneceram, obstinadamente, fechadas. Toda a estrutura era feita de pedra irregularmente cortada, com dois andares e janelas em empena no telhado alto e abrupto. O que a afastava da simples dignidade de sua idade e linhas sóbrias era um trabalho de pura fantasia. Uma torre se erguia onde as duas alas da construção se juntavam, seus muros levemente inclinados para dentro, chegando bem acima do resto da casa, coroada com um perfeito círculo de telhas de ardósia e um cata-vento magnificamente ornamentado. As proporções totais eram tão perfeitas, que quase parecia um brinquedo de criança. Meus olhos estavam adestrados, havia muito tempo, para admirar a delicadeza estudada das casas chinesas, seus muros e pátios, o sentido apurado do detalhe, que não estava ausente em nada que modelavam, por isto, reagi àquele lugar como se tivesse nascido ali — como William devia ter feito também. Ele escrevera que Cluain era bonita; quão bonita, e de que maneira, ele não havia dito.

Stevens se aproximou da porta e bateu sua argola; pareceu que vários minutos se passaram, antes de vislumbrarmos um vulto perto da janela de uma das dependências de trente, e quase tanto tempo antes da porta se abrir finalmente. A mulher, de pé ali, não perdeu tempo em observar os detalhes da cena; seu olhar se fixou em mim no mesmo instante, e olhos brilhantes e escuros, profundos e cobertos pelas sombras das sobrancelhas e pestanas negras, pareceram provocar-me com seu exame. Ela usava um vestido de criada, todo negro, até mesmo o avental, simples, sem adornos. Os cabelos negros, raiados de prata, eram puxados, vigorosamente, para trás; era um rosto atraente. Alta, magra, possuía uma dignidade indiscutível, de pé ali, apenas olhando para mim.

Mesmo o homem ao meu lado, tão frio e seguro de si até agora, pareceu atingido por sensação igual à minha. Senti a garganta secar. Assim, no fim de contas, foi a mulher quem falou primeiro:

— Se tivesse enviado um telegrama, mandaríamos a aranha. É a irmã de William Howard.

Como ela sabia? Eu não me parecia tanto com William, mas ela dava a impressão de que sabia coisas que a maioria das pessoas ignorava.

Lutei para me acalmar; não era uma criada que iria me perturbar, porém ela não era como nenhuma outra criada que eu já havia encontrado. Fiz um movimento, e Campbell voltou a si, saltando para o chão e dando a volta, depressa, para me ajudar a descer. Stevens voltou para segurar o cavalo. Avancei em direção à mulher.

— O Sr. Macdonald está em casa?

— E por que o Sr. Macdonald estaria em casa a esta hora do dia? Trabalhamos, em Cluain.

O insulto foi deliberado, dizendo-me que, se eu esperava colocá-la em seu lugar, devia saber que precisava descobri-lo primeiro. Ao me aproximar mais, vi que era mais velha do que parecera. Havia rugas finas na pele pálida, muitas rugas; depois vi suas mãos. Eram horivelmente vermelhas e estragadas pelo trabalho, a pele rachada nos nós dos dedos, como se sabão cáustico a tivesse corroído. Ela as mantinha, porém, diante de si como um símbolo de virtude, desprezando todos que não podiam gabar-se de uma labuta proveitosa.

— Então, posso esperar?

Ela abriu um pouco mais a porta.

— Sim, certamente que pode. Vejo que trouxe suas malas...

Não se deteve para ver o efeito do comentário, mas virou-se e chamou por cima do ombro, como se soubesse que alguém estava por perto:

— Morag... preciso de você.

Imediatamente, surgiu uma moça do fundo do vestíbulo, e na verdade, ela estivera esperando e escutando. Avançou correndo, como um repentino clarão de luz ao lado da figura sombria; cabelos ruivos e crespos derramavam-se, desordenadamente, de sua touca; tinha lábios vermelhos, macios e cheios, e olhos castanhos-dourados. Era um rostinho perfeito em forma de coração, com pele branca, afogueada com a excitação. Como a mulher ao seu lado, tampouco parecia uma criada, mas usava um avental branco, e fez-me uma pequena reverência.

— Bem-vinda a Cluain, Srta. Howard. Ah, fará bem ao coração de seu avô pôr os olhos na senhorita — e ergueu os seus, brilhantes, para os meus, sorrindo.

Houve uma agitação quando ela correu para pegar as malas; Campbell ajudou-a com a bagagem, porque a mulher de preto não atravessou a soleira. Em silêncio, indicou onde as malas deviam ser colocadas no interior do vestíbulo, como

se Campbell também fosse seu criado. Senti o sangue quente do constrangimento subir ao meu rosto. Virei-me diretamente para a mulher.

— Leva vantagem sobre mim, desde que sabe o meu nome. Posso saber o seu?

— Sou Mairi Sinclair, governanta de Cluain.

— Neste caso, Sra. Sinclair, posso oferecer a este cavalheiro, o Sr. Campbell, uma xícara de chá em nome de meu avô? Ele foi o bastante amável para me trazer...

Mas ela olhava além de mim, e seus lábios frios se crisparam.

— Sir Gavin, aceitaria a hospitalidade de Cluain?

Sabia que ele não aceitaria.

Campbell não chegou nem mesmo a olhar para ela, parecendo que não cometeria a tolice de fazer o seu jogo. Voltou à porta, e ergueu o chapéu para mim.

— Espero que tudo corra bem. Se eu puder ajudar... viu que não moro longe.

— Obrigada...

Mas as palavras foram interrompidas por Mairi Sinclair:

— Todos nós sabemos que a distância é curta até Ballochtorra, Sir Gavin. Master William não demorou a descobrir isso.

E então, com grande horror meu, fechou a porta em sua cara, e fui deixada ali, na obscuridade repentina do vestibulo, desamparada por um momento entre o fantasma sombrio de um vulto e a aparição radiante de uma moça. Então, uma frase de uma das cartas de William surgiu, subitamente, em meu cérebro, ainda outra coisa que eu deixara passar, não querendo fazer perguntas, talvez enciumada de novo: “Aqui há uma mulher, verdadeiro dragão, que, acredito, os chineses respeitariam e admirariam... e há também uma sedutora feiticeira.”

Meus olhos se acostumaram à penumbra. O que o chefe da estação havia previsto, tornava-se realidade; a chuva chegava agora, batendo fortemente contra as vidraças. Parecia haver um súbito acúmulo de nuvens através do vale — extenso vale, como dissera Gavin Campbell. Reprimi o tremor que surgia, e amaldiçoei-me por ser uma tola impetuosa. Por que eu não enviara, ao menos, um telegrama de Londres? Ainda mais, por que havia deixado todos aqueles amigos na China, que me ofereceram seus lares, certos, como todos nós também, que as jovens inglesas sempre encontravam maridos entre a superabundância de homens, que vinham colher os lucros do rico comércio? Eu era filha de um bispo, e havia muitos que tinham

amado meu pai. Existira pouco dinheiro — nem mesmo os bispos enriquecem em trabalho missionário, mas tínhamos sido ricos em amigos e boa vontade; onde os criados e a comida são baratos, os hóspedes são um prazer, não um fardo. Eu poderia ter feito um avanço lento de Pequim a Xangai, e mesmo a Hong Kong, e teria sido bem-vinda em uma dúzia de lares. Mas escolhi vir para aquele lugar, sem saber ao certo se iria ficar, ou se, sequer, me pediriam isto. E eu viera só por causa daquelas palavras de pesadelo, em dialeto chinês, espalhadas em toda a extensão da parte inferior do pergaminho de William.

Lembrando-me delas, ergui a cabeça e olhei cuidadosamente ao redor. A casa parecia uma miniatura quando me aproximei no landau; no interior, ela possuía espaço e profundidade, e uma espécie de grandeza, possivelmente a magnificência da antiguidade. Era sóbria, imponente a austera; veio-me o pensamento de que era um pouco parecida com a mulher que a governava. Havia uma grande lareira de pedra ali, no vestíbulo, e duas cadeiras esculpidas de carvalho colocadas rigidamente diante dela. A mesa de refeições era escura, com candelabros de prata sobre ela. O vestíbulo abrangia toda a extensão daquela ala de frente do prédio; eu podia ver onde as escadas se curvavam para fora ao redor da torre. Era uma escada de pedra, flutuante, parecendo sem suporte, exceto pelos blocos maciços, fixos ao muro da torre. Não tinha corrimão, somente um mainel de corda preso à parede. Janelas estreitas proporcionavam uma luz incerta; tudo que se podia polir devolvia a luz externa — os chãos de carvalho em pranchas, os candelabros, a escura mobília esculpida. Não se via uma flor, tapete, ou quadro. Mesmo na sobriedade bonita das casas chinesas que eu aprendera a admirar, existia uma única flor ou um junco seco em um vaso. Ali não havia concessão ao deleite ou prazer humano — nada. Nenhuma renegada mão, porém, podia remover aquela beleza. Fora modelada por mestres desconhecidos de sua arte, havia centenas de anos. Tendo sido despojada até o esqueleto nu, era ainda mais bonita.

Então, alguma coisa se esfregou contra mim e, no silêncio, quase gritei agudamente.

Era um gato. Permaneci imóvel com esforço, enquanto ele investiga*va o cheiro pouco familiar de minha saia e botas. Eu havia conhecido gatos antes — a casa em Pequim sempre tivera gatos, animais rechonchudos e listrados, ou preto e branco, um ou outro sempre sentando-se sobre a mesa de meu pai, ou em uma cadeira na varanda, espreitando entre os bambuzais no jardim. Não houvera, porém, nenhum gato como aquele. Era todo branco, imaculadamente branco, como se andasse com frequência sob a chuva ou se se limpasse todos os dias. Não encontrando conforto nas minhas saias, dirigiu-se a Mairi Sinclair, como a alguém de confiança, e do abrigo de sua saia, ele ergueu os olhos para mim. Eram sem cor;

nenhum verde ou azul neles, um tom rosado naquele cinza — um gato albino fixando-me, uma elegante forma branca e esguia contra as pregas negras. Ocorreu-me que também ali estava uma coisa sem cor ou adornos, e tão de Mairi Sinclair quanto um gato poderia ser. Ela não abaixou a mão para afagá-lo ou acariciá-lo. Comecei a sentir que tal ação teria sido desnecessária para ambos.

— Presumo que passará a noite aqui?

— Possivelmente.

Ambas sabíamos que não havia outro lugar para onde ir e que, obviamente, eu viera com a ideia de ficar por muitas noites.

— Isto é — ataquei-a — se tiver um quarto para mim.

— Quarto e camas. Há muitos. Todos sem umidade e bem arejados. Temos poucos hóspedes em Cluain, mas não sentirá falta de nada nas acomodações. Venha, Morag.

Pegou a mala por uma alça com um movimento rápido e brusco, e fez um sinal a Morag para que se encarregasse da outra. Afastaram-se pelo vestíbulo. Eu fui deixada de pé ao lado da mala de couro, e não tinha nada a fazer senão pegá-la e correr atrás delas. Era bastante grande e quase comprida demais para eu carregá-la, por isto batia contra cada degrau enquanto eu subia. Encontrei-me ofegante; as duas mulheres à minha frente eram muito rápidas, e tive um medo terrível, de repente, de me precipitar pelo lado daquela escada sem proteção. Eu estava cansada demais. Ansiava por água quente, comida e uma cama aquecida. Desejava não ter que enfrentar meu avô naquela noite.

Quando cheguei ao vestíbulo do primeiro andar, as duas mulheres tinham desaparecido; as escadas terminavam ali, e dois corredores se abriam para seguir o formato em L da casa. Parei, assombrada. Podia ouvir as palavras trocadas entre elas, mas não estavam em local nenhum à vista. Então, olhei e vi que a própria torre tinha uma abertura abobadada — e mais uma espiral de escadas que levava para o alto, ainda, na parte interna das paredes. Continuava sendo uma escada larga; os degraus eram cuneiformes e grandes. Terminavam no alto da torre, no quarto mais extraordinário que eu jamais vira. Era surpreendentemente espaçoso, seguindo a curva externa dos muros, com três janelas que proporcionavam uma vista do vale — além da destilaria e ao longo do*tió, pelas terras que subiam aos poucos para as montanhas, e até o rochedo onde Ballochtorra se empoleirava. O chão era de pedra, e o centro do quarto continha uma plataforma alteada, abarrotada de toras cortadas, um comprido chapéu de cobre estendendo-se para cima a fim de formar um cano de chaminé, terminando no vértice do teto arqueado e inclinado. O cata-vento ornado

que eu vira devia ter encoberto o cano da chaminé. Havia uma cama de quatro colunas, ajustada exatamente entre duas janelas, decorada com cortinados de tecido xadrez e coberta com uma colcha de lã do mesmo padrão. Ao fundo, colocado contra o próximo espaço entre às janelas, estava um guarda-roupa alto; ao seu lado, um lavatório. O terceiro espaço era cedido a uma mesa que só podia ter sido feita especialmente para aquele quarto — ela acompanhava a curva da parede, as bordas inclinadas. A cadeira de carvalho esculpida e escura, diante da mesa, combinava com ela. Havia um banco de carvalho em frente ao fogo, e um candelabro de pé com duas velas. Cortinas de tecido xadrez pendiam de trilhos de madeira em cada janela, retas, sem franjas ou laços; eram uma grande mancha de cor contra as paredes brancas. O último espaço entre as janelas era o vão da porta onde me encontrava.

O quarto era austero e simples — e bastante imponente.

— Era este... ? Meu irmão usou este quarto?

Mairi Sinclair se voltou, abandonando a tarefa de acomodar a mala grande o melhor possível, sob uma das janelas; estava de testa franzida, e por um momento, pensei que aquilo a aborrecia, porque as paredes curvas desafiavam sempre as linhas retas da maioria dos objetos.

— Este quarto? Sim, o Master o usou.

Morag tirou a maleta da minha mão.

— É alto e solitário aqui em cima, e quando o vento sopra e a neve cai, a gente sente como se estivesse perdida em uma montanha.

É alto e poderoso, pensei. Quem quer que vivesse naquele quarto e visse os tesouros de Cluain espalhados diante de si, ficaria tentado. Quem não sentiria o esplendor solitário daquele local, quem não desejaria ardentemente possuí-lo? Meu avô quisera William.

— Pensamentos fantasiosos, Morag — disse Mairi Sinclair. — O quarto da torre é o orgulho de Cluain.

O tom de voz quase sugeria que ela não me achava digna dele, mas ao mesmo tempo, procurava me isolar ali. Quem quer que vivesse naquele quarto teria que ser capaz, também, de viver sozinho.

Aproximei-me de uma das janelas e olhei para baixo, para as duas alas de Cluain, e o pátio que era invisível da estrada por causa de seu muro alto. Mesmo daquela altura, eu podia dizer que era uma horta que os chineses apreciariam muito — cheia das ervas de sua maravilhosa cozinha, e de seus medicamentos benéficos. Os caminhos retos que se encontravam precisamente no meio, no relógio de sol,

eram invadidos por alfavaca e tomilho, salva e camomila, erva-doce e salsa. A ordem dominante de Cluain era vencida ali. As plantas cresciam à sua maneira selvagem e encantadora. Eu esperava ver a mão de meu avô ali.

— A horta... — comecei.

Devia haver algum modo de entrar em contato com Mairi Sinclair.

— A horta é minha.

Reprimi um suspiro, e virei-me para encará-la; por um momento, sua expressão pareceu sem proteção, e ela já não era tão ameaçadora quanto lastimável, defendendo o que considerava seu. Mas eu podia estar enganada. O tom de voz era absolutamente implacável quando falou, de novo.

— Vou descer, então. Morag lhe trará água para se lavar. O amo virá imediatamente.

— Mandou chamá-lo?

Ela sacudiu a cabeça,

— Ninguém manda chamar Angus Macdonald. É quase hora de ele chegar para o jantar. É muito pontual. Terá a amabilidade de não deixá-lo esperando, Srta. Howard.

As duas se foram com um olhar para trás, que continha um sinal de encorajamento da parte de Morag. A chuva caía fortemente agora, começando a obscurecer o mundo de Cluain, as montanhas desaparecendo na nuvem, a neblina aumentando até quase encobrir Ballochtorra. Fui deixada sozinha, para fazer o que quisesse do meu tempo — sozinha, exceto pelo gato, que se acomodara em cima da cama, as patas dobradas contra o peito, fixando-me com os grandes olhos incolores. Encarei-o, tentando fazer com que abaixasse os olhos, mas fui eu, naturalmente, quem perdeu a luta.

Morag voltou; eu ouvira o murmúrio de alguma canção enquanto ela subia as escadas da torre, e irrompeu no quarto com seus cabelos resplandecentes, como uma luz alegre.

— Aqui está, boa e quente — anunciou ao pousar o jarro e uma pilha de toalhas brancas como a neve sobre o lavatório. — E lhe darei um pouquinho de fogo. É um pequeno conforto de que precisa agora.

Enquanto eu observava, ela tomou a arranjar os gravetos com dedos hábeis, e levou um fósforo a um papel retorcido. A madeira seca pegou fogo imediatamente; era impossível ignorar que Morag era uma dessas criaturas para quem as coisas

sempre iam bem — rápida, hábil, inteligente em seus movimentos, não se esforçando em vão. Era tão superior às suas tarefas, quanto seu rosto e cabelo ao simples vestido de criada.

— Vive aqui, Morag?

— Sim. Tenho meu quarto lá embaixo, no corredor do da Sra. Sinclair. O amo dorme na outra ala. Tenho minha lareira, e o quarto é bonito e aconchegante. O salário é bom e a comida também... todos comem bem em Cluain.

— Foi por isso que veio?

Ela riu.

— Eu não tive muita escolha, não é? Nasci em Cluain. A Sra. Sinclair foi a parteira. Meu pai trabalhava na destilaria, e tínhamos nossa casa, então. Mas ele foi morto quando eu era muito pequena... uma das carroças virou sobre o gelo naquele local escarpado, além da ponte em Ballochtorra, ao levar o uísque para a extremidade da via férrea. Então, minha mãe veio para cá, para ajudar a Sra. Sinclair na casa. Ficou até eu ter oito anos, depois partiu para a casa da irmã em Inverness. Não podia mais suportar a solidão... ou a Sra. Sinclair, disse ela... e eu seria bem acolhida se fosse com ela, se quisesse.

— Mas ficou...

— Fiquei. Eu estivera em Inverness, e vira o lugar, e o local onde minha tia tem seu negócio de confecção de vestidos, e não gostei... não gostei nada mesmo. Além disso, a mulher do amo vivia então, e ela me protegia... sua menininha, costumava me chamar. Minha mãe sabia o que fazia ao me deixar em Cluain. Naturalmente, eu tinha minhas tarefas para fazer, porém tinha mais do que minha mãe poderia esperar me dar. A Sra. Macdonald me dava aulas, e vantagens que estavam além das posses de mamãe. E a Sra. Sinclair não é tão má quando a gente a conhece melhor... vamos vivendo, e não sou tão tola a ponto de não ter aprendido com ela, também. Onde mais seria como aqui? Eu, com meu próprio quarto, e o direito de ficar sozinha quando quero. Tenho visto aquelas criadas na cidade, e não desejo ser como elas. Ninguém nem mesmo sabe seus nomes... Não, lá não é lugar para Morag MacPherson. E a Sra. Sinclair sabe disso. Acha que ela é cruel? Bem, ela é orgulhosa, mas o que há de errado nisto? É terrivelmente habilidosa, em tudo em que põe a mão. E uma maravilha com seus remédios e ervas. As pessoas da vizinhança preferem tê-la, do que um médico... elas vêm de quilômetros de distância para que trate de seus males, e ela nunca cobra um centavo. Diz que suas ervas e plantas silvestres das sebes crescem livremente, e que Deus as pôs lá, e lhe deu conhecimento para usá-las, por isto não tem o direito de cobrar. É uma grande leitora

da Bíblia. O médico gostaria que ela fosse detida, naturalmente, mas ela nada pede, e não aceita dinheiro. Se as pessoas a procuram, é por conta própria. Além disso, o médico gosta de beber e não é muito limpo...

Ergueu-se de sua posição agachada diante do fogo, as chamas saltando alto agora, em direção ao chapéu de metal.

— Lá estou eu tagarelando de novo. A Sra. Sinclair diz que minha língua é meu grande defeito. Vou deixá-la, senhorita. O amo deve estar chegando... — fez uma pausa. — Acho que ele ficará contente de vê-la. No inverno passado, as coisas não foram fáceis para ele. Tem estado doente, com uma tosse... e às vezes, parece muito cansado. Não quer o doutor perto dele. Desde que Master William morreu... ah, bem, talvez ao ver a senhorita sua dor diminua — limpou o pó das mãos juntas. — A senhorita o encontrará na sala de jantar. É a única dependência que ele usa em Cluain. É a porta à direita do vestíbulo, quando se desce...

Virava-se para ir embora quando seu olhar caiu sobre o gato. De repente, sua voz se tomou estranhamente aguda, quase feia.

— Que o diabo leve essa coisa! Não está ele sempre onde não deve, e não se pode encostar um dedo nele porque é da Sra. Sinclair?!

Fez um movimento ameaçador em direção ao gato, mas vi que não tentou tocá-lo.

— Deixe-o, Morag.

Não sei por que disse aquilo. O gato me fizera sentir inquietação antes, mas agora, compreendi que ele já estivera na cama muitas vezes.

— Ele parece gostar daqui.

— Ah, ele gosta muito. Sabe que não deve subir até aqui... alguém sabe que dano um gato poderá estar causando? Mas ele acostumou-se a vir aqui quando Master William estava neste quarto... e a senhorita é a primeira pessoa a usar este aposento desde então. Eu não ousou tocar nele.

Recuando em direção à porta, seus olhos eram menos amigáveis ao fixar o gato.

— Tenho que ir. A Sra. Sinclair saberá que estive tagarelando. Ela sabe de tudo, mas uma pessoa tem direito a alguma informação sobre um local estranho... e terá muito pouca de Mairi Sinclair...

Ela se foi e acerquei-me do gato; coloquei a mão, a título de experiência, em sua cabeça. Ele não se moveu.

— Era amigo de William, gato? Conheceu William bem?

Não respondeu, naturalmente, e nenhum ronrom de aceitação recompensou meu gesto. Ele apenas fixou a lareira. Encolhi os ombros e virei-me. Ele não viera ali por minha companhia, isto era certo. Talvez gostasse da grandiosidade solitária do quarto. Ele não parecia um gato que se sentava, comodamente, perto de um fogo de cozinha.

Tirei meus objetos de toalete da maleta de couro, os dedos rijos com uma tensão e frio que a água quente nada fez para melhorar. Quando peguei a escova, tive consciência, de súbito, de fixar a parede nua diante de mim, onde se esperaria encontrar um espelho. Então, percebi alguma coisa estranha no quarto — alguma coisa que eu reconhecia, agora, como sendo comum às outras partes da casa que havia visto. A mobília era antiga e valiosa, e brilhava com o polimento de mãos cuidadosas. As cortinas estavam em bom estado, mas, exceto por seu padrão xadrez, eram extremamente simples. Procurei alguma coisa ali que não fosse essencial, e não havia nada, nenhum ornamento, vaso ou quadro. Somente um livro jazia sobre a mesa e eu sabia que era a Bíblia, sem folheá-lo. Certamente, William não havia passado por aquilo — a desordem de seus pertences devia ter perturbado aquela ordem austera. Zangada, virei-me para onde meu reflexo devia encontrar-me em um espelho, e não havia nada. Era como se, naquele quarto, Mairi Sinclair lutasse para fazer o ocupante se sentir como se não existisse.

A raiva afastou a sensação de desolação que estivera me penetrando lentamente. Com gestos febris escovei meu cabelo, e meus dedos ajeitaram o coque sem ajuda de um espelho. Eu me lembrava da minha aparência — eu me lembraria. Eu existia.

Desafiante, amarrei uma fita vermelha ao redor do coque, e encontrei as sapatilhas de pelica vermelha forradas de pele, que usava nos invernos de Pequim. Descobri o xale de cashmere que William me trouxera de volta de uma viagem de Cantão, cintilando extravagantemente com os ricos bordados que os chineses amavam, e salpicado aqui e ali com fios de ouro. Eu, ao menos, não seria forçada a seguir o modo de ser de Mairi Sinclair.

— Venha, gato — disse, ao caminhar para a porta.

Surpreendentemente, obedeceu. Saiu antes de mim, um raio branco e rápido, e depois, mais depressa que eu, desceu a larga escada em caracol. Quando cheguei ao térreo, ele desaparecera.

Prossegui, então, desacompanhada, para o meu encontro com o Senhor de Cluain.

CAPÍTULO DOIS

I

Estava de pé ali — um homem de compleição robusta em que a força parecia ter sido destruída repentinamente demais. Não era tão alto, mas a largura dos ombros era grande, somente que, agora, estavam curvados, inclinados para a frente de forma pouco natural. As sobrancelhas espessas e curvas, sobre olhos fixos e penetrantes, eram o traço fisionômico marcante. Havia uma forte projeção da linha do queixo, mas a maior parte do rosto se perdia nas rugas da velhice, e na penumbra da sala. Ele continuou de pé, as pernas separadas, desviando o olhar da lareira e virando-se a meio quando entrei.

— Então... você veio. A irmã de William.

— Filha de minha mãe.

Por que eu sempre tinha que dar uma resposta mordaz? Não poderia tê-lo cumprimentado sem provocação nas primeiras palavras?

— Aprenda a pôr um freio em sua língua, Irmãzinha — dissera-me William uma vez, usando o nome que os chineses me deram — e terá os homens aos seus pés... isto é, se quiser esse tipo de homens!

Olhei para o velho forte, e soube que ele jamais estaria aos meus pés. Eu esperava que ele nunca me tivesse aos seus.

Gesticulou, irritado.

— Bem, entre, entre! E feche a porta.*Há corrente de ar suficiente com o vento.

Fiz o que ordenava e depois fiquei de pé perto da lareira. Sua voz era grave e muito clara.

— Veio de muito longe. Vai ficar?

— Por algum tempo, se me receber.

Ele encolheu os ombros.

— Se isto lhe agrada. Tem direito ao teto de Cluain.

Não era uma grande recepção, mas, em primeiro lugar, ele não me pedira para vir, afinal. Um silêncio caiu entre nós, e deixei que ele o rompesse.

— Por que veio? Não conseguiu encontrar ninguém para se casar com você

lá?

Corei.

— Havia alguns. Isto não tem importância. Meu pai foi morto e...

— É — eu li a respeito. Ia escrever... — o tom de voz se suavizou um pouco — mas nunca cheguei a fazê-lo. De qualquer forma, a carta não encontraria você, naturalmente — falou com algum alívio, como se aquilo o absolvesse de qualquer falta. — Jamais gostei dele... de seu pai. Não fingirei nada diferente. Ele esteve aqui por um verão apenas e levou minha única filha... e ela ainda era tão jovem. Ele era inglês e um pastor de uma igreja diferente. Ele a levou não apenas para a Inglaterra, onde eu poderia vê-la de quando em vez, e poderia conhecer meu neto. Oh, não! Ele a carregou até à China, aquela fossa miserável de pagãos, onde ela morreu de uma de suas febres fétidas. Não, não houve amor perdido, e não posso negá-lo.

— Eu o amava — tive que dizer.

Surpreendentemente, ele concordou com um gesto de cabeça.

— Muito bem. Gosto de ver respeito em um filho...

— Amor — insisti. — Eu o amava... e William também.

Talvez a declaração franca de amor fosse demais para aquele escocês taciturno; sua língua não pronunciaria facilmente tal palavra nem a ouviria dos outros com muita boa vontade. Ele se virou a meio, de costas para mim, como se embaraçado.

— Foi por isto que vim.

Calei-me, então. Eu não podia lhe contar sobre o pergaminho. Algum dia, mas não agora.

— Eu tinha que ver onde William... Bem, sei que ele estava ficando apegado a Cluain.

Ele se afastou da lareira, abruptamente, como se eu o tivesse ferido e ele não pudesse mais suportá-lo, e se dirigiu ao aparador. Por um momento, inclinou-se sobre ele, as duas mãos colocadas sobre o móvel, como se para sustentá-lo. A voz era abafada e estrangulada quando tomou a falar.

— É... e eu sabia bem disso. Ele teria sido importante para Cluain, e Cluain para ele. Mas está morto agora, e tudo terminou.

Limpou a garganta com ruído atroador e o corpo ficou ereto. A cabeça grande, com o emaranhamento de cabelos brancos, se ergueu.

— Sente-se, então, e seja bem-vinda — falou, ainda sem olhar para mim. — Quer tomar um trago comigo?

— Um trago?

Agora, ele se voltou.

— É estúpida, menina? Não lhe ensinaram nada sobre sua herança? Um trago... uísque \ Uísque de Cluain!

— Eu... eu nunca bebi uísque.

— Neste caso, é tristemente mal-educada. Ou talvez bebesse apenas conhaque ou champanha lá no palácio do bispo.

— Não era um palácio. Éramos bastante pobres.

Isto também pareceu irritá-lo.

— Ele não apenas levou minha filha, mas não pôde nem mesmo cuidar decentemente do sustento dos filhos. Bem, não nos atormentaremos por isso. Sem dúvida, encontrará alguém para se casar com você. Mas, se tiver que ser um escocês, é melhor, então, aprender o mais depressa possível qual é a bebida do seu país. Algumas mulheres bebem uísque... outras não. Aqui em Cluain, no entanto, aprenderá o que ele é.

Abriu um guarda-louça no aparador com uma chave, que selecionou de uma argola que carregava. Copos esperavam, prontos, em uma bandeja de prata. Ele serviu dois copos de uma garrafa de cristal lapidado, voltou e colocou um em minha mão. Eu não me havia sentado como ele mandara, assim nos encaramos de pé, através da extensão da lareira. A luz do fogo captou o brilho do líquido ambarino no fino copo de cristal. Ele ergueu o seu, ligeiramente, na minha direção.

— Bem, aí está, senhorita. Nós o chamamos uisge beathe na antiga língua gaélica. Aqua vitae, dizem os latinistas. Água da vida. Destilação de Cluain... e sua herança. Bem, senhorita, à nossa saúde!

Ele virou o copo e bebeu rapidamente, e eu, sem cautela, apressei-me a seguir seu exemplo. O líquido estava na minha garganta antes de senti-lo queimar, uma fumaça envelhecida que pareceu penetrar em meus pulmões; arquejei e lutei para não sufocar. Estava certa de que ele podia ver as lágrimas que surgiram em meus olhos, mas eu não me permitira tossir ou cuspinhar. Ele esperava aquilo, pensei, e com um certo prazer malicioso.

Precisei aguardar até minha respiração se normalizar o suficiente para falar. O uísque deixou um ressaibo invulgar na língua, e embora eu soubesse que o álcool

não podia ter afetado minhas pernas tão depressa, sentei-me sem cerimônia em um dos compridos bancos de carvalho, com uma arca sob o assento, colocados a cada lado da lareira. Eu sabia que ele esperava um veredicto, e eu sentia prazer em reprimi-lo.

— Não sou senhorita, sabe... nem menina. Meu nome é Kirsty — falei, mas tinha a impressão de que o nome “menina” aparecera para ficar.

As palavras o perturbaram. As feições grandes se torceram com expressão de amargura. Sentou-se diante de mim, e o movimento foi o de um homem velho.

I

33

— Kirsty... Christina. Bem, minha filha lhe deu esse nome, mas não pôde lhe dar a personalidade e grande coração da mulher de quem tirou seu nome. Você teria que ter sido criada aqui, nas Terras Altas, para ser como ela. Mas, então, meu neto veio, e foi como se ele tivesse nascido aqui. Agora, está morto, e não há ninguém para Cluain, a não ser uma garota ignorante, que Deus nos ajude! Ninguém para Cluain...

Então, bebeu o resto de seu copo. Em desespero, sem palavras de conforto para lhe oferecer, tomei outro gole do meu. Desta vez, não era tão ruim. Ao menos aquecia; pude sentir o seu calor se mover sutilmente através das minhas veias. Uisge beathe — uísque — água da vida. Cluain...

II

Os pratos quentes foram trazidos em silêncio por Mairi Sinclair, e deixados sobre o aparador. Meu avô cortou a carne, e nos servimos dos outros pratos. Como Morag dissera, a comida era boa — era excelente. Eu estivera com fome, mas o uísque me havia deixado esfomeada. Reparei nos pratos em que comíamos, nos utensílios de prata que não se esperaria encontrar no que eu imaginava como uma casa de fazenda. Mas era também a casa do tal de Ballochtorra e, a julgar pelo mobiliário, devia ter partilhado algumas das riquezas de Ballochtorra. Mas ali também, enquanto comíamos em pratos de fina porcelana, não havia uma única coisa supérflua. As janelas da sala de jantar davam para o jardim cercado, e lá as plantas ondulavam e se inclinavam em uma desordem alegre. Mas nenhuma, como uma roseira, subia pelos velhos muros e perfumava a sala; em vez disso, havia o odor de cera de abelhas, e da turfa e lenha queimando no fogo. Tudo cintilava e estava arrumado com precisão matemática. O grande aparador e a mesa comprida com madeiras alongadas, unindo seus pés magnificamente esculpidos, eram exatamente

paralelos. Os dois móveis formavam um ângulo reto perfeito com a lareira, sem almofada ou banquinhos para os pés, a fim de dar comodidade a quem se sentava. Sob a janela oposta a eles estava uma mesa menor — ainda do mesmo carvalho esculpido e escuro — pensei que tudo devia ser da época de Jaime I, embora eu não tivesse ideias precisas sobre tais coisas. Sobre a mesa, havia um grande livro encadernado em couro marrom desbotado, embora lustroso, com enfeites de bronze nos cantos, e um fecho de bronze com charneiras, que prendia as páginas e as mantinha juntas. Havia livros assim exibidos nas casas mais ricas dos membros da Legação Britânica em Pequim, embora fosse característico que meu pai, um bispo, nunca tivesse pensado em demonstrar sua fé de maneira tão óbvia; o livro pequeno e fino que ele carregava no bolso fora suficiente. Além da Bíblia, e mais interessante para mim, era a única marca de individualidade que a sala continha. Um jogo de xadrez se encontrava ali, o tabuleiro e peças polidos, como tudo o mais, porém com a aparência de uso neles. No entanto, não havia nenhum jogo interrompido. Às peças esperavam, as quatro fileiras sólidas em oposição. Quem quer que limpasse e lustrasse, aprendera em que ordem devia recolocá-las. Mas, naquele momento, eu começava a acreditar que as duas mulheres da casa, a mais velha e a jovem, eram capazes de aprender tudo a que se dedicassem. Não podia ser verdade que todos os escoceses fossem tão inteligentes quanto os engenheiros e cientistas que exportavam para o resto do mundo; mas, certamente, os estúpidos não durariam muito em Cluain.

Meu avô comeu em silêncio. Pensei que poderia haver uma oração, mas não fez nenhuma. Todos, aparentemente, não eram como Mairi Sinclair. Então, depois de algum tempo, meu avô pousou a faca e o garfo e me fixou, como se houvesse, de repente, mais uma vez, ficado consciente da minha presença. Compreendi que ele estava totalmente desacostumado a comer naquela mesa com alguém — ele se esquecera de que se podia falar durante as refeições. Pensei que William teria mudado aquilo. Ninguém nunca fora capaz de fazer William parar de falar.

As palavras saíram aos arrancos.

— Sabe o que significa Cluain na língua antiga, menina? Sua mãe lhe falou de coisas como essa? Sobre Cluain e coisas assim?

— Ela morreu quando eu tinha quatro anos — lembrei-lhe.

— Sim, morreu. É verdade. Foi morta pela imundície daquele lugar selvagem para onde ele a levou. Bem, está acabado agora. Mas Cluain... Cluain significava um prado extenso e verde... um pasto. Oh, temos um nome extravagante para o uísque, porque as palavras antigas não são compreendidas, Nós o chamamos de Royal Spey... por causa do rio. Mas ele é de Cluain, feito com a cevada de Cluain e seco sobre carvão de turfa, cortada das turfeiras de Cluain, lá no alto da montanha, e

principalmente fermentado com a água do poço de Cluain... não com água do rio, note bem, mas com a de nosso poço. A água é uma parte importante dele... chama-se Poço Christina, e é a coisa mais preciosa de Cluain.

Esqueceu-se de quem eu era. Tinha uma nova ouvinte — uma nova aluna. Devia ter falado assim com William naquela primeira noite, vendo aquele que poderia dirigir Cluain para ele, vendo o neto ardentemente desejado.

— Deve envelhecer, sabe, e deve envelhecer aqui. O uísque que é recentemente destilado pode derrubar uma pessoa... enlouquecê-la. Mas, aqui, o clima é bom. Não me pergunte por quê. Em vez disso, pergunte como se faz um bom uísque e receberá uma centena de respostas, e uma centena de destilações diferentes. Alguns acham que o clima daqui é detestável, embora me convenha. Convém ao uísque, também. Sim, ele jaz lá em seu barril de carvalho... é melhor se puder conseguir barris que foram usados para guardar xerez... isto lhe dá cor, com o tempo. O uísque mais novo que se pode vender, por lei, é o de três anos, mas aqueles que compram para lotar, conhecem Cluain. Sobem até aqui de Glasgow e Edinburgh, negociam e compram assim que a nova bebida é destilada. Ficam satisfeitos de deixá-la envelhecer aqui, sem prová-la, porque sabem que estão comprando o melhor uísque de malte feito nas Terras Altas. Não fazem mais perguntas sobre o uísque de Cluain. Alguns o deixam somente durante os três anos legais, depois o levam para misturá-lo com suas bebidas de cereais... isso é uísque misturado, menina, e se não fosse pelo malte que contém, não seria nem mesmo tão bom quanto o seu gim ordinário. Então, alguns... aqueles que têm os recursos necessários para esperar... esperam, e deixam o uísque aqui, e ele fica melhor com o passar dos anos. Lembre-se, a maior parte termina em uma mistura, mas todos sabemos que sem a destilação pura do malte, não existiria tal coisa como o uísque escocês, que vendem em todas as partes do mundo, hoje em dia. Há poucos que pagarão o preço, e esperarão alguns anos para tomar uma bebida pura de malte. Talvez existam poucos que tenham cabeça para fazê-lo, com exceção dos que são educados para isto, aqui, nas Terras Altas. No entanto, nunca se engane. O malte é o coração e a essência do uísque. Dá-lhe aroma e calor. Não há uísque sem malte, menina, não há mesmo...

Quase sem notar, estávamos de volta à lareira, sentados nos bancos compridos e opostos. Mairi Sinclair viera tirar a mesa, silenciosamente, e percebi que meu avô se calou também enquanto ela estava na sala. Mas ficamos sozinhos de novo, e ele segurou outro copo em uma das mãos, parecendo, mais uma vez, esquecer a minha identidade verdadeira. Ele pegara um cachimbo sem se incomodar de perguntar se eu me importava que fumasse ali. Mas eu não podia ser a sombra de William para sempre, e afinal, seus olhos se encheram de vida. Pareceu despertar de

um sonho.

— Ora, por que me incomodo? O que significa isto para você? É a vontade de Deus, mas é duro quando um homem trabalha a vida toda e não há ninguém a quem transmitir seu conhecimento... ninguém que se importe como se faz um bom uísque de malte.

— Cluain é uma fazenda, tanto quanto uma destilaria.

Por que eu parecia negociar um lugar ali, quando nem sequer sabia se queria ficar? Não era a razão por que viera.

— A fazenda está bem. É muito boa. Mas a glória é o uísque. Cluain é famosa por ele. O que se pode ensinar a uma garotinha sobre ele? Não há mulher, que eu conheça, que possa dirigir uma destilaria.

— Sou inútil para o senhor, então?

Suas palavras foram brutais.

— Sim, inútil. Muito. A menos que possa encontrar e casar com um homem que seja capaz de assumir o lugar de Angus Macdonald. E não será fácil encontrar esse homem.

— Dá um grande valor a si mesmo, vovô.

— Dou, sim! Qualquer homem que tenha lutado e trabalhado como eu, deve dar muito valor a si próprio. Ele já provou esse valor.

Eu sabia que ele não veria meu sorriso débil e triste sob a luz indistinta que vinha da lareira e o crepúsculo que se formava. E não me importava muito se ele visse. Eu viera irrefletida e impulsivamente, fugindo de uma China que não possuía mais nada que eu amasse, indo para ali por causa do pergaminho e dos caracteres vermelhos espalhados sobre ele. O que eu podia provar? O que podia fazer? Ficar de pé ao lado da sepultura de William, mas isto não iria trazê-lo de volta, nem responderia ao meu interrogatório. E depois, o quê? Continuar ligada a Cluaín, sabendo que meu avô dificilmente me mandaria embora; mas permanecer sem ser desejada — inútil, como ele dissera. William gostava da filosofia chinesa, que observava o bambu se inclinar diante do vento e sobreviver, enquanto o grande carvalho era arrancado pela raiz.

— É mais fácil, lrmãzinha, caminhar a favor do vento, do que contra ele.

Mas ele, realmente, nunca pusera aquilo em prática nem eu o faria. Por isto, pensei, deixaria Cluain no momento certo. Tomaria a estrada que tantas como eu haviam percorrido. Sendo filha de um bispo, eu teria referências suficientes de seus

amigos na Igreja; mas o que me esperava não seria melhor do que a posição ocupada por tantas outras mulheres de pouca instrução e ainda menos dinheiro. Eu sabia que seria uma governanta deplorável. Não conhecia bastante bem o meu lugar; meus impulsos rápidos e língua afiada não seriam um predígio. E no entanto, tudo que havia era isso — isso e Cluain. Se apenas, pensei, aquele velho sentado ali tivesse estendido sua mão para mim uma vez... mas, eu não iria suplicar, nem ele. Os dois estávamos solitários e sozinhos. Mas que orgulho gigantesco se erguia entre esse fato, e nenhum de nós o admitiria!

Levantei-me:

— Vou subir agora.

Ele sacudiu a cabeça, acima do cachimbo, como se não se importasse.

— Sim, como quiser. Encontrará uma vela no vestíbulo.

Não houve boa-noite, como não existiram palavras de boas-vindas. Como ele dissera, peguei a vela já colocada em seu castiçal de metal. Mas não precisava dela. Naquela latitude distante a claridade ainda se demorava.

As aberturas estreitas das janelas ajudavam pouco na escada, porém, quando alcancei o quarto da torre, ele ainda estava banhado pela luz cinzenta do crepúsculo. O centro do quarto, no entanto, estava claro com o fogo; Morag, supus, havia colocado turfa sobre a madeira cintilante, e uma camada de carvões formava uma cinza pulverulenta. Por um momento, agachei-me à sua frente. William devia ter adotado aquela postura muitas vezes ali, e agora eu o imitava. De repente, contudo, a imagem de William recuou, e libertada, tive o pensamento de que aquele não era um quarto para uma jovem mulher sozinha. Convidava outra presença — um rapaz, mas não um irmão. Era um quarto para se estar, sozinha com um amante. Como a cama parecia grande, e como era imenso o mundo além das três janelas! Como seria maravilhoso estar ali com um homem que se amava, perdida, segundo dissera Morag, como se nas neves das montanhas. Então, como o fogo brilharia; quão quente seria a cama! Senti o calor subir às minhas faces. Lembrei a mim mesma que estava sozinha. Não havia nenhum homem — nenhum homem que eu amasse. Existiam apenas o fogo e a chuva fustigando as janelas. Levantei-me depressa. Era inútil sonhar.

Alguma coisa nova aparecera sobre o lavatório. Era um pequeno espelho giratório com uma gaveta debaixo, como um homem usava. Deixaria que eu visse somente meu rosto, não a parte de trás dos cabelos ou o caimento do meu vestido — mas serviria. E ao seu lado estava metade de uma folha arrancada de um caderno de notas, com uma caligrafia bem formada e um pouco trabalhada, e ortografia correta.

“Pensei que precisaria do espelho. Coloquei uma botija de água quente na cama. Tome cuidado para não queimar os dedos do pé. Morag MacPherson.”

Sorri, agradecida, perguntando-me o que teria feito naquelas primeiras horas em Cluain sem Morag. E sorrindo, vislumbrei meu rosto refletido no espelho. Era eu tão parecida com William que o homem que Mairi Sinclair chamara de Sir Gavin me reconheceria? Ou ele fizera a associação somente mais tarde? Ambos tínhamos cabelos escuros e pele clara; ambos tínhamos olhos mais cinzentos do que azuis. Seriam os meus tão profundos quanto os de William? Com pestanas tão negras? De repente, pensei nos olhos do meu avô; teríamos ambos, William e eu, herdado dele aquele negror manchado? Era estranho, mas eu nunca pensara, realmente, até aquele momento, sobre minha aparência; de alguma forma, havia aceitado como verdade, que ela era muito boa. Em Pequim, toda jovem europeia recebia elogios, era chamada de bonita, mesmo que fosse apenas ligeiramente graciosa. Chamaram-me de bonita, mas eu sabia que isto não era realmente verdade. Bonita não. William, porém, tinha sido extraordinariamente atraente — e agora, diziam que eu parecia com ele. Suspirei e dei as costas à imagem no espelho. O que importava? Se eu deixasse Cluain e fosse para o Sul em busca de um emprego, o fato de que eu pudesse ser chamada de bonita, ou atraente, era uma positiva desvantagem. Quem queria uma governanta bonita que usava fitas vermelhas e sapatilhas?

Aproximei-me da janela, e através do crepúsculo que se condensava, vi as luzes de Ballochtorra. Parecia estranhamente distante agora, e muito além do meu alcance. As luzes cintilavam em muitas janelas — ainda não tinham fechado as cortinas contra a noite que se acercava, mas eram pródigos com seus lampiões. Parecia até mesmo haver algumas janelas no térreo, iluminadas com a luz mais viva da eletricidade. Era excitante e extravagante naquele lugar remoto — como as luzes e as vozes, a sensação de companhia e um local partilhado. Perguntei-me se haveria uma grande família em Ballochtorra. Sentavam-se juntos, conversavam e riam? Cluain era tão silenciosa, a não ser pela chuva. Uma das turfas incendiou-se, então, e se dobrou rapidamente, caindo na camada de carvões. O som suave soou como um estrondo.

Mas havia alguém tão sozinho quanto eu. Ouvi, fracamente, na estrada além do jardim murado, o som dos cascos do pônei. A princípio, o cavaleiro era indistinguível na luz cinzenta; emergiu da neblina na estrada que vinha de Ballochtorra, e pensei, então, reconhecê-lo. As pernas compridas se atiravam para a frente sobre um grande pônei das Terras Altas, de aparência forte. O homem cavalgava de cabeça descoberta sob a chuva, sem o tradicional boné que combinava com o saiote escocês. Apanhava chuva há muito tempo; até seu gibão de pele de carneiro parecia encharcado. O cão seguia próximo às ilhargas do pônei. O homem

segurava o animal com uma das mãos; na outra, enluvada, a ave estava empoleirada. Agora, o pássaro não estava tão imóvel como no bosque de faias. Virava a cabeça de um lado para o outro, porém, não fazia qualquer tentativa para voar da mão do seu dono, talvez nem precisando das tiras de um vermelho vivo que o prendiam. Comprimi mais meu rosto contra o vidro, esforçando-me para ver a estranha procissão. A ave dançava levemente sobre a luva, e tive a sensação de que seus olhos argutos me viram; mas, o homem não ergueu o olhar. Continuaram, ultrapassando a casa e a destilaria, pela estrada que subia o vale extenso. Segui seu progresso enquanto pude, por mais tempo do que o passo ligeiro do pônei, para mergulhar no silêncio. Então, a neblina os encobriu. Fiquei novamente sozinha.

Agora, para deixar a névoa e solidão lá fora, fechei as cortinas e acendi a vela. Depois, voltei-me para a tarefa de desfazer as malas, mas, mesmo ao abrir a mala grande, desisti da ideia. Eu lutara contra a fadiga durante tempo demasiado, e o uísque tinha quase o efeito de uma droga. Remexi as roupas e encontrei minha camisola. Lavei-me e dei uma escovadela superficial em meu cabelo; eu me convenceria, algum dia, de que ele merecia ser escovado cem vezes à noite? Uma forte sensação de depressão me envolvia, da mesma maneira que a neblina havia descido das alturas de Ballochtorra. Coloquei mais lenha no fogo, somente pelo prazer de ver as chamas se erguerem, e estava pronta para me deitar, quando o desejo me atingiu, de repente. Creio que nasceu da solidão que me consumia — da convicção assustadora de que eu percorrera todo aquele caminho para nada — sem uma finalidade real. Agora, precisava urgentemente tocar alguém ou alguma coisa familiar e amada, para afastar a impressão de perda'. Voltei à mala e tateei em suas profundezas, até encontrar a caixa colocada com tanto cuidado entre as camadas de roupas. Ela apareceu e o brilho magnífico da madeira marchetada sob a luz da vela parecia mais bonito do que nunca. Retirei o conteúdo com ternura; as figuras jaziam seguramente, cada uma em seu nicho esculpido e acolchoado no interior da caixa. Quando todas estavam fora, virei a caixa e abri as dobradiças, amplamente; o tabuleiro de xadrez não era liso, as dobradiças afundavam, de forma a ficar invisíveis, e a própria caixa era a superfície de jogo. Depois, coloquei as peças em suas casas — alinhando as Damas e Cavalos, Torres e Reis, os Peões formando a fila de proteção diante deles. Havia consolo em apenas segurar aquelas coisas, uma sensação de ordem restaurada. Trouxe-me de volta o pensamento definido de que o que quer que acontecesse, o jogo da vida ainda existia, e o jogo mais poderoso era sempre feito pelo atacante.

Eu acreditava que era um jogo de xadrez de grande beleza e raridade — certamente, a coisa mais valiosa que eu possuía. Foi-me dado por William, que o recebera em agradecimento por um favor, prestado a alguém da classe dos

Mandarins. Nenhum de nós dois pôde avaliar seu preço, e nunca perguntei a William o que tinha feito para merecer tal recompensa. Era uma das raridades da China — o xadrez “rato”, marchetado de marfim da Índia, com todas as peças tendo os corpos e rostos de ratos, mas vestidas segundo o costume da China medieval, os trajes longos, leques, os cavaleiros sobre cavalos ricamente ajazezados. Olhos de âmbar e rubi lhes davam um aspecto surpreendentemente vivo. William disse que fora feito havia mais de 200 anos.

— Aceite-o, Irmãzinha — disse ele com suavidade. — Talvez seja o único dote que você jamais tenha.

Fazíamos brincadeiras sobre a nossa pobreza; evidentemente, William não acreditava que permaneceria pobre. Era inteligente e sagaz; voltaria à China com um diploma de engenheiro e ajudaria a construir suas vias férreas; víamos muitas fortunas serem conseguidas com o comércio da China para não sermos contagiados com a crença de que William poderia fazê-lo também. Éramos filhos de um pastor, mas éramos realistas.

Minhas mãos começaram a se agitar, com as peças arrumadas em suas posições. Principiei a retirá-las e a pô-las de lado. O que eu fazia era loucura, mas não podia me conter. Os dedos traçaram os lances daquela última partida com William — por alguma razão, eles pareciam gravados a fogo na minha memória. Peça por peça, à medida que o jogo progredia, minhas forças cederam às de William. Então, chegamos ao último lance — foi ousado, e eu não o previ. Rapidamente, a mão tocou o Cavalo e soou uma risada curta e triunfante.

— Xeque à Dama, Kirsty! Agora, encontre uma solução, Irmãzinha.

E ele partira para algum encontro, rindo baixinho. Isto aconteceu pouco antes de William deixar Pequim para iniciar a longa jornada a Edinburgh. Nunca houve tempo para outro jogo, e nas semanas posteriores à sua partida, não mexi nas peças, e soube que não havia como fugir do xeque. Com a Dama tomada, o Rei cairia. Um xeque-mate.

O tempo passara e eu havia jogado com meu pai, treinado lances sozinha, solucionado problemas de xadrez de livros, determinada a mostrar a William como eu melhorara, quando ele voltasse. E tudo fora destruído. Primeiro meu pai morreu, e depois, a carta de Cluain. A voz compassiva de amigos murmurou:

— Fique aqui, Kirsty. A China é tudo que você conhece. Com o tempo, casará aqui,.. Fique, Kirsty...

Mas eu sabia que partiria. Com a carta sobre a morte de William, viera o

pergaminho. Vi os caracteres vermelhos rabiscados sobre ele — não muito parecidos com a escrita cuidadosa de William. E, no entanto, só podiam ter sido escritos por ele. Eu fizera a tradução à minha maneira imperfeita, e depois, não acreditando em minha razão, levei o pergaminho ao tradutor de meu pai, um erudito em chinês e manchu. Ele sacudiu a cabeça:

— Não faz sentido, realmente... os pensamentos de seu irmão não estavam concentrados.

Verdade ou imaginação, uma vez que a dúvida surgira, eu soube que deveria ir. O vento soprava para longe da China. Minha permanência lá chegara ao fim. Eu me inclinara, como ele dissera que deveria, diante do vento.

— Xeque à Dama, Kirsty.

O jogo estava acabado.

Eu me encontrava excessivamente cansada, mas o sono não vinha. Dirigi-me à janela que dava para o jardim e afastei a cortina. A luz de uma vela, na sala de jantar, era responsável pela fraca cintilação além da janela. Meu avô ainda estava lá. Talvez, naquela noite, no desespero da fadiga, fosse a única vez em que eu teria coragem de perguntar o que viera saber. Deixei cair a cortina e voltei à mala. Por um momento, meus dedos se fecharam sobre a caixa que continha o pergaminho e outras coisas de William que me haviam sido enviadas — papéis que lhe pertenciam» material de desenhista em seu estojo forrado de veludo, um relógio de prata, um botão de colarinho. Não muito mais. William continuara pobre. Então, larguei a caixa. Havia tempo suficiente — os caracteres no pergaminho não significariam coisa alguma para Angus Macdonald. Primeiro, eu ouviria sua versão da morte de William.

Tirei o robe da mala. Novamente, ocorreu-me que também era vermelho — a cor favorita dos chineses. Um robe de seda vermelha, acolchoado com camadas de algodão contra os invernos de Pequim, de gola alta, à moda chinesa, com tiras de bordado no pescoço e mangas largas. Tais roupas eram baratas para os ocidentais na China; naquele cenário parecia invulgarmente rico e exótico. Eu não podia fazer nada. Aquilo era tudo que tinha. Meu avô teria que aceitá-lo, como eu devia aceitar tanta coisa sobre Cluain que ainda não compreendia.

As sapatilhas de sola macia não fizeram ruído sobre os degraus da escada. Quando ergui o trinco da porta da sala de jantar, sua cabeça ainda se inclinava para o que atraía sua atenção sobre a mesa. As sobancelhas se juntaram em uma ruga de interrogação — quase de aborrecimento.

— Então?

Novamente, não havia boa acolhida em seu tom. Eu era uma intrusa no isolamento de seus anos, nas milhares de noites em que ele se sentara sozinho ali.

Agora, avancei devagar em sua direção. Ele tinha somente uma vela ao seu lado, que tremulava sutilmente sobre o verniz do tabuleiro de xadrez, que ele colocara no centro da grande mesa. Ali não havia reflexo da riqueza do que eu deixara lá em cima; era um tabuleiro simples, e as peças sobre ele eram lisas, sem decoração, a não ser a forma necessária para se identificar cada uma; reconheci o clássico xadrez de Staunton, as peças de buxo e ébano, sólidas e pesadas, que os dedos podiam segurar com firmeza, e o jogador ouvia o som decisivo e satisfatório de madeira sobre madeira, ao mover a peça. Fora em um tabuleiro assim que William me ensinara a jogar.

Pousei a vela do outro lado do tabuleiro e as sombras projetadas pelos peões correram juntas e se uniram. Os velhos olhos penetrantes fixaram-me através delas. Sem ser convidada, puxei uma cadeira e sentei-me à sua frente.

— Jogava com William?

— Jogava.

— Ele ganhava?

— Sim... ele tinha cabeça, o meu neto. Uma inteligência que eu poderia ter usado em benefício de Cluain.

— Gostaria de saber como William morreu. Vim aqui para saber isto... para ouvi-lo do senhor.

— Em minha carta, disse como ele morreu. O que importa... desde que está morto? Todos os homens devem morrer, em sua hora. A morte de William foi antes da hora... quando eu precisava dele.

Aquilo, quase mais que qualquer outra coisa, era o que o tomava amargo. Não podia perdoar William por morrer, porque precisava dele; havia começado a acreditar que William se afastava da China, de meu pai e de mim mesma, e talvez fosse verdade. E então, William morreu e o enganou. Ele amou William algum dia ou, simplesmente, precisou dele?

O silêncio entre nós era pesado. A escuridão real chegara agora, e a luz de nossas velas separadas e o brilho do fogo moribundo eram a única coisa que aquecia Cluain. Então, quando meus olhos se desviaram dos de meu avô, do contrário ele veria as saudades que eu sentia de William, e o desejo de algum consolo e

companhia, examinei o tabuleiro de xadrez, notando pela primeira vez a disposição das peças — as que se encontravam ao lado do tabuleiro, e aquelas que ainda permaneciam nele. A familiaridade que eu havia procurado se afirmou, o padrão que eu conhecia bem demais. Só restava um lance.

Estendi a mão e peguei o Cavalo, tornando a colocá-lo rapidamente.

— Xeque à Dama.

Nossos olhos se encontraram de novo, com uma expressão de admiração compreensível.

— Ele jogou essa partida com o senhor? — perguntei.

Concordou com um gesto de cabeça.

Foi como se o vento se agitasse na sala tranquila, uma corrente de ar frio rodopiando ao nosso redor. De algum lugar, recuando no tempo e além da morte, William chegava até nós. Ele havia jogado aquela partida com nós dois, e ambos havíamos atingido o impasse que devia confirmar sua vitória.

— Foi a última partida que jogou com o senhor?

— Foi.

— Comigo também.

Agora, o silêncio era maior que antes; nele, sabíamos que partilhávamos um elo, e pela primeira vez sentimos que partilhávamos nossos laços de família. William estava ali entre nós, forte, vivo. Quem podia acreditar que morrera, quando estava tão poderosamente conosco? Era como se ele próprio me houvesse arrastado até ali, para ser seu instrumento, sua ferramenta, a fim de jogar como ele me ensinara, atacando, ousando, agarrando e usando o que surgisse na vida. O que ele não dissera, mas que sua vida dava a entender, era que, quando alguém caminhava diante do vento, também utilizava o vento. Eu me encontrava ali por causa dele. Sua vida terminara, mas a minha não.

— Gostaria de um gole, vovô.

Por um momento, vi as pálpebras se fecharem sobre os olhos enfraquecidos, mas ainda ardentes. Achei que um arrepio torturou o corpo robusto, e então os ombros pareceram dizer ainda mais. Era como se ele fosse tocado por uma força que não compreendia inteiramente, mas à qual não podia, agora, resistir. Sem dizer palavra, levantou-se de sua cadeira e se dirigiu ao aparador. Serviu uma boa dose em dois copos e voltou, pousando cada um deles ao lado das velas. Depois ergueu seu copo para mim em saudação delicada.

— Você foi enviada. Não percebi isso, mas sei agora. William mandou você. Bem-vinda a Cluain.

Retribuí seu gesto e ambos bebemos. Desta vez, a bebida não era estranha, nem queimava; o sabor de fumo da turfa era somente a essência do odor do fogo de carvão de turfa, ardendo ali e no meu quarto. O conforto que eu buscava estava em suas palavras, ditas afinal, e na calidez que escorregou através de mim com o líquido. Deixei que levasse para longe minha fadiga e solidão. Pensei em quantas vezes William se sentara onde eu me acomodava agora, as velas iluminando os peões colocados diante dos dois, e o copo de uísque nas mãos. Era correto acreditar que alguém podia estender a mão, além da morte, para unir assim duas pessoas? Era aquilo uma interferência de forças que nenhum de nós compreendia, para tentar invocar seu nome e espírito? Era um mal ou um contato benigno que fizemos? Essas coisas não eram proibidas? Proibidas ou não, ambos acreditamos que fora William quem me arrastara até ali — aproximando, inexplicavelmente, aquele homem com desejo nos olhos, e eu, ansiosa à minha maneira. Os peões foram o instrumento de contato. A mão de William havia pousado sobre aquelas peças, como nas outras, lá em cima. Ele parecia movê-las à sua vontade — como me trouxera, certamente, para aquele encontro. De forma estranha, eu não sentia medo. Se William, apesar de morto, era nosso elo, então, que assim fosse. Não podia existir mal onde houvera amor.

Olhei para o velho e compreendi que o véu de indiferença fora removido. Parecia me ver pela primeira vez e, no entanto, olhava também para alguma coisa ou alguém, além de mim.

— Sim, você tem o seu olhar também, e não vi. Foi como se eu estivesse cego. Tudo que vi foi uma garotinha. Não olhei... não vi.

— Então, conte-me como ele morreu.

— Morreu? Ele morreu. Escrevi isso na carta.

— Não disse como.

— Um acidente de caça. Escrevi...

— Não escreveu sobre ele. William nunca havia caçado em sua vida.

— Ora, não quis dizer o tipo inglês de caçada. Imaginou que este é lugar para pôr um cavalo a galope atrás de uma raposa? Não, ele foi com uma arma atrás de aves, ou coelhos, ou coisas assim. Um rapaz que saiu para uma caminhada com uma arma.

— Não usamos armas na China... ninguém que não seja um militar. Tomamos

cuidado ao tentar não ofender... somos os Demônios Estrangeiros, e William tinha a posição peculiar de ser filho de um bispo. Duvido que ele tenha manejado uma arma em sua vida.

— Aqui é diferente. Todo homem armará laço ou armadilha, ou matará a tiros para aumentar a despesa da família. A maioria rouba caça quando pode. Precisam fazer isso. A vida é dura. E se se é rico, faz-se isto por esporte. O Príncipe de Gales vem aqui para atirar...

— William não era o Príncipe de Gales. Quem estava com ele?

A cabeça grande pendeu, como se com o peso da culpa.

— Esse foi o caso. Não havia ninguém com ele. Ele ignorava que era uma loucura fazer tal coisa. Não contou a ninguém que ia sair com uma arma. Ele costumava dar longos passeios a pé, mas somente os mais experientes aqui vão com uma arma. Não teve tempo de aprender.

— Não o preveniu? — acusei.

A resposta foi humilde, como se, ao me aceitar, ele não fosse me negar nada agora, nem mesmo o preço de sua própria consciência.

— Talvez, não o suficiente. É difícil, quando se está velho, lembrar que um rapaz não conhece todo o terreno, e não consegue encontrar o seu caminho com a neblina e chuva. Ele foi temerário em ir tão longe sozinho, mas, podia eu deter um jovem de personalidade? Podia interrogá-lo sobre suas idas e vindas?

— Não... não podia. Não a William. Então, como ele morreu?

Suspirou.

— Aquela visita em que pretendia ficar apenas poucos dias... era todo o tempo da universidade de que podia dispor. Na segunda noite, estava desaparecido. Não voltou à hora de costume. Era o começo de novembro, e o entardecer era curto então, mas não me preocupei demais... ele se fizera bem-vindo em vários locais no alto e no fundo do vale, e muitas vezes ficava em um ou outro. No entanto, soube que alguma coisa estava errada quando o jantar terminou. Então, verifiquei as armas. Ele havia levado uma. Eu não tinha certeza se ele sequer sabia usá-la. Não podíamos iniciar uma busca no escuro, mas ao amanhecer... e a alvorada chega tarde em novembro... todos os homens da região, todas as famílias do extenso vale... e, sim, até mesmo os criados de Ballochtorra que sabiam como se manter de pé na charneca, apareceram para procurá-lo.

— Quanto tempo? — eu dispensava os detalhes da busca.

— Ficou fora duas noites. Um tormento para alguém que não foi criado para enrolar-se em um manto e fazer uma cama de urzes e fetos. Estava frio, menina. Mesmo para nós, estava frio. Na segunda noite, houve alguma neve, e ele tinha o ferimento de bala em seu joelho. Não podia andar,

— Onde o encontraram?

— Bem próximo. Foi isto que quase me matou. Ele tinha, de alguma forma, rastejado até uma abertura de rocha no penhasco lá no alto, perto de Ballochtorra. Somente um abrigo inadequado contra o frio e a neve... e ficara inconsciente. Sem ser capaz de gritar por socorro. Acreditávamos que ele fora mais além, perdendo-se, e procurávamos no alto da montanha. Na verdade, foi um garotinho, empregado da cozinha de Ballochtorra, quem o encontrou, tentando ajudar na busca, mas não ousando se afastar por muito tempo do seu posto... e não bastante forte para ir com os homens enviados por Campbell. Nós o trouxemos de volta, e consegui que um cirurgião de Inverness extraísse a bala... não confiava que o homem daqui fizesse um bom trabalho. Mas todos víamos que a febre não baixava. Mandeí buscar um médico em Edinburgh. Quando ele chegou, William estava morto.

Eu me mostrava implacável, embora pudesse ver que cada palavra parecia deixar nele uma cicatriz, ao ser pronunciada.

— Quanto tempo?

— Três ou quatro dias. Ele foi tratado com dedicação. A Sra. Sinclair não dormiu durante todo esse tempo... como eu também, embora eu tenha ido para a cama. Mas o ferimento e a exposição... Homens mais fortes que William têm morrido por tais coisas.

— Mas o ferimento? Como aconteceu?

— Ele não podia falar quando o encontramos. A arma disparara. Ele não conhecia armas... não sabia como tratá-las, como segurá-las quando caminhava em lugares acidentados. Ele feriu a si mesmo.

— Feriu a si mesmo!

Suspirou.

— É muito fácil acontecer, quando um homem caminha com uma arma carregada em terreno irregular. Aqueles que deviam saber mais, já têm feito isso. Podia eu culpá-lo em excesso? Mas eu o culpei. Foi uma loucura! Uma vida desperdiçada... a vida de meu neto.

Apertei o copo com força.

— Ele recobrou a consciência? Nunca contou como aconteceu?

— Houve períodos em que falava... mas eram palavras insensatas, não para serem compreendidas. A Sra. Sinclair nos disse para não encorajá-lo a falar porque isto lhe tirava as forças. De que adiantava interrogá-lo ou culpá-lo, então? Era melhor deixá-lo em paz.

Em paz. As palavras no pergaminho não davam a impressão de paz.

— Foi lá em cima que morreu? No quarto da torre?

— Foi. Eu o tinha acomodado lá quando veio a Cluain pela primeira vez. Queria que conhecesse a sensação de ser dono de Cluain... de ser capaz de inspecionar terras que podia chamar de suas. E quando a Sra. Sinclair sugeriu que se preparasse outro quarto no andar mais baixo, enquanto a busca prosseguia, para que fosse mais fácil cuidar dele, não permiti. Eu não queria que ele despertasse em um local estranho. Ele tinha suas poucas coisas lá... eu não deixaria que ela tocasse nelas ou as arrumasse. Durante todo o tempo em que a busca continuou, ela manteve o fogo vivo, e a cama aquecida e pronta. Tinha seus remédios à mão, e ela é melhor que qualquer médico. Mas não tinha que ser. Ele veio e se foi, tão depressa. Eu começara a acreditar que o mais ardente desejo do meu coração seria realizado. A vingança é minha, disse o Senhor. Eu soube, então, que não teria alegria na velhice.

— Por que vingança?

Ele esfregou a mão sobre os olhos, cansado.

— Não pergunte, menina. Existe algum homem que não tenha feito alguma coisa pela qual será julgado? Que não terá que pagar, no fim?

— Deus é misericordioso. É um Deus de amor, como de vingança. Meu pai sempre nos ensinou isso.

Seus lábios se crisparam em uma repudia amarga.

— Uma filosofia cômoda para aqueles que podem acreditar nela. Para os que pensam que não têm pecado. O passado não é desfeito. É para sempre.

Minha mão avançou e deixei os dedos brincarem sobre a figura da Dama no tabuleiro, parecendo congelada por aquele xeque perpétuo do Cavalo, imóvel para sempre.

— Há também o futuro — falei, baixinho. — O futuro ainda não está escrito. Está conosco.

— Quando William morreu, eu soube que não haveria futuro. Não me

importei.

— Eu me importo. Sou irmã de William, e uma parte sua ainda vive comigo — gritei. — Ele nunca me deixaria acreditar que não há futuro.

— Vamos, menina, não leve as coisas tão a sério. Talvez esteja certa... talvez, sim. Mas termine seu trago comigo e vá para a cama. É de descanso que precisa. E não tenha medo do seu quarto e da cama porque são o lugar onde William morreu. Eu não teria posto você lá, mas a Sra. Sinclaire tomou as providências...

Terminei o uísque, engolindo depressa e com raiva, e não me engasguei com ele.

— Nunca terei medo de qualquer lugar onde William esteve. E se ele morreu lá, então estou mais perto dele. Meu pai nos ensinou isto. O amor é mais forte que o medo.

Empurrei a cadeira para longe da mesa e peguei a vela. Ele quase me deixou ir, mas quando ergui o trinco, as palavras autoritárias soaram:

— Espere, menina!

— O que é?

— Não tenha tanta pressa. Talvez esteja certa. Talvez exista um futuro, embora eu não possa vê-lo. Não está ao meu alcance — agora o tom se alterou para um nível de persuasão que jamais possuíra antes. — Kirsty... — meu nome pela primeira vez. — Kirsty, encontre e se case com um homem que eu sinta que será igual a William. Descubra esse homem, Kirsty, e Cluain será sua.

Minha mão tremeu violentamente; as sombras se precipitaram sobre toda a saia.

— Esse é um negócio impossível! Exige algo de mim que não sei se poderei realizar. Um homem! Que homem? E por que o homem com quem me casar deverá ser comparado com William? Todo homem tem direito de ser ele mesmo, não a sombra de outro. Não, não pode haver tal negócio, vovô.

Ele, contudo, não acreditou em mim.

— Vá se deitar. De manhã, você verá. De manhã verá que vale a pena ter a posse de Cluain.

— De manhã... de manhã posso partir!

Ele apenas encolheu os ombros.

— Faça como quiser.

Na quietude da casa, o som foi muito alto quando fechei a porta e deixei o trinco cair.

Ela esperava por mim. De pé no primeiro degrau da escada em caracol no interior da torre. Provavelmente, estivera observando através da janela estreita a luz fraca que viera de nossas velas e se refletira no jardim. Segurava sua vela acesa, e devia estar de pé ali por muito tempo, porque a vela estava queimada até quase o fim, como a minha. Caminhei em sua direção e ela não desceu do degrau, por isto fui obrigada a levantar o rosto para o seu.

— Sra. Sinclair...

Ela não usava um traje preto para dormir. Uma camisola simples e branca, abotoada austeramente até o pescoço, estava parcialmente coberta por um manto comprido e vermelho. O cabelo estava solto, o negro cabelo raiado de prata cintilante; ele suavizava a beleza dura, fazia-a parecer mais jovem — não, não mais jovem, porém sem idade. A mão áspera fechava e abria o manto sobre seu busto.

— Conversaram durante muito tempo — falou, afinal, e depois, como se não pudesse conter as palavras: — Sobre o quê? Sobre o quê?

— Assunto meu, Sra. Sinclair.

— Que assunto? — o olhar estava encolerizado, angustiado.

— Por favor, afaste-se, Sra. Sinclair. Quero ir para o quarto.

A mão soltou o manto, estendeu-se e agarrou meu pulso com força ameaçadora.

— Conte-me... que assunto?

A vela saltou com seu puxão, e a gordura quente se espalhou sobre minha mão. Reprimi a exclamação de dor.

— Afaste-se!

Ela não havia previsto minha força. Agora, minha mão se ergueu, agarrou-a pelo ombro, e puxou-a para baixo do primeiro degrau. O caminho estava livre à minha frente, e subi depressa, segurando o robe para não tropeçar. Ainda assim, ela não me deixou. Quando se recuperou, ouvi seus passos atrás de mim, alguns degraus abaixo, mas ao menos à distância de uma volta da espiral. A luz da vela me perseguia e dizia-me quão próxima ... ela estava. Alcancei a porta do meu quarto e escancarei-a. Mas ela estava lá antes que eu pudesse fechá-la adequadamente.

Coloquei o peso do meu ombro contra a porta quando ela agarrou o trinco.

Agora, o semblante sombrio, de olhar fixo, era quase o de uma bruxa, a beleza desaparecida em uma expressão de loucura. Por um momento ainda ela forçou a porta, e a luta silenciosa e insana prosseguiu. Então, finalmente, pareceu desmoronar, como se alguma força a houvesse abandonado. Recuou; a pressão deixou o meu ombro, e a porta se chocou contra seu marco. Foi mantida aberta apenas pela espessura do trinco de ferro maciço. Através do pequeno espaço ouvi seu murmúrio, um suspiro queixoso, quase suplicante.

— Não é sua...

Eu devia ter batido a porta e ficado em segurança, mas precisava de respostas.

— O quê? O que não é minha?

— Cluain. Cluain não é sua! — era um protesto choroso, soluçante.

Estava louca — completamente louca. Levantei o trinco e ele caiu no lugar. Depois corri o ferrolho com dedos trêmulos. Virei-me e encostei-me contra a porta, e soltei um suspiro de agradecimento porque, no momento, eu estava fora de seu alcance. Meu corpo se curvou enquanto eu esperava que o coração parasse de bater ruidosamente. Então, quando não ouvi seus passos se afastando, escutei com mais atenção. O murmúrio chegou até mim através da madeira resistente da porta, e as palavras eram acompanhadas por um ruído arrepiante, como se suas unhas arranhassem a madeira.

— Cluain não é sua.

A intensidade das palavras me encheu de terror. Arquejei, e meu corpo escorregou pela porta abaixo, até eu ficar agachada no chão. Pousei o toco encolhido da vela, e esfreguei a mão onde a gordura queimara, e seus dedos terríveis e enérgicos tinham afundado em minha carne. Mas ela me ouviu, e devia estar inclinada também. O sussurro soou de novo, próximo ao meu ouvido:

— Não é sua!

Permanecí ali, incapaz de me mover. Não sei por quanto tempo. Observei a vela começar a mergulhar na poça de sua própria gordura... lentamente, lentamente. As marteladas vibrantes do meu coração não abafavam o murmúrio horrível:

— Não é sua!

Então, a chama oscilou erraticamente e morreu. Afinal, ouvi os passos suaves recuarem, descendo a escada, mas as palavras não me deixaram.

Eu estava rígida e com câimbras antes de conseguir forças para me erguer e encontrar o caminho, guiada pela luz das últimas brasas da lareira, até a mesa onde havia uma nova vela disponível. Quando ela brilhou e a luz se firmou, voltei à mala e procurei mais uma vez a caixa em que eu trouxera os poucos pertences de William. Peguei o pergaminho e a vela, e dirigi-me ao banco em frente ao fogo; demorei-me para colocar alguns gravetos sobre as brasas, e fiquei ali encolhida por algum tempo, o ouvido atento e sem escutar coisa alguma. O cheiro de turfa era o odor de Cluain, seus fogos e a essência de seu uísque dourado e fumarento. Mantive a mão diante da chama pequena, mas ela parecia não possuir calor.

Afinal, virei-me e ergui o pergaminho. Ele tinha uma vareta fina de bambu em cada extremidade, e uma fita de seda vermelha por onde pendurá-lo. Cada nó do bambu, cada linha fina do desenho eram mais familiares para mim, agora, do que qualquer outra coisa que já houvesse possuído. Quantas centenas, talvez milhares de vezes eu o havia pesquisado, examinado e estudado? Sua mensagem sempre fora pouco clara, mas agora imaginei conhecer a urgência terrível e desesperada com que William tentara se comunicar.

Sua mente estivera perturbada pela febre e drogas. Como ele conseguira escapar da sua vigilância tempo suficiente para fazer aqueles caracteres com seu pincel? Como pudera, com a perna ferida, arrastar-se até à mesa? Em um momento de lucidez, ou em uma volta febril às lições da infância, ele havia regressado à língua que lutara por dominar, em preparação para passar a vida toda na China. O que William fazia, eu sempre tinha que imitar também, e eu tentara aprendê-la tão bem quanto ele. Teria sua inteligência estado mais perspicaz do que eles supunham, a força maior, de forma a escrever deliberadamente em uma língua que ninguém naquela casa poderia ler? Mas ele soubera, ao mergulhar o pincel na tinta escarlata — e sua dor ao fazer isto queimou-me como se eu tivesse jogado minha mão no fogo — ele soubera, então, que aquela seria sua última mensagem. E havia escrito com a esperança de que meu pai e eu a léssemos. Era uma mensagem que ele nunca pudera completar.

Eu havia procurado sua solução por muito tempo, convencida de que era minha falta de cultura que me derrotava. O tradutor, porém, não fez nada para ajudar minha perplexidade. Ele sacudira a cabeça.

— O rapaz esqueceu suas lições. Ele não se esforça mais. Os caracteres são descuidados... significam pouco.

Conheci, novamente, minha primeira frustração. Há milhares de caracteres na língua mandarim — e mil implicações contidas em cada caractere. A etiqueta chinesa exige que nada seja dito diretamente. Como é impossível escrever uma

mensagem simples, urgente! Procuramos sua solução — o tradutor e eu — ele, tão mais expert e, no entanto, tão mais inibido por causa disto. Ele mal ousara pronunciar as palavras que tinham sido minha primeira leitura dos caracteres.

— Seu estimado irmão... não devia estar bem.

— Como sabe?

Encolheu os ombros.

— Negligente... ao contrário dele. Confuso. A leitura não é clara.

— Diga-me... diga-me o que pensa que ele escreveu!

O dedo delicado de erudito seguiu os caracteres espalhados sobre a extremidade do pergaminho rijo; os olhos ansiosos examinaram-me de soslaio.

— Acho que ele diz...

— Diz o quê?

— Acho que diz... “Ela matou...”

CAPÍTULO TRÊS

I

A manhã apresentava uma normalidade surpreendente. Morag acordou-me, trazendo a jarra de água quente. Impossível, a não ser pelos salpicos da cera da vela perto da porta, acreditar no que ocorrera na noite passada. Despertei como se o sono houvesse sido um útero confortável — devagar, com relutância. Apenas o fato de que eu precisava sair da cama para abrir o ferrolho trouxe Mairi Sinclair de volta ao meu pensamento.

— Bom-dia — cumprimentou Morag. — Não há necessidade de trancar as portas por aqui. Quem poderia entrar?

Ela devia me achar idiota e tola.

— Não... não pensei...

— É aquele lugar pagão de onde veio. Bem, deixe-me lhe dizer uma coisa, não há nada de que se ter medo aqui, em Cluain. Bem, aqui está sua água. A Sra. Sinclair disse para deixá-la dormir um pouco mais esta manhã, porque devia estar cansada depois da viagem. Mas ela não gosta de esperar muito para lavar a louça, por isto, eu me apressaria, se fosse a senhorita...

A conversa fiada e alegre continuou enquanto ela retirava as roupas da cama com movimentos rápidos e eficientes; obviamente, tudo era realizado com meticulosidade em Cluain. Morag era bem treinada, mas as tarefas não interferiam com sua conversa. Ela falava de tudo que lhe vinha à cabeça — do robe vermelho chinês, soltando exclamações por sua beleza, e de como ele estava, estranhamente, na moda; da beleza do dia, o sol já alto e começando a aquecer; do céu azul-claro e límpido.

— Um lindo dia, senhorita... — e depois acrescentou, com uma ponta de desejo, como se recordasse um verão de sua infância, quando os trabalhos domésticos não exigiam tanta urgência: — Um dia para correr no campo. A Sra. Sinclair estará fora, nas sebes, colhendo suas flores silvestres...

Com essas palavras, ouvi o suspiro suave da brisa, os gritos das aves, o rio transbordando com a chuva da noite anterior. O mundo de Cluain, que me cercava, era claro e bonito; era como meu avô dissera que seria. Não havia neblina ou mistério. Enquanto me lavava, até a vista de Ballochtorra, empoleirada em seu penhasco, parecia um fragmento de lembrança, uma espécie de ilustração de um castelo de conto de fadas em um livro infantil... haveria uma princesa de cabelos dourados. Vesti-me e continuei dizendo a mim mesma que a noite anterior fora um

sonho, a confusão do cansaço e do uísque. Mas quando me aproximei de novo da porta, os salpicos de cera declararam positivamente que não havia sido um sonho. Na escada em caracol, contudo, eles tinham sido removidos. Não havia evidência, agora, daquela luta insana.

A sala de jantar estava vazia, mas meu lugar arrumado. Havia um caldo grosso em uma terrina, bolos de peixe, fatias de bacon, ovos fritos — tudo mantido quente sobre lâmpadas de álcool. Angus Macdonald tomava um café da manhã nutritivo, se aquela era sua alimentação usual, e para um homem sozinho, vivia muito bem. Mas eu não estava com fome; servi-me de um pão de centeio fresco, mel e chá. Enquanto comia, pensei em Mairi Sinclair. Que dons a mulher possuía e como os exhibia perversamente! O pão devia ter sido feito por ela; supervisionava, certamente, a leiteria que proporcionava a manteiga fresca e gostosa. O mel era o melhor que eu já provara — pensei nas abelhas zumbindo preguiçosamente sobre a horta, dando ao mel seu aroma agradável e silvestre. Pensei nos rebanhos magros da China, e no gado luzidio que eu vira na véspera; pensei nos exóticos e condimentados pratos que os chineses comiam, e na boa qualidade e simplicidade do alimento ali. Devia ter vindo das mãos de uma mulher rechonchuda, tranquila, orgulhosa de sua casa, que tagarelasse como Morag. E continuei lembrando-me do rosto sombrio e angustiado da mulher na noite anterior, com medo de mais alguma coisa do que a invasão de seu reino por outra mulher. Ela não temia apenas por seu lugar ali, mas pela própria propriedade de Cluain.

Mas quaisquer que fossem as virtudes e dons que possuísse, ela tinha outro lado, e eu devia enfrentá-lo e ignorá-lo. Agora, teria que ir até ela na cozinha, e esperar, para ver como reagia diante de mim. A noite passada era alguma aberração que ela preferiria esquecer, ou continuaríamos de onde havíamos parado? E entre nós, para sempre, encontravam-se as palavras inesquecíveis do pergaminho de William. Um dia, eu a acusaria com elas — com elas e nada mais. Talvez ela encolhesse os ombros, indiferente e calma, afirmando que eram divagações de uma mente febril. E o que significavam, afinal de contas, e quem era acusado? Suspirei, mais intrigada agora do que nunca, desde que, pela primeira vez, decifrei os caracteres. Conhecer Cluain e a mulher não tornou nada mais fácil, nem mais claro.

7

Durante algum tempo depois do café, vaguei pela sala, indecisa, demorando-me na pequena tarefa de amontoar os pratos do café da manhã sobre a bandeja, tentando adiar o momento em que ousaria enfrentá-la na cozinha — seu domínio incontestável. Havia, porém, tão pouco na sala — tão nua, tão austera. O último século e meio poderia não ter existido, se alguém acreditasse em seus olhos.

Nenhum retrato de minha avó ou de minha mãe; nenhuma cesta de costura, mesa de escrever ou animal perto da lareira. Fora, as aves cantavam e as ervas oscilavam; o interior era estático, uma peça imóvel. Parei diante da mesa com o jogo de xadrez. A partida da noite anterior e seu momento de revelação poderiam não ter existido. Toquei a Rainha Branca com os dedos em um instante de descrença; mas acontecera — acontecera, sim. Depois, movi as mãos para a Bíblia. Era, provavelmente, muito antiga; o couro estava ressecado, mesmo com o polimento. O fecho e os cantos de bronze brilhavam. Então, tentei abri-la. Estava, como eu deveria imaginar, trancada.

Foi neste momento que ergui a bandeja de prata e me dirigí à cozinha.

A sala de jantar dava para um corredor e a porta da cozinha era do lado oposto. Próxima, encontrava-se uma porta que levava ao jardim, e do outro lado, o corredor se perdia de vista ao redor da curva da tone. Uma porta lá no fundo conduziria ao rio, e ao caminho que eu vira, da minha janela, para os estábulos e a destilaria. Sobre o chão de pedra, ao lado de um banco, havia uma fileira arrumada de botas. Casacos de lã e capas encontravam-se pendurados em uma corda acima das botas. Como em todas as fazendas, poucas pessoas da casa entravam pela porta principal e atravessavam aquela brilhante superfície de madeira. Firmei a bandeja em uma das mãos, e estendi a outra para o trinco da porta da cozinha. Instintivamente, preendi a respiração, preparando-me para encarar o rosto de Mairi Sinclair.

Foi sua voz, porém, que ouvi. E erguida a um grau de intensidade que eu conhecia bem demais — não um tom que ela usaria ao dar instruções a Morag, ou ao censurá-la sobre as tarefas diárias. Aquilo era alguma coisa importante e profundamente sentida.

— Céus, fico doente de ver você andando por aí dessa maneira! Já se passou grande parte do dia e o amo está trabalhando desde cedo. Não se importa? Agora, mais do que nunca?

A resposta foi lenta, carregada de desprezo. Uma voz masculina, grave, pouco preocupada com a resposta que deu.

— Ora, cale-se. Tudo está em perfeita ordem, e estará quando recommencarmos a destilar. O que há para fazer nesta época? Santo Deus, acabamos de ter uma semana de longo trabalho de inverno. Sabe muito bem que não destilaremos de novo até a cevada ser colhida e o tempo esfriar mais. De agora em diante, farei o que quiser do meu tempo.

Sua voz furiosa o interrompeu.

— E que tipo de fazendeiro é você, que não encontra nada para fazer? O gado está nas pastagens lá do alto e precisa ser vigiado, a ferraria está cheia de arreios para serem consertados, as cercas devem ser inspecionadas. Um trabalhador do campo tem, alguma vez, tempo disponível? Você e seu hábito de perambular... nunca se cansará disso? Jamais aparecendo perto do pátio. O que o amo pensa de você...?

A cólera do homem era evidente.

— Céus, já chega! Vá recolher seus ovos, ou fazer sua manteiga, ou o que quer que seja que deve fazer, em seguida, para Cluain. Eu ganhei meus dias para mim mesmo, e ganhei-os muito bem, e ele sabe disso. Em um dia como este, se tiver vontade de ter algum pão, cerveja e tempo para mim mesmo, para caminhar por onde desejar, então, farei isto, e nenhum homem me dirá para fazer outra coisa. Ele sabe o que faço por Cluain... sabe muito bem, e não ousa perguntar o que escolhi fazer quando não há necessidade da minha presença por perto. Ele tem outros homens para consertar as cercas, e pastorear o gado nos pastos... e já fiz muito disso em meu tempo. Deixe que ele assobie, chamando-me, e virei quando estiver pronto.

— Não é sábio. Só um louco negligencia suas oportunidades...

— Sabedoria, é? Oh, Deus, sua cabeça está cheia de conhecimentos e não há um pouco de sabedoria nela! Quando caminha pelas estradas, e observa suas ervas e flores, pensa, alguma vez, em levantar os olhos para ver o que está acima de você? Pára, uma só vez, para ouvir as aves, para observar seu voo? Ou apenas olha para ver onde puseram os ovos? Bem, se é assim, sinto pena de você. Não tenho a menor intenção de passar a vida servindo a um homem. Servirei a mim mesmo, primeiro, e depois verei o que virá...

— É Cluain que sofrerá...

— Deixe — as palavras eram finais e medidas.

— Perdeu o juízo?

— Talvez, mas não é uma grande perda.

O silêncio caiu entre eles, como se ela tivesse ouvido mais do que podia responder. Escutei o estrépito de caçarolas de ferro, um sinal de fúria muda. Usei o ruído como uma chance de chocalhar um pouco a porcelana na bandeja e mexer desajeitadamente no trinco. Mairi Sinclair estava ali em um instante; a porta se escancarou e ela deparou comigo. Fez um movimento rápido para tirar a bandeja da minha mão, mas passei por ela depressa, como se não houvesse visto o gesto.

— Tem algum poder mágico com as abelhas, Sra. Sinclair. Ê o melhor mel

que já provei.

— Eu ia tirar os pratos...

— Não é necessário, realmente. A senhora é tão importante em Cluain, que não posso entrar em sua cozinha? Afinal, tem o direito de entrar no meu quarto.

Aceitou minha investida em silêncio. Continuei até a grande mesa lavada com escova, no meio do recinto azulejado, pousando a bandeja com delicadeza exagerada. Só então permiti-me olhar ao redor.

Estava encostado à lareira, mas os ombros eram mais altos que a prateleira; não foi o rosto que reconheci, porque eu mal o pudera ver na obscuridade sob as faias, e na noite passada ele havia inclinado a cabeça sob a chuva. A figura, todavia, era inconfundível; mesmo no calor da discussão com Mairi Sinclair, seu corpo retivera ainda a característica de tranquilidade, de estar intimamente contido — como quando ele havia ficado imóvel, com o cão, e o pássaro em sua mão enluvada, a auto-suficiência do homem sozinho na chuva. Usava o saiote vermelho desbotado, ou talvez outro, porque este parecia seco — um traje surrado, quase esfarrapado, e meias compridas tricotadas no mesmo padrão; fiquei surpresa ao ver uma adaga — mais tarde, eu aprenderia a chamá-la de punhal escocês — enfiada na meia, perto da mão direita. O gibão de pele de carneiro estava atirado a uma cadeira, os ombros ainda escuros de umidade. Segurava uma grande caneca de estanho com as duas mãos, que abaixou devagar de seus lábios. Era o mesmo tipo de indiferença orgulhosa que eu vira exibida de tantas pequenas maneiras, desde que chegara. Evidentemente, aquele homem não tinha o hábito de se mostrar, de repente, atencioso.

Retribuí seu olhar fixo sem deixar as pálpebras tremerem. Se ele pensava que podia me fazer abaixar os olhos, que tentasse. Era mais do que comumente atraente; devia sabê-lo, mas, por sua atitude e roupa, não parecia se importar se alguém se impressionaria com o fato. Era como se estivesse determinado, de forma inflexível, a dizer a todo o mundo que possuía liberdade de opinião. Havia alguma preocupação remanescente em sua mente de que alguém pudesse pôr isto em dúvida? A pele era estranhamente branca para um homem acostumado a viver ao ar livre — uma brancura natural, e não palidez. Tudo o mais era negro — a desordem do cabelo crespo, a linha reta, dura e negra das sobrancelhas — àquela distância, até os olhos pareciam negros. O traçado da boca combinava com as sobrancelhas, um rosto profundamente marcado pelas linhas horizontais das sobrancelhas, olhos e boca. Não se descobria nenhuma suavidade no corpo ou rosto.

Então, com grande calma, enquanto eu olhava para ele, pousou a caneca

sobre a prateleira da lareira e pegou o gibão. Cumprimentou com uma inclinação de cabeça, não eu, mas Mairi Sinclair.

— Vou embora, então.

Observei, com uma espécie de incredulidade e aturdimento, a rudeza estudada do gesto, quando ele caminhou para a porta da cozinha, abriu-a, e fechou-a, não com uma batida forte, mas tampouco com delicadeza. Ele devia saber quem eu era; obviamente era íntimo de Cluain. Aquilo não era somente uma ausência de boas-vindas, mas uma rejeição total.

Tive que perguntar a ela, embora meus lábios estivessem rijos com a raiva e orgulho ultrajado.

— Quem... quem era ele?

Achei que ela sentia algum prazer com um insulto que ele me oferecera, e seu orgulho cresceu. Eu soube, naquele momento, que provavelmente, jamais falaria sobre o que acontecera na noite anterior. À luz clara do dia, aquela mulher não era fraca e não se deixaria intimidar.

— Quem? Aquele era Callum Sinclair. Meu filho.

Então, sem maior interesse do que o demonstrado por seu filho, ela se dirigiu à porta e retirou um xale preto de seu cabide. Saiu, como ele havia feito, sem me fazer mais qualquer sinal, porém, não corria atrás dele. Um instante depois, eu a vi, das janelas da cozinha, caminhar sem pressa, mas com um fim em vista, pelo caminho lajeado do jardim. Deu alguns passos, parou, inclinou-se para tocar ou cheirar; por um momento, imaginei ver seus lábios se moverem como se falasse com as plantas, que oscilando sob a brisa lhe davam a resposta. Naqueles minutos, pareceu-me tornar-se uma criatura diferente. O corpo perdeu a rigidez; a cintura, pescoço e cabeça pareceram dobrar-se e balançar com a graciosidade de uma mulher bonita; ela se movia como as plantas. E, naturalmente, o gato estava lá também, correndo diante dela, o corpo branco desaparecendo no cinza da alfazema, os olhos sem cor perscrutando do alto tomilho. Ela não prestava atenção ao gato, nem ele a ela, mas formavam um par, eram companheiros. Superiores, em uma espécie de magnífico isolamento.

— Bem, então... aquele é Callum Sinclair.

Morag estava de pé à porta que levava, eu supunha, a uma copa, mais adiante. Enxugava as mãos no avental.

— E sua mãe — ajuntei.

Quão facilmente eu representava o papel de amiga da garota, de maneiras tão afáveis, franca, sem servilismo, mas também sem arrogância. Essa dignidade natural pertencia àquele povo e país?

— É, sim... sua mãe. O pai é que nunca conhecerão.

— Morto?

Ela deu de ombros.

— Quem pode saber? Disseram-me que quando Callum Sinclair nasceu em Cluain... aqui, nesta cozinha, acho... sua mãe parecia perto da morte, e a Sra. Macdonald, que a acolhera em Cluain por caridade, o que ninguém mais faria, insistiu para que revelasse quem era o pai, para que seu filho pudesse ter um nome e o direito a uma família. Mas ela nunca falou, e viveu, e ninguém jamais soube, ou ousou adivinhar... isto é, diante dela... quem é o pai de Callum Sinclair. Minha opinião é que, seja de quem for que tenham suspeitado e desconfiado, nunca conseguiram a resposta. Aconteceu há quase 30 anos, e desde então Mairi Sinclair se tomou uma mulher muito respeitada por aqui. Ninguém mais fala sobre o assunto. É certo que não houve outro homem, porque todos têm observado sua vida como gaviões. Se a mulher cai uma vez, nunca mais fica livre de vigilância e comentários.

— Ela não tinha família, então? Naquela época?

— Srta. Howard, eu não havia nascido então, e quando cheguei à idade de ficar curiosa, as pessoas já começavam a esquecer... exceto a estranha velha que sempre falará sobre coisas passadas. Não tenho muito tempo para esse tipo de pessoas, mas minha mãe era mestra em colecionar histórias, e já que não se importava com a Sra. Sinclair, resolveu saber tudo que era possível sobre esta.

— E assim...?

Morag ergueu os ombros.

— Bem, dizem que ela vivia sozinha com o pai, a única filha que lhe restava. Um homem muito duro, diziam, muito avarento, que jamais oferecia companhia ou uma bebida a alguém. Eram pobres... ou ele aparentava ser. Mairi Sinclair trabalhava duramente, mas ele a mandou para a pequena escola aqui no vale. Era uma longa caminhada... e trabalho a fazer no pequeno sítio ao anoitecer, e uma vaca para ordenhar antes de partir, de manhã. O pai era muito orgulhoso, e não suportou a desgraça da filha estar grávida, sem ser casada. Dizem que bateu nela até quase matá-la. O milagre foi que ela não abortou... talvez fosse isto que ele pretendesse. Alguns homens são assim, senhorita... muitos mesmo. Ele a expulsou de casa, e ela ficou por algum tempo com vizinhos, até recuperar as forças. Mas eles eram uma

família pobre, que enviava filhos para o Canadá e Austrália, e ali não era lugar para ela permanecer. Ela mesma resolveu ir para Inverness, quando a Sra. Macdonald a convidou para ficar em Cluain. Sua avó era uma mulher muito bondosa. Correu um boato, na época, de que o amo não a queria aqui, mas sua avó teve mais força que ele. Acho que a Sra. Sinclair era uma mulher estranha, mesmo então, e seu pai não era estimado. Mas ela veio, não tendo outro lugar para ir, ficou, e Callum Sinclair nasceu em Cluain. Bem, ela se guardou depois disso e cuidou do filho, e se dedicou a Cluain como se nunca pudesse fazer suficiente pela propriedade. Nunca existiram queixas contra Mairi Sinclair. Ela lia a Bíblia e, breve, a Sra. Macdonald mandou buscar livros sobre ervas para ela, porque a Sra. Sinclair parecia ter uma habilidade nata para plantas. A Sra. Macdonald encorajou Mairi Sinclair a fazer anotações... quanto usava disto ou daquilo em suas misturas. Dizem que ela tinha uma avó com talento para essas coisas, mas era uma mulher sem instrução, assim, nunca escreveu as receitas. O menino, Callum, também era inteligente, e a Sra. Macdonald também mandou buscar livros especiais para ele, quando cresceu. Não esqueça que foi pouco tempo depois de Mairi Sinclair vir para Cluain, que sua mãe se decidiu e partiu para a China, e talvez sua avó se sentisse solitária. Como a Sra. Macdonald não gozava de boa saúde, começou, com o tempo, a passar cada vez mais a direção de Cluain para as mãos da Sra. Sinclair. Quando a Sra. Macdonald morreu, não houve mudança em Cluain... tudo continuou como antes. Nunca houve uma propriedade melhor dirigida em toda a margem do Spey, e as pessoas vinham, havia anos, procurar Mairi Sinclair por causa de sua perícia com as ervas. Chegavam mesmo a mandar buscá-la quando existia um problema com uma vaca pejada, e coisas assim. Diziam que ela era mais forte que um homem, e mais gentil. Pode acalmar os animais com palavras... tem uma linguagem terna para qualquer coisa muda. Ninguém jamais questionou sua permanência aqui depois da morte de sua avó. Angus Macdonald seria louco se a deixasse ir. Havia muito tempo que as pessoas diziam que Andrew Sinclair causara um prejuízo a si mesmo ao expulsá-la de casa. Ele perdera uma mulher excepcional.

— Nunca, se reconciliaram?

— Nunca, senhorita, nunca. Ele jamais conseguiu obrigar-se a falar com ela de novo e, na verdade, com o passar do tempo, achei que ela não desejava mais isto. Ele era tão amargo... talvez mais, ainda, porque ela se saiu tão bem, . . . que não deixou nem mesmo seu pequeno pedaço de terra para a filha ou neto. Foi legada a um primo distante, de Londres, ou outro lugar qualquer que nunca se incomodou sequer de vir até aqui e vendê-la. Afinal, era apenas um pequeno pedaço de terra, com o tojo crescendo nele, e servindo somente para alguns carneiros. Mas, pobre como era, Mairi Sinclair não devia possuir aquela terra. A casinha desmoronou e a

terra foi deixada inculta. Dizem que o primo queria vendê-la, mas ninguém daqui se interessou em comprar... por consideração à Sra. Sinclair. Dizem também, embora eu não saiba se é verdade, que até hoje Mairi Sinclair jamais tomou a pisar na terra do pai. E alguém poder ia se admirar por isto?

Distraída, Morag se aproximou do fogão e retirou um bule de chá da chapa de ferro.

— Quer mais um pouco de chá, senhorita? Ora, não — falou quando tirei minha xícara da bandeja e estendi-a para ela — trarei chá fresco para a senhorita. A Sra. Sinclair é mestra em fazer as coisas corretamente. Nada de desleixo em soa cozinha — seus olhos se arregalaram quando recusei leite e açúcar. — É uma estranha maneira de tomar chá.

— A maioria das pessoas na China o toma assim — repliquei, tão desatenta quanto ela, ao começar sua ação.

Permaneceu de pé perto do fogão com sua grossa xícara de cozinha, mexendo o açúcar vigorosamente, enquanto eu segurava a xícara de porcelana fina, mas quase não parecia existir qualquer diferença entre nós. Eu descobria uma espécie de democracia de espíritos independentes em Cluain.

— Dizem — continuou Morag, sacudindo a cabeça em direção à figura sombria que caminhava no jardim — que o amo se ofereceu para pagar os estudos de Callum, quando ele ultrapassou o que o mestre-escola local tinha para oferecer, porque era um rapazola muito brilhante. A Sra. Sinclair, todavia, não aceitaria nada que não tivesse ganho, e foi ela quem pagou quando Callum foi para a escola em Inverness, e até em Edinburgh, por um ano. Posso lhe dizer que ninguém esperava vê-lo voltar. Quem poderia supor que ele regressaria a um lugar onde todos conheciam sua história, e ninguém sabia o nome de seu pai? Com 19 anos ele foi trabalhar na destilaria em horário integral, e quando chegou aos 24, mais ou menos, quase dirigia o local. Bem, não a parte comercial, embora ele saiba bastante a respeito. Jamais está presente quando os compradores vêm fazer seu preço. Mas ele conhece bastante o negócio. Sabe tudo o que é preciso sobre o negócio. Possui um dom fantástico com o uísque... tem olfato e visão para ele, e parece saber exatamente o momento em que o primeiro líquido da destilação se toma uísque verdadeiro, e quando a bebida se transforma em produto de cauda. É um dom, assim como uma arte, senhorita, e ele o possui.

— Então, meu avô lhe dá grande valor?

Morag encolheu os ombros.

— Dá... e não dá. Callum é impetuosamente independente. Exige seus direitos... e na maioria das vezes os consegue. Não há grande intimidade entre os dois, embora o amo tenha ensinado a Callum tudo que sabe. Callum vem e vai segundo seu desejo... sem nunca, note bem, negligenciar a destilaria, mas jamais deixando-a apossar-se de toda a sua vida ou interesse. Menos que isso, naturalmente, não agrada ao amo. Suspeito de que foi este o motivo da encrenca. Há quatro anos, houve uma grande briga ente eles... Callum voltou a Edinburgh e arrumou um trabalho lá. Mas não se passou muito tempo, antes do amo mandar chamá-lo de volta. E quando Callum voltou, firmaram seu acordo. Agora, Callum vive em uma casinha no alto da estrada, que ele mesmo consertou e arrumou. Não vem muitas vezes comer à mesa da cozinha de sua mãe, e nunca passou uma noite sob o teto de Cluain desde que regressou. Antes disso, eu me lembro quando erar inuito pequena, ele se mudou para fora da casa, e tinha um quarto sobre os estábulos. Sempre foi independente, e quase sempre seguindo seu próprio caminho. Na temporada silenciosa, quando não podem destilar, ele vai para longe, e ninguém dispõe de seu tempo. De certa forma, ele possui o dom da mãe... conhece cada ave e animal que se move. Atravessava a charneca com qualquer tempo, e nenhum mal jamais lhe acontece. Nunca ficou um só dia doente em toda sua vida, é o que diz a Sra. Sinclair. Minha opinião é... bem, quem sou eu para compreender, inteiramente, quando se trata de Callum Sinclair? Não há muitos a quem ele daria informação sobre si mesmo.

— Qual é sua opinião, Morag? — insisti.

Tornou a dar de ombros.

— Acho que foi por isto que ele voltou de Edinburgh. Nasceu aqui e não consegue suportar as limitações das cidades. Passa seu tempo na destilaria e trabalha como três homens, e depois está livre. Acho que ele não deveria nada ao amo... nem a qualquer homem.

Morag inclinava a cabeça, como se lutasse para entender o significado da vida de Callum Sinclair, os olhos sobre a figura de Mairi Sinclair, quando esta se curvava para colher um botão de flor ou arrancar uma erva daninha.

— Às vezes, eles têm brigas terríveis, mas são mãe e filho, dois de uma espécie. Agem com independência.

II

Descobri o caminho da saída pelo corredor que se curvava ao redor da torre, até a porta dos fundos de Cluain. Naquele lado da casa o pasto descia até a margem do rio — novamente, uma plantação como a de um parque, de carvalhos e faias, que

revelava os muitos anos em que Cluain se erguia sobre aquela terra. Reparei na lama levantada, da trilha que as vacas tomavam para a leitaria, mas o caminho de pedra que rodeava a casa parecia, como tudo o mais em Cluain, varrido recentemente. Parei por algum tempo, o olhar abaixado para a agitação do rio, mas os prédios da destilaria me atraíram irresistivelmente. Perguntei-me se encontraria meu avô lá, ou se ele estaria em qualquer outra parte da fazenda. E o que era a “temporada silenciosa” de que falavam, quando a destilaria não funcionava? Eu atravessava o pátio de pedras arredondadas ligado a ela, quando ouvi o mesmo terrível ruído, estridente e sibilante, que me saudara quando eu chegara, na véspera.

Parei, e então o bando de gansos surgiu em uma corrente turbilhonante do canto da destilaria. Dirigiram-se diretamente para mim, os grasnidos ásperos, grandes asas brancas batendo desajeitadamente, bicos e pescoços compridos esticados para a frente. Eu não tinha tempo, agora, de considerar que porta levava aos escritórios de meu avô. Corri para a mais próxima, todo o horrível grupo seguindo-me. A porta poderia estar trancada, e eu teria, então, que percorrer toda a extensão do prédio, até a seguinte. Virei-me e enfrentei-os, agitando os braços e gritando, mas eles recuaram somente meio metro, e isto apenas por um instante. Em seguida estavam todos em volta de mim, novamente, e enquanto lutava com a maçaneta da porta, senti duas bicadas rápidas na perna. Mesmo através da espessura da saia, era uma dor aguda e forte. Quando a porta se abriu sobre dobradiças e fecho lubrificados, virei-me uma vez mais e dei um pontapé vingativo e vibrante no grande ganso que chefiava o bando. Por um instante, ele ficou surpreso; eu quase podia rir do espanto bastante humano que mostrou na forma como recuou — teria rido, isto é, se a perna não doesse tanto. Mas, ele avançou para mim, de novo.

— Venha, demônio! Venha! — gritei e bati a porta.

Fora, a gritaria continuou por algum tempo, depois morreu, pouco a pouco. Permaneci encostada à porta, esfregando a perna e tentando me orientar na confusão de portas, corredores e escadas de ferro. As janelas eram no alto, redondas, e proporcionavam pouca claridade.

— Está ferida?

Era Callum Sinclair.

Eu ignorava de onde ele viera. Talvez houvesse estado ali, sozinho, divertindo-se com a minha aflição, sabendo o que acontecera. Depois, vi seu rosto com mais clareza. Não, ele não se divertira com nada. O semblante ainda era sombrio e duro como na cozinha, mas mostrava preocupação.

— Não gravemente... acho que não — ergui a saia, sem me importar com o

que ele pensaria a respeito, e examinei a barriga da perna.

A meia estava rasgada, mas a bicada feroz havia apenas me beliscado, não ferindo a carne.

Callum Sinclair balançou a cabeça.

— Ficaré boa, mas não seria a primeira de quem o Grande Billy arrancaria sangue.

— O ganso? Por que meu avô tem um animal tão perverso por perto?

— Não é escolha dele. Todo o bando idiota pertence ao aferidor, o fiscal de impostos, que vive naquele chalé perto dos depósitos. Exige que seus gansos vão com ele a todo lugar, e quando está com eles, diz que não precisa de nenhum outro vigia. Talvez esteja certo. Naturalmente, desde que está em Cluain há mais de 20 anos, é provável que nem ele, nem seus gansos, se mudem daqui.

Notei enquanto falávamos, que Callum Sinclair examinava com impaciência a chave inglesa que segurava em uma das mãos; neste caso, não era totalmente verdade tudo o que ele dissera na cozinha, sobre não se importar com o que acontecia na destilaria agora, que o prazo de trabalho estabelecido terminara. Diria ele tais coisas apenas para preocupar e encolerizar a mãe, para mostrar sua independência de Angus Macdonald? Parecia que estivera ocupado com algum trabalho de manutenção no prédio, quando os gansos o alertaram sobre a minha presença. Naturalmente, fora com cuidados como aquele que ele ganhara a posição com meu avô; os indiferentes não obtinham tais privilégios.

— Qual a necessidade de um vigia? Em um local remoto como este, deve-se vigiar tudo com tanto cuidado?

Por um instante, ele quase sorriu.

— Srta. Howard, desculpe-me, tem muito o que aprender sobre o negócio do uísque. Há uma fortuna em impostos de consumo do governo jazendo naqueles barris, nos depósitos. Se seu avô tivesse tanto dinheiro, quanto é devido ao governo em impostos sobre o uísque, que ele guarda para aqueles a quem o vendeu, seria um homem rico.

— Meu avô deixa o afer... — tropecei na palavra pouco familiar — fiscal de impostos fazer o que quer, em Cluain?

Sinclair deu de ombros.

— E quem irá lhe dizer não? Cluain não paga Neil Smith. O Departamento de Imposto de Consumo de Direitos Alfandegários de Sua Majestade é que faz isto.

Cluain lhe dá casa, e ele toma quaisquer medidas que achar necessárias para vigiar os depósitos. E o Grande Billy é um dos melhores guardas que existem. À noite, Smith prende o bando em um cercado construído próximo à porta do depósito, para que as raposas não tenham um banquete. Ninguém entraria lá, sem o mundo inteiro saber. Em teoria, supõe-se que um homem devia vir de Grantown vários dias por semana, para substituir Smith. Na prática, quase nunca acontece. O Departamento de Imposto de Consumo faz vista grossa para isto, há muito tempo. Sabem que Neil Smith não tem outra coisa a fazer na vida do que vigiar Cluain. E Cluain é considerada muito segura. Uma destilaria pequena e compacta, os depósitos, uma construção contínua, somente uma porta que se pode abrir do exterior. Neil Smith está sempre a serviço. E com o Grande Billy, não se precisa quase de fechaduras. Além do trabalho de vigia que o Grande Billy realiza, há um bom lucro no Natal, com as aves novas que Neil Smith engorda. De ambos os modos, Smith lucra com o Grande Billy.

— O Grande Billy quase conseguiu um bom resultado comigo. Este Sr. Smith é tão bom vigia de Cluain-, por que ele não apareceu para investigar o que eu fazia aqui?

— Oh, sem dúvida, ele viu tudo de sua janela e está rindo loucamente, o velho rabugento... sabe bem demais quem a senhorita é, e se tivesse corrido para os depósitos, ele teria o maior prazer em lhe dizer que não tinha nada o que fazer ali. Além disso, não conseguiria entrar, e ele deixaria o Grande Billy atormentá-la um pouco mais só para provar o fato.

— Mas pode-se vir aqui?

— Não estamos destilando agora. A senhorita não poderia retirar nem mesmo um copinho de bebida destilada recentemente, neste momento. Por isto, ele não se importa com quem entra ou sai daqui. Só o fiscal e o proprietário, porém, têm as chaves dos depósitos. O dono paga se faltar alguma coisa.

— Você não tem uma chave? Disseram-me que é o homem mais importante em Cluain.

— Quem lhe disse isso?

— Não foi sua mãe.

Ele deu de ombros, novamente.

— Não importa. Não sou o Senhor de Cluain. Não fico com as chaves.

Esfreguei a perna com mais força. Tive a estranha impressão de que, se as convenções sociais não o proibissem, Callum Sinclair faria aquilo para mim. Não

era que ele se interessasse por mim como mulher, mas só que o pensamento de qualquer ferimento ou dano provocava sua compaixão. Continuei a esfregar.

— Por que foi tão rude comigo?

— Eu não sabia que tinha sido.

Agitei a mão com impaciência.

— Oh, não tenho tempo para este jogo que todos vocês jogam, aqui! Sabe quando. Lá, na cozinha.

— Como podia ter sido rude com a senhorita? Não fomos apresentados.

— E fomos agora? A não ser pelo Grande Billy?

Seu rosto se franziu em um sorriso genuíno, e isto o alterou de maneira incrível. Acho que comecei, desde aquele momento, a desejar poder fazê-lo sorrir muitas vezes. Riu, e depois o semblante relaxou novamente. As linhas horizontais que eu notara antes estavam todas de volta — as sobrancelhas retas, os olhos, a boca; porém, não mais cícuras agora.

— Parece-se muito com seu irmão William — falou.

— Fico satisfeita porque pensa assim. Mas, você gostava dele?

Ele concordou com um gesto de cabeça:

— William era um bom rapaz. Tinha muito o que aprender.

Fiquei eriçada de ressentimento.

— Você é quem diz isso! William sempre foi tido como muito inteligente... vivo.

— Sim, vivo. Isto não significa que um homem não tem mais nada o que aprender. William era jovem...

— E suponho que você é velho?

Ele fez um pequeno gesto de aquiescência, agitando a chave inglesa.

— Muito bem, então. Explico-lhe. Não sou tão velho, mas não fui protegido. Não sou o filho de um bispo — deteve-se então, como se as palavras irrefletidas queimassem seus lábios.

Ninguém devia perguntar — ninguém podia — de quem era filho.

Esfreguei a perna com vigor pela última vez.

— Bem, estou aqui, agora. Sofri o castigo de Neil Smith e o Grande Billy. Terá valido a pena?

De repente, pareceu atrapalhado.

— Posso levá-la de volta à casa. O Grande Billy se mantém distante de mim. Breve, ele a conhecerá...

— Esqueça o Grande Billy. Da próxima vez, baterei nele com um xale ou alguma coisa, mas não posso ter passado por isso para nada. Pode me mostrar a destilaria?

Imediatamente toda a simpatia e interesse desapareceram. O rosto se cobriu de frieza, não com deferência, mas em retraimento.

— Terá que me desculpar, Srta. Howard. Não é da minha competência. É privilégio de seu avô, e ele não está na destilaria. Não sou o Senhor de Cluain.

Apertei os punhos e, por um momento, fechei os olhos, frustrada. Quando olhei para ele novamente, os olhos cinzentos acastanhados Fixavam-me em fria concentração.

— Estou cansada — falei — de ouvir sobre o Senhor de Cluain. Há outras pessoas no mundo. Você era amigo de meu irmão? Um amigo poderia me mostrar a destilaria.

— Amigo? Não sei se era amigo. Ele me considerava um amigo?

— Como eu saberia?

— Ele não lhe falou de Cluain em cartas? Não falou sobre as pessoas daqui?

— As cartas demoram muito tempo para chegar à China, e ele não teve muito, para se acostumar a Cluain. Oh, ele falou de Cluain... de maneira geral — depois parei de fingir, para mim mesma e para o homem. — Oh, não adianta! Ele não tinha muito a dizer sobre Cluain. Acho que temia nos desapontar. Sabe que ele sempre pretendeu voltar à China...

— E mudou de ideia? Tencionava ficar em Cluain depois de terminar a universidade, não é?

Gesticulei, impaciente.

— Como posso saber? Ele nunca disse isso. É apenas o que ele não disse, começa-se a adivinhar... — então, não quis mais falar sobre aquilo. — Bem, vai me mostrar a destilaria? — eu olhava ao redor, tentando esquecer o assunto.

Callum Sinclair, contudo, insistiu.

— Então, suspeitou de que estava perdendo William, mas ele morreu sem a senhorita ter certeza. Depois, seu pai foi morto. Os jornais publicaram muita coisa a respeito. Muitos boatos, boatos de canhoneiras. Todos estavam muito preocupados. Em seguida, disseram que os responsáveis haviam sido punidos e isto pôs um ponto final no assunto. Não ouvimos mais nada. Eu sabia, naturalmente, que William tinha uma irmã, pensei na senhorita...

Agora, dois homens me tinham dito aquilo, de maneira diferente. Pensaram em mim, sem me conhecer. Mas nenhuma palavra viera de meu avô. A antiga raiva surgiu novamente, a sensação de não ser desejada. Estava determinada, mais do que nunca, a que Callum Sinclair me fizesse visitar a destilaria. Eu provaria ao meu avô que tinha amigos. Conquistaria os mesmos direitos que William.

— Boatos! Sim, houve muita conversa fiada! Teria havido mais, se um de seus preciosos armazéns se incendiasse ou um carregamento de ópio fosse roubado por bandidos. Mas um homem de Deus... bem, sempre há mais deles! É assim que eles pensam.

— Acredita que deviam haver represálias?

Suspirei e sacudi a cabeça muito devagar.

— Não... não queria isso, nem mesmo nos piores momentos. Sei que foi a última coisa pela qual meu pai rezou antes de morrer... que não haveria matança de pessoas inocentes ou corrompidas para pagar por sua vida. Acho que ele sempre esperou morrer assim, na China. Não, não havia desejo de vingança.

Ele concordou com um gesto de cabeça e fixou-me, sem pestanejar, por longo tempo.

— Acho que eu respeitaria muito seu pai, se ele era, realmente, como diz. E podia-se esperar que William seria como ele.

— Por quê?

— Parece que ele não possuía a sensação do poder. Odeio o peso do poder e respeito... e o que se deve às pessoas, e é exigido por elas por causa da posição que ocupam. Tantos sentem a necessidade de possuir... e persistir. O que é deles, é deles. Seu direito legal!

Balancei a cabeça, com espanto.

— Que homem estranho você é, Callum Sinclair! Devia estar fora, organizando associações de trabalhadores. Sempre fala assim? Na cozinha, não disse

uma palavra.

— Na cozinha, eu teria que dizer palavras inúteis, falsas. Esperava que eu a cumprimentasse e lhe desse as boas-vindas a Cluain? Deixo isto para outras pessoas. Há suficientes aqui para fazer reverências e medidas.

Ri, agora.

— Se soubesse como senti a falta disso! Ninguém me deu boas-vindas a Cluain. Fará isto agora?

Sacudiu a cabeça.

— Não, não poderia. Não sei se foi bom vir. Talvez a senhorita lamente depois, talvez não. Seu avô é um dos que exige seus direitos legais... lembre-se disso. Eu lhe direi uma coisa. Na primeira manhã que seu irmão passou aqui, não foi deixado sozinho para encontrar o caminho para a destilaria, caçado pelo bando do Grande Billy. Não, o filho pródigo nunca teve uma acolhida mais calorosa. Foram gastas horas, mostrando-lhe como tudo funcionava. Possivelmente, ele não poderia compreender uma quarta parte de tudo, no primeiro dia. E depois, a sessão de prova no escritório do Senhor de Cluain. Seu bom irmão estava um bocado embriagado ao se aproximar a hora do jantar. Angus Macdonald se esforçou tanto, que quase pôs tudo a perder... tentando enfiar na cabeça de William, em poucas horas, o que levaria, de forma natural, anos para aprender. E tentando acostumar seu paladar às minúcias e qualidades do uísque de Cluain em todos os níveis de amadurecimento até William, acredito, mal poder ver direito. O velho deixou claro demais, e achei que as chances eram equilibradas, de William voltar ou não a Cluain. Seu avô compreendeu o desejo do coração de William, e estendeu as garras para prendê-lo, antes que escapasse. Poder... poder e cobiça, Por isto, agora, Srta. Howard, depois do que eu disse, tem certeza de que ainda quer que lhe mostre a destilaria?

Sacudi a cabeça, humildemente.

— Quero, sim... por favor. Acho que confio em você, Callum Sinclair. É extraordinariamente honesto... é no entanto, acredito que não rirá de mim porque sou uma mulher, e parecerei estúpida sobre coisas que a maioria dos homens possui algum conhecimento.

Ele girou sobre os calcanhares.

— Não é estúpida, ou não estaria falando assim. William tampouco o era. Uma mulher, sim... mas as mulheres podem ser o demônio, porque são capazes de esconder muito bem sua sagacidade. Pegam o homem desprevenido. Muito bem, então... não sou o Senhor de Cluain, mas tentarei fazer o que ele devia estar fazendo

agora.

Minha mente estava exausta antes de percorrermos metade do caminho. Eu dizia “sim, sim...” a tudo que Callum Sinclair falava, e durante a primeira meia hora, tentei mesmo fazer perguntas. Pouco depois descobri que apenas aceitava, esforçando-me desesperadamente para guardar o que podia, e sabendo que fazia uma confusão terrível. E suponho que Callum Sinclair também sabia disso.

Mas ele foi paciente. Falava devagar, e à medida que o fazia, a voz se tomava mais gentil, as palavras e frases menos mutiladas. Diminui o passo para acompanhar o meu, enquanto atravessávamos os grandes espaços sem som da destilaria. Eu quase podia ver que fora assim, que ele havia treinado seu cão setter, para que se movesse, obedientemente, nos seus calcanhares, com palavras suaves e movimentos calmos e pacientes. Ele domesticara também, no entanto, um falcão selvagem e arisco, uma ave dos céus, e como fizera isto?

Quase antes de começarmos, fiz a única pergunta que preparara, a que me intrigava.

— Por que chamam esta de “temporada silenciosa”? Por que o local está vazio? E ninguém trabalhando?

— Está um pouco à minha frente, mas não importa. Da primeira vez, não muita coisa fará sentido. Mais tarde, quando o tempo esfriar mais, compreenderá tudo. “Ficamos silenciosos”, como dizem, porque o tempo está quente e úmido demais para maltar a cevada. Visitantes das Terras Altas acham que é uma espécie de piada, porque o tempo para eles está sempre fresco, senão frio. Mas se trouxéssemos a cevada para dentro agora, supondo que não tivéssemos nenhuma nos depósitos, depois de peneirá-la para livrá-la das impurezas, e mergulhá-la em nossa água durante dois ou três dias, poderíamos trazê-la para os locais de maltagem... aqui, por aqui. Cuidado com o vestido. Mantemos o lugar limpo, mas o prédio está velho e não é adequado para saias compridas.

— A maltagem... — interrompi.

— Sim, a maltagem. Depois da cevada ser posta em infusão, é trazida para cá — abriu uma porta, e um grande recinto, completamente vazio, surgiu diante de nós, o chão de pedra varrido e limpo, mas todo o local com um odor quase semelhante a um mofo forte. — Está emedada a uma profundidade de cerca de 90cm aqui, e começa a germinar. Pode-se quase chamar de respiração. Inspira oxigênio e expira dióxido de carbono. Começa a libertar também certa quantidade de calor, e temos que manter a temperatura baixa, aproximadamente, 15.6°C... e isto significa que os homens devem virá-la, sem cessar, com estas pás aqui — apontou para uma

fila de compridas pás de madeira, empilhadas na parede ao meu lado. — Chamamos estas pás de sheils e todo o processo recebe o nome de “rotação das peças”. Assim, nestes poucos meses, quando o tempo está quente e úmido, paramos completamente, porque a cevada germinará depressa demais... desenvolve pequenas radículas que se entrelaçam, e tudo que se conseguiria seria um emaranhamento confuso. Por isto, “ficamos silenciosos” nesta época. Para nós, aqui em Cluain, isso aconteceu apenas há poucos dias. Esta é a chance, também, de reparar o que precisa de conserto na destilaria, tomando providências para que tudo esteja em perfeita ordem para a próxima temporada. Enguiços custam dinheiro. Somos muito cuidadosos com nossa manutenção. E quando se tem uma fazenda de cevada para colher, a “temporada silenciosa” é uma coisa necessária. Há rumores de que algumas destilarias trazem a cevada já maltada do exterior, mas ele nunca quis ouvir falar de usar qualquer outra cevada, exceto a de Cluain... o produto tem que ser de Cluain do começo ao fim, mas já deve saber disto — lançou-me um rápido olhar de soslaio ao falar. — Mas a “temporada silenciosa” é uma boa coisa. Dá ao homem a oportunidade de livrar seu olfato do odor da cevada... cevada em todos os seus estágios, seca e moída, o odor bolorento da germinação, o mau cheiro da turfa quando a secamos nos fornos, o cheiro da cerveja quando está a meio caminho de sua jornada, e depois, aquele aroma final da bebida. Um homem precisa esquecer isto. É necessário lembrar que existe outro mundo fora destes muros. Algumas vezes me perguntava se William... bem...

— O que tem William?

— Nunca conversamos a respeito, mas notei que ele pegou o hábito de caminhar. Nunca passava o dia todo aqui. E era então que Angus Macdonald mal podia se controlar. Não queria William fora de sua vista, e William não aceitava as coisas assim. Bem, Angus Macdonald nunca teve um filho... e muitas vezes, cometia o erro de tratar William como um garotinho. Por isto William costumava sair sem lhe dizer onde ia, ou quando voltaria... — parou, então — e a senhorita deve estar pensando que teria sido muito melhor se William tivesse contado... da última vez. Se tivesse, William não teria ficado duas noites...

— Por favor, não fale mais. Já chega de mortes para mim.

— Eu sei, mas há uma coisa pela qual me culpo também. Eu devia ter encontrado William. Conheço cada pedaço desta região melhor que qualquer outro, e tenho um cão com excelente faro. E falhamos...

— Por favor — falei — podemos continuar? É inútil falar sobre o que poderia ter acontecido. Meu pai jamais precisava ter feito aquela última viagem a Szechwan, tampouco. William nunca precisava ter vindo a Cluain. Por falar nisto, eu

também não precisava ter vindo, mas estou aqui. Vamos continuar?

— Como quiser.

A recusa de permitir que falasse sobre a culpa infundada que sentia, teria criado alguma frieza? Eu não podia, porém, suportar a culpa por ele e por meu avô; eles se sentiriam como deviam. Eu tinha meus próprios pensamentos vivendo comigo. Prosseguimos em silêncio até os grandes fornos de secagem, e suas explicações foram rápidas e precisas — isto é, se alguém era capaz de ser preciso sobre o que começava a parecer um processo-muito complicado. Perguntei-me como falavam de alambiques ilegais na região montanhosa, que podiam ser desmontados e carregados para longe, quando parecia que se necessitava de toda uma grande instalação para produzir o líquido tépido e brilhante, que eu provara na noite anterior pela primeira vez. Interroguei Callum Sinclair sobre isto.

— O que é feito naquelas destilarias ilegais não é fermentado para o prazer de sentir seu sabor, mas para deixar um homem inconsciente — apontou para o fomo de secagem — é isso que está no fundo daquelas estranhas chaminés vistas em toda destilaria.

— Lembraram-me os pagodes chineses...

— Nós secamos a cevada sobre fogos de carvões de turfa para lhe dar qualidade... isto e a cevada tornam o Scotch diferente dos uísques americanos, do seu Bourbon e uísque de centeio. Não há mistério em fabricar o Scotch. É necessário habilidade... tradicional e antiga. Talvez seja preciso um clima como o nosso, não apenas para o amadurecimento, mas porque o clima cria esta necessidade. Acho que as bebidas fermentadas ilegalmente são produzidas, apenas, para ajudar os homens a esquecer que tipo de inverno têm que passar aqui...

Ao avançarmos, encontramos dois homens inclinados e dedicados à tarefa de soldar novamente a junta de um cano. Supus que Callum Sinclair estava com eles, quando o ruído do Grande Billy o afastou dali. Ele me apresentou os dois homens, cerimoniosamente, e ambos se ergueram e me deram as boas-vindas em sussurros.

— James Macfarlane, Srta. Howard. John Murray... — quando nos afastamos e não podíamos mais ser ouvidos, acrescentou: — Uma destilaria depende de muito poucos trabalhadores, todos experientes, e valiosos. Um homem de destilaria é um tipo muito especial. Não há grande necessidade de associações de trabalhadores aqui. Eles conhecem o seu valor... e Angus Macdonald também.

Continuou, e tentei guardar o que dizia, mas a maior parte entrou por um ouvido e saiu pelo outro. O malte, depois de secar ao fomo, era abandonado durante

cerca de seis semanas, peneirado para se livrar das impurezas e separado das radículas secas.

— As radículas, que chamamos colmos do malte, servem de alimento para o gado. Depois de nos livrarmos das radículas é que moemos; chama-se malte moído, então, e vai para as cubas de malte triturado — levou-me para outro recinto, contendo quatro grandes recipientes redondos. — Três mil galões — falou, lacônico. — O malte moído é extraído quatro vezes com água quente, cada vez a água tem temperatura mais alta, até se atingir cerca de 26° para a última. Somente as duas primeiras extrações chegam ao estágio de fermentação, mantemos a terceira é quarta à espera, para formar extrações da próxima quantidade de malte moído. Toda esta cozedura aqui é para reativar fermentos, inativos durante a secagem. Ouviu falar de enzimas?

— Não sou um químico.

Ele sacudiu a cabeça, concordando.

— O velho lhe fará perguntas. Mesmo não tendo respostas, ajudará, ao menos, se tiver ouvido as palavras. Bem... continuemos. As duas primeiras extrações das cubas de malte moído chamam-se mostos. Assim que temos os mostos, não precisamos mais da cevada, e ela vai para o gado também. Esfriamos os mostos até uma temperatura de 21 a 26° C, aproximadamente, ao passá-los por este transformador de calor. Arrefecido a esta temperatura, o mosto sofre nova lavagem e adicionamos a levedura. Por aqui...

Trepei atrás dele, curvando-me sob canos e saltando sobre alguns, a bainha das saias ficando úmida, por causa dos pequenos locais irregulares no chão, onde a água — ou talvez fossem alguns produtos da destilação — se juntara. Não, devia ser água. Angus Macdonald — e, imaginei, Callum Sinclair — não tolerariam jamais um chão mal limpo. Grandes cubas redondas de madeira novamente.

— Feitas de lariço — disse Callum Sinclair. — Talvez seja bom que a senhorita tenha vindo na “temporada silenciosa”. É um negócio violento quando a levedura começa a agir sobre o mosto. Borbulha o tempo todo, e tem que se mexer sem cessar com varas de vidoeiro para impedir que derrame. Talvez, a senhorita não gostasse do odor, tampouco. Desprende dióxido de carbono. O trabalho todo leva cerca de 36h, e é por isto que acho que todos nós precisamos de tempo livre, fora da destilaria, para purificar nossos pulmões. Agora, se fosse um químico... — começava a soar como piada — eu lhe contaria sobre as enzimas, que primeiro produzem dextrose da maltose, e depois transformam a dextrose em álcool e dióxido de carbono. Mas a senhorita não é um químico.

— Quando isso ser & uísque? — interroguei.

— Paciência. É aqui que começamos a lidar com Neil Smith, como fiscal de consumo. Comigo, ou Angus Macdonald, ele calcula, aproximadamente, a quantidade de bebida que o mosto deverá produzir, pela densidade do líquido no início e no fim da fermentação. O líquido no final do processo é uma mistura clara de água, levedura e um pouco mais de 5% do volume de álcool... isto é, cerca de 10% da graduação normal de álcool. É o que chamamos de caldo. É por isto que os alambiques estão esperando.

— Uísque — falei, fracamente.

O odor estaria sempre lá, não importava quanto esfregassem e limpassem, encerrado nos recipientes de madeira, nas vigas do telhado, nas fendas do chão de pedra. Eu queria terminar.

— Ainda não — disse ele.

E guiou-me através do vão de uma porta, para fora, até uma espécie de galeria, de onde se viam dois grandes receptáculos de cobre, quase com a forma de uma pêra, com tubos compridos, curvados em ângulos estranhos.

— Estes são os alambiques primitivos, aquecidos diretamente da chama — falou. — São o coração do uísque de malte. Deixe Angus Macdonald lhe contar sobre os alambiques a vapor, isto é, quando combinam o álcool com o malte puro, para fazer uma mistura. Quando alguém diz, porém, que um alambique destila uísque, significa o que sai destas duas belezas aqui. Destilar é apenas transformar líquido em vapor, neste caso, o caldo... e condensar novamente o vapor em líquido. É feito aqui. O primeiro alambique, o do grande colo de cisne, é o do caldo, e o outro é 6 de vinhos inferiores. Todos os destiladores têm fantasias sobre seus alambiques. Quando Angus Macdonald precisa substituir uma parte de um alambique, porque o cobre está fino, verifica pessoalmente que cada pequeno dente, que possa estar com defeito depois de tantos anos, seja reproduzido... ele faz isto com as próprias mãos. Há algumas destilarias onde nem tiram as teias de aranha, se isto altera, de alguma forma, o tipo de bebida que conseguem, finalmente. Não somos tão loucos assim, em Cluain. Aquecemos o caldo com carvão, e há uma malha de cobre chamada refrigerador estendida ao redor do fundo do alambique, para evitar que a substância insolúvel do caldo se queime. O produto destilado é levado para cima, pelo tubo do alambique, e cai em um cano de cobre em espiral, chamado de serpentina, que se encontra no interior de um tanque de água fria. O álcool sai primeiro, porque ferve a uma temperatura mais baixa que a água; quando já se fez sair todo o álcool, o que fica no alambique chama-se pot ale ou cerveja

queimada, e também se perde. O produto destilado tem o nome de vinhos inferiores...

— Nenhum uísque airída?

Ele sacudiu a cabeça.

— Os vinhos inferiores atravessam o receptáculo de álcool... o fiscal mantém tudo trancado, antes e depois do processo. Verificamos os termômetros e areômetros, para ver quando todo o álcool foi expulso do alambique. Quando o produto destilado deixa o receptáculo, entra naquele tanque ali, o recipiente de vinhos inferiores, onde é misturado com o que chamamos de foreshots, o primeiro líquido que sai da destilação do uísque, e o produto final ou de “cauda”. Eu sei, eu sei... — tentou diminuir meu assombro com um gesto. — É difícil colocar tudo isto em ordem, mas o primeiro líquido e o produto final são os refugos do segundo alambique, o alambique de álcool, e por isto, pulei à sua frente, aqui. Não posso fazer nada, o uísque é uma espécie de coisa que vai para a (rente e para trás, nesta fase. A mistura dos vinhos inferiores, do primeiro líquido e do produto de cauda, vai para o alambique de álcool... sempre menor que o alambique do caldo. Então, a mistura é novamente aquecida, e se repete todo o processo de destilação, subindo pelo tubo do alambique e descendo pela serpentina, para esfriar. Desta vez extraímos a mistura dividindo-a em três partes. A primeira, o primeiro líquido, é um uísque altamente impuro; a segunda é a que queremos e a enviamos para o receptáculo de bebidas alcoólicas. Esta chega a 25% acima da graduação normal do álcool, e continuamos a recolhê-la até ficar com 5%. O que resta é o produto de cauda, e também é uísque impuro. Portanto, é assim que o primeiro líquido e o produto de cauda esperam no recipiente de vinhos inferiores, para se misturarem com a próxima produção do alambique do caldo.

— Como sabe o que é verdadeiro uísque, e o que é o primeiro líquido e o produto de cauda?

— Por aqui — guiou-me pela galeria e descemos uma escada. O local estava entulhado, sem lógica, como se as cubas, foms e alambiques houvessem sido ajustados às construções da melhor maneira possível.

Parecíamos haver passado mais de duas vezes pelo mesmo lugar. Como a mente de engenheiro de William devia ter odiado a confusão, ansiado por um avanço regular e ordenado!

— Aqui está o alambique de álcool, e controlamos o que entra no recipiente usando estas torneiras. A coisa se reduz ao fato simples, e difícil, de que é aqui que resolvemos que uísque é aceitável.

Era alguma coisa como um baú de latão, com a tampa e parte laterais de vidro, equipado com aparelhos de medição e areômetros. Havia grandes cadeados de latão em cada ponta.

— Não provamos a bebida ainda, sabe. O Departamento de Imposto de Consumo não o permite. Sabem quantas gotas passam por este receptáculo, e temos que prestar conta de tudo. Não há uma norma árdua e rápida para se decidir, quando passamos o produto destilado para o receptáculo, quando o produto deixa de ser o primeiro líquido e se toma uísque, e depois, quando se transforma em produto de cauda. Sai como um líquido incolor, naturalmente, e quando se adiciona água, o primeiro líquido se torna turvo. Quando fica claro, nós o consideramos verdadeiro uísque.

— Quem julga?

— Angus Macdonald costumava fazê-lo. Agora, eu o faço.

— Então é responsável...

Concordou com um gesto de cabeça.

— É uma coisa sutil decidir quando o líquido é um verdadeiro uísque potável. Um erro, colocar o primeiro líquido no receptáculo cedo demais, ou deixá-lo continuar até o produto de cauda penetrar nele; não é uma coisa que se descobre imediatamente. Com um bom uísque como o de Cluain, talvez se descubra 12 anos depois, quando se compara uma fornada com outra, que ele não é o que deveria ser. Talvez não possua o sabor, características e aroma que a destilação de Cluain deveria lhe dar. Mas Angus Macdonald não parece ter cometido erros em sua época. Ainda temos que descobrir quantos tenho cometido.

— Por que um uísque seria diferente do outro... ? Todos os maltes não são produzidos da mesma maneira?

— Nunca ninguém respondeu isto. Suponho que começa com a água. A forma e tamanho dos alambiques têm alguma coisa a ver com isso... alguns dizem que quanto mais alto o alambique, melhor, porque menos impurezas passarão. O ângulo do braço que liga o capitel do alambique à unidade de condensação também tem muito a ver... ou assim dizem. Mas não encontrará um químico, em parte alguma, que lhe diga, exatamente, o que faz um bom malte. Ainda não fizeram disto uma ciência, e acho que nunca farão. O conhecimento, a maneira de fazer tudo são passados de pai a filho. Muitas vezes, há gerações de famílias trabalhando em destilarias.

— Por isto meu avô queria que William...

Lamentei ter dito aquilo. O rosto de Callum Sinclair endureceu; afinal, , ele me dissera que era responsável pelo julgamento do que era suficientemente bom para ser chamado de uísque de Cluain. Eu o havia ofendido — de várias maneiras. Eu precisava lembrar a mim mesma de que ninguém sabia se, em seu caso, habilidade era alguma coisa que recebera como herança' ou havia simplesmente aprendido. Perguntei-me se ele já havia examinado os semblantes dos homens na destilaria, e pensado se era de um deles que suas mãos e olhos haviam herdado a destreza.

— William — replicou — conhecia alguma coisa de química e estava quase formado em engenharia. Seria uma carreira inteiramente nova, e se passariam muitos anos antes de ele poder ser chamado de destilador. Mas, sim... seu avô o queria. Seria tão estranho assim? William era...

Nunca me disse o que acreditava que William era. Em vez disto, deu as costas, abruptamente, ao grande tanque de bebida.

— Não tenho a chave dos depósitos, e não pedirei a Neil Smith para abri-los para nós. Ele seguirá a senhorita como o Grande Billy. Peça a Angus Macdonald que lhe mostre o que está lá. Há mais alguma coisa que deseje saber?

Voltava a ser o homem que fora na cozinha. Deliberadamente rude, determinado a me mostrar como eu importava pouco.

Estendi a mão e puxei sua manga, raivosamente.

— Você não terminou. Lamento se disse a coisa errada, mas afirmou-me que eu jamais entenderia tudo no começo, e não é somente destilar que se precisa compreender, em um lugar como este. Sabe muito bem do que estou falando. Além disso, você mesmo disse que meu avô fará perguntas. Devo dizer que você não me mostrou...?

Suspirou e os ombros pareceram relaxar um pouco. Olhou-me com leve indulgência, como se eu fosse uma criança importuna.

— Muito bem, Srta. Howard. Há pouca coisa mais, por isto poderá ouvir o resto, mas não me culpe se sua cabeça está dando voltas e se não conseguir se lembrar do que eu disse. Mas agora, tem o uísque finalmente, verdadeiro uísque de Cluain, destilado com cuidado, poderia se dizer com amor, em sua maneira tradicional. O que entra no receptáculo de bebidas tem cerca de 120% da graduação normal de álcool. É incolor, extremamente forte e ficaria louca se o bebesse. No entanto, também é uma tradição que o Departamento de Imposto de Consumo feche os olhos, quando os homens tomam seu gole de uísque não estocado e não

amadurecido, todos os dias. Deveria matá-los, mas não mata. Envelhecem no negócio, e nunca se pensaria em despedir um trabalhador de destilaria somente porque é um velho. Acho que eles são como peixes fora d'água. Morreriam sem o uísque.

— Você o bebe assim? — eu pensava no uísque forte e maravilhosamente suave, que provara na noite anterior.

— Está perguntando se tenho os gostos de um cavalheiro? Bem, eu não poderia responder, mas não bebo uísque que não está amadurecido.

— Por que torce as coisas... ?

Ele fez um gesto.

— Oh, vamos continuar! Está quase ficando livre da destilaria e de mim. Vamos até o fim, e não precisamos nos preocupar com meus hábitos e gostos. Seu avô não encorajaria a ideia.

— Não me importo com o que meu avô...

— Srta. Howard, está me retendo. Tenho outras coisas a fazer. Agora, vamos prosseguir?

Sacudi a cabeça afirmativamente, fechando a boca sobre palavras que queria despejar sobre ele.

— Adicionamos nossa água de nascente agora, antes de fazermos o uísque correr para os barris, o que o faz descer para cerca de 110% de graduação de álcool. Os barris são feitos de carvalho, e de preferência já foram usados para estocar xerez. Com o passar dos anos isto dá suavidade e cor ao uísque. O tamanho do barril é questão de escolha, quanto menor o barril, mais rápida a maturação. No entanto, há uma armadilha aí também. Quanto menor o barril, mais uísque se perde através da absorção por porosidade. O carvalho deve possuir um grau de porosidade porque o uísque precisa respirar, sem, na verdade, vazar. Assim, se perderá alguma coisa, quer se estoque o uísque em barris de trinta galões, ou em pipas de cinquenta e cinco ou sessenta e cinco galões. A maturação é mais rápida em barris menores, porém, perde-se mais. Não haverá apenas uma perda de volume durante a maturação, mas de força também. A umidade no depósito afeta ambos, o volume e a força. Quanto mais seco o local, mais se perde em volume. É por isto que os lotadores vêm comprar uísque aqui em Cluain e o deixam conosco. Não há nada que se iguale à umidade de um depósito das Terras Altas. Depois, para fazê-lo chegar a qualquer graduação de álcool exigida, adiciona-se água na fase de ebulição. Mas aqui na destilaria, quando lhe oferecem um copinho de uísque, sempre será de

elevada graduação de álcool, e nossa água de nascente lhe é adicionada para temperá-lo ao seu gosto. Outra das pequenas místicas da arte.

Virou-se a meio e começou a se afastar de mim.

— Acho que isto é tudo que posso lhe dizer. Angus Macdonald preencherá os claros com o romantismo e tradição de tudo. Coisas que disse ao seu irmão... mas uísque é negócio, Srta. Howard. Negócio importante. Aqueles que o produzem devem saber o que fazem.

Segui-o em silêncio através da profusão de passagens e escadas, até a porta por onde eu entrara. Pareceu-me que isto fora havia muito tempo; ele tinha razão; não me lembraria de muita coisa que ele dissera sobre a destilação de uísque, porém, aprendera mais do que viera descobrir. Eu sabia, agora, sobre William e meu avô. Sabia também um pouco sobre Callum Sinclair.

Como se tomasse uma decisão repentina, ele quase fez a chave inglesa voar para um banco ao lado da porta, e pegou seu gibão. Abriu a porta para mim e, imediatamente, ouvi o som sibilante e familiar. Mas agora, quando o Grande Billy e seu bando dobraram a esquina dos depósitos e se precipitaram pelo caminho, o ganso pareceu, de repente, fazer uma parada, escorregando sobre as pedras arredondadas. Callum os silenciou com um gesto da mão, e o Grande Billy se virou com arrogância e voltou sobre seus passos, abrindo caminho entre os companheiros, todos seguindo-o depois, somente murmúrios roucos saindo de suas gargantas.

— O Grande Billy se lembrará de mim?

— Acho que sim. Ele tentará saber até que ponto pode amedrontá-la, mas descobrirá breve que a senhorita pertence a este lugar, e depois disto, será uma questão de dominá-lo. Neil Smith se divertiria, provavelmente, ao vê-la aterrorizada demais para pôr os pés no jardim, mas deve se esforçar para não dar essa satisfação a ele e ao Grande Billy. Tem que mostrar a ambos que possui o direito de estar aqui.

— Acha que tenho esse direito?

Fechou a porta com uma batida forte.

— Pergunto-me por que se incomoda em me interrogar. Não é da minha conta, mas desde que perguntou... Como William, tem o direito de estar aqui, contanto que não se desfaça dele, ou permita que o tirem da senhorita. O direito de William se foi por acidente, quase à revelia. Pergunto-me o que a senhorita fará com sua chance.

As palavras saíram precipitadamente, antes que pudesse detê-las; ele parecia ser o único elo com William, que não estava atolado em suspeita, dúvida e cobiça.

Tive a terrível impressão de que eu teria minha chance muito breve, e poderia desperdiçá-la.

— O que você faria? O que faria se fosse eu? Não! Não queria dizer isso! O que você faria se Cluain fosse sua?

Fixou-me, as feições tensas, transformando-se em alguma coisa que eu começava a reconhecer como a aparência criada por um homem que queria pouca coisa das pessoas, e desejava que lhe pedissem pouco.

— Faz perguntas tolas, Srta. Howard. Perguntas indiscretas, infantis. Se Cluain fosse minha... não perturbo minha cabeça com essas ideias.

— Alguém deve fazer isso. Meu avô está velho. Diz que uma mulher não pode dirigir uma destilaria. Agora... agora conheci a destilaria, ouvi você falar, e quase acredito que ele está certo. Você me disse tanta coisa. Agora, diga-me o que faria se Cluain lhe pertencesse.

Atingi uma parte dele que nem mesmo sua indiferença cautelosa podia esconder. Os olhos mudaram estranhamente, tomaram-se pensativos e interrogativos. Recuou, virou-se e examinou toda a extensão do prédio de pedra, as duas chaminés que lembravam pagodes, e além da construção até o rio, e depois seu olhar fitou as montanhas, do outro lado do rio, e toda a terra de Cluain.

— Se fosse minha... Se Cluain fosse minha, eu não pouparia esforços para esvaziar esta destilária... eu a usaria como outro depósito. Construiria outra, como deveria ser. Haveria lógica e ordem nela. A destilação seria um fluxo regular do armazém de estocagem da cevada até a colocação final nos barris e a pesagem... não esta louca sobreposição e trilha de avanços e recuos, ajustando coisas onde há espaço para elas, e não onde deveriam estar. Quantas vezes fizemos o mesmo trajeto lá dentro, para chegar à próxima fase de produção? É isso que está errado. Deveria ser um processo tranquilo e ordenado, funcionando como uma boa máquina. Em vez disto, há desperdício e esforço redobrado, e os homens tropeçando uns nos outros. Estes homens são bons trabalhadores. Gostam do que fazem. Eu queria lhes dar um local onde pudessem dobrar a produção sem trabalho extra.

— E meu avô não sabe sobre estas coisas? Certamente, ele deve...?

— Provavelmente, sabe. Não pede minha opinião, mas eu o conheço. Cada pedra de Cluain é trabalho dele, exceto a casa, naturalmente. Começou com modéstia, sem dinheiro, a não ser o que conseguia emprestado. Foi o que me contaram. Estava equipado para a pequena produção de rum... lembre-se de que o uísque, só recentemente, se tornou uma bebida das classes altas. Até a produção de

conhaque ser quase obrigada a parar por causa da praga da filoxera, nenhum cavalheiro inglês seria persuadido a beber uísque. Agora, naturalmente, o uísque é digno de respeito, e procurado. Cluain poderia vender quatro vezes mais do que produz, mas seu avô age com independência. Construiu Cluain e sua reputação, e isto não é pouca coisa. Mas acho que a velhice o tornou tímido... ou cansado. Poderia levar a reputação de Cluain até o banco, agora, e construir uma nova destilaria. Mas não fará isto. O antigo sentimento de que se deve reproduzir cada dente dos alambiques, e não ousar retirar uma teia de aranha, permanece. Cluain ajudou Angus Macdonald e vice-versa.

Depois, encolheu os ombros.

— É quem pode culpá-lo? No fim da vida, um homem começa a construir para a próxima geração, quando não há nenhuma? Sei o que eu deveria fazer, porém não falarei por Angus Macdonald sobre o que ele deveria fazer.

Virou-se e estava terminado.

— Estará bem agora, ao voltar para casa. Vigiarei para que o Grande Billy não a persiga.

— Você... não vem para casa?

Sacudiu a cabeça.

— Tenho minha própria casa, e de qualquer forma, está um dia lindo demais para passá-lo entre quatro paredes. Por hoje, já dei a Cluain o que lhe era devido, mais que isso. Eu não pretendia aproximar-me da destilaria... mas sabia que Macfarlane e Murray estariam trabalhando, e pensei.

— Aonde vai? — indaguei, sem me conter.

Era uma impertinência perguntar-lhe aquilo, mas não pude evitar.

Novamente, seu olhar fixo se afastou das imediações de Cluain, descendo de novo até o rio, sobre as plantações de cevada, até as montanhas e as elevações de Ballochtorra.

— Onde minha intuição me levar. Tenho um pônei, um cão... e uma ave.

— Sim, eu sei.

Entregava-lhe tanto de mim mesma. Não parecia haver orgulho em mim, mas ultimamente o orgulho me dava a impressão de ser uma posse inútil e estúpida, afastando uma pessoa da outra. Havia orgulho demasiado em Cluain.

— Então, sabe o suficiente. Um homem com um cão e uma ave... iremos

apenas, e isso é tudo.

Tentei retê-lo, mesmo somente por um momento.

— É uma espécie de falcão, não é?

Foi como se eu houvesse conseguido que se animasse; sua ansiedade extravasou, transformando-o.

— Um falcão peregrino. Uma fêmea. Seu nome é Giorsal. Encontrei-a ainda implume na encosta mais distante do rochedo de Ballochtorra, e está comigo há três anos. Caçamos juntos nestas terras. É a coisa mais livre e selvagem que conheço, e no entanto, volta para minha luva todas as vezes, com satisfação. Não se importa nada com destilarias, uísque ou o que fazemos aqui embaixo. Seu meio ambiente é o céu, e é mais veloz que qualquer ser vivo quando se precipita em um voo de mergulho. Não há maior elogio para um homem do que quando tal ave volta, espontaneamente, à sua mão. Note bem, nos dias em que não posso fazê-la voar, fico feliz em assaltar o depósito de carne de Cluain para lhe levar comida, e Angus Macdonald pode pensar o que quiser sobre isto. O tempo que dedico à destilaria é tempo roubado a Giorsal. É exigente e sensacional. Seu nome significa Graça em gaélico.

O semblante se enrugou abruptamente agora, com leve crispação amarga, como se um humor negro viesse substituir a exaltação.

— Conhece a antiga norma, Srta. Howard, que estabelece com precisão a ordem social dos falcoeiros, sobre quem deverá ter o quê, e sobre quem pode fazer voar que tipo de falconídeos?

— Não. Existe uma?

— Existe. Precisa e definida. Diz o seguinte... “Uma águia para um imperador, um gerifalte para um rei; um peregrino para um príncipe, um sacre para um cavaleiro, um esmerilhão para uma dama; um açor para um pequeno proprietário rural, um gavião para um sacerdote, um bútio para um sacristão, um milhafre para um criado.”

Riu alto, como se se divertisse com o que fizera com aquelas regras e definições.

— Assim, por estes princípios, eu estaria fazendo voar um humilde milhafre. Portanto, quando faço um falcão peregrino voar, não sou menos que um príncipe. Bom-dia, Srta. Howard.

Observei-o enquanto atravessava a extensão do prédio — afastando-se de

mim. O saiote surrado oscilava sobre seus joelhos, e perguntei-me por que eu nunca vira antes como ficava bem em um homem, como o fazia parecer ágil e livre. O gibão estava atirado sobre um dos ombros. Antes de dobrar a esquina da destilaria, ouvi-o assobiar, uma melodia alegre e ritmada que pertencia àquelas colinas e charnecas. O mundo era imenso ao seu redor, e ele e seu falcão se perderiam em seu âmago. Ergui os olhos para o céu azul, do dia de verão maravilhoso e ameno, e pareceu-me já ver a mancha distante desaparecendo sob o sol, que seria Giorsal em livre voo.

Eu queria estar com ele — com ele e Giorsal, e o cão e o pônei. O sussurro cresceu em meu íntimo, incontrolável:

“Leve-me... leve-me consigo!”

Mas ele não me havia convidado.

CAPÍTULO QUATRO

I

Naquela tarde segui as indicações de Morag e subi à igreja e ao cemitério sobre a colina do outro lado do rio. Tive que passar por Ballochtorra e atravessar a ponte abaixo dela. Quando cheguei ao alto da estrada oposta, a que se bifurcava em direção a Ballinaclesh, ou à igreja e mais adiante, até Grantown, fiquei olhando para Ballochtorra. Vista dali, diretamente, não do ângulo em que eu a observara do quarto da torre, era uma construção estranhamente assimétrica. A fortaleza central guardava a beleza antiga, bastante sombria; o resto, os novos aumentos pareciam uma desordem sem gosto. Construção demasiada fora empilhada em muito pouco espaço — o penhasco não possuía lugar para curvas largas ou proporções harmoniosas. Alas foram acrescentadas em diferentes níveis, como um bolo torto. Era estranho como o conjunto não combinava com a atmosfera do dia. Na véspera, a chuva impelida pelo vento, e mais tarde a neblina que estivera em ebulição, envolvendo o local, emprestaram-lhe dignidade. No dia azul e ensolarado aquela característica desapareceu e lhe faltava o atributo da fantasia. Mesmo no começo do dia, um lado já estava sombrio, por causa da encosta íngreme do vale estreito. Em contraste, toda Cluain estaria exposta ao sol até o fim do crepúsculo boreal. Vista de perto, a construção era maciça, soberba. O estilo flamejante não se ajustava à reserva de comportamento de Gavin Campbell.

Assim que me encontrei além do vale dominado por Ballochtorra, meu olhar varreu o céu à procura do falcão de Callum Sinclair, Giorsal. Tinha pouca esperança de vê-lo — como eu poderia distinguir uma ave da outra, entre tantas, quando a maioria não me -?ra familiar? E os falcões não subiam tão alto que se perdiam de vista? Mas, eu queria fingir que vislumbrara Giorsal; isto trazia Callum Sinclair para mais perto de mim, fazia-o voltar de sua jornada independente e auto-suficiente, para a qual não me convidara e, pensei, não convidaria.

Atrasara-me para a refeição do meio-dia em Cluain. Meu avô já havia chegado, comido e saído novamente.

— O amo está muito ocupado, sempre — dissera Morag ao trazer-me o rosbife frio cortado em fatias, pickles e os primeiros morangos saborosos do pomar de Mairi Sinclair.

— Ele perguntou por mim?

— Perguntou, e nenhuma de nós pôde dizer onde a senhorita estava. Não fez mais perguntas. Não é seu costume. Estava na destilaria, então?

Alguma coisa em seu tom me perturbou.

— Meu avô se importaria se eu houvesse estado lá?

— Se houvesse estado? Bem, não é possível saber. Foi Callum Sinclair quem lhe mostrou a destilaria?

—Foi.

Ela não disse mais nada, e terminou rapidamente de arrumar os pratos sobre o aparador. Tive que tocar a pequena campainha de bronze para chamá-la ao final da refeição. Eu não iria entrar novamente, naquele dia, na cozinha de Mairi Sinclair. Perguntei-lhe, então, como chegaria à igreja. Ela sacudiu a cabeça, compreendendo minha missão.

— Devo mandar avisar o amo? Ele poderia atrelar a aranha. Talvez tenha a intenção de ir com a senhorita.

— Prefiro ir sozinha.

Tive a impressão de que ela, ou Mairi Sinclair, me vigiaram de uma das janelas do andar de cima quando parti pela estrada em direção a Bailochtorra e à ponte. E com quanta determinação consegui reunir, afastei o pensamento de Mairi Sinclair. Ela se tomara uma sombra escura em minha vida e seu poder insidioso aumentaria, se eu deixasse que me atormentasse. Se, em alguma ocasião, eu iria resistir à mulher, ao animal angustiado e acossado que arranhara a porta do quarto da torre na noite anterior, devia manter-me separada dela. Mas quão separada e por quanto tempo? As palavras de Willliám voltaram ao meu pensamento... “Aqui há uma mulher, verdadeiro dragão. . Fiquei feliz, então, quando atravessasse a ponte e a estrada serpenteou, e perdi de vista Ballochtorra e Cluain. O solo se alargou e o sol pareceu mais quente. Comecei a erguer os olhos para procurar as aves, com a esperança apenas pequena, mas persistente, de que veria Giorsal. Giorsal significava Callum Sinclair. Mas como alguém fazia um falcão descer do céu? De repente, senti-me deprimida. A terra e o povo pareciam mais estranhos do que a China. Eu saberia somente o que me fosse permitido saber. Jamais veria o falcão voando e arremessando-se sobre a presa. Veria apenas a ave domesticada, submissa, sobre a luva — como se isto fosse tudo que havia para revelar.

O contorno da igreja estava escondido pelo cume de uma colina, mas reconheci as formas escuras dos teixos, que Morag descrevera. Não era muito distante de Ballochtorra, mas fora do campo de visão. A pequena igreja, com uma torre quadrada, se encontrava isolada, sem um vilarejo, ou mesmo um simples chalé perto dela. Parecia abandonada, como se ninguém nunca viesse ali, ou jamais tivesse

vindo. Estava em bom estado, contudo, o trabalho em pedra bem argamassado, as janelas singelas intactas, o fecho do portão erguendo-se silenciosa e facilmente sob minha mão. Um firme muro de pedra mantinha à distância o gado que pastava na encosta da colina; só um ou dois animais se deram ao trabalho de erguer a cabeça. Estavam luzidios com a pastagem de verão. Mais abaixo havia campos de cevada e aveia: em algum lugar, uma cotovia do campo cantava. Havia grande paz ali. De súbito, lembrei-me da sepultura de meu pai, dentro dos muros da Legação Britânica em Pequim. Algum dia, pensei, aqueles pés alheios pisariam nela em alguma nova revolta contra os Demônios Estrangeiros. Era muito melhor que William estivesse ali.

Encontrei seu túmulo com bastante facilidade — não havia tantos de anos recentes, poucos cuja lápide não se encontrava tão desgastada pelo tempo, que não se podia lê-la, ou coberta e quase enterrada na terra e relva. Havia várias fileiras, no entanto, cujas lajes tumulares tinham sido colocadas recentemente; eram lousas de mármore polido, algumas com datas que recuavam a centenas de anos atrás. Os nomes eram os mesmos — Campbell... Campbell... Sir Andrew Campbell, sua mulher, Catriona... Mary Campbell... Sir Robert.; três fileiras de Campbells, todos jazendo em sepulturas ocupadas havia muito tempo, com placas novas. Depois, diretamente do outro lado do caminho de cascalho, encontrei William. Agradou-me o fato de que não havia ali uma laje de mármore polido; a pedra tumular era um bloco de granito cortado para se ajustar ao seu lugar, as palavras cinzeladas profundamente: WILLIAM MACDONALD HOWARD, e as datas de duração de sua vida. Fiquei contente porque nenhum texto da Bíblia se seguia a elas. Estava grata ao meu avô por ele ter procurado dar a William a dignidade daquele simples memorial, a própria rudeza da pedra quase significando que sua vida não fora terminada, nem gasta pelo tempo. Não havia um texto poético exaltando sua virtude — os jovens não tinham tido tempo de demonstrá-la. O granito, em contraste com o mármore polido, contava outra história — a crença de meu avô no trabalho, labuta e simplicidade, depreciando o esplendor convencional estabelecido em Ballochtorra. Existia mais do que uma insinuação de desprezo pelas minúcias da pequena nobreza.

A relva já crescia sobre a sepultura de William, embora aquele fosse seu primeiro verão. Perguntei-me se deveria trazer utensílios para cortá-la; os chineses realizavam uma cerimônia na primavera, chamada ChingMing, de limpeza dos túmulos dos ancestrais. O local das sepulturas era muito importante para eles; um túmulo bem cuidado trazia boa sorte para a família sobrevivente.

— William... — sussurrei.

Perguntei-me se estaria ali na próxima primavera para realizar a cerimônia de

Ching Ming. Por que se vinha falar com os mortos onde eles estavam enterrados? William se encontrava mais presente no quarto da tone de Cluain, do que jamais estaria naquela sepultura. Mas ele jazia em um lugar bonito, e os ventos livres sopravam sobre ele, e as brancas neves do inverno o cobririam. Provavelmente, os chineses considerariam aquela localização muito boa. Eu estava mais que feliz que não fosse a Legação Britânica em Pequim, terrivelmente fria, muito quente e abafada, e sempre suja. Sentei-me na relva alta, ainda molhada da chuva da véspera, e inclinei-me para o granito.

— William... por que me contou tão pouco? O que aquilo significa? O que esperava que eu fizesse?

Não houve resposta, naturalmente. Nenhuma resposta. Não existia nada, a não ser as palavras rabiscadas com mão febril no pergaminho. William não me podia contar mais nada.

Então, a música soou. Foi uma grande explosão de som, a repentina libertação interior nas primeiras notas fortes da fuga de Bach. Levantei-me, eletrizada, quase assustada pelo trovão inesperado, e ao mesmo tempo, por uma sensação de paixão, que um músico altamente hábil mantinha sob disciplina rígida. A música prosseguiu, com seus compassos maravilhosos, guardados na memória. As chances de ouvir tal música na China eram poucas, mas eu me lembrava daquela. Havia uma igreja em Hong Kong, com um órgão suficientemente bom para permitir a execução de sua bela harmonia. Ninguém esquecia aqueles sons. Agora ali, novamente, na pequena, demasiadamente pequena igreja das Terras Altas. Pensei que a congregação era por demais modesta para justificar um grande órgão com tubos, ou um organista para tal instrumento. A música, simplesmente, não pertencia àquele lugar. Não era uma melodia de pecado e arrependimento, não a austeridade que eu esperara encontrar na Igreja da Escócia. Era um bonito canto de louvor, regozijo e júbilo. Fiquei parada com respeito, a mão descansando sobre a sepultura de William; mal ousava respirar.

Terminou e não me movi, esperando, talvez, ouvir mais. Porém, nada soou. Esperei, e finalmente houve o som da porta lateral ao se abrir, e da fechadura ao girar. O homem ficou de pé no degrau um instante, acostumando os olhos, supus, à luz mais forte, detendo-se para erguer o rosto para o céu, e possivelmente para ouvir o canto alto e agudo da cotovia do campo. Eu o conhecia, e, sem pensar, levantei a mão. Ele viu o gesto e olhou na minha direção. Depois, começou a abrir caminho entre a relva alta e os túmulos.

— Srta. Howard... está aqui sozinha! — As sobrancelhas estavam franzidas, mas achei que ele ficou bastante contente em me ver.

— Sim, Sr. Campbell... desculpe, é Sir Gavin Campbell, não é?

— Parece que tenho o hábito de encontrá-la sozinha em locais onde ninguém esperaria que uma jovem lady estivesse.

— Por que não? — abaixei os olhos para a sepultura de William.

Balançou a cabeça, a brusquidão do encontro anterior desaparecida.

— Lamento. Naturalmente, a senhorita viria aqui, mas de algum modo... bem, sempre se espera que as jovens bem-educadas façam as coisas convencionais. Mas a senhorita... a senhorita não usa luto nem se lamenta em público. Simplesmente, faz uma longa viagem, da China até aqui, sozinha, sem enviar nem mesmo um telegrama. Suponho que fiquei tão assombrado ontem, que só pensei nisso mais tarde, realmente. De pé lá na estação de Ballinaclesh com suas malas, sem véu de luto, sem lágrimas, sem ninguém para recebê-la... Se eu não estivesse lá, quase chego a pensar que teria caminhado até Cluain.

— Teria que caminhar — falei. — Sem as malas, naturalmente — depois ajuntei: — Não sou assim tão diferente. Acho que estava com tanto medo de vir, que vim, simplesmente. Se eu tivesse dito ao meu avô, se houvesse espetado um convite, com certeza, não teria tido coragem. Pelo que vejo... acho que ele nunca me convidaria. Penso que ele não tinha registrado na memória o fato de que eu existia. Sabe... não sou outro neto. Em verdade, não fiquei chocada. Acho que estou acostumada com isso. Os chineses também pensam assim sobre meninas. Ninguém as quer. A China ensina muito a uma pessoa, Sir Gavin. Em primeiro lugar, a sobreviver. A continuar vivendo... e tudo que me resta está aqui. Por isto, não uso luto, nem choro. Tudo isso me parece inútil. Meu pai acreditava na vida e a morte não significava coisa alguma para ele. William também acreditava na vida... embora não dissesse da mesmameira que um clérigo. E o senhor... o senhor acredita, não é?

— Como sabe?

— A música. Eraiu senhor quem tocava o órgão, não era?

— Era.

Olhei diretamente para ele.

— Foi a coisa melhor que me aconteceu, desde que recebi a notícia sobre William. Era vida... e alegria. Ninguém toca assim... aquela música... a menos que a crença na vida esteja em sua alma. Podia até me dizer agora que não acredita em Deus, e sei que acredita na vida. Meu pai disse, muitas vezes, que era a mesma coisa.

— É uma musicista, Srta. Howard?

Ele não afirmava nem negava o que eu dissera.

— Não... de modo algum. Ouve-se pouco mais que canções de salão na China. Não muito bem tocadas ou cantadas. Foi por mero acaso que ouvi Bach antes, e me lembrei da música. Era Bach, não era?

— Sim...

— Mas, por que parou? Eu teria ficado aqui a tarde toda, se houvesse continuado. Por que parou?

— Era o fim, realmente. Eu havia terminado e estava apenas selecionando alguma música, preparando os hinos para o próximo domingo. Mas antes de sair, senti vontade, de repente, de abrir... bem, talvez seu pai dissesse, abrir minha alma. Ninguém neste lugar deveria ouvir aquele tipo de coisa... dificilmente alguém ouve. Seria um pouco suspeito. Adoram um Deus muito severo aqui. Mas toco o órgão para acompanhar os poucos hinos que cantam aos domingos... acho essa obrigação mais fácil e menos hipócrita do que a leitura de um fragmento da Bíblia durante o serviço religioso. Espera-se que o proprietário de terras faça alguma coisa. Se não fosse o fato das pessoas que vivem aqui perto saberem que posso lidar com um cavalo e uma arma tão bem quanto o meu vizinho, poderiam pensar que tocar o órgão era uma ocupação muito estranha. Os cânticos religiosos são simples. A professora do vilarejo poderia executá-los muito bem. Penso, algumas vezes, que a estou privando de uma tarefa agradável.

— Mas o órgão... não foi feito apenas para hinos simples. Até eu sei disso.

Ele se apoiou em uma das sepulturas dos Campbells e voltou os olhos para a igreja.

— Não, o órgão é muito melhor do que o instrumento que uma igreja desse tamanho deveria ter. Realmente, é um absurdo tê-lo aqui. Em primeiro lugar, é grande demais para o espaço, mas foi comprado por meu sogro, e ele não sabe negociar em pequena escala... com nada. Toda a igreja foi restaurada por ele. O telhado deixava a água passar, a torre ameaçava ruir, a tribuna do coro estava quase desmoronando. A congregação é tão pequena que o pastor só vem celebrar o culto a cada terceiro domingo. A igreja podia ter sido abandonada à sua sorte, e desabado completamente, que ninguém notaria. Mas agora, vê o que ela é... com um órgão muito melhor do que seria justificável, e uma grande placa de bronze para se estar certo de que o Todo-Poderoso sabe quem pagou por tudo.

— É bastante cruel com o seu sogro.

Deu de ombros.

— Seria difícil ser cruel com ele. Não perceberia. Sabe, quando a restauração terminou, ele pensou que sua filha seria enterrada aqui, com todos os outros Campbells deste ramo da família. E ele não poderia enterrá-la ao lado de uma igreja em ruínas, com os carneiros e o gado pastando sobre sua sepultura, não é mesmo?

— Está pedindo minha opinião? Acho que fala demais, Sir Gavin. Sou uma estranha... não conheço seu sogro. Pode tocar o órgão como um anjo, mas sua língua está afiada com mais do que um pouco de malícia.

Ele me olhou e, em verdade, riu.

— Abençoada seja, menina. Estou ouvindo seu pai falar? Não se preocupe, peço-lhe. Ouvirá no mínimo isso de meu sogro... e muito mais, provavelmente, antes de ficar muito tempo aqui. Meu sogro é James Ferguson.

— Quem?

— Oh, sim! Esqueci-me de que o nome não significaria nada para a senhorita. Não está no negócio do uísque há tempo suficiente. Ele é um dos magnatas do uísque... uísque lotado, o que, tenho certeza, nunca é permitido perto de Cluain. Ele tem tantas misturas quanto o número de letras em seu nome, e se a maneira como gasta dinheiro serve de orientação, possui uma fortuna conseguida com todas elas. Tem, como todos os negociantes astutos, todas as qualidades, todos os preços. Qualquer tipo, para qualquer gosto. Imagino que seu avô o desaprova inteiramente, no entanto, vende para ele. Todos os destiladores de malte vendem a Ferguson. Ele precisa da levedura de .um uísque tão bom quanto o de Cluain, para dar algo ao lixo que compra em outro local, o que ele mesmo destila. Um bom malte pode ser muito suave, sabe, e produzir muitas misturas. Ferguson foi um dos primeiros a investir em uísque de cereais de alambiques a vapor. Deixa os outros fabricarem o produto caro, e simplesmente o compra. Mas o que quer que toque, o que quer que faça, tudo se transforma em ouro, e o povo descobriu isso. Correm para investir com ele, e ele tem grande pressa de gastar o lucro. Veja o testemunho da igreja e do órgão... e da própria Ballochtorra.

— Ele não podia ter construído Ballochtorra!

— Não, restaurou a velha torre, e acrescentou o resto. Um lar adequado para sua filha única. Note bem, se ele fosse tão famoso há 11 anos, ou soubesse que ficaria tão rico, talvez houvesse procurado mais que um simples baronete para ela. Mas, ainda assim... acredito que ela queria se casar comigo, e isso sempre é um

consolo.

— E o senhor? — perguntei com frieza.

O que ele dizia era ultrajante, e no entanto, eu não conseguia afastar-me dele, como deveria ter feito.

— Eu? Santo Deus! Eu estava loucamente apaixonado. Ela tinha 18 anos e era tão bonita que eu mal podia acreditar que olharia, sequer, em minha direção. Agora, 11 anos depois, e mãe, está amadurecida, e a sociedade londrina começa a dizer que é a mulher mais bonita do reino. Não estou acostumado com a sociedade londrina, assim, não sou juiz... mas para mim, ela é bonita. A senhorita verá, contudo... a conhecerá muito breve.

Senti-me envergonhada. Ele a amara, era bastante provável que a amasse ainda. Se um homem decidia ridicularizar o sogro, então, podia ser apenas que aquele lugar *— o cemitério isolado e o fato de ter tocado um órgão que foi presente de tal homem — o fizera falar mais do que pretendia.

— Era um bom motivo de riso naqueles dias. Eu ainda podia pilheriar sobre minha pobreza — parecia determinado a continuar. — Sabe, tomei-me baronete somente porque meu pai era um primo distante, mas inesperadamente, o próximo na linha de sucessão. Eu não cresci com isso em perspectiva. Meu pai economizou com dificuldade para me mandar a Cambridge, e de lá, eu pensava que poderia ter a sorte de conseguir um lugar de organista em alguma catedral. Eu amava cavalos, tanto quanto órgão. Na verdade, não tinha meios para possuir nenhum deles, realmente, exceto que o órgão poderia ajudar-me a me sustentar. E então, meu pai se tomou, de repente, Sir Bruce Campbell, porque um jovem primo em segundo grau, solteiro, caíra no rio... dizem que completamente bêbado... e dois meses depois meu pai morreu, e eu era Sir Gavin. Eu visitara Ballochtorra uma vez na vida, e não queria Ballochtorra ou o título. A propriedade estava quase em ruínas quando eu era criança. De repente, eu tinha um título, um castelo e nenhum dinheiro. E seria muito mais difícil encontrar um emprego como organista. Deões não empregam, geralmente, um homem jovem que, imaginam, a congregação poderia suspeitar de tratá-los com superioridade. Voltei a Edinburgh, onde meu pai tinha sua clientela de advogado, esperando conseguir uma recomendação para um emprego, e quase imediatamente conheci Margaret.,. minha mulher.

— O encontro deu bom resultado — desejei que o tom não tivesse sido muito mordaz.

Olhou para* trás, para a igreja.

— Sim, eu poderia dizer isso. Mal me lembro daqueles dias com clareza. Quando se está tão apaixonado, nada tem sequência. Mal posso dizer o que aconteceu. Só sei que o pai de Margaret estava presente, de repente... e no comando. Suponho que eu era jovem... ambos éramos muito jovens. E nos casamos.

— E foram para Ballochtorra e a reconstruíram?

— Antes de qualquer reconstrução começar, passamos algum tempo lá... só Margaret e eu. Os arquitetos e James Ferguson faziam projetos, e nós nos divertíamos. Tivemos um verão maravilhoso, praticamente acampando sob telhados descobertos. Mal se nota estas coisas quando se é jovem, o fogo aquece e o vinho é bom. Suponho que devia ter pensado sobre quem pagava pelo fogo e vinho, mas não o fiz. Naquela época, não parecia ter importância. No entanto, tem. No fim, tem. Ainda não conhece James Ferguson, mas conhecerá, sem dúvida. Ele é um homem para quem conhecer pessoas é um negócio. O fato de ser filha de um bispo a recomendará tanto quanto ser neta de Angus Macdonald. Apesar de um bispado chinês não ter valor na Câmara dos Pares.

— É muito amargo.

— Sou? Talvez seja porque não sou mais tão jovem. Agora, sei quem paga pelo fogo e pelo vinho.

— Deveria estar me dizendo isto?

— Por que não? Veio da China sozinha. Não age como uma moça que acabou de sair da escola... é irmã de William, e não estou enganado, é tão inteligente quanto ele. Verá por si mesma. É tão terrível que eu fale sobre o assunto? Não sairei por aí, contando a todo o mundo.

— Toca o órgão... quando pensa que ninguém está ouvindo. Ele fala por si mesmo.

— Somente para quem já sabe. Assim, falo com a senhorita. Estou pondo em palavras o que irá adivinhar... e talvez, compreender. Ballochtorra não existiria agora, sem James Ferguson... seria apenas uma ruína coberta de trepadeiras. Não haveria igreja, órgão, cavalos nas cocheiras. Tampouco couteiros ou caça reservada nas charnecas. Gavin Campbell estaria trabalhando para viver em algum lugar, e os carneiros correriam pelo cemitério agora.

— Disse que o Sr. Ferguson esperava que sua filha fosse enterrada aqui. Por que não seria?

Ele me lançou um olhar de soslaio, e depois à fileira bem-arrumada de sepulturas.

— Não perde muita coisa. Sim, pensávamos que ambos seríamos enterrados aqui. : . e daí, a restauração. Mas desde então, espero não ter algum espírito do mal para fazer que tais coisas aconteçam com parentes, dois primos morreram. Um com seu regimento na Índia, o outro de febre tifóide no Congo... esse era um mercenário de Leopoldo dos belgas. Ocorre que ambos, sucessivamente, eram os parentes mais próximos do Marquês da Rossmuir. Os advogados tiveram que procurar muito para encontrar o herdeiro, e parece que este sou eu — fez um gesto de rejeição. — Oh, não há riquezas envolvidas! Rossmuir é um título antigo, mas não resta nada das terras da família, a não ser algumas milhares de metros quadrados de pasto abandonado em Ross, e um castelo muito menor que Ballochtorra era, mesmo no começo, e onde ninguém morava há mais de 100 anos. O atual marquês tem quase 90 anos, está inválido e vive em poucas dependências em Edinburgh, da pequena renda que a terra lhe dá. Não parece haver possibilidade de ele gerar um herdeiro para evitar que eu assuma o título. Como pode ver, meu sogro está indeciso entre deixar as coisas como estão, ou assumir a tarefa realmente desafiante de restaurar uma ruína antiga, e o local tradicional de sepultamento dos Marquesses de Rossmuir. O que o impede de começar agora é que não é de bom gosto, antes de eu ter herdado o título, na verdade... e o velho poderia detê-lo. Além disso, é tão distante, na região inculta do Norte, que quem iria vê-la? É inútil gastar dinheiro em alguma coisa que será vista apenas por seareiros e carneiros, não é mesmo?

Voltei-me para ele, zangada.

— Acho que é desprezível! Por que aceita o dinheiro desse homem, se o despreza tanto? E se aceita, devia ter a elegância de silenciar a respeito!

Suspirou.

— Tem razão. Estou me comportando de maneira vulgar. Como um ricoço presunçoso, ainda por cima. Não posso impedir que um pai gaste dinheiro com a filha e o neto... isto lhe dá prazer. Quanto a mim... como diz, o mínimo que podia fazer seria aceitá-lo com elegância. Mas o que me corações? Confessei coisas que, por decência, não deviam ter sido ditas. E no entanto, sei que, se não as disser, elas lhe serão contadas por outros... seu avô, entre eles. Talvez eu queira que ouça minha versão, embora ignore por que motivo. Talvez seja apenas porque um homem tem necessidade de falar, às vezes... e tenho a convicção de que não passa adiante uma história.

— Os filhos de clérigos são educados para não agir assim. Aprendemos desde muito cedo a não notar quem vai ao gabinete de nosso pai em busca de conselho ou orientação, e nunca repetimos um fragmento de informação que um

homem cansado deixa escorregar. Não, acho que não falo dos outros. E terei interesse em conhecer o Sr. James Ferguson. Sabe, não fomos criados em uma redoma de vidro na China. Afinal, os poderosos estavam lá para negociar, e a maior parte do negócio era vender ópio. O uísque parece infinitamente preferível. Se um homem faz fortuna com o uísque, bem, isso é apenas o que meu avô gostaria de fazer.

— Seu avô é um tipo diferente. É um velho obstinado, preconceituoso, intolerante, mas dedica-se de coração e alma a fabricar o melhor uísque que esta região pode produzir. Ele se importa mais com a qualidade do produto do que com dinheiro... e sempre foi assim. Angus Macdonald não seria, talvez, uma opção má, se se pudesse escolher nossos antepassados. Tampouco é o ancestral que temos em comum.

— Disse que éramos primos distantes. Quem era o ancestral? — mas eu ainda pensava no que ele dissera sobre meu avô.

Agradava-me que ele não parecesse relutar em reconhecer o respeito, que Angus Macdonald reivindicava lhe ser devido. Compensava um pouco as coisas que ele dissera sobre James Ferguson.

— Era a mãe de Angus Macdonald, e uma Campbell de Ballochtorra. Está enterrada ali — sacudiu a cabeça para o terreno além de mim.

Era um túmulo coberto de vegetação ao lado do de William, com a mesma placa de granito não trabalhado, embora menor e estragada pelo tempo. Achei significativo que meu avô houvesse enterrado William no pedaço de terra onde ele mesmo esperava ser sepultado. O terreno ao lado de William estava vazio, sem marcas, como se à espera. Além dele havia outra placa semelhante, provavelmente a da mulher de Angus Macdonald, minha avó. A relva crescida oscilava de um lado para o outro dos túmulos, escondendo os nomes. Afastei o capim próximo à placa que Gavin Campbell indicara e li o nome inscrito — CHRISTINA CAMPBELL MACDONALD. Meus olhos voltaram-se para ele, interrogativos.

— Por que não lá... com todos os Campbells?

— O pai a proibiu de se casar com John Macdonald, o pai de Angus. Ele tinha outros planos para a filha e para Ballochtorra, do que o filho do dono de uma ilha pobre das Hébridas... e um Macdonald, ainda por cima. Ballochtorra passava por tempos difíceis mesmo então, e precisava de um bom casamento para restaurá-la. Ela conheceu o seu Macdonald em Glasgow, acredito, e voltou a Ballochtorra a fim de pedir permissão para se casar com ele. Quando a permissão não foi dada, ela simplesmente partiu para a ilha distante com seu amado, e nunca mais voltou. Não

que fosse bem-vinda em Ballochtorra. Era tudo que restava a seu pai, a filha mais jovem, sua única esperança. Os dois filhos haviam sido mortos nas guerras napoleônicas. A outra filha casara com um Grant e fora para o Canadá; não havia filhos daquele casamento. O pai de Christina herdara uma propriedade endividada, e endividou-a mais ainda. Seu vício era o jogo, não a bebida. Nunca perdoou Christina por não salvá-lo. Ao menos, foi assim que me contaram a história.

— Mas ela está aqui... sepultada na igreja de Ballochtorra. Então, ela voltou.

— Voltou por insistência de Angus Macdonald. Dizem que mãe e filho eram muito unidos... ela perdeu seus outros filhos na infância. Assim, seu orgulho e ambição contavam com Angus. Somos uma família sem sorte, de ambos os lados, quando se trata de descendência. Perder filhos não é uma coisa incomum para os escoceses... é um país pobre, mais empobrecido ainda por maus proprietários de terras e pela desagregação dos clãs. Os filhos partem, entram para o Exército Britânico a fim de ganhar seu sustento, emigram porque foram afastados de seus lares dos antigos clãs, para ceder lugar aos carneiros. Mas, em geral, há bastante deles... as mulheres são fortes e férteis... para um pai ter filhos e filhas ao seu redor em sua velhice. Ballochtorra, porém, não tem tido sorte. Têm havido muito poucos filhos. Acontece o mesmo com os Macdonalds. Angus era o único filho vivo de Christina. Ele a trouxe para Ballochtorra quando ela morreu, deve ter sido uma jornada terrível para um rapaz providenciar naquela época, sem ajuda e sem dinheiro. Ele veio para Ballochtorra e insistiu que era aqui que sua mãe seria enterrada. Dizem que ele desconfiava de que a mãe sentira saudades de casa a vida toda, saudade destes vales e regatos, de que as Hébridas jamais tinham sido seu lar, embora houvesse dedicado todo o seu afeto ao marido, família e novos parentes. Seu pai, como dono de Ballochtorra, tentou negar-lhe o direito de sepultamento aqui, mas Angus Macdonald insistiu com determinação, apontando para o fato de que ela fora um membro da paróquia quando era criança. No fim, mesmo o pastor submisso a Sir Graeme Campbell teve que concordar. Ainda assim, Sir Graeme lhe negou um lugar nos terrenos da família. Podia ser sepultada no pátio da igreja, mas não ao lado de sua família. Por isto ela está lá... com a alameda entre eles. Mas ao menos ela foi poupada do destino de ser lindamente limpa e polida como todos os outros Campbells. Às vezes me pergunto se algumas destas sepulturas brilhantes não escondem uma reputação sombria.

— Então, como meu avô passou a viver na terra de Ballochtorra...em Cluain? Se Sir Graeme não perdoou sua filha, como o neto ficou aqui?

— Ele ainda não lhe contou essa parte? Imaginei que seu antigo triunfo seria um dos primeiros assuntos de que falaria.

— Tínhamos outras coisas...

— Sim, creio que sim. Contam que Sir Graeme estava velho e doente nessa época. Havia brigado com todos os membros da família, embora distantes dele. Nenhum tinha nada a ver com ele. Angus não lhe pediu coisa alguma, apenas que sua mãe fosse enterrada ali, e insistiu contra suas objeções. De alguma forma, o velho meteu na cabeça, depois que Angus voltou para sua ilha, que o rapaz demonstrara um respeito filial adequado, e um sentido de dever, embora fosse um Macdonald. Isto era uma coisa que Sir Graeme não conhecera em sua própria família. Ele não podia anular os vínculos de sucessão hereditária sobre o título ou as terras de Ballochtorra, mas Cluain havia sido separada deles por alguma sutileza legal, uns 100 anos antes. Ele deixara a propriedade cair em ruínas, mas conseguira contemporizar o suficiente com seus credores para salvá-la deles. Cluain ainda era sua. Em um impulso que os Campbells chamaram de pura perversidade, mas que eu prefiro pensar ter sido uma tentativa tardia de ressarcir a filha e o neto, de quem devia ter-se orgulhado, legou Cluain a Angus Macdonald. E viveu apenas mais seis meses que a filha. Assim, Angus Macdonald deixou sua ilha, de onde a maioria dos parentes já partira, a maior parte para emigrar, e veio para Cluain, a fim de reivindicá-la. Houve uma luta legal feroz.

Os Campbells reclamaram contra a influência sobre um homem que, diziam, estava senil... e no entanto, naturalmente, a briga que todos conheciam sobre o sepultamento de Christina provava que não poderia ter havido influência de Angus, muito pelo contrário. Angus não tinha dinheiro para advogados, só o mérito de seu caso. Dizem que ele entrou no escritório de Samuel Lachlan, em Inverness, certo dia, contou-lhe por que viera, pediu-lhe para aceitar o caso, e se ganhasse seria pago com os lucros da Cluain e se perdesse... bem, Samuel Lachlan poderia esperar muito tempo para a dívida ser saldada. A senhorita conhecerá Samuel Lachlan, ele é parte da história de Cluain agora. Mesmo naquela época, quando era ainda bastante jovem, começava a se tornar conhecido como um dos advogados mais inteligentes da Escócia, e muito apegado a dinheiro... não o tipo de aceitar um caso com tão pouca perspectiva de pagamento no final. Contudo, aceitou o caso... quem sabe por quê? Talvez estivesse cansado de ações judiciais comuns. Contam que ele veio inspecionar Cluain antes de concordar. Bem, por qualquer que seja a razão, aceitou o caso e ganhou-o. Passou-se um ano antes das apelações terminarem. Nesse tempo, Angus Macdonald vivia em um chalé de um pequeno caseiro, na propriedade de Cluain... os Campbells reivindicaram que ele tomara posse ilegal da terra, mas ninguém sentiu vontade de enfrentar Angus e sua arma. Afinal, Samuel Lachlan persuadiu os Campbells que era inútil levar a reivindicação ao Supremo Tribunal de Edinburgh. Desistiram. Há uma história local famosa sobre o dia em que o advogado

de cartola, dos Campbells, veio de Inverness em sua carruagem... não havia estrada de ferro naquela época... seguido de perto por Samuel Lachlan em uma velha carruagem de aluguel, usando o terno preto e lustroso, o único que possuía... acho que ele continua usando o mesmo terno. Escrituras e chaves de Cluain foram cedidas a Angus Macdonald. Cluain, restaurada e totalmente mobilhada, com as melhores terras do vale, era dele. Ballochtorra, com o telhado começando a ceder, e possuindo apenas lagópodes e grandes pântanos, pertencia aos Campbells. Devia ser uma visão amarga para o novo baronete naquele tempo... foi dele que meu pai herdou... abaixar os olhos de Ballochtorra para Cluain. Principalmente quando Angus Macdonald começou a construir a destilaria. E mesmo a destilaria foi quase uma herança de Christina.

— Como assim?

— Quando ela enviuvou em sua ilha, ficou desesperada à procura de alguma coisa em que sua gente pudesse trabalhar. A terra era muito pobre, e a espuma salgada do Atlântico mal permitia que uma semente permanecesse no solo, muito menos que crescesse e florescesse. Ela começou a criar carneiros, em uma última tentativa de fazer a terra dar lucro. Naturalmente onde há carneiros, as pessoas têm que abrir caminho para eles. Mas os carneiros eram em número muito reduzido para dar dinheiro, e alguns pequenos lavradores ainda sobreviviam... seus arrendatários, a família, agora, seu clã. Christina se perguntou o que acontecera aqui, enquanto ela crescera, e construiu uma pequena destilaria, porém, o mar a derrotou. Não conseguiu cultivar o tipo certo de cevada, por isto teve que trazê-la do continente, e depois o produto pronto tinha que ser embarcado de volta... tudo com custo mais alto, do que aqueles que viviam mais próximos das cidades e das novas vias férreas que começavam a surgir. Note bem que a destilaria era muito pequena, e a produção mínima. Então, um ano, todo o produto de seus depósitos... isto é, tudo que era legal e suficientemente antigo para ser vendido como uísque, se perdeu quando o barco afundou. Foi o fim da destilaria. Christina não podia mais fazer empréstimos, ou resistir por mais tempo. Dizem que foi nessa ocasião que ela mandou Angus para Islay, para trabalhar em uma destilaria. Ela não podia lhe dar vida de um cavalheiro, nem comprar uma patente de oficial em um regimento... e ela devia ter visto muitos deixarem as Terras Altas para morrer nas guerras da Inglaterra. Assim, mandou-o aprender um ofício e um negócio em que acreditava. Quando Angus Macdonald herdou Cluain, herdou também o local perfeito para produzir uísque de malte. Havia campos de cevada, regatos, a turfa, o clima. Havia, literalmente, dúzias de destilarias a poucos quilômetros de sua porta. Ele não era um inovador, apenas prosseguia com uma arte antiga, que sempre fora mantida nestes vales. Acreditava, como Christina Campbell, que o uísque dava dinheiro, e não era por demais cavalheiro para evitar

sujar as mãos no negócio. Os homens das Hébridas são duros... têm que ser, para sobreviver por muitos séculos. Não existe comodidade na vida de lá. O mar leva o que o solo pobre e os carneiros não tomaram. Portanto, Angus Macdonald veio para cá sem medo de coisa alguma... muito menos do trabalho duro. Quando teve certeza da posse de Cluain, voltou e casou-se com uma parenta. Reuniu alguns trabalhadores de destilarias e suas famílias de Islay, fixando sua gente da ilha entre nós. A fazenda era administrada sem recursos, e a destilaria foi construída com dinheiro emprestado por Samuel Lachlan. Foi um risco que deu lucro. Angus Macdonald já fez cerca de quarenta colheitas em Cluain, mas sua colheita de ouro está envelhecendo nos depósitos — abaixou os olhos para a placa de granito. — Não sei se ele chegará a admitir algum dia, para si mesmo, que amou William. Mas de uma coisa tenha certeza... ele o queria.

— Sabe muito sobre meu avô.

— Tomei a resolução de descobrir. Reuni a história de Christina e seu pai, e a de Angus Macdonald trazendo-a para casa. Não há dúvida de que seu avô contaria a história muito melhor, e eu gostaria de tê-la ouvido dele. Mas ele e eu não mantemos esse tipo de relações. Existe um mínimo de civilidade entre nós. Ele não consegue esquecer que os Campbells tentaram desapossá-lo de Cluain, e todas as vezes que abaixo os olhos para o local, compreendo por que tentaram com tanta obstinação. Vi o que ele construiu, e o admiro, mas ele é um homem como aquele granito ali... duro e resistente. Pouco acessível. Foi William quem começou a construir a ponte entre Cluain e Ballochtorra. Ele vinha com frequência... por que não? É o único local para se visitar por aqui perto, e ele não estava muito ocupado em Cluain. Angus Macdonald não aprovou, mas William continuou a vir — sua voz morreu até ser quase um sussurro, e palavras que ele talvez houvesse tentado manter enterradas em sua mente por demasiado tempo forçaram passagem como o avanço veloz do vento passando por meus ouvidos. — E além disso... por que ele ficaria afastado? Estava mais do que apaixonado por minha mulher.

Eu não tive consciência, realmente, de quando ele me deixou. Suponho que fiquei imóvel ali por muito tempo, fixando o capim oscilar sobre as sepulturas de William e Christina, lado a lado. Quando ergui os olhos, Gavin Campbell havia ido embora, como eu esperara que fizesse. Havia apenas o som suave do gado pastando perto do muro do cemitério e, mais acima, a mesma cotovia. Levantei o rosto e perscrutei todo o céu; não havia nenhuma mancha distante que pudesse ver. Se Giorsal, o falcão, pairava em algum lugar do céu, encontrava-se fora do meu alcance e campo de visão.

Voltei os olhos para a sepultura, para o nome cinzelado recentemente no

granito.

— Você a amou, William? Você a amou e não contou? Era ela a feiticeira que encontrou aqui?

A brisa que soprava através da pequena plantação de lariços no canto do cemitério foi a minha resposta.

II

Meu avô esperava, sobriamente. "Como antes, ocupava sua posição em frente à lareira na sala de jantar, mas naquela tarde um comprido raio de sol batia em seu rosto, e ele parecia mais velho do que sob a penumbra do crepúsculo, na véspera.

— Disseram-me que visitou a destilaria com Callum Sinclair — as palavras me saudaram quando atravessei a porta aberta.

Girei para encará-lo e a porta bateu.

— Sim. Tem alguma objeção, avô?

— Tenho. Não permitirei que seja amiga íntima dos trabalhadores da destilaria.

— Amiga íntima! — aproximei-me, sentindo o rosto corado de raiva. — Amiga íntima! Imagino que esta é a última coisa que alguém poderá ser de Callum Sinclair. No entanto, a escolha não foi minha. Simplesmente, ele não permite familiaridade.

— Ficou no seu lugar, então?

— Qual é o seu lugar, avô? Ele parecia ser tudo... conhecer tudo,.. E se ele não ocupa um lugar em Cluain, um lugar real, então, não sei quem poderia.

— Ele é independente demais, e não sabe tudo, apesar do que possa afirmar. Não é um bom exemplo de disciplina para os outros homens. Abandona o trabalho quando bem entende, enquanto os outros continuam.

— Mas ele trabalha para Cluain como nenhum outro, não é verdade? E todos sabem disso e aceitam-no? Assim, o que seria um privilégio para eles, é um direito para Callum. Afinal de contas, o senhor continua mantendo-o em Cluain.

Venci a pequena discussão, mas preferia que não fosse assim. Meu avô se moveu com pressa, cheio de irritação, até o aparador. Perguntei-me se seria sempre assim, entre nós dois. Mas, então, ele se voltou com os dois copos na mão. Ofereceu-me um.

— Aí... aí está sua bebida. Saúde para você.

Bebeu sem me lançar outro olhar, como se fizéssemos aquilo havia muito tempo e não houvesse necessidade de cerimônia. Talvez, a discussão e o confronto devessem fazer parte de nossa vida juntos, um sinal de aceitação. Tornei um gole, devagar, e o uísque era familiar e bastante agradável agora.

Sentei-me no comprido banco de madeira.

— Bem, se tivesse me deixado falar, eu lhe diria que estava à sua procura para me mostrar a destilaria... eu acabara de ouvir Callum Sinclair dizer à mãe que não se aproximaria do local hoje. E quando eu atravessava o pátio, aquele ganso, o Grande Billy, começou a me perseguir. Tenho sua bicada como prova. Corri para a porta mais próxima, e Callum Sinclair estava lá. Talvez ele passe mais tempo trabalhando do que o senhor pensa.

— Talvez. Então, conheceu o Grande Billy, não é? — o rosto se enrugou em uma imitação de sorriso. — Bem, ele é o verdadeiro chefe de Cluain. Quando se conhece o Grande Billy pode-se afirmar que se conhece Cluain. Suponho que sabe tudo sobre destilação agora, não é?

— Não. Acho que nunca saberei. Callum Sinclair me disse que leva anos.¹ . . foram todas as coisas químicas que não compreendi. Jamais me lembrarei que parte do processo se segue à anterior.

— Talvez, não deva se incomodar. William ficou mais confuso do que dizia estar. Ninguém se toma um destilador da noite para o dia estudando manuais.

Suspirei.

— Isso me impressionou muito. Talvez eu não me incomode.

As grandes sobancelhas se abaixaram.

— Faça o que entender.

Observei seu corpo afundar na cadeira. Que par intratável formávamos! E eu devia confortá-lo, e não irritá-lo.

Assim, falei em tom mais suave:

— Fui à sepultura de William.

Ele sacudiu a cabeça:

— Foi o que me disseram.

— Contam-lhe tudo.

— O amo espera que lhe contem. Morag sabe da maioria das coisas que acontecem aqui, e ela é uma boa menina. Sensata, apesar de toda a sua tagarelice. Teria sido muito bom para nós todos se ela soubesse onde William estava naquele dia... — a voz diminuiu de intensidade, a tristeza e a dor silenciando-o.

— Gostei da pedra de granito — falei. — Fiquei contente por ter dado a William o mesmo tipo de sepultura que o de sua mãe... e por o ter enterrado ao lado dela.

— Como soube que é o túmulo de minha mãe? — as palavras eram ríspidas novamente, suspicazes.

— Li a pedra tumular... Sir Gavin Campbell indicou-me a sepultura. Ele estava na igreja... tocando o órgão — terminei, claudicante.

Talvez eu não devesse contar aquela parte. Gavin Campbell podia guardar a privacidade daquelas sessões de órgão, não querendo que toda a região comentasse a respeito.

— Campbell estava lá, é? Ele sabe muito bem onde Christina Campbell está enterrada. Foi ela quem trouxe Cluain para mim.

— Ele me disse. Contou-me tudo que sabia sobre a história — explodi, de repente, desejando poder, de uma vez por todas, pôr fim ao preconceito e reivindicações de inimizades não esquecidas. — Ele o admira, avô.

— Deixe-o admirar — replicou, como se ser admirado fosse um direito seu. — Deixe-o invejar também. Os Campbells perderam Cluain, e nunca perdoaram isso. Fez-se justiça.

— Oh! — fiz um gesto cansado com o copo. — Como isso o afeta? Ele era apenas um primo em segundo grau, ou coisa parecida. Nunca esperou herdar Ballochtorra. Cluain estava em suas mãos muito antes de ele pôr os olhos no local.

— Os Campbells sempre foram gananciosos.

— Que necessidade tem ele de ser ganancioso? Bailochtorra não parece precisar de dinheiro.

— Não. Sua mulher tem bastante dinheiro. Ou melhor, o pai, criado em um cortiço. James Ferguson saiu das favelas de Glasgow e fez fortuna com uísque ordinário. Gasta como um louco, e Campbell o deixa esbanjar. Mas Ferguson não se afasta das saias da filha e é um nó em volta do pescoço de Campbell. Onde está o sentido de ser um cavalheiro, ter belos cavalos e tocar órgão, quando o sogro mal pode falar o inglês corretamente?

— Isso é culpa de Gavin Campbell... ? Ele parece amar a mulher.

— Parece! — atirou a grande cabeça para trás. — Sim, antigamente eles eram um casal jovem e louco, e parecia ser a coisa genuína. Mas, diga-me, como um homem pode não interferir e observar sua mulher se transformar de uma jovem bonita, simples, suficientemente bem-educada... ah, James Ferguson tem consciência de suas deficiências nesse assunto, e pagou os melhores professores para sua filha! Eela mudou. De mulher simples de um baronete local para uma borboleta da sociedade londrina. Durante os últimos cinco anos, houve uma casa alugada para eles em Londres, e ouvi dizer, agora, que Ferguson comprou uma residência enorme lá, e a está restaurando de alto a baixo. Há sempre um quarto pronto para Ferguson onde quer que a filha esteja. Ela sabe quem maneja o dinheiro.

— Parece saber muita coisa sobre as ações de James Ferguson, avô.

— Ora, Morag é tagarela... — não demonstrava compreender o que revelava de si mesmo. — Dizem que ele terá a casa de Londres pronta para a Coroação, e isto não pode estar muito longe.

— A Rainha não morreu ainda.

— Ela não tem mais muitos anos de vida... mas antes de ela morrer, Ferguson espera que o velho Marquês de Rossmuir esteja morto, e que Campbell tenha o título. Teria o seu maior sonho realizado, se a filha se sentasse com todas as outras mulheres nobres na Abadia, usando a coroa de Marquesa quando o novo Rei for coroado. Acho que ele gostaria quase tanto disto, quanto de uma dignidade de cavaleiro para si próprio. Quem sabe? Talvez consiga. O uísque criou mais de um barão... O dinheiro tem poder. Mas, ainda assim — ajuntou, quando se dirigiu novamente ao aparador para tornar a encher o copo — Ferguson tem apenas um neto. Sua filha só lhe deu um neto até agora.

Depois do jantar, ele pegou o tabuleiro de xadrez:

— Uma partida? — perguntou, e eu soube que não era um jogo, mas um desafio.

Concordei com um gesto de cabeça e nos sentamos em frente um do outro, como na noite anterior. Mairi Sinclair entrou para perguntar se pre* cisávamos de mais alguma coisa. Suas feições mudaram estranhamente quando assimilou a cena, mas quando seus olhos encontraram os meus, os dela se tomaram sem expressão, como se estivesse determinada a nunca mais me deixar vislumbrar o que havia sido revelado por aquela criatura selvagem e irreconhecível, nas escadas. Ela parecia me dizer que aquela mulher não existia. Eu a imaginara.

Mas aquele dia, como o da véspera, havia sido muito cheio, com encontros demasiados. Os olhos de Angus Macdonald fixavam-me vivamente, e cada lance meu no tabuleiro era investigado, para lhe revelar alguma coisa. Planejava eu um jogo de ataque ou defensivo? Tentaria enganá-lo com um gambito, sacrificando um peão ou mesmo uma peça mais importante para fazê-lo cair em uma cilada? Teria eu coragem para isto? Naquela noite, não tinha. Joguei mal, mediocrementemente, sem prever nem mesmo os lances comuns que sabia de cor, caindo em ciladas por demais óbvias, que ele armou para mim. Mas havia um excesso de coisas em minha cabeça, e as emoções não são boas peças em um tabuleiro de xadrez. O velho ganhou com demasiada facilidade; pensei ver uma sombra de desdém em seus olhos, e de desapontamento também. Ele nem sequer suspeitava de que eu poderia tê-lo deixado vencer a fim de bajulá-lo. Se o caso fosse esse, eu teria sido mais habilidosa.

Depois que venceu a segunda partida, não esperei que me dispensasse.

— Vou subir agora, avô. Estou cansada.

Não me importei se soou como uma desculpa.

Não estava frio como na noite anterior, mas acendi o fogo, pronto em meu quarto, somente pelo prazer de ver o aposento iluminar-se com sua luz, quando a claridade lá fora começava a morrer. Sentei-me durante algum tempo ao seu lado, caída sobre o banco, sem vontade de começar a me lavar e me aprontar para deitar. Meus pensamentos tremularam irregularmente como as chamas, e os nomes que falei para mim mesma eram os de William, Gavin Campbell... e Callum Sinclair.

Então, ouvi o ruído, mais alto agora porque não era abafado pela chuva ou neblina. Dirigi-me à janela imediatamente, e lá estavam eles novamente — o estranho quarteto — o pônei muito pequeno para as pernas compridas do homem, o cão, lustroso agora, o pêlo livre da lama, o falcão de olhar parado sobre a mão erguida e enluvada. O homem deve ter visto a fumaça saindo da chaminé da torre, mas não pude detectar, pelo menor movimento, que notasse minha presença à janela. O orgulho não pôde me Impedir de ficar de pé ali, esperançosa, aguardando que ele virasse a cabeça e me cumprimentasse, mesmo com um leve balanço, apenas. Callum Sinclair não o fez, e observei-o até perdê-lo de vista. Hoje havia uma diferença. Na véspera, eu acreditara que ele partilhava minha sensação de solidão, e sentira certa afinidade com ele. Agora, eu sabia que Callum Sinclair não admitiria tal coisa. Se estava solitário, vivia assim havia tanto tempo, que não estava consciente disso. Ele parecia não querer nada — nem ninguém.

Voltei sobre meus passos para examinar o pergaminho novamente. Eu não iria esquecê-lo, não devia. Não permitiria que eles me induzissem a esquecer por que

viera. Aquela estranha mulher, Mairi Sinclair, era mãe de um filho estranho, e as palavras febris no pergaminho de William podiam, muito bem ser verdadeiras. O fogo lento de minha raiva e tristeza inflamou-se mais uma vez, e agora havia também uma espécie de ciúme — da mulher de Gavin Campbell. William não me contara. De todas as omissões de suas cartas, esta era a que eu achava mais difícil de aceitar.

III

Quando Morag veio dizer que ela viera, pude ver a curiosidade viva em seu rosto, o rubor levemente adamascado manchando suas faces, e os cachos ruivos e brilhantes quase crepitando com a excitação do acontecimento único.

— É ela mesma! Lady Campbell veio fazer uma visita!

Ergui-me da mesa no quarto da torre, onde estivera tentando escrever uma carta para Pequim. Era uma manhã de descontentamento — o sol forte e dourado, mas em todo o adorável mundo que eu explorava daquelas janelas não havia um lugar que fosse meu, e onde eu pudesse me aventurar. A destilaria era de meu avô e de Callum Sinclair, o jardim pertencia à sua mãe — além estavam Ballochtorra e o cemitério, mas eu não queria voltar lá tão cedo. Os campos e pastagens eram bonitos à luz da manhã, porém, havia em mim um certo cansaço de espírito. Todos esperariam.

Mas dei um pouco de atenção às pontas desgarradas do cabelo, e calcei sapatos mais elegantes, antes de seguir Morag pelas escadas. Virei-me automaticamente no vestíbulo para dirigir-me à sala de jantar, mas um sussurro sufocado de Morag me deteve.

— Não... não, ela está na sala de visitas! Na sala de visitas! Acendi o fogo, e a Sra. Sinclair está preparando o chá... — apontava para uma porta do lado oposto à sala de jantar.

A sala de visitas. Era estranho que eu não houvesse tentado abrir aquela porta, para olhar o interior — por tudo o que sabia, pode ria abrir-se para uma dependência vazia. Por que supus que todas as portas deviam estar trancadas em Cluain? Era a presença de Mairi Sinclair, sempre rondando por ali, que me detivera? Eu já teria cedido tanto à sua atitude possessiva que não ousava abrir uma porta ou sentar-me em um banco de jardim? Se isto era verdade, então eu viera da China para nada, e ela conseguiria me afastar de Cluain.

Assim, ergui a cabeça e, com os ombros eretos, assumi o ar de dona da casa, quando abri a porta da sala de visitas.

Esperara não gostar dela à primeira vista, mas isso era impossível. Ela estava olhando através da janela, e quando entrei, virou a cabeça devagar com um movimento muito gracioso, e levantou-se.

A voz era meiga, suave, quase infantil.

— Srta. Howard... espero não ter vindo em hora imprópria. Queria lhe dar as boas-vindas, e, naturalmente, dar-lhe pêsames pela morte de seu pai. E de William... querido William. Gavin e eu gostávamos tanto dele! É tão triste para a senhorita...

Eram palavras bastante comuns, mas quando ela as pronunciou, ninguém acreditaria que não eram sinceras. Avancei para estender a mão e ela se aproximou. Sim, podia ser verdade — era verdade, possivelmente, o que Gavin Campbell dissera; ela podia ter sido considerada a mulher mais bonita do reino. Era uma pessoa dourada ~ cabelos dourados penteados para cima, sob o duro chapéu de montaria, olhos dourados com pontos mais escuros, e uma franja de pestanas negras com a pele incrivelmente branca. Naqueles primeiros instantes, não pude deixar de pensar que ela me lembrava um gatinho, não ainda um gato, um filhote com listras douradas, e com a graciosidade delicada, as patas de veludo de um gatinho escondidas em pequenas luvas brancas, e a capacidade inconsciente de um gatinho de encantar e agradar, não importa o que ela fizesse. O traje de montaria bege, acentuando a cintura fina, e a renda creme em sua garganta faziam parte de um plano muito bem estruturado. Somente uma mulher muito bonita poderia usar roupas tão simples em uma época de abuso de enfeites — simplicidade que também devia ter custado excessivamente cara.

— Posso apresentar meu filho, James... Jamie, é como o chamamos. Espero que ele não a incomode, mas estava ansioso para vir. Ele e William eram amigos.

Eu não havia reparado no garoto. Ele estivera de pé, inclinado sobre o encosto alto de uma cadeira, esperando, imóvel e formal, que sua mãe acabasse de falar. Agora, avançou e apertou minha mão. Uma criança bonita, de cabelos louros, mas com os vivos olhos azuis do pai. Um dia, ele se pareceria muito com Gavin Campbell. E um dia, muito breve, quando aquele velho morresse em Edinburgh, ele seria o conde de algum lugar. Não sei por que motivo o pensamento me deu vontade de rir, e assim, quando apertei sua mão, meu sorriso se alargou, e foi respondido com outro, radiante, que mudou e iluminou o rostinho circunspecto.

— Como vai, Srta. Howard? — perguntou, fazendo uma reverência, e ajuntou depressa : — Parece-se muito com William.

— Foi muita amabilidade terem vindo — falei. — Por favor, sentem-se.

— Obrigada — disse Lady Campbell. — Jamie e eu admirávamos esta sala. É maravilhosa, não é? Não se vê muitas como ela hoje em dia. Agora, são babados, laços e faixas, como um vestido de menina. Esta mobília deve ser muito antiga — falou com uma espécie de respeito anelante, como se não tivesse meios para possuir tais coisas.

Descobri mais tarde que era seu hábito admirar os bens de outras pessoas de maneira extravagante, como se ela não possuísse nada igual.

Olhei ao redor da sala, e não disse que nunca estivera ali antes. A mobília era escura, de carvalho esculpido como nas outras salas e quartos, tão dispersa quanto polida com dedicação. Havia uma mesa comprida, um armário alto, cadeiras rijas, suavizadas somente por almofadas de seda vermelha desbotada. A sala era maior que as outras com apainelamentos de linho pregueado e entalhes sobre a lareira. Havia um candelabro central de bronze, e cães de lareira de ferro forjado. Ali estava também o único tapete que eu vira na casa — de seda, frágil e gasto, em tons desbotados de vermelho e ouro. Em lugar do tecido xadrez do Clã Ranald, inevitável nas janelas, havia brocado vermelho, muito antigo, e puído em suas compridas pregas.

— Talvez devesse ser sua mobília, Lady Campbell. Provavelmente, veio de Ballochtorra, em primeiro lugar, e foi trazida para cá a fim de mobiliar Cluain, a casa dotal.

— Acha? — os lábios vermelhos se abriram em um sorriso. — Fico contente que não seja minha. Creio que não poderia viver de acordo com ela... e gosto tanto de me enroscar em um sofá. Talvez eu goste dos babados e laços, afinal de contas.

— Aqueles são nossos — disse Jaime subitamente, apontando para os cães da lareira. — Têm nosso brasão. Os Campbells de Cawdor.

Inclinei-me, examinei de perto, e vi os escudos com o cisne de pescoço arqueado gravado em relevo. Fizeram-me lembrar, desagradavelmente, o Grande Billy.

— São mesmo — falei — mas minha bisavó era uma Campbell de Cawdor... e de qualquer forma, não creio que meu avô os devolveria.

Ouvi-me com espanto. Era esta a mesma pessoa? Dois dias nas Terras Altas e já me habituando às ideias românticas sobre as quais Gavin Campbell me prevenira?

— Eu sei que ele não devolveria — replicou Jamie. — Ele não venderia ao meu avô uma parte de Cluain... mesmo que ele oferecesse muito dinheiro por ela.

— Oh, chega, Jamie! — disse a mãe. — Você fala demais. Todos nós sabemos que o Sr. Macdonald jamais venderia Cluain.

— Vovô não sabe. Ele ainda pensa que Cluain deveria ser parte de Ballochtorra... como era antes.

— Menino ambicioso. Não se pode ter tudo.

Pela primeira vez fiquei grata pelo aparecimento de Mairi Sinclair. Ela abriu a porta para Morag, que usava agora uma touca e avental mais engomados que antes, o cabelo rigorosamente preso sob a touca, mas o forte rubor e excitação, inextinguíveis. Segurava uma grande bandeja de prata com xícaras e um serviço de chá de prata. Mairi Sinclair ficou parada à porta em silêncio, enquanto Morag pousava a bandeja gentilmente sobre a mesa. Depois, voltou à copa e trouxe uma segunda bandeja com pratos de bolos de cevada, pão e manteiga, bolinhos assados na chapa, duas qualidades de geleia, presunto cortado em fatias finas, e bolinhos dourados em forma de concha.

Tudo isto às 11h da manhã, e tudo servido como se a visita de Lady Campbell tivesse sido esperada por uma semana. Olhei para Mairi Sinclair com respeito; ela trouxera até mesmo o aroma de sua horta no agrião e salsa frescos. Não retribui o meu olhar com o seu, apenas ficou imóvel, com as mãos unidas corretamente diante dela, atenta para que Morag fizesse as coisas de forma acertada, e então, as duas se retiraram, a porta fechando-se sem ruído.

— Então! — exclamou Lady Campbell. — Essa é a mulher maravilha de Cluain! Nunca tive chance de examiná-la antes. Oh, ela está na igreja em todos os domingos em que há serviço religioso, mas sempre se senta no último banco, e é a primeira a sair quando o serviço termina. Antes da última bisbilhoteira descer os degraus, pode-se vê-la descendo a estrada com passos largos a caminho de casa. Dizem... dizem que ela se recusa a ir de carruagem, com qualquer tempo, quando Angus Macdonald comparece à igreja. Quantas vezes Gavin já parou para lhe oferecer condução, ao menos até Ballochtorra, e tudo que recebemos é um balanço negativo daquela cabeça, meio escondida sob as pregas de um xale. Ela continua a usar o xale, quando todas as outras mulheres da Escócia usam um chapéu. E no entanto... se pudesse tê-la em Ballochtorra! Minha gente preguiçosa não poderia apresentar isto — indicou as bandejas brilhantemente arrumadas — mesmo que fossem avisados com um mês de antecedência. E como ela conserva a casa! Supõe... — soltou uma risadinha infantil enquanto aceitava a xícara de chá que lhe ofereci. — Supõe que se permite que um grão de poeira entre aqui? Ou talvez a poeira se afaste com medo, ao vê-la? Não... talvez, afinal de contas, eu não a quisesse em Ballochtorra. Ela me amedronta. Ela me acharia tola e inútil... o que sou. Mas não se

gosta de saber que os criados nos conhecem bem demais.

— É uma fada, mamãe... e ela é uma bruxa! Uma feiticeira toda vestida de preto.

— Jamie, é maldade sua dizer isso! A Sra. Sinclair não faz senão o bem. É uma boa mulher.

— Algumas pessoas dizem que ela é uma feiticeira — insistiu o garoto.

— Que bebê você é! Não existem feiticeiras!

— Ela deve ser uma bruxa, ou teria salvado William, mas ele morreu.

Achei que a pele branca se tomou mais branca. Ela me lançou um olhar angustiado e se voltou para o filho.

— Nunca mais quero ouvir você falar tal tolice, Jamie. Tolice maldosa. É cruel e desumano... e não é verdade! Você sabe o que seu pai diz... é melhor ter a Sra. Sinclair cuidando de alguém, do que ter metade dos médicos de Edinburgh. Agora, cale-se, menino, e lembre-se de que a Sra. Sinclair é uma boa mulher... Tome, Jamie, coma um bolinho assado na chapa. São muito mais leves do que os de nossa casa.

Ela distraiu o garoto e ele mastigou, feliz. A presença sombria de Mairi Sinclair parecia mudada pelas coisas gostosas que apresentou. Conversamos durante alguns minutos sobre nada importante. O tempo — o que eu poderia esperar de um verão nas Terras Altas.

— Precisarás de suas roupas de lã o tempo todo — avisou Lady Campbell. — Graças a Deus papai aprontará a casa de Londres neste inverno, mas custarei muito a persuadir Gavin a ir para lá. Quase chego a pensar que ele gosta mais daqui quando a neve é espessa. Oh, mas o vento das montanhas... — o bolo de cevada esfarelou-se entre os dedos finos, e ela deixou-o no prato, inacabado.

Levantou-se para ir embora.

— Irá a Ballochtorra, não é? É tão tedioso aqui... sem companhia. Naturalmente, quando a temporada de caça começar, teremos mais companhia do que desejamos. O Príncipe de Gales concordou em nos visitar... — tentou falar como se aquilo não significasse nada, mas o rosto se iluminou com uma expressão de feliz triunfo.

Era o prêmio supremo para uma jovem anfitriã. Novamente, a risadinha.

— Naturalmente é grande gentileza de sua Alteza Real, mas ainda estou um

pouco assustada. Tanta coisa para preparar! Papai está enviando vários criados extras de Londres, mas, mesmo assim, tanta coisa pode sair errada! Todos os convidados trazem seus criados, é claro, mas devo acomodá-los em algum lugar. E tudo de acordo com a dignidade do amo. Acredito que haverá desordem no refeitório dos criados. Será um acontecimento simples, mas temos que oferecer divertimento, além da caça. Um pequeno jantar, com dança depois... só pessoas do lugar, que esperariam ser convidadas para conhecer o Príncipe. Virá, não é? O Príncipe gosta de mulheres bonitas...

Murmurei alguma coisa, um pouco atemorizada, e já me perguntando, como as mulheres fazem sempre, o que iria vestir.

— Sabe montar, Srta. Howard?

— Não muito bem. Havia alguns pôneis teimosos em Pequim e aprendíamos a nos manter na sela.

— Estou certa de que Gavin ficará feliz em lhe ceder um cavalo de nossas cocheiras, se não houver nenhum animal adequado aqui. William costumava montar nossos cavalos — novamente, a risadinha leve. — Acho que o Sr. Macdonald não gostava disso, mas William sempre fazia o que queria — lançou um último olhar ao redor da sala. — Estou contente por ter vindo aqui, finalmente. Cluain sempre me fascinou. Como é estranho que sua chegada tenha me dado a primeira oportunidade de fazer uma visita. Eu não poderia fazer uma visita a William. Irá a Ballochtorra, não é? — insistiu de novo. — Estou em casa todos os dias, exceto quando cavalgo. Seria bom ter uma amiga por perto. E me chamará de Margaret, não...? — despejava uma generosidade desnecessária, quase ingênua, como se precisasse fazer um esforço enorme para agradar.

Ela, que agradava facilmente, apenas com sua aparência. Era como se uma grande insegurança a dominasse, como se necessitasse reunir todo mundo ao seu lado, para que não existissem inimigos, só amigos.

Nós nos dirigimos à porta da frente. Mairi Sinclair chegou lá antes, esperando ao lado da porta aberta; um homem, provavelmente mandado chamar nas cocheiras, estava de pé, segurando uma bela égua baia e um pônei quase cor de creme. Morag se encontrava ao lado da égua, e a alimentava com um punhado de cenouras. Sorrii timidamente para Margaret Campbell e o sorriso devolvido foi radiante. Reparei nas cenouras e pensei que Mairi Sinclair era estranhamente indulgente com Morag, algumas vezes — ou era apenas porque ela gostava de animais, mas não podia ficar à vontade para, ela mesma, alimentar a égua?

A figura leve e graciosa de Margaret Campbell subiu à sela de mulher

somente com o simulacro de ajuda do cavaliço. Jamie conseguiu montar sozinho, orgulhoso com isso. O rosto jovem e bonito da mulher abaixou-se para mim. Pela primeira vez, vi a leve sombra fugidia sobre ele.

— Obrigada por me receber. Diverti-me. É solitário aqui. William e eu costumávamos cavalgar juntos...

Depois, deu a volta ao cavalo e o menino a seguiu com impaciência. Desceram o vale, distanciando-se de Ballochtorra. O Grande Billy e seu bando avançaram para o par, mas foram detidos, de alguma forma, por um aceno decidido do chicote de Lady Campbell. Perguntei-me se ela era capaz de enfeitiçar até mesmo o animal irritadiço. Senti o olhar fixo de Mairi Sinclair sobre eles, como o meu, o par adorável, favorecido pela beleza e riqueza.

Mas foi a voz de Morag que soou à porta.

— Ela mal comeu... e todo aquele trabalho! Bem, não se pode ter um corpo esbelto comendo muito, e não trabalhando. É verdade que Master WilUam cavalgava com ela... Acho que está procurando outra companhia agora.

Mairi Sinclair se voltou para ela com energia:

— Fique calada, menina! Fique calada! Não teremos comentários maldosos aqui...

Eu não pude encará-las. Deixei que entrassem na casa, e fiquei imóvel, observando os cavaleiros descerem a estrada. Ouvia novamente as palavras de Gavin Campbell:

— Ele estava mais que apaixonado por minha mulher.

Sua voz tão inexpressiva, como se aquilo fosse algo que já esperava acontecer. “Uma feiticeira sedutora...” Mas, de alguma forma, meu ciúme se dissipou. Até eu não podia deixar de me submeter ao seu encanto; se ela seduzia e enfeitiçava, parecia mais difícil culpá-la, do que se fosse uma criança inocente, sem conhecimento. Permanecí ali até perdê-los de vista.

Quando voltei ao interior da casa, a porta da sala de visitas estava fechada. Abri-a e olhei a sala. Estava tão quieta e silenciosa, e à espera, como se ninguém houvesse entrado ali. Não havia uma migalha das muitas que Jamie deixara cair, para revelar sua presença, o tapete que ele enrugara estava esticado, as almofadas desbotadas de seda, arrumadas. Somente o fogo falava que pessoas haviam estado ali. Eu tinha certeza de que Mairi Sinclair esperava apenas que o fogo se apagasse, para Morag entrar na sala, retirando as cinzas ainda quentes da lareira, e colocando nova lenha. Uma sala bonita, tristonha, não usada, que deveria ser cheia de vida.

Uma de minhas ancestrais havia bordado a tapeçaria do guarda-fogo da lareira — sim, também com o brasão dos Campbells. Christina Campbell havia nos prendido uma à outra — Cluain e Ballochtorra.

Naquela tarde, depois de um almoço bastante silencioso e apressado com meu avô, peguei a velha saia de sarja e as botas que usara quando cavalgara os pôneis de Pequim. Tomei emprestada, sem licença, a capa de lã de Invemess que encontrei pendurada com os vários mantos de tecido xadrez e bengalas no corredor da cozinha. Apanhei uma bengala que parecia adequada à minha altura. Depois, caminhei a tarde toda. Andei pelo caminho que Margaret Campbell seguira a cavalo, passando pela destilaria e depósitos, e atravessando a pequena ponte arqueada que cruzava o regato, que fora desviado e canalizado ao redor dos depósitos. Ultrapassei as casinhas que deviam ter como locatários os trabalhadores da destilaria, com jardins bem cuidados. Crianças brincavam ali, crianças pequenas, algumas vezes vigiadas por outras mais velhas, crianças robustas, descalças, rosadas, com sorrisos tímidos e envolventes. As mulheres não estavam por perto — exceto por uma velha sentada ao sol, próxima à porta, que acenou para mim, alegremente, com seu cachimbo. As mulheres trabalhavam na fazenda no verão? Supus que era isto. O trabalho era parte da vida daquela gente, inevitavelmente, a menos que se fosse a neta de Angus Macdonald, ou tão livre de ocupação ou preocupação como Margaret Campbell. Entrei em uma trilha que subia através dos pastos de Cluain, e se inclinava para seguir as curvas de um riacho que corria impetuosamente, a água quase gelada. A trilha se afastava da pastagem e penetrava em um vale sombrio. Um pouco além, alpondras levavam à outra margem do regato e a um chalé simples, de pedra, com uma resistente cerca de ripas à sua volta, e uma cocheira com bom telhado de colmo. Mas a porta estava fechada, e nenhuma fumaça saía pela chaminé. Meus sentidos estavam certos ao me dizer que era ali que Callum Sinclair vivia? Ele não morava entre os outros trabalhadores — e não parecia haver outra habitação daquele lado do rio. O local, de algum modo, se parecia com ele — o regato de águas claras separando-o do resto do mundo, a porta fechada, a aparência de isolamento e auto-suficiência. Aquela era sua maneira de ser, e o chalé podia, muito bem, ser o seu lar.

Além dali, a trilha se tomava mais irregular e o vale mais escarpado; voltei aos pastos de Cluain. Durante todo o tempo em que caminhava, perscrutava o céu à procura do falcão. Se Giorsal estivesse voando me veria e fixaria com seus olhos de rapina, decidindo que eu não lhe interessava, e passaria sobre minha cabeça sem ser vista ou ouvida, tão distante quanto seu amo? Caminhei até me cansar, até a pastagem ceder lugar à urze. Deitei-me sobre sua almofada dura, ouvindo as abelhas zumbirem à minha volta. William me descrevera como esses urzais da Escócia se

tomavam uma névoa cor de malva no outono, como os compridos raios de sol iluminavam, de repente, um local, dando-lhe um tom purpurino forte. Mas ele não me contara como o mundo de Cluain era visto ali de cima. Eu via ainda as construções da destilaria — não bonitas, porém, não mais feias, aos meus olhos. Divisava o brilho do rio e os ricos campos verdes. Ballochtorra se encontrava fora do alcance de vista — dali, via-se apenas as costas do penhasco maciço. Este era o mundo total de Cluain. Não era de admirar que meu avô o amasse e possuísse com paixão tão ardente.

Regressei com a saia enlameada e muita fome. Esperava, a roupa trocada, o cabelo escovado, diante do fogo, quando meu avô entrou.

— Ouvi dizer que andou caminhando.

— Andei.

— Então, tome cuidado. Não gostaríamos de enviar homens para tirá-la do pântano.

— Confia em que não entrarei em um pântano? Não levo uma arma e não posso ser tolhida em minha liberdade, avô.

— Pensei que as mulheres tinham outras coisas...

Estendi as mãos vazias.

— O que Mairi Sinclair deixa para mim? Preferia que eu perturb...

— Não... não — falou, depressa. — Não perturbe coisa alguma. Vá... mas, vá em segurança.

Estendeu-me minha dose de uísque sem perguntas. Como era saboroso quando significava embriaguez, com meu estômago roncando de fome, e as maçãs do rosto coradas pelo ar frio e longo passeio. Erguí a cabeça do fogo e descobri o olhar fixo de Angus Macdonald sobre mim, como se ele também soubesse que eu começava a ter a sensação do mundo de Cluain. Mas não falou nada. Eu soube que seria alguma coisa sentida e não falada, por muito tempo.

Jogamos xadrez novamente. Eu estava cansada e, no entanto, estimulada. Jogamos duas partidas e venci a segunda.

As grandes sobancelhas se enrugaram.

— Está lutando, então?

— Sempre se tem que lutar? — o cansaço me vencia, e não queria argumentar com ele.

— Sempre — respondeu. — Sempre.

O gato branco se encontrava sobre o banco em frente à lareira, quando subi ao quarto da torre. Ergueu os olhos claros para mim, e ficou deitado, pestanejando de sono. Antes que estivesse pronta para deitar, o gato se moveu e sentou-se perto da porta, somente seu gesto pedindo para que o deixassem sair. A figura branca deslizou pelas escadas abaixo. Naquela noite, nem sequer ergui o olhar para Ballochtorra, nem abaixei os olhos para o jardim, para ver se a vela do meu avô estava acesa. Não esperei pela escuridão, ou pelo som dos cascos do pônei na estrada. Adormeci, simplesmente.

CAPÍTULO CINCO

A vida de Cluain fluiu à minha volta e, como uma pedra em sua corrente, senti-me desgastada e maltratada por ela, calma e tranquila. As rochas estavam lá, maiores que eu, inamovíveis, os pesos e contrapesos de toda a sua estrutura eram os costumes e hábitos estabelecidos sobre a vida de meu avô, uma parte de Cluain como ele a havia moldado, e como os anos o moldaram. Eu era, algumas vezes, atirada e ferida contra as pedras, mas eu fazia parte, então, do fluxo de sua vida, e tais coisas eram aceitas. Mas também aceitava, com gratidão, a regularidade sossegada de sua progressão, a sensação de que me tornava parte do padrão estabelecido. Eu, também, estava sendo aceita. Não de todo, não por todos dali, nem sempre sem restrições, mas começava a notar, nas maneiras e gestos das pessoas ao meu redor que, talvez — apenas talvez — chegaria o dia em que eu também seria uma das rochas de Cluain.

O quarto da torre tanto me mantinha afastada de Cluain, como me permitia conhecer seu mundo. De lá, via e aprendia muito, e uma espécie de humildade surgia em mim, às vezes, porque, em verdade, tudo era tão mais complexo do que o primeiro olhar superficial teria revelado. Devagar, comecei a perdoar William pelo que não me escrevera. À medida que me tomei mais absorta, os pormenores ficaram mais intrincados, e como se podia escrever para a China longínqua sobre uma vida como aquela? Especialmente se William houvesse começado, como eu, a sentir seu fascínio, e não quisesse dizer a uma irmã e pai, que o esperavam, que talvez nunca voltasse para o sonho das ferrovias chinesas. Como poderíamos receber a notícia de que o centro de interesse se desviara da terra enorme, ainda não conquistada mecanicamente, para o extenso e verde vale montanhoso, as depressões solitárias, o mundo aparentemente limitado, onde tudo já estava fixo em um padrão rítmico de acordo com a estação do ano? Não, não teríamos compreendido. Ficaríamos desapontados, pensando que sua percepção visual se estreitara. E, talvez, ele nunca houvesse tido a intenção de que fosse assim. Talvez não houvesse se importado, sequer, de falar a si mesmo de capitulação, ainda menos tomá-la irrevogável. Não podia ter sido fácil para um rapaz permitir que seus sonhos mudassem de forma, se alterassem, e admitir a autoridade de Angus Macdonald. E a preponderância de Angus Macdonald era a maior rocha no mundo de Cluain.

Assim, eu olhava do quarto da torre e via os caminhos de Cluain. Vi a passagem dos dias, do tempo e acontecimentos. Vi as vacas leiteiras trazidas para dentro de manhã cedo e, novamente, à noite, vi o trabalho rotineiro e imutável da fazenda prosseguir, vi o corpo magro de Mairi Sinclair trabalhando em seu jardim, o gato branco saltando ao seu lado, ou fazendo o seu jogo de esconder e procurar com

as borboletas entre as ervas. Vi também, e respeitei, o desfile pequeno, mas interminável de pessoas, a maior parte mulheres, mas com alguns homens entre elas, que vinham pelo caminho dos fundos até a porta da cozinha. Vi-os vir, as mulheres com mantos de tecido xadrez, muitas vezes com bebês enrolados nas pregas, e os vi partir. Era um cortejo silencioso, que mal se notava do andar térreo, mas quase sempre, eu vi, havia alguém perto da casa, esperando pacientemente por uma consulta com Mairi Sinclair sobre algum mal, pedindo um remédio de ervas ou uma pomada. Havia uma dependência onde ela fazia tais coisas. Muitas vezes, à noite, eu via a luz de seu lampião se refletir sobre o caminho ao lado da janela. Às vezes, eu passava por pessoas que esperavam, sentadas no banco do corredor da cozinha; trocávamos cumprimentos, mas estava subentendido que eu nunca perguntava o motivo da visita. Via algumas irem embora, os semblantes iluminados por um pouco de alívio, ou, ao menos, por uma sensação de esperança que lhes fora transmitida. Depois, eu olhava para o vulto de preto com novo respeito, mas olhar era tudo que existia. Nunca mais houve uma repetição do encontro da primeira noite na escada; jamais ela revelou as emoções que tinham deformado suas feições, nem soltou aquele grito angustiado. Estávamos bem conscientes uma da outra, e no entanto, nossas vidas mal pareciam se tocar. Deixei-lhe, inteiramente, seu território, sem questionar ou interferir com sua rotina; comportei-me, sob esse aspecto, totalmente como se fosse uma hóspede com liberdade na casa, e ainda assim respeitando o fato de que existiam locais onde eu não me aventuraria a ir. E ela... deixou-me de todo sozinha. Não trocávamos palavras que não fossem necessárias. Eu nunca ia à cozinha; o quarto onde ela preparava e estocava suas ervas era mantido fechado. Raramente eu me sentava no jardim... o “seu jardim”, era minha opinião. Certamente, nas poucas vezes em que estive lá, ela não ousou sair. Traçara-se uma linha de neutralidade. Eu sabia que, se ficasse em Cluain, algum dia ela teria que ser atravessada, mas o momento não era agora.

Morag era nossa mensageira, entre os dois territórios. Era ela quem trazia a água quente, as toalhas limpas, as roupas de cama acabadas de lavar e passar; era quem abria a cama à noite e a aquecia com uma botija de água quente, e quem me perturbava um pouco, fazendo perguntas sobre a China, insaciável para saber sobre um mundo que não conhecia. Morag não tinha inibições como Mairi Sinclair, nem amargura como meu avô. Ela queria ambas as coisas, aprender e contar. Sua língua matraqueava, não importa o que as mãos faziam. Sem Morag, existia muita coisa de Cluain que eu talvez nunca tivesse sabido, que chegaria até mim mais devagar. Certa vez, enquanto fazíamos minha cama juntas, comentei sobre a falta de quadros na casa, a ausência de ornamentos, os pequenos toques que uma mulher deixava em uma residência. Minha mãe crescera ali, minha avó não morrera havia tantos anos assim. Tinham elas convivido com toda aquela rigidez a vida inteira? E de onde

viera o espelho, que Morag trouxera tão depressa, naquela primeira noite? Até aquele momento, era o único que eu havia visto em Cluain.

— Bem, senhorita, venha agora... eu lhe mostrarei. A Sra. Sinclair está na leitaria e ficará lá mais uma hora. Ela não deixa o trabalho para a mulher que vem ajudar, para ver se as latas estão adequadamente escaldadas, prontas para o leite fresco... — e seguia-a, descendo os degraus da torre, incapaz de resistir à sua voz convidativa. — Espere aí, senhorita... primeiro, preciso pegar as chaves — desapareceu antes que eu pudesse detê-la, regressando em meio minuto. — Depressa agora, senhorita... vou abrir apenas, depois terei que recolocar as chaves em seu lugar. Trancarei novamente mais tarde. As chaves sempre estiveram em seu lugar, em Cluain — destrancou a porta de um quarto onde eu nunca entrara antes, e desceu correndo de novo para pôr as chaves no quadro, fora da porta da cozinha.

Era uma parte estranha da simplicidade de hábitos daquele país. Tudo era trancado, e, no entanto, as chaves se encontravam à vista, onde qualquer um que passasse poderia pegá-las. A ordem era trancar, o crédito era deixar as chaves completamente à vista. Acontecia o mesmo com meu avô, que fazia um ritual da ação de abrir o aparador que continha o uísque com a chave de sua corrente, todas as noites, e, contudo, me havia mostrado onde jazia a segunda chave, em uma gaveta não fechada à chave, exatamente acima.

Enquanto Morag se foi, abri a porta, que me revelou o quarto mais inesperado de toda Cluain. Ali estava tudo de que eu sentira falta. Os quadros, muitos empilhados contra as paredes, os pequenos ornamentos, alguns valiosos, que podiam enfeitar os consolos das salas do térreo, os retratos de família e as pequenas miniaturas pintadas de anos atrás.

— Era o quarto de sua avó — disse Morag, aproximando-se por trás de mim. — Eu quase cresci aqui. Ela ficava doente muitas vezes... sempre frágil. Precisava de alguém que lhe trouxesse as coisas, e uma criança é boa para ir buscar e levar. Ora, não que me importasse. Ela era tão boa para mim. Sempre carinhosa comigo, e explicando o que quer que estivesse fazendo. Deu-me a maior parte das aulas aqui. Gostava de ler, como sua avó. Nos longos dias de inverno, quando o frio forte não lhe permitia sair, ficava aqui na cama, com um bom fogo aceso e cercada por seus livros, e sempre gastando uma ou duas horas para me ensinar alguma coisa tirada deles. Sabe, senhorita, mesmo as estantes de livros foram trazidas para cá porque, nos últimos anos, ela raramente descia.

Perambulei pelo quarto sem falar. Não havia confusão igual em nenhum outro quarto de Cluain. Os livros, sim — os quadros nas paredes. Estes, eu compreendia — mas o que pensar sobre a mistura indiscriminada de ornamentos —

pratos e tigelas de Meissen, um vaso de Prunus que minha mãe devia ter enviado da China, jarras de prata, jarros de Delft, taças de cristal lavrado? Muitos deviam ser parte dos adornos de Cluain no dia em que Angus Macdonald se tomara seu dono. Havia alguns daguerreótipos em molduras, com as faces viradas para baixo, sobre a escrivaninha; quando os virei para cima, vi rostos mais familiares do que o meu, naquele momento. Os mesmos retratos tinham sido os únicos adornos do escritório de meu pai em Pequim — o retrato de mamãe comigo no colo, quando eu era bebê, William de pé ao seu lado; meu pai segurando no colo o primeiro filho depois do batizado, nós quatro juntos, quando eu era capaz de ficar de pé sozinha para encarar a câmara. Minha avó devia ter olhado para eles muitas vezes. Nem sempre tinham estado virados com os rostos para baixo, sobre a escrivaninha.

Movi-me, parando para erguer e afastar das paredes alguns quadros empilhados contra elas. Pelo que podia julgar, não havia nada notável, mas só as cenas campestres comuns, que poderiam ter estado penduradas nas paredes das salas de baixo — um retrato ou dois de ancestrais que eu desconhecia. Havia tapetes grandes e pequenos, enrolados, quatro espelhos de tamanhos variados, um deles com moldura requintada de prata dourada, valioso, e, imaginei, raro.

Dirigi-me a uma das duas grandes janelas de frontão. O quarto ficava na ala da casa voltada para o sul, dava para a horta e oferecia uma visão reduzida e não tão terrível das Caringorms, quanto do quarto da torre. Era grande e pomposo — com a cama de quatro colunas era quase imponente, mas sem a característica intimidativa que o quarto da torre possuía, algumas vezes. Dali, a visão de Ballochtorra estava bloqueada.

Dei as costas à janela.

— Por que isto, Morag? Por que estas coisas todas estão aqui?

— Não é muito fácil de compreender, senhorita. Quando a Sra. Macdonald morreu, as coisas foram trazidas para cá, aos poucos... os adornos e quadros, etc. A Sra. Sinclair disse que era para preservá-las. Não queria que se quebrassem ou estragassem. E o amo não pareceu notar ou se importar. Ele nunca entra aqui. A Sra. Sinclair deve pensar que é pecado ter ornamentos por aí... embora eu ache que não pode haver grande pecado em um quadro ou tapete. Mas ela é de opinião que a vida não deve ser demasiado fácil. Ela impõe sua vontade, senhorita, e a gente se acostuma. No entanto, digo-lhe que senti amargamente a falta de sua avó quando ela se foi. Eu tinha 10 anos então... foi há quase oito anos atrás... e ela foi mais do que minha mãe para mim. Mas, compreenda, a Sra. Sinclair não tem sido cruel. Permite que eu tenha algumas coisas no meu quarto... um pequeno espelho, algumas flores, quadros. Deixa que eu leve um UVTO das estantes, de quando em vez; porém, já li

todos eles agora, e vou lê-los pela segunda vez. Tenho que vir aqui limpar a poeira toda semana, e penso em sua avó, muitas vezes... era uma boa senhora, Srta. Kirsty, e é triste que ela nunca tenha visto Master William ou a senhorita...

Assim, a voz de Morag continuava soando, um som tão constante em Cluain como o rio, explicando e contando. Fiquei de pé em frente à janela de novo, pensando em uma Cluain diferente que minha avó havia dirigido, uma casa mais agradável e aprazível. Sim, Morag devia sentir falta dela, como eu sentiria também. Voltei-me e Morag havia desaparecido, deixando-me sozinha para examinar novamente os quadros, ler o título dos livros — Brontës, Jane Austen, Sir Walter Scott, Wordsworth, Tennyson, Coleridge. As estatuetas idealizadas, de porcelana, das pastoras sobre o consolo, não representavam o mundo real, de acordo com as experiências de Mairi Sinclair. E Morag, com sua intuição inata de tato e descrição, deixava-me sozinha para descobrir aquele outro lado de Cluain, por mim mesma. Depois, voltei ao quarto da torre e desembrulhei os retratos que tirara do gabinete de meu pai — os mesmos que jaziam no quarto de minha avó, e coloquei-os sobre a secretária. Sabia que arriscava minha primeira reivindicação sobre Cluain com essa ação, e que Mairi Sinclair poderia fazer o que quisesse a respeito.

Continuei a caminhar pelo mundo de Cluain, e além dele. Seguia as trilhas, não importa para onde levassem, algumas vezes através dos agradáveis campos de cevada em declive, ou até os prados mais altos onde o gado comia o capim de verão; outras vezes, penetrando em terreno difícil, irregular e escarpado, onde as trilhas conduziam às charnecas nas encostas das montanhas, e terminavam nos buracos de turfa. O rico sedimento marrom atingia a profundidade de várias pás, e a água corria da turfeira para os canais deixados pelos cortes; a intervalos, a turfa era amontoadada para secar, empilhada metodicamente em pé, esperando ser carregada em carroça para Cluain — ou para quem quer que fosse dono da turfeira. Não me sentia sempre muito segura quando ia além da terra de Cluain. Eu sabia que muitas charnecas pertenciam a Ballochtorra, assim como as zonas de florestas. Perambulava ali, e sentava-me sobre as folhas finas de pinheiro, ouvindo o vento nos galhos altos; ocasionalmente, vislumbrava os veados que vagavam pelas charnecas e florestas, alguns com os filhotes, pastando pacificamente, vivendo seus dias de descanso, de desenvolvimento, antes da chegada das espingardas do outono. Finalmente, encontrei coragem para explorar a região escarpada além de Ballochtorra, o lugar onde meu avô dizia que William estivera prostrado. Havia afloramentos maciços de granito, e algumas árvores altas, unidas precariamente ao solo pouco consistente, carvalhos e faias que sobreviveram a tempos mais difíceis, quando a lenha era escassa; mas a maioria ali era de abetos, lariços e bétulas esguios, compactos, de desenvolvimento secundário, que deviam ter-se arraigado, o manto abundante e bonito nos meses de

verão. E havia locais onde a rocha era tão alcantilada, que nenhuma árvore encontrava um ponto de apoio nela, seus únicos habitantes eram as aves. Devia ter sido de uma dessas saliências que Callum Sinclair trouxera o falcão peregrino que chamava de Giorsal. Havia muitos lugares entre as rochas onde William podia ter caído, inúmeros onde se arrastara para encontrar um pequeno abrigo. Pensei nos locais fustigados pelo vento e neve, como estavam naquela época. Não perguntei ao meu avô qual o local exato onde William fora encontrado; eu não queria saber tanto.

Angus Macdonald, todavia, não ignorava minhas perambulações. Algumas vezes eu regressava para a refeição do meio-dia depois de ele haver chegado. Ele nunca esperava para almoçar comigo, nem se erguia para servir-me, se eu me atrasava.

— Sinto muito — desculpava-me. — Fui mais longe do que pretendia.

— Um dia irá longe demais — sacudia a cabeça em direção ao aparador: — Sua refeição está ali.

Depois chegou o dia em que Morag me trouxe a ordem de meu avô de ir ao pátio da cocheira. Encontrei-o lá com um homem que nunca vira antes — não era um dos trabalhadores da fazenda ou da destilaria — que sacudiu o gorro para mim. Ele segurava as rédeas de um pônei das Terras Altas. Era uma fêmea cinzenta e robusta, que me fixou com olhos confiantes e calmos.

— Acha que pode montá-la, menina? — perguntou meu avô.

— Posso tentar.

— Experimente no pátio. Veja como você se adapta a ela. — Era óbvio que ele pretendia que o pônei fosse guiado por mim, e não eu, pelo pônei. Era pequeno e subi à sela de mulher antes que um dos homens pudesse estender a mão. Minhas pernas pareceram roçar o chão, mas o animal tinha um dorso tão largo, que senti que não poderia ser atirada fora do meu poleiro.

£ o animal de aparência desajeitada tinha um passo surpreendentemente regular e era dócil ao freio. Não era nervoso, nem inquieto, apenas vivo. Senti, ao cavalgar pelo pátio da cocheira, que o pônei me toleraria e cumpriria o seu dever em relação a mim, contanto que fosse tratado com igual respeito.

— Poderá levá-lo muito bem, senhorita — disse o homem. — Não é um animal novo, porém mais forte do que muitos que conheço, e de andar tão seguro quanto um bode. Não a fará sofrer nenhum dano.

— Como é o seu nome?

— Chama-se Ailis, mas se a senhorita... se o Sr. Macdonald... bem, podem lhe dar o nome que preferirem. Ailis não se importará.

— Será chamada como sempre foi... Ailis — bati na crina cinzenta.

O pônei continuou imóvel e paciente, suportando minhas pernas compridas e minha mão desconhecida.

— Quer vender Ailis, então?

— Preciso, senhorita. Minha mulher e eu vamos para o Canadá... para a casa de parentes. Ailis está conosco há 13 anos. Gostaríamos de deixá-la com um bom dono, em um local ao qual esteja acostumada.

— Acostumada ela está — disse meu avô. — Deve conhecer cada caminho e trilha desta região... hein, Sr. Ross?

— Toda ela, Sr. Macdonald. A garrana de um cobrador de impostos vai a toda parte. Tem-me carregado com total segurança, desde que tinha três anos, por todo tipo de região, e nunca pisou em falso. Note bem, não conseguirá velocidade com Ailis, mas ela possui a resistência de um cavalo de tiro, e seis vezes mais sagacidade.

— Bem, então, está resolvido. Você levará o animal para o último boxe, Kirsty; escove-o, dê-lhe água e comida. Note bem, Ailis ficará sob os seus cuidados, e não tolerarei negligências... Agora, Sr. Ross, se me der o prazer de vir ao escritório, terminaremos nosso negócio e tomará um gole comigo. Naturalmente, com os impostos pagos — ajuntou, como uma tentativa rara de piada.

O cobrador de impostos parou por um instante, pousou uma das mãos, demoradamente, sobre Ailis e depois se afastou.

Escoreguei da sela e olhei para o meu presente. Ailis devolveu meu olhar, depois virou devagar a cabeça em direção à cocheira, como se soubesse exatamente onde ficaria abrigada, e como a aveia seria farta — um animal largo e deselegante, cuja presença ali expressava, para meu avô, o que ele não diria. Ailis me carregaria bem e com segurança, conhecendo todo o campo; não haveria repetição do que sucedera a William. Ailis seria minha companhia e guia.

Assim, conduzi-a para o boxe e o cavaliário, John Farquharson, veio ajudar-me a desencilhar, e mostrou-me que ganchos de madeira, na ferraria, seriam para os arreios de Ailis. Ele me ajudou a limpá-la e alimentá-la, divertindo-se, evidentemente, em trabalhar com o pequeno animal tranquilo e robusto.

— Ela é uma bonita mocinha — falou. — Uma boa mudança, senhorita, dos

grandalhões com que lido o tempo todo — fez um gesto com a cabeça em direção aos boxes dos grandes Clydesdales que puxavam as carroças da destilaria, carregadas com os barris de uísque para a extremidade da via férrea, em Ballinaclash — e aos pesebres vazios dos cavalos de trabalho na fazenda, os que puxavam o arado e as carroças de cereais na colheita.

Havia apenas um outro animal na cavalaria de Cluain chamado por pilhéria de Rapaz Domingueiro, um animal de aparência indefinida, que puxava a carruagem de capota quando Angus Macdonald deixava a propriedade. A cocheira e a ferraria eram o reflexo da casa. Havia ali tudo o que era necessário, tudo limpo, lubrificado, pintado, bem alimentado, bem cuidado. Os Clydesdales eram magníficos em sua força; o Rapaz Domingueiro nunca receberia um segundo olhar, tampouco a carruagem que puxava. Eram decentes, e mais do que adequados para sua finalidade, mas não despertariam inveja no coração de ninguém. Era precisamente esse efeito que meu avô desejava obter.

— Quem mostra ao mundo tudo que conseguiu — disse ele, uma vez — é um louco.

Assim, na época de ostentação, meu avô conduzia uma carruagem e um cavalo modestos, e não havia maneira de saber se ele tinha meios para possuir mais que aquilo.

Rapaz Domingueiro não saía com tanta frequência aos domingos. No primeiro domingo que passei em Cluain, Angus Macdonald satisfez a curiosidade da comunidade, e levou-me à igreja.

— Claro, querem dar uma olhada em você, mas sabem muito bem que seu pai era um bispo anglicano, e não esperam que sua filha seja um esteio da Igreja Presbiteriana. Sabe, eles não advogam a favor dos bispos na Escócia. É em consideração à sua avó e irmão, que jazem no cemitério, que você deve aparecer, ocasionalmente. Eu tenho pouco tempo para a igreja. Não diria que não sou um homem temente a Deus, mas não concordo com o tipo de Deus que esse pastor me apresenta, e seus sermões são longos demais, e por um caminho muito comprido. E além disso, tenho razão para lembrar que os ministros da igreja ficaram, muitas vezes, do lado dos proprietários de terras, durante os anos de desbravamento das Terras Altas, quando os proprietários de terras queriam expulsar o povo, e que toda a região se transformasse em pasto de ovelhas. Muito poucos defenderam seus rebanhos humanos, e inúmeros aconselharam aquela gente que era a vontade de Deus que obedecessem aos proprietários de terras, e se mudassem dos vales onde suas famílias e clãs viviam havia centenas de anos. Enviaram as pobres criaturas perplexas naqueles navios podres, pa* ra morrer de cólera e febre tifóide a caminho

do Canadá, e mandaram-nas com um sermão, dizendo que era a vontade de Deus. E as pessoas eram submissas, e obedeceram porque o sistema do clã sempre fora obedecer ao chefe, mas não posso perdoar os homens que facilitaram as coisas para os proprietários de terras.

— Seu pai era um proprietário de terras.

— Sim, era. O proprietário de uma ilhota pobre, e devia obediência ao chefe do Clã Ranald. O povo deixou Inishfare porque a terra não podia sustentá-lo. Não foram os carneiros que os expulsaram, mas a escassez da batata e a pobreza do solo. Não foi preciso um pastor da igreja para lhes dizer para irem embora. Éramos tão poucos que não tínhamos um ministro religioso... somente um, que era levado de barco até nós, algumas vezes por ano, para casamentos, batizados, serviços religiosos, etc. Nós mesmos enterrávamos nossos mortos e rezávamos por eles, e o ministro acrescentava sua parte quando resolvia ir lá. A maioria de nós, porém, vivia sem ele, e não éramos menos piedosos por isso.

— Então, tem mais uma razão para não se importar com meu pai?

— Sim, pode-se dizer isto — admitiu com calma, como se seu julgamento não pudesse ser questionado. — Todos eles são iguais, qualquer que seja o Deus que dizem representar. Nunca vi um clérigo morrer de fome.

Neguei aquilo com veemência, e contei-lhe sobre o trabalho de meu pai na China — o calor abrasador do verão, o frio rigoroso dos invernos, quando trabalhava entre os pobres e adoecia com eles, e geralmente, não recebia agradecimentos ou era respeitado por suas dores. Mas meu avô não tomou conhecimento:

— Então, era mais louco do que pensei. Se riam do seu Deus cristão, ele teria feito melhor em realizar seu trabalho em outro lugar. Há bastante ignorância e miséria nos cortiços de Glasgow, para se desperdiçar homens entre os pagãos e “cristãos do arroz”.

Nunca encontrei uma resposta para isso.

Assim, deixei-me ver por todos na igreja de Ballochtorra. Mairi Sinclair, como Lady Campbell previra, recusou-se a ir conosco na aranha, e meu avô não chegou sequer a convidá-la.

— Ela já está além da metade do caminho — disse ele quando a carruagem foi trazida para a porta principal, e murmurei o nome da Sra. Sinclair. — Nas neves do inverno e nas manhãs quentes de sol do verão, ela é a primeira a chegar à igreja, e a primeira a sair, sem precisar agradecer a homens ou animais por transportá-la. Deixe-a em paz, menina.

Fizemos isto, e fiquei embaraçada ao me encontrar no primeiro banco da igreja, do lado oposto a Margaret Campbell e Jamie. Jamie sorriu e acenou para mim, e o pastor franziu a testa para ele! Margaret Campbell se voltou com a cotovelada de Jamie e inclinou a cabeça, mais para Angus Macdonald, pensei, do que para mim. Talvez fosse uma das poucas vezes na vida em que Margaret Campbell sentiu a sensação de não ser vista.

Gavin Campbell estava no balcão do órgão, tocando melodias simples de hinos, no órgão potente demais para elas. Enquanto eu ouvia a homília, compreendi por que ele preferia estar lá, e não no primeiro banco. Mas o sermão terminou afinal, e a congregação teve chance de examinar-me minuciosamente. Houve um aperto de mão bastante frio do pastor, e uma conversa rápida com Margaret Campbell e Jamie, enquanto esperavam que Gavin descesse do balcão do órgão. Pareceu-me que ele se demorou, desnecessariamente. Meu avô não fez mais do que tirar o chapéu enquanto Margaret falava. Cumprimentou-a com um gesto da cabeça e desceu o caminho, em direção ao local onde amarrara Rapaz Domingueiro, e eu estava sentada no assento ao seu lado, antes que Gavin Campbell aparecesse.

Depois de percorrer cerca de 7,5 km de estrada, emparelhamos com Mairi Sinclair. Meu avô nem mesmo conteve Rapaz Domingueiro quando passamos por ela! Ele admitiu sua presença, a figura de preto, alta e magra, embrulhada no xale vermelho.

— Não, menina — disse-me ele, quando pousei a mão em seu braço. — Deixe... deixe como está.

Aventurei-me a fazer uma pergunta:

— Callum Sinclair vai à igreja?

— Callum Sinclair? — meu avô sacudiu as rédeas de leve sobre Rapaz Domingueiro. — Por que eu deveria saber o que Callum Sinclair faz ou deixa de fazer? Não é da minha conta... nem da sua, tampouco.

Foi Ailis, o presente do meu avô, que me tomou muito mais livre no mundo de Cluain. O animalzinho forte me carregava através de quilômetros de terreno, que minhas pernas não conseguiriam pereorrer; ela seguia sem ordem, por trilhas que eu hesitara tomar, antes; com Ailis, alcancei encostas de montanhas que pareciam distantes e inacessíveis, e ela tinha a firmeza de uma mula nos locais íngremes dos vales estreitos. Eu sabia que não fazia boa figura, montada em Ailis; usava a velha saia de sarja com o xale do Clã Ranald sobre os ombros, ou para cobrir a cabeça quando aconteciam chuvas passageiras. Mas eu era livre, maravilhosamente livre, e o pônei parecia compreender minha alegria com isso, e até mesmo partilhá-la. Ailis

não era veloz, mas nunca se mostrava cansada, e quando eu me dirigia ao seu boxe, de manhã, aceitava meu presente de açúcar com calma, sem demonstrar ressentimento à vista da sela. Talvez ela também gostasse da falta de rotina de nossos dias. Quando partíamos, tomávamos qualquer caminho que se oferecia naquela manhã; algumas vezes, eu a deixava fazer a escolha, e acho que seu orgulho ficava lisonjeado por isto. Nós nos tornamos um par, Ailis e eu, e foi ela quem me levou a Callum Sinclair.

Eu o via raramente no pátio da destilaria, e ele passava por mim com um cumprimento murmurado, descuidado, como se eu, pensei algumas vezes, fosse uma criança; ele nunca parava para conversar, e eu jamais tinha um pretexto para detê-lo. Eu o via muitas vezes montado no pônei, com Giorsal e o cão na estrada que conduzia além de Cluain e Ballochtorra. Como eu não ia à cozinha de Mairi Sinclair, nunca mais o havia encontrado lá, mas, ocasionalmente, o pônei estava amarrado no pátio da cocheira, e eu sabia que ele estava no interior da casa. Era difícil imaginar Giorsal e o cão acompanhando-o até lá, porém, era mais difícil ainda imaginá-lo sem eles. Giorsal se empoleiraria na prateleira da cozinha, e o cão ficaria deitado diante do fogão? Callum vinha ver a mãe porque era sua obrigação, ou para comer, como muitos pareciam fazer, naquela mesa? Ele não seria o único a deixar a cozinha de Cluain com pão assado recentemente, e fatias de presunto. Meu avô devia saber que nenhuma, entre as muitas pessoas que vinham consultar Mairi Sinclair, partiam de mãos vazias, mas ele não fazia coisa alguma por evitar isto. Tudo aquilo fora estabelecido entre eles havia muito tempo. Mairi Sinclair desdenhava esconder a dádiva, talvez considerando, quase literalmente, o preceito bíblico de curar os doentes e alimentar os famintos. Mas seu filho não se demorava muito na cozinha de Cluain; eia como seu falcão, seguro pelas compridas tiras vermelhas, mas impaciente para ficar livre.

Depois de algum tempo, tive que confessar a mim mesma que estava, em verdade, à procura de Callum Sinclair nos passeios com Ailis. Sabia, agora, que a casinha bonita, que eu descobrira em uma de minhas primeiras caminhadas, era dele. Agora, sem vergonha alguma, virei a cabeça de Ailis naquela direção. Havia quase duas semanas que eu seguia aquele caminho, e a porta do chalé estava sempre fechada, e eu não ouvia nenhum movimento do pônei na cocheira; quando chegava bastante cedo, ainda saía fumaça do fogo da manhã pela chaminé, mas o silêncio no local era absoluto.

Então, chegou a manhã em que cavalguei por aquele caminho suficientemente cedo para ouvir o som vibrante do machado através do vale. Ele estava tão absorto em seu trabalho, que nem sequer ouviu nossa aproximação — apenas o cão começou a latir ferozmente, e ele se virou, olhando em nossa direção quando

subimos a trilha próxima ao regato. Ficou Imóvel, então, apoiado ao machado, ao lado da pilha de madeira que estava rachando, respirando pesadamente; com um gesto, obrigou o cão a se calar. Eu o encarei através do arroio rápido.

— Bem... não vai me convidar a entrar?

Ele não se moveu por um momento. Em seguida, com um leve encolher de ombros, acercou-se e abriu o portão, e Ailis atravessou a água por conta própria.

— Se isso a diverte.

— Diverte? Por que deveria divertir-me?

— Bem... não está fazendo uma visita ao arrendatário? Espero que elogie meu trabalho honesto a qualquer momento. Ou veio com um recado de Angus Macdonald, para me dizer que estou afastado da destilaria há demasiado tempo?

Evitei sua mão estendida e escorreguei do pônei.

— Sabe muito bem que não levo mensagens de meu avô. Tampouco, ele me mandaria.

— Tem razão sobre isso... ele não mandaria mesmo. Então, por que veio... curiosidade?

— Provavelmente — confessei. — Vive isolado, Callum Sinclair.

— E como deveria viver? Não sou bem-vindo na sala de visitas de Cluain.

— Já tentou? — atirei-lhe as palavras por cima do ombro, sem lhe dar tempo de replicar. — Bem, vai me convidar para a sua sala de visitas? Estou curiosa.

— E devo satisfazer sua curiosidade? O lar de um homem lhe pertence, sabe, e ele tem direito de viver isolado, se quiser — depois, deu de ombros novamente. — Bem... por que não? Está aqui, agora, e eu terminava com a madeira. É hora de uma xícara de chá. Pode preparar o chá para nós, enquanto empilho a madeira.

Assim, entrei sozinha na casa de Callum Sinclair. Ele voltou ao seu monte de toras, e fui abandonada, novamente como uma criança curiosa, para fazer o que quisesse. Fora, a casa não era igual às dos outros trabalhadores da destilaria, que eram construídas de pedra e ardósia, como os depósitos. Esta era muito mais antiga. Estava ali, provavelmente, por tanto tempo quanto Cluain. O telhado de colmo era novo, e as janelas pareciam maiores que a maioria — pensei que Callum as havia aumentado. Também faltavam as inevitáveis galinhas, que ciscavam perto das portas de outras casas. Era um local de aspecto bem arrumado, quase dolorosamente constrangido, como se ninguém vivesse ali, realmente.

Mas quando abria a porta, a sala de estar e cozinha eram mais confortáveis do que esperara. A austeridade insensível de Callum Sinclair não se estendia excessivamente; fiquei surpresa ao ver o sofá de couro, velho, mas ainda bom, em frente ao fogo, a grande escrivaninha de tampo laminado contra a parede oposta, perto da janela, as almofadas e cortinas de um vermelho vivo, um tapete oriental bastante novo, que cobria a maior parte do chão de madeira. Eu ignorava o que estivera esperando; não a pobreza carente de muitos chalés das Terras Altas, mas talvez, inconscientemente, uma repetição do ambiente laboriosamente arrumado de Mairi Sinclair. Foi um alívio ver um livro aberto, atirado sobre o braço largo do sofá, e a mistura negligente de outros, quase caindo das prateleiras de pinho que ocupavam uma parede. Havia outro livro aberto ao lado da louça de café não lavada, sobre a grande mesa, migalhas espalhadas sobre sua superfície. Peguei a chaleira e coloquei-a em seu lugar, sobre o fogão.

— Eu não falava sério — virei-me ao ouvir o som de sua voz. — Não sou tão inospitaleiro quanto imagina. Eu vinha fazer o chá.

— Acha que não sei fazer?

Ele se dirigiu à pia e bombeou água para lavar as mãos.

— Não sei o que esperar. Não sei muito sobre a filha de um bispo. Aqui, na Escócia, não sabemos muita coisa sobre bispos... imaginamos que vivem em palácios com suas famílias.

— Suas famílias não têm mais dinheiro do que a diocese pode dispor. A diocese de meu pai era de milhares de quilômetros quadrados, e seus conversos tão pobres, que ele precisava tentar alimentá-los... com dinheiro de contribuições na Inglaterra. Não sobrava muito para ele próprio. O único luxo que William teve em sua vida foi a promessa de instrução... e não teve sequer tempo de terminá-la.

— E quais eram os seus luxos? — Havia secado as mãos, e vestia um casaco de lã xadrez.

De alguma forma, ali em sua casa, parecia, de repente, menos distante, menos na defensiva — o casaco xadrez em lugar do de pele de carneiro, o abotoamento do colarinho da camisa, o modo como carregava os pratos usados da mesa e retirava as migalhas com pancadas leves de um pano. Trouxe xícaras limpas em uma bandeja de madeira para uma mesa perto do fogão, e fez o chá com movimentos rápidos e eficientes. Seus gestos eram parte da atração do homem — nada perdido, tudo bastante certo e sem hesitações. E quando não havia mais nada a fazer, ficou imóvel.

— Luxos? Eu tinha meu pai e William. Isto é mais do que a maioria tem.

Éramos uma família unida. Tínhamos livros e boa comida chinesa, e criados... mas é impossível não ter criados na China. Eu era, provavelmente, a mulher com roupas mais fora de moda entre as europeias, mas pouco importava. Meu pai usava roupas gastas, muitas vezes, mas ninguém parecia se importar com isso.

Ele se ergueu e serviu o chá.

— Você também não se importa — os olhos abrangeram a saia velha e as botas enlameadas, o xale que eu viera a usar, como faziam as mulheres das Terras Altas, servindo como complemento para qualquer ocasião.

O olhar fixo era tranquilo e firme. Eu poderia entender suas palavras como quisesse.

— Coma um bolinho de cevada. Eles vêm de Cluain; por isto, suponho que são seus.

Sacudi a cabeça e olhei para ele por cima da xícara,

— Não podemos parar com esta tolice? É um homem instruído, Callum Sinclair. Todo este jogo de ser subserviente a Cluain é impróprio... pior que isso... é ridículo. Cluain não é minha... e você não é um criado. Combinado?

Em verdade, sorriu — um movimento leve, como a luz surgindo relutantemente através das nuvens de inverno, e depois, sendo encoberta depressa demais. Como meu avô, ele não parecia acostumado a sorrir.

— E não é tola. Muito bem, está combinado. Tentarei me lembrar. Ou, ao menos, esquecer que é a neta de Angus Macdonald.

— Por que voltou a Cluain se se sente assim em relação a ele? Devem ter existido outros empregos disponíveis para você, lugares onde não teria que...

Ergueu as sobrancelhas.

— Não teria que trabalhar com as mãos? Bem, suponho que poderia ter encontrado alguma coisa. Gosto de trabalhar com as mãos. Mais ainda, gosto de viver no campo... neste campo. Eu o conheci a vida toda, e se existe um lugar que amei, é este. A única maneira de ter isto, e minha independência também, era trabalhando para Angus Macdonald. Eu poderia trabalhar em outra destilaria, mas Cluain é... diferente. Pensei em ir para o Canadá ou Austrália, como muitos de nós, habitantes das Terras Altas, são forçados a fazer. Provavelmente, eu teria pastoreado ovelhas na Austrália, ou caçado para conseguir peles de animais no Canadá. Oh, eu poderia ter fugido da tradição de amo e criado, mas não estaria no lugar em que desejava estar. E nenhum homem é um criado, quando não se sente como tal. Por

isto, fiquei... por uma razão ou outra, fiquei.

— Não ficou apenas — salientei — você voltou.

— Voltei somente quando Angus Macdonald me pediu. O chefe da destilaria morreu quando um barril caiu de uma carroça e o esmagou. Havia outros aqui... mas nenhum que Angus Macdonald pensasse que trabalharia tão bem por Cluain quanto eu. O que quer que seja que o uísque necessita... o olfato, a visão, a percepção... eu possuo, aparentemente, na opinião de seu avô. Se ele pudesse se arranjar sem mim, o teria feito. Não gostamos muito um do outro, mas ele mandou me chamar e fizemos nosso acordo. Eu trabalharia durante quantas horas a destilaria exigisse, contanto que fosse necessário. No verão, eu ficaria livre do trabalho da fazenda... não iria colher sua cevada, ou reunir seu gado. Contanto que fizesse o trabalho na destilaria, seria independente. Se resolvo trabalhar depois da meia-noite quando estamos fabricando o uísque, é porque minha presença é necessária lá. E caminharei com dificuldade pela neve para chegar lá às 6h da manhã seguinte. Mas aqui, nesta casa, nas horas e meses que me pertencem, ele não tem direitos. Faço o que quero. Foi isto que combinamos. É assim que tem sido durante os últimos três anos.

— Mas não pode ser para sempre.

— Por que não?

— A maioria dos homens se casa. Tem mulheres, filhos...

Fez um gesto de impaciência.

— Quando chegar o momento certo. Ainda não encontrei a mulher pela qual valha a pena desistir do que tenho...

— Os homens se casam — repeti.

— Casar! — era como se eu tivesse desencadeado uma tempestade.

Levantou-se abruptamente, o corpo relaxado, tenso agora.

— Casar... e colocar grilhões em mim mesmo — a xícara se espatifou contra a grade do fogão. — Com uma mãe como a minha, que nunca precisou se envolver no manto de respeitabilidade do casamento, como espera que eu me sinta? Se ela pôde suportar a solidão, e criar seu filho sozinha, um filho sem nome, por que preciso me deixar prender por esse tipo de elo?

Fiquei estranhamente emocionada por ele ter falado daquela forma sobre seu nascimento. Era sensível e irascível, e eu sabia que, naquele minuto, agia como o filho de Mairi Sinclair agiria. Gostei de ele não sentir necessidade de inventar desculpas para ela, e de estar orgulhoso de sua coragem. Os dois podiam brigar, mas

tinham o mesmo sangue, como dizia Morag.

— No entanto... a maioria das mulheres se entrega ao cativo do casamento. Fazem o que mandam. Criam filhos e cuidam de maridos doentes. Aceitam...

— O que mais podem fazer? — perguntou, com a complacência enlouquecedora de um homem. — O que mais é acessível a elas?

— Algumas fazem a escolha de se entregar. Livrementemente.

Estaria louca? Pensaria ele que eu me referia à sua mãe?

Mas sua expressão mudou para um olhar pensativo.

— Sim... há aquelas que escolhem. As que cedem livremente. E elas são as únicas que vale a pena ter. Venha... eu lhe mostrarei uma coisa.

De forma completamente inconsciente, agarrou minha mão e me fez ficar de pé num salto. Minha xícara bateu com ruído na bandeja e fui arrastada, atrás dele. A porta se abriu e bateu depois que passamos. Então, fui atirada contra o muro dos fundos do chalé.

— Fique aí e imóvel. Ela está acostumada com estranhos e não baterá as asas, mas muito poucos vêm aqui, e ela pode não gostar, no começo. Fique quieta, apenas. Ela a verá e se acostumará com sua presença.

Ele continuou, então, em silêncio agora, entrando na cabana vizinha à cocheira. Esperei, comprimindo-me contra o muro, tentando manter-me à sombra projetada pela aba do telhado de colmo. Estava imóvel, como ele ordenara, mas não conseguia conter as marteladas incessantes do meu pulso, ou a secura da garganta que não me permitia sequer engolir.

Ele apareceu, finalmente, o falcão em sua mão enluvada, a ave usando um caparão vermelho de penas, com o qual nunca a vira antes. Callum ficou de pé no espaço aberto, as tiras vermelhas enroladas em seus dedos, e gentilmente, com a mão direita, soltou as tiras de couro que mantinham o caparão no lugar, e tirou-o. A ave me viu imediatamente, e por um instante pensei que fosse alçar voo; mas, simplesmente, se moveu um pouco sobre a luva e curvou as ameaçadoras garras posteriores. Depois sua cabeça virou, perscrutando todo o horizonte, assimilando quaisquer novos acontecimentos de seu mundo. Em seguida, certa de que tudo continuava como antes, os grandes olhos escuros se fixaram em mim. Eu soube no mesmo instante, não por qualquer conhecimento anterior de falcões, mas pela impressão que os olhos me causaram, que aquela era, realmente, uma ave de rapina. Sobrevivia, matando. Não matava a não ser para comer, e mesmo sabendo que era

errado deixá-la perceber meu medo, ainda assim, senti medo. Ansiava por dar meia-volta e correr, como suas vítimas deviam fazer para escapar daqueles terríveis olhos astutos, das grandes e poderosas garras posteriores.

Agora, a mão de Callum pousou sobre a ave, batendo-lhe com seu dedo indicador, alisando-lhe a plumagem brilhante e saudável. Ainda assim, eu continuava paralisada pelos olhos cercados de negro — a negrura que não permitiria a luz alguma refratar-se neles, que tornava o olho do falcão uma arma tão potente quanto suas presas.

Era uma ave grande, quase tão comprida quanto o braço de Callum, do cotovelo aos dedos, as penas de um preto azulado em cima, brancas embaixo, com listras transversais cinzentas. Tinha uma aparência de enorme força, conhecida e compreendida, força sob controle, para ser usada quando fosse necessário.

— É muito bonita — minha voz era um sussurro. — Giorsal...

Falei no tom que Callum usava para se dirigir à ave, e ele conversava constantemente com ela.

Giorsal fixou os olhos em mim, de novo, quando pronunciei seu nome, moveu-se, mais uma vez, um pouco, sobre a luva de Callum, acostumando-se à voz estranha.

— Sim — disse ele, baixo. — É mais que bonita — então, delicadamente, soltou as tiras vermelhas do pulso.

A ave permaneceu ali por um instante mais, movendo-se de leve, de forma que os pequenos sinos presos às suas pernas repicassem mais alto que o som do regato. Depois, com grande abertura das asas — conseguida sem qualquer esforço, mas que balançou o braço de Callum — levantou voo. Foi uma subida rápida, mas não muito alta; durante algum tempo, sobrevoou o chalé e os arredores, em círculos, hesitante, como se indecisa sobre o que fazer. Em seguida, usou todo o poder de suas grandes asas para subir mais e... mais. Lutei para vê-la, mas afinal ficou fora do alcance do meu olhar, uma mancha que desapareceu no sol.

— Veja o vale... agora — disse Callum, tenso de excitação. — Veja as aves levantando voo. Se são espertas, procuram abrigo... a perdiz e o lagópode, os gaios e gralhas. Sabem o que Giorsal representa para eles... é a sombra da morte. Têm que tentar fugir dela... não conseguem voar mais rápido, nenhum deles. Os falcões são as coisas mais velozes que vivem sobre a terra. Quando Giorsal desce sobre sua presa... mergulha... dizem que chega a uma velocidade de 300km/h. Não sei como avaliam isso, e não importa qual é a velocidade... ela é a coisa mais rápida que

existe.

— E deixou-a ir!

Olhou-me interrogativamente, depois se lembrou de que eu tinha que aprender tudo.

— É isto que é bom. Giorsal voltará, está domesticada. Seu lar é aqui... como também o vale todo. No inverno, quando os dias são curtos e a caça é escassa, ela sentiria fome, algumas vezes, se estivesse na floresta, mas aqui, sabe que será alimentada. Esta é a verdadeira liberdade, entende? Agora, Giorsal está livre, e poderia tomar a decisão de não mais voltar. Poderia ir para o sul quando o inverno chegasse, como sempre fizeram as aves de sua espécie, para os estuários na Inglaterra onde o gelo não se forma, e outras aves passam o inverno. No verão, poderia ir muito mais para o norte... para a Suécia e a Finlândia, o país da tundra. Mas ela nasceu aqui, como eu, e este lugar está em seu coração e percepção. Ela volta sempre... livremente! É um falcão ninhego... tirado do ninho. Encontrei Giorsal no primeiro verão em que voltei para cá, há três anos. Um dos couteiros de Baliochtorra matou sua mãe... eu sei, porque observava o peregrino sobrevoar o vale à procura de alimento, e compreendi que tinha filhotes para alimentar. Não sei onde o macho se encontrava... imagino que morto também. Os couteiros não gostam de falcões porque eles levam os lagópodes. Vigiei a mãe durante semanas e vi quantas vezes ela voava para o penhasco, além de Baliochtorra. Concluí que o ninho devia estar em algum lugar, por lá. Os falcões gostam de fazer os ninhos nos penhascos ou nas encostas de montanhas, onde sabem que estão seguros sob uma saliência. Quando eu soube que a mãe fora morta, fui procurar o ninho. Há uma subida escarpada perto de Ballochtorra, e não pude ver o ninho. Mas afinal ouvi os guinchos... gritos agudos de fome e terror. Quando alcancei o ninho, os dois irmãos de Giorsal estavam mortos... o falcão-macho é cerca de um terço menor e mais leve que a fêmea. Giorsal havia comido toda a carne que existira neles, e estava também a ponto de morrer. Ainda era incapaz de voar, de caçar, mesmo animais pequenos como camundongos, o tipo de coisa que os falcões desprezam ao crescer. Assim, eu a trouxe, pequenina e fraca, em uma sacola, enrolando-a em um pano para que não abrisse as asas e as danificasse. Precisaria delas em perfeito estado, para voar como devia. Mas estava tão fraca que quase não lutou. Eu tinha carne para ela, que necessitava de alimento e aquecimento. Trouxe-a para cá, e passaram-se dias antes de ela ter força suficiente para tentar me desafiar. Então, chegou o dia do grande teste. Antes, ela não se importava como conseguia a comida, contanto que a tivesse; mas, com a força, ganhou confiança também. Seria domesticada então, ou nunca. Coloquei-a sobre a mão enluvada, e tive que ensiná-la a comer o que minha mão lhe oferecia. Isto significa que eu devia ficar acordado tanto tempo quanto ela, até que

comesse o que lhe era dado, adormecendo depois. Levei duas noites e três dias. Estava quase morto. Carregava-a para toda parte, dentro da casa. Passei duas noites com ela sobre a luva, descansando o braço sobre o sofá, lendo em voz alta... tanto para me manter acordado, quanto para acostumá-la ao som da minha voz. Afinal, cedeu, e nossa camaradagem começou. Quando se lutou uma batalha como aquela, não se dá valor a nada que seja conquistado facilmente. Tive sorte. Giorsal era uma boa ave. Em geral, um falcão ninhego não será bom... gritará a vida toda. Como algumas mulheres. Eu tinha tanto o que aprender. Fiz um poleiro para Giorsal na cabana, no fundo da cocheira, o seu quarto, que eu podia escurecer para que ela ficasse tranquila e feliz. Eu levava os pioses quando ia pegá-la, mas o resto teve que ser aos poucos. Eu mesmo precisava aprender. Passei mais noites acordado, aprendendo a dar o nó do falcoeiro, a prender o caparão com minha mão direita e meus dentes. Mas depois da primeira batalha, ela aceitou tudo, como se tivesse nascido para isso. Desde o começo, representei alimento e abrigo para ela. Tornou-se tão submissa que, compreendi, o problema seria lhe dar confiança e fazer com que sentisse necessidade de partir e matar, como devia. Um peregrino é uma... uma ave nobre. Fazer Giorsal viver como uma ave dócil, em um poleiro, não beneficiaria nenhum de nós dois. Ela precisava sentir o outro lado de sua natureza. Eu queria vê-la em seu próprio elemento, voando por este campo, hesitando e mergulhando, matando para conseguir alimento. Eu tinha que correr o risco, mesmo se a perdesse depois que ela conhecesse a liberdade. Naquele verão, alegrei-me com as noites longas. Eu sabia que ela devia ser treinada para matar antes do verão terminar, como teria acontecido em estado selvagem, ou estaria perdida. Ela havia aceitado tão bem os pioses, o tomei e a coleira... os pioses são as tiras de couro, e o tomei de metal liga as tiras à coleira. O tomei permite que se mova livremente sobre sua pedra ou poleiro, sem se enredar. Eu a trazia para fora, ou sua pedra, em todos os dias bonitos. Pode ver como há um gancho na pedra para prender a coleira. Há outra pedra lá adiante, à margem do regato para que ela possa se banhar, alisar as penas com o bico e se secar em seu lar natural, que é um riacho pedregoso e rápido — fez uma leve careta. — Naturalmente, Giorsal adorava isso, era o melhor dos mundos para ela. Tinha companhia, alimento, proteção, abrigo. Aceitou bem o caparão. Quando se coloca um caparão em um falcão, ele se acalma. Não vê, e suponho, não se importa com o mundo à sua volta. Quando era bastante nova, aprendeu a ser carregada na luva, de caparão. Eu costumava levá-la para a destilaria, a fim de acostumá-la a ruídos e vozes diferentes, e, finalmente, pude levá-la lá sem o caparão, e ela não alçava voo, a menos que acontecesse alguma coisa muito incomum. Era muito bem-educada, como se espera que os falcões treinados sejam. Mas, não parecia querer, ainda, voar por conta própria. Tornava-se gorda e preguiçosa. Assim, tive que deixá-la passar fome, e quando sentia fome suficiente,

eu sacudia o engodo para que ela tivesse que vir até mim para buscá-lo... sempre com a coleira, naturalmente. Quando a coleira é suficientemente comprida pai permitir que a ave voe até o engodo, os falcoeiros chamam-na de creance. Fiz a correia mais e mais longa. Ela ficava zangada comigo, quando eu a deixava com fome, e começou a compreender que precisava voar para conseguir alimento, e aprender a pegá-lo enquanto ele girava no ar diante dela. Eu a fazia percorrer uma longa distância até o alimento, e, então, chegou o dia decisivo... naquela época eu rezava porque a ave e eu parecíamos formar uma só pessoa. Eu lhe dera a vida, e ela me dera... bem, acho que não posso dizer o que ela me havia dado. Havia uma riqueza de experiência que eu não conhecera antes, mas sabia que tínhamos que chegar àquele clímax, ou tudo teria sido inútil. Nesse dia, tirei-lhe a coleira e o tomei, e ela voou até aquela árvore lá. Mal podia vê-la entre a folhagem. Tudo que podia ver eram os pioses vermelhos... e ouvir os sinos. Ela poderia ir embora para sempre. Balancei o engodo e rezei. Não rezo com frequência. Ela veio buscar o engodo e pegou a came, voando até sua árvore para comê-la. Depois, mantive a came na luva. A distância era longa para se ver o pedaço de came, mas falcões podem ver qualquer coisa. Desde que fixam seu objetivo, os olhos convergem para o foco como as lentes de um telescópio. Giorsal sabia que a came estava lá, mas também sabia que estava livre. Veio, então, precipitando-se rapidamente. Nunca esquecerei a visão de suas asas, nem o seu som. Veio e comeu na luva, e ficou. Nunca tive um momento igual em toda a minha vida.

A pele pálida estava corada, os olhos escuros brilhavam como os do seu falcão.

— Isso é o que quero dizer com alguma coisa dada livremente.

Triunfo e júbilo inundavam-no com a recordação. Contava a história de um amor. De um animal desejado e conquistado, como uma mulher cortejada. Talvez tenha sido naquele momento que comecei a amá-lo, a desejá-lo para mim.

Contou-me mais coisas naquele dia, mas não me lembro de tudo. O que ouvia sobre o falcão misturava-se com o que estava sentindo pelo homem. Testemunhei em seu relato o orgulho e o poder de um amante, e meus pensamentos e emoções se confundiram insensatamente entre si. Fiquei contente quando o falcão voltou, porque agora a atenção de Callum se voltou toda para a ave, e não examinou meu rosto enquanto falava.

O peregrino perambulou pelo céu, acima de nós — não tão alto que não pudéssemos ver o garbo deslizante da envergadura das asas, as arremetidas simuladas, os mergulhos travessos. Todo o vale estava imóvel. O falcão percorria seu território, e todos estavam protegidos agora. Todos sabiam que a ave estava ali

— a bonita, mortífera sombra da morte.

— Está brincando — disse Callum. — Matou esta manhã e comeu bem. Não tem necessidade de alimento. Está voando, agora, pelo prazer de voar. Aprendeu a conhecer seu próprio elemento, sabe, mas ainda assim, volta para mim.

E voltou. Cansou das brincadeiras e desceu perto do chalé. Vacilou durante alguns minutos, observando o contorno novo da minha figura contra o muro do chalé. Mas não me movi, nem Callum, tampouco. Depois, durante mais tempo, a ave pousou em uma árvore próxima. Mas o elo entre eles era total, e ela sabia que Callum a teria prevenido se eu fosse uma ameaça. Assim, com um voo final, regressou à luva de Callum, estendida para recebê-la. Ficou muito quieta enquanto ele reunia os pioses e, gentilmente, puxava o caparão sobre sua cabeça. Vi como ele teve que usar os dentes, assim como a mão livre, para puxar as tiras de couro do caparão, o suficiente para ficarem no lugar. Giorisal, agora de olhos vendados, descansava. Ele a levou de volta ao anexo da cocheira.

Mesmo então, não me movi. Estava tão paralisada pelos pensamentos sobre Callum, quanto estivera pelo olhar fixo e cismativo do falcão. Quando Callum reapareceu, afinal, senti-me exaurida e deprimida. Não queria voltar ao interior do chalé. Precisava ficar sozinha com aquele novo pensamento, sozinha em um lugar onde meu rosto e voz não traíssem minha fraqueza. Callum trouxe Ailis do picadeiro ao lado da cocheira, onde estivera amarrada, e antes de eu ter consciência de seu gesto, ergueu-me até a sela, como se eu tivesse o peso de uma criança.

— É possível... — minha voz morreu, sussurrante.

Senti as mãos tremerem ao levantar as rédeas.

— O que é possível?

— Acha... poderia... eu poderia vê-la matar? Tão livre e selvagem, como você disse que ela era... e, ainda assim, voltando à sua mão. Eu gostaria de ver...

— Quer ver isso? Significa uma longa cavalgada. Teremos que subir acima das charnecas, onde é muito aberto, ou não verá coisa alguma. Mas, se quiser...

— Irei a qualquer lugar.

— Então, eu a levarei. Adeus, Kirsty.

Devo ter atravessado o regato e descido a trilha até onde ela se unia à estrada. Não me lembro da jornada. A imagem do falcão e de Callum estava gravada em meu cérebro. O que havia entre eles dois, eu queria para mim mesma.

CAPÍTULO SEIS

De forma muito semelhante à que fui arrastada para a vida de Cluain, também me senti impelida em direção a Ballochtorra. Sabia que meu avô não queria que eu fosse lá, mas fui, seguindo o caminho que William percorrera antes de mim. Se estava um pouco tímida da primeira vez, também foi a última em que me senti assim. Margaret Campbell deu-me as boas-vindas com uma gratidão quase humilde. Enquanto eu esperava na grande e formal sala de estar, que o mordomo me havia apontado, pude ouvir a voz de Margaret nas escadas, e o som de seus passos, como se corresse. A porta se abriu rapidamente.

— Oh, veio! Pensei que nunca viria! Ouvi dizer que tem cavalgado por toda a região, sobre um pônei gordo, e começava a ficar magoada porque nunca parou à minha porta.

— É um pouco difícil decidir em que porta se deve parar. Ballochtorra é bastante temível, e seu mordomo, mais ainda! Além disso, minha pequena e gorda garrana não tem uma figura muito elegante no pátio da cocheira, ao lado dos seus puros-sangues.

— Oh, não será igual ao seu avô, não é? Será que já existiu um homem tão orgulhoso e obstinado? Sei que Ballochtorra intimida um pouco até se conhecer o caminho, mas está vendo, já o encontrou. E tenho tanto medo do mordomo-quanto jamais terá... e mais, porque tenho que fazer o que ele me diz. O que significa ser dona de uma grande casa, quando todos eles sabem que você não nasceu para isso! Realmente, não sou dona. Só posso falar à governanta, ao mordomo e chefe dos jardineiros, e se eles não gostam do que sugiro, dizem-me que não pode ser feito. Ora, não posso sequer plantar uma roseira onde quero. Como William costumava rir disto! Oh, não fiquemos aqui! Esta sala me deprime, se não está cheia de gente. Venha para a minha saleta... é tão mais aconchegante! Tomaremos chá lá.

Não era uma saleta, de forma alguma, a não ser em comparação com a sala de visitas. Mas era a saleta de Margaret Campbell — cheia do encanto, das cores suaves, do ar de elegância discreta que faziam parte dela mesma. Estava salpicada de fotografias em molduras de prata — fotos de um grupo em uma festa, de outro, em uma caçada; na primeira fila de uma das fotografias vi a figura robusta e barbuda do herdeiro da Rainha. Algum dia haveria a fotografia ardentemente desejada por James Ferguson, segundo meu avô, de Margaret Campbell com mantos adornados de arminho e a coroa de marquês. A maioria das fotos encontrava-se exposta sobre um piano de cauda coberto por um pano de seda.

— Seu marido toca aqui?

— Não... não muitas vezes. Gavin quase não usa esta sala. Dá aulas a Jamie em seu próprio piano, no seu estúdio... lá em cima, em uma das torres. Tivemos que tirar uma das janelas para conseguir içar o piano até lá. Fiquei apavorada, temendo que caísse.

— O estúdio dá para Cluain?

— Não... e isso é estranho. Dá diretamente para o outro lado do vale, em sua parte mais estreita. O local mais escuro de Ballochtorra para mim, mas Gavin gosta dele.

Trouxeram o chá e Margaret Campbell riu porque parecia frugal ao lado do que Mairi Sinclair servira. Mas a bandeja de prata estava carregada com sanduíches delicados e um prato de bolinhos cobertos de maçapão; em Ballochtorra, a cozinheira se empenhava em tentar o apetite saciado das damas, e não em encher os estômagos famintos dos camponeses.

Margaret correu o dedo pela beirada biselada da mesa de onde servia. Revelou-se um minúsculo sinal de poeira.

— Oh, terei que falar com a Sra. Macgregor de novo! Não que ela possa fazer alguma coisa, coitada. Como se pode manter as coisas limpas com obras em andamento? A casa não tem nada, a não ser poeira.

— Sim, ouvi as marteladas.

— O vale inteiro ouve. É terrível. O trabalho devia ser feito quando estamos fora, mas meu pai meteu na cabeça que devemos transformar dois quartos, que não eram usados, em um grande salão de bilhar, para quando o Príncipe nos visitar. Pode imaginar? Vieram até trabalhadores de Londres... marceneiros para apainelamento e todo esse tipo de coisa. E tudo com pressa. Meu pai achou que a biblioteca estava muito velha, e assim, toda a mobília deve ser estofada novamente, e a maioria dos livros, reencadernada. Exceto os livros que Gavin se negou a lhe entregar... levou-os para o seu estúdio. A tolice é, naturalmente, que o Príncipe nunca lê um livro, nem mesmo em um dia chuvoso. Mas as novas encadernações de couro têm cores bonitas...

Parecia tolice e futilidade, e talvez fosse; porém, qualquer coisa que ela dizia e fazia possuía tal desejo aparente de agradar, que muito poucos poderiam oferecer resistência. E afinal de contas, se havia dinheiro para gastar, ela adoraria gastá-lo. Também houve para mim a novidade da diferença de Cluain. Ali não havia austeridade, nenhum sinal da energia vigorosa que animava a vida de meu avô, nem da paixão por trabalho árduo que parecia ser parte da religião de Mairi Sinclair.

Relaxe contra as almofadas de seda, ouvi o fluxo da tagarelice ligeira e riso fácil de Margaret Campbell, e fiquei novamente encantada. No meio de tudo aquilo, de todo o divertimento, o pensamento de que eu nunca ouvira alguém rir em Cluain — nem mesmo Morag — surgiu, de repente. Meu avô poderia ter respondido a esse pensamento, que havia pouco do que se rir.

— Toca, Kirsty? — Margaret Campbell indicou o piano.

— Não — respondi prontamente, escapando afinal do fato de que tocava muito mal.

Ali, ninguém precisava saber que eu havia tentado tocar, e o pesadelo da infância, de que executava erradamente as músicas, desapareceria para sempre. Não era nem sequer uma mentira.

— Oh, lamento! Costumava me divertir tanto com William. Em geral, tentávamos duetos. Ele era muito bom, no entanto, não sério. Gavin achava que formávamos um par de tolos. A música de Gavin é tão... tão profunda. Prefere que ninguém o ouça tocar. Passa tanto tempo naquela igreja desolada, tocando para si mesmo. Até no inverno, quando está um frio quase insuportável. Gavin acha que sou... tola.

— Tenho certeza que não — falei, gentilmente.

— Talvez ele não pense isso conscientemente, mas quando sai sozinho para a igreja, sei que ele preferiria ter sido o que queria... um organista de alguma catedral de cidade. Trabalhando o dia inteiro, ensaiando um coro, talvez com uma mulher boa e sossegada esperando-o em casa. Ele não gosta, realmente, de Ballochtorra. Não como está agora. E para lhe dizer a verdade, também não gosto. Ballochtorra era boa no começo, quando éramos recém-casados. Uma ruína de uma fortaleza, realmente, mas era bonita, de certa forma selvagem — o tom se alterou, a pequena saudade mudando para uma espécie de otimismo determinado. — Bem, talvez se pense assim quando se é jovem... e isto não dure para ninguém. Meu pai começou a construir e construir, e tornou-se tão grande que Gavin parece perdido aqui. Ele ama as charnecas e as montanhas, mas, em verdade, acho que seria mais feliz em um chalé. Quando estamos sozinhos aqui, e o vejo na cabeceira oposta da grande mesa de jantar, quase chego a pensar que ele deseja que eu não estivesse aqui. Então, ele poderia apenas tocar sua música e ler seus livros... e se esquecer de ter que procurar alguma coisa para me dizer.

Na verdade, ela sorria ao falar, e os olhos ambarinos brilhavam, como se não estivesse tangendo os sinos para anunciar o fim de um casamento. Somente os puxões na renda de seu lenço a traíam.

— Não é culpa dele. Não esperava ficar sobrecarregado com Ballochtorra e com meu pai. E agora, este outro título a caminho, e as coisas piorando mais ainda. Sabe, ele me amava... amou-me. Mas tudo isto ergueu uma muralha entre nós... posso sentir todas as coisas que ele ama, sua música e livros, caminhar nas charnecas, de um lado da muralha. Do outro, está o dinheiro de meu pai. Mal podemos ver um ao outro por cima desse muro... ou falar. A verdade é que Gavin gostaria de trabalhar... e meu pai acha inadequado que o marido de sua filha se envolva em negócios. Ele deve ser um cavalheiro e esperar por seu título; e, então, o menino dos cortiços que meu pai era estará enterrado para sempre. Jamie jamais verá, provavelmente, o interior de uma destilaria, e Gavin está ficando encolerizado por não lhe poder ensinar nada sobre o mundo que lhe cabe por justiça. Meu pai diz que o negócio irá apenas crescer e crescer, que o uísque continuará se expandindo, e haverá pessoas competentes para cuidar dele. O nome de Jamie constará da lista de diretores da firma, mas jamais dirigirá o negócio. É o dinheiro, sabe? Fez meu pai. E a mim... adoro gastá-lo. Mas está arruinando Gavin. Quando a casa estiver pronta, em Londres, duvido que Gavin passe lá mais de algumas semanas por ano... e somente quando precisar aparecer. Ficará em Ballochtorra... e eu, eu serei a anfitriã mais alegre e brilhante de Londres, e o Príncipe de Gales irá aos meus jantares. Meu marido será aquele grosseiro nobre escocês que todos ficam felizes por não estar lá, para estragar o divertimento.

O tom de voz tremeu.

— O problema é que acho que Gavin seria muito bom nos negócios... se alguém lhe desse uma chance, algum dia. Bem, estou falando demais... mas precisava tanto fazer isso. As pessoas me julgam erradamente, ou faço com que me julguem mal. Pensam que sou tão idiota, que ignoro como Gavin se sente. Mas, sabem eles como me sinto? Não posso fazer nada em relação a meu pai. Não posso fazer nada se o dinheiro que tenho me tomou tão solitária aqui. Não é de admirar que eu queira fugir para Londres e encher a casa de convidados. Preciso de distração, ou penso, algumas vezes, que enlouquecerei. Gostava quando William vinha. Ele me fazia rir e esquecer tudo. Era tão bom em tantas coisas... tão inteligente...

— Falou com ele assim... quero dizer, sobre seu marido?

— Quer dizer que William era mais jovem que eu e poderia ficar chocado? Mas William sabia, entende? Pôde compreender imediatamente. Era mais velho do que parecia. Por isto estou falando a você como uma tola, porque sinto quase como se tivesse William de volta. Não tagarelo assim com todo mundo. Oh... meu pai ficaria furioso, se me ouvisse! Ele sabe o que acontece nas vidas das pessoas com

quem mantenho amizade, conhece o cuidadoso arranjo dos quartos quando há hóspedes em casa. Mas ele não se importa, contanto que a fachada do casamento seja mantida, e a lista de convidados seja da alta sociedade, e não ocorra nenhum divórcio como resultado. Parece imoral, não é? E é, porém, ele é ambicioso... terrivelmente ambicioso. Não aprovaria esse comportamento para si próprio... e, provavelmente, não para mim, porque Gavin não toleraria tal coisa. Mas ele quer que eu seja uma grande anfitriã, e, assim, devo conhecer estas pessoas. Se surgirem boatos... bem, nada se poderá fazer. Eles fazem parte do jogo.

De repente, os dedos longos e delicados rasgaram o lenço de renda com surpreendente força e violência.

— Oh, você deve me desprezar!

— Por que deveria desprezá-la? O que tenho para me sentir superior?

Seus olhos se arregalaram.

— É a filha de um bispo!

— Cresci na China. Vi muitas moças serem vendidas e usadas, para ficar surpresa por isto acontecer em outros lugares... de outras maneiras. William não lhe explicou nada disso?

— De certa forma... sim, mas nunca falei assim com William. Era um homem. Eu poderia ser...

— Mal interpretada?

— Talvez. Eu gostava de William... como amigo. Ele sabia que eu era solitária. Não foi necessário dizer mais nada. Agora, falei demais. Conteí muitas coisas, e não quero que odeie meu pai. Ele não pode evitar. Vi o lugar onde cresceu — um leve tremor percorreu seu corpo. — Eu faria tudo... tudo... para sair de lá. Não posso culpá-lo. Ele me deu um tipo de educação diferente, e estou livre de toda necessidade de lutar contra as pessoas para conseguir o que quero. O que ele não compreende, e jamais compreenderá, é que o mundo para o qual me empurrou é tão ardiloso e cheio de competição, quanto aquele de onde saiu. E Santo Deus... o pior é...

— O quê? — ela diria, mesmo que eu tentasse fazê-la calar-se.

— Até hoje, Gavin ignora que meu pai investigou cuidadosamente a sua família, antes de me deixar casar com ele. Naturalmente, Gavin já era um baronete, mas duvido que já tivesse ouvido mais que referências ao Marquês de Rossmuir. Meu pai sabia o tempo todo que havia uma chance muito boa de Gavin ter o título,

eventualmente, embora existissem dois outros homens para herdar antes de Gavin. Mas ele sabia que um estava doente na Índia, e o outro se envolvera em um escândalo de jogo aqui, e estava no Congo onde iria beber até morrer. Foi por isto que ele me deixou casar com Gavin. Foi um jogo... e deu resultado. Meu pai adora jogar. No entanto, esta tem sido sua grande vitória. Há 10 anos, meu pai não era tão bem-sucedido nem tão rico... e não havia títulos a serem conseguidos com o casamento de sua filha. Títulos exigem dinheiro sólido. Parece tão podre e corrupto, não é? Mas não devia ser. Amei Gavin... sim, eu o amei.

Levantou-se e, durante um minuto, tudo que ouvi foi o silvo da seda de seu vestido quando caminhou de um lado para o outro da sala. Depois, voltou-se e encarou-me.

— Pronto... eu disse tudo. Tudo. Nunca falei assim em minha vida. Não sei o que tomou conta de mim. Talvez nunca tenha querido admiti-lo antes... mas meu pai está nos visitando agora, e por causa da vinda do Príncipe ele parece mais... oh, como devo dizer?... mais intrometido do que nunca. Gavin sente a pressão, e eu também. Tive que falar... Aborrecia muito? Você... acho que gosta de mim. Não tem motivo para gostar de mim, mas acho que gosta.

— Gosto de você. Mais que isso, até.

— William também gostava de mim.

— Claro que sim. Quem poderia não gostar?

Ambas viramos a cabeça para a porta. Gavin Campbell estava lá, e sorria — um sorriso que não nos revelou coisa alguma. Não havia maneira de saber quanto ele tinha ouvido, e supus que, provavelmente, ele jamais nos diria. Como William, ele sabia mais do que lhe contavam. Agora, moveu-se em nossa direção.

— Espero que ainda haja algum chá.

Estranhamente, Margaret Campbell ficou perturbada.

— Ora... naturalmente! Pedirei chá fresco...

— Não, não faça isso! Não é preciso exagerar. Deve haver algum ainda. Não me importo que esteja forte.

— Não há uma xícara para você. Nunca pensei... bem, você nunca veio tomar chá aqui, Gavin.

— Não? Acho que me esqueço de tomá-lo. Não importa. Disseram-me que a Srta. Howard viera. Pensei em vir saber por que demorou tanto a nos visitar. Não é muito amigável. Aquele velho, Angus Macdonald, lhe disse que não deveria vir?

— Não em tantas palavras. Ele me deixa bastante livre. Acho que eu sentia apenas... timidez.

— Ora! A irmã de William, tímida! A moça que veio da China distante sem convite, tímida? — riu. — Nunca me convencerá disso... não, Margaret, não chame ninguém! Não suporto a confusão. Haverá seis criadas aqui, assim como Wilson, rondando — ainda de pé, pegou um sanduíche e comeu-o.

— Oh, Gavin, por favor... — Margaret olhou para ele, suplicante. — Você vem aqui tão raramente, e não posso nem mesmo lhe servir uma xícara de chá?

Ele não respondeu.

— Mairi Sinclair, imagino, faz as coisas bem diferentes.

— É mais simples tomar tais providências em Cluain — falei. — É apenas um passo da cozinha à sala de jantar, e só há Morag...

— Sim, mais simples. É assim que deveria ser. Margaret e eu somos prisioneiros das pessoas pagas para nos servir. E há Jamie, que está crescendo, e mal sabe amarrar os cordões dos sapatos.

— Gavin, não é justo! Ele faz o melhor que pode.

— Faz mais que isto. É um pequeno milagre que Jamie ainda não tenha se transformado em um garoto pedante e mimado. E sei que não deixará que isto aconteça, Margaret — olhou para mim. — Sabe, Margaret possui o dom raro de ser capaz de rir de si mesma, e passou-o para o filho, eu acho. Nunca permite que Jamie esqueça onde seu avô começou, e Jamie sabe que cheguei à minha posição por acaso. Reconheço este mérito em Margaret.

Caminhou para o piano, abruptamente, e sentou-se. A música que soou não era como eu esperava que fosse. A melodia era tão conhecida, quase comum, e não o tipo de coisa que um verdadeiro músico tocaria.

— Tenho a impressão de que Kirsty sabe cantar. Willian tinha uma boa voz — falou-me através da música.

Sempre me haviam dito que eu tinha “uma voz bonita”, e eu nunca dera atenção a isso, mas agora, de repente, senti que queria cantar — e sim, sabia cantar. Caminhei até o piano e fiquei de pé um pouco atrás de Gavin, olhando rapidamente para a música, mas não tendo necessidade de fazer isto, realmente.

“Se alguém encontra alguém

Por um campo de centeio caminhando..

Gavin cantava também, uma voz boa e forte, quase triste, que não parecia combinar com seus cabelos louros e olhos claros. Do outro lado da sala, vi o lenço da Margaret Campbell amassando-se novamente em suas adoráveis mãos.

— Ora, Gavin... nunca ouvi você tocar uma coisa igual, antes.

Ele sacudiu a cabeça, como se indicasse que ela não devia interromper. Encontrei-me cantando sozinha.

. . todos os rapazes sorriem para mim Por um campo de centeio caminhando.”

Ele se havia voltado e me encarava, com o olhar fixo, direto e peculiar que eu encontrara pela primeira vez na estação de Ballinaclesh, um olhar que parecia excluir tudo o mais no mundo.

— Sim, foi o que pensei. Você tem uma voz — o riso foi alto, triunfante. — Meu Deus, você tem uma voz!

Ignoro por que aquilo lhe importava, mas naqueles momentos em que me fixou e pronunciou aquelas palavras, mesmo Margaret Campbell foi expulsa da sala. Era como se nós dois estivéssemos sozinhos.

Gavin acompanhou-me até as cocheiras na minha primeira visita, conduzindo-me através das passagens dos fundos de Ballochtorra, o ruído dos martelos à nossa volta, mas a idade do local revelada nas passagens ventosas e tortuosas. Senti que voltava a Cluain. Então, Gavin abriu uma porta que levava diretamente ao pátio das cocheiras, e ali a construção era tão recente, que a hera ainda não tivera tempo de invadir o local. Um grande relógio de torre, excessivamente pesado, dominava uma quadra de boxes de aspecto aparatoso, e a entrada para a ferraria tinha a forma tradicional de uma ferradura.

— Um cenário de ópera de mau gosto — murmurou-me Gavin ao bater a porta. — Suficientes puros-sangues para satisfazer um rei, e me pergunto quando aparecerá o príncipe disfarçado de cavaliário.

— São seus cavalos.

— Sim, estão no meu nome, e devo confessar que não tenho coragem de dizer não a nenhuma destas beldades. Por que o faria? Encontrariam outro modo de gastar dinheiro. O Sr. Ferguson gosta de puros-sangues, e reconheço que ele entende de cavalos e os ama. Gostaria apenas que os cavalos nos agradassem pelas mesmas razões. Ao menos, teríamos uma coisa sobre a qual conversar.

— Dificilmente acontece que a mesma coisa agrade as pessoas pelas mesmas razões.

— William sempre fazia comentários como esse. Algumas vezes, dava-me a estranha sensação de que eu me dirigia a alguém mais velho que eu.

Ri, recusando-me a permitir que levasse o assunto a sério. O episódio na saleta de Margaret Campbell me assustara um pouco; queria pôr de lado o que ambos pareciam estar me impondo.

— É porque William e eu fomos criados com adágios de Confúcio. Os chineses vivem de provérbios... Costumávamos brincar de inventar os nossos, quanto mais ridículos, melhor. Como... “A linha mais curta entre dois pontos é o mais longo caminho para casa.”

— E há mais sabedoria nisso do que talvez saiba, Srta. Howard.

Estivéramos de pé observando a pequena Ailis ser trazida por um palafrenero, e a voz chegou até nós da sombra da porta da ferraria. Viramos e olhamos, e surgiu a forma redonda e pequena de um homem com casaco de lã marrom e gorro combinando; ele era bastante robusto para sua altura, mas começando a engordar, com costeletas ruivas e sobrancelhas da mesma cor sobre olhos salpicados de âmbar, o que era a única semelhança com sua filha.

— Srta. Howard, apresento-lhe o Sr. James Ferguson, meu sogro.

Ele tirou o gorro. Estava vestido com roupas caras, provavelmente de Savile Row, e botas de Lobb, mas havia uma aparência indefinível de vulgaridade nele, o rosto vermelho e impulsivo, o brilho dos olhos sob as sobrancelhas ruivas. Era exagerado, como o relógio da torre. Aparentava o que era, e parecia satisfeito com isso.

— Bem... a neta de Angus Macdonald. Parece-se com o velho, como seu irmão. Pergunto-me se é igual a ele.

— Talvez o tempo responda a isso, Sr. Ferguson. Talvez nunca saberemos. Ainda não é um mundo da mulher, é? E não somos capazes, realmente, de comparar.

— Bem, tem uma língua tão ferina quanto a de Macdonald. Agora, seu irmão, era maravilhoso. Tinha encanto e conversa.

Quase sufoquei de raiva.

— Talvez eu melhore, Sr. Ferguson. Quando conheceu William, a vida era mais feliz para todos nós.

Vi a mão de Gavin quando segurou as rédeas, o punho cerrado em uma bola apertada. Foi bom que Ailis não estivesse nervosa.

— Sr. Ferguson... lembre-se, por favor, de que a Srta. Howard perdeu William e o pai, recentemente. Eram tempos mais felizes...

— Ora, sim... sim. Sei muito bem. Tenho uma língua grosseira, Srta. Howard. Sim, a senhorita sofreu e posso entender a dor que sentiu por perder um jovem e bom irmão como William. Era inteligente e promissor, e Angus Macdonald sonhava novamente com um futuro. Mas sei que pode vencer as dificuldades. Provavelmente é muito dura, e é pena que não seja um rapaz. Angus Macdonald teria uma segunda chance, mas, ainda assim, a filha de um bispo... com certeza se dará bem com ele. Alguém ansioso para pôr as mãos em Cluain...

— Por Deus! — explodiu Gavin. — Quer parar com isso? Pode ser o dono de Ballochtorra, mas ao menos tratará seus visitantes com civilidade.

— A Srta. Howard não desmaiará, Gavin. Ela sabe muito bem do que estou falando. Nunca tive tempo na vida para perder com palavras bonitas... nunca aprendi a dizê-las. Ela sabe... e você também. Farei uma visita a Angus Macdonald antes de partir. Talvez a Srta. Howard me sirva uma xícara de chá em Cluain. Não duvido de que conversaremos muito bem, então. Ballochtorra é um pouco requintada demais, não é, Srta. Howard?

— Vai partir, então? — perguntou Gavin.

— Depois de amanhã. Voltarei antes da visita do Príncipe para verifi* car se tudo está em ordem. Não posso me afastar de Glasgow por muito tempo. Acontecem coisas durante a ausência de um homem. Não devo lhes dar a impressão de que disponho de tempo demasiado para passar aqui, nas Terras Altas. As pessoas poderiam pensar que estou sendo descuidado...

— Vovô, não há nada solto — Jamie veio correndo do boxe que Ailis ocupara. — McClintoch me fez verificar todas as fivelas, só para ter certeza. Ele disse que não podíamos deixar a Srta. Howard cair...

O rosto do homem se alterou visivelmente. Não havia sutileza em sua expressão. A vulgaridade rude desapareceu no brilho de temo orgulho que se espalhou por sua face. Ele não se importava que soubessem que amava loucamente o neto.

— Ora, ela não cairá daquele dorso largo, garoto. É o pônei mais robusto que já vi. Você não poderia fazer uma comparação com o seu Milky, não é?

— Não... mas preferia ter Ailis. É famosa. Cárregou o Sr. Douglas Ross para casa em uma noite em que ele estava com uma febre que quase o matou, e sob a pior tempestade de neve que já se viu por aqui. Ela encontrou o caminho, por quase

15km, quando não se podia ver a própria mão diante de você. Todos queriam ter Ailis, mas o Sr. Ross ofereceu-a primeiro ao Sr. Macdonald.

Ferguson olhou para o pônei com verdadeiro desagrado.

— Não há raça em Ailis, Jamie. Se a examinar com atenção, concluirá que é o pônei mais feio que já viu.

— Acho que não deve falar assim diante de Ailis, vovô. Ela compreende, sabe.

— Para o diabo com o que ela compreende! Estarei cercado por um bando de idiotas aqui? Ailis é um animal maldito e desajeitado, e não verei nenhum neto meu montado nela.

— Ainda assim, gosto dela...

— Se não se importam — falei — Ailis pertence a Cluain.

E enquanto os três permaneciam lá, zangados um com o outro, subi à sela sem qualquer ajuda. Ailis se moveu com disposição, como se estivesse feliz por se ver livre daquele lugar. Moveu-se com seu passo lento, despreocupado e tranquiilo, sem se importar nada com o turbilhão que deixara atrás de si, e, pensei, não se importando tampouco com o que deve ter percebido em mim. Tomou a estrada em direção a Cluain sem que eu a guiasse, quando atravessamos os portões de ferro adornados com o cisne sibilante. Dirigia-se à sua cocheira, e eu também soube a que lugar pertencia.

Fui muitas vezes a Ballochtorra depois disso. Margaret nem sempre estava em casa. Nem Gavin, nem Jamie. Parecia que haviam saído para cavalgar, Gavin e Margaret sempre separados, e eu não esperava por sua volta. Mas Wilson, o mordomo, recebia ordens, e sempre me servia chá e me fazia esperar na saleta de Margaret. Nunca fiquei, a menos que ela se encontrasse lá. Ballochtorra me deprimia. Apesar dos móveis novos, das cortinas e estofados, da graciosa fileira de samambaias e plantas às janelas, de todo o esplendor bem cuidado, era um local que perdera a si próprio. Havia perdido a beleza rígida de Cluain, que fora a sua, um dia; não ganhara nada com o exagero das reformas para aumentar a casa e da nova decoração. Perguntei-me como a elegância discreta de Margaret Campbell submergira naquele mar de galões, adornos e veludos pesados. Pensei que era como ela houvesse, havia muito tempo, desistido de se importar — como se permitisse que qualquer um negociante de móveis, indicado pelo pai, entrasse e fizesse o que quisesse com Ballochtorra. Ela tinha sua presença marcada somente em uma dependência que eu conhecia, sua saleta de estar. Ali, sentávamos e conversávamos,

comíamos os bolinhos e ela tocava piano. Existia nela, algumas vezes, uma espécie de alegria desesperada, como se conservasse à distância o tamanho e grandeza da casa, o séquito de criados que estavam sempre prontos para atender aos chamados das sinetas, e todo o ritual de sua própria vida.

— Aqui é tão diferente de Londres — disse-me uma vez. — Aqui, todos do vale sabem quem chega e vai embora, e falam sobre isto como se sentissem prazer. Pode-se ter maior privacidade em uma cidade. Aqui, sinto-me... vigiada. Não fui feita para lugares como Ballochtorra. Nem mesmo durmo muito bem aqui... é o silêncio, e depois, a cada quarto de hora, o relógio que papai colocou na cocheira bate devagar. Algumas vezes, levanto-me pouco depois de amanhecer, subo à minha montaria sozinha e saio a cavalo somente para sentir que posso, realmente, ser eu mesma. Cavalgo até cansar, depois regresso e durmo. Queria que houvesse mais ruído. Gosto das ruas da cidade, do alvoreço e das lojas. Gosto de ver carruagens parando na porta vizinha ou do outro lado da praça... melhor ainda se elas se dirigem à nossa própria porta. Gosto de pessoas entrando e saindo... amigos, conhecidos... até mesmo estranhos.

Algumas vezes, Jamie irrompia na saleta.

— Mamãe, papai e eu cavalgamos além de Ben Carden hoje. Não imagina como Ballochtorra parece pequena de lá.

E novamente:

— Hoje, tivemos que nos abrigar da chuva sob o penhasco perto de Drumnock... papai me deu seu casaco.

E um outro dia, o rosto irritado com o desapontamento, contaria que o pai partira sozinho:

— Saiu a cavalo... não sei para onde foi...

Nunca mais, porém, Gavin chegou e se reuniu a nós na saleta de Margaret; nunca mais veio tomar chá conosco, pedir sanduíches, ou tocar as melodias fáceis e leves para que eu cantasse as letras.

Ballochtorra continuou a me deprimir, e não gostava, principalmente, do pátio da cocheira, onde eu tinha que ir para buscar Ailis. Ali, tudo era uma criação de James Ferguson, pesado, exagerado, os cavalos mimados demais, os palafreiros tendo cuidados excessivos com os animais. E muitas vezes, quando ia embora, encontrava-me lançando um olhar rápido, para cima, para onde Gavin Campbell poderia ter estado, o seu quarto da torre. Sua figura, porém, jamais estava à janela, onde eu poderia vê-lo; nunca ouvi o som do piano; jamais tive certeza, realmente,

qual das torres e torreões de Ballochtorra, resistindo aos cinco séculos de sua construção, era habitado por Gavin.

Ao cavalgar naquelas semanas, encontrei Gavin apenas uma vez, distante da igreja, embora Margaret dissesse que ele estava, geralmente, nas charnecas. O dia era seco, apesar de nublado, as montanhas perdidas nas nuvens. Não era um dia para alguém se aventurar a ir muito longe. Ao atravessar a ponte de Ballochtorra, em vez de deixar Ailis tomar a direção da igreja por conta própria, virei-a para a colina íngreme na estrada para a estação da Ballinaclash. Ailis sentia tanta curiosidade quanto eu, e acho que foi ela quem ouviu primeiro o som vindo de uma direção não usual. Estavam acima de nós ainda, quando subimos o vale, sons que nos alcançaram de algum lugar na plantação de lariços e pinheiros escoceses que ladeavam os dois lados da encosta. Encontramos a trilha — muito irregular, e úmida com o humo; o pouco ruído que fazíamos era encoberto pelos gritos e sons que chegavam até nós.

Era uma clareira, onde um regato se precipitava de cabeça, descendo de alguma nascente do alto, e correndo para se juntai ao rio, abaixo. Durante séculos, ele havia gasto seu leito estreito, e agora as árvores comprimidas às suas margens demarcavam seu curso, como faziam as grandes pedras que se alinhavam ao longo dele. Havia ali uma pequena propriedade rústica, comum nas Terras Altas, de duas dependências, telhado de colmo, uma chaminé fumegante, uma única porta, e galinhas ciscando o terreno de todos os lados. Havia uma estrebaria de meia-água e um chiqueiro para engordar um porco.

Na clareira estavam dois homens, uma mulher, um garoto de cerca de 16 anos, Gavin e Jamie. Examinei Ailis e puxei as rédeas, observando a cena. Gavin e Jamie usavam o saiote escocês verde de Cawdor, e Gavin se encontrava no riacho, com água até os joelhos. Acabava de prender uma corrente a uma grande pedra arredondada que estava bem no meio do regato, forçando a água a correr por cada um dos seus lados, e elevando seu nível quase acima das margens. A corrente estava presa a uma espécie de arreios de varal, que eu vira em uso para puxar árvores derrubadas nas terras de Cluain, e pensei reconhecer um dos gandes Clydesdales no aparelho de bestas. Um dos homens estava de pé ao lado de Gavin, no regato, fixando a corrente, testando-a para que não se soltasse; o outro homem e o garoto se encontravam à cabeça do cavalo, segurando-o. Ao ver o perfil do segundo homem, reconheci-o como um dos trabalhadores da fazenda de Cluain, Bruce Bain. Jamie ia de um grupo a outro, excitadamente, até que, sob uma ordem de Gavin, mudou de lugar bruscamente, de forma a ficar na encosta de colina, acima do cavalo e dos arreios. Então, Gavin fez um sinal a Bruce Bain, e ele começou a instigar o cavalo para que avançasse. A princípio, o grande animal não conseguiu muita firmeza sobre

o terreno úmido; pude ver o corpanzil retesar-se. A pedra balançou um pouco sobre sua base, pareceu que ia se mover, depois, escorregou para trás. Bruce Bain descansou o Clydesdale por alguns momentos; eu via o pêlo escurecendo-se com o suor. Gavin sacudiu levemente uma das correntes, a fim de conseguir um içamento mais seguro da pedra. Depois, fez outro sinal. Mais uma vez, Bain começou a espicaçar o animal.

— Ô! Venha agora, rapaz! Venha!

O Clydesdale conseguiu dar um passo à frente, erguendo a corrente. Mesmo de onde me encontrava, podia ver a agitação dos grandes músculos do peito do animal. Outro passo; a pedra balançou, pairou. O cavalo avançou mais dois passos, e a pedra foi arrastada do buraco, no riacho, onde se havia deitado. Gavin estava lá, ao lado dela, observando, para que as correntes não escorregassem. Tive que supor que ele sabia o perigo que corria se as correntes se soltassem, ou se o cavalo fosse arrastado para trás pelo peso da pedra. Gavin parecia temerário, mas alguém tinha que verificar a encosta abaixo da pedra, e era Gavin quem o fazia. Enquanto eu observava, ví Gavin pegar uma pesada barra de ferro e usá-la como alavanca para ajudar a pedra a sair de sua posição. No lado mais alto da colina, o homem fez o mesmo. O perigo real chegou quando Gavin gritou a Bain para manter o Clydesdale lá, e avançou, mergulhando os braços na água gelada, para colocar uma pedra menor sob a grande, a fim de mantê-la em seu novo nível. Foi um momento de nervosismo, e perguntei-me se Gavin seria o bastante rápido, se o cavalo manteria sua posição contra o peso da pedra, se a alavanca do outro homem daria espaço suficiente a Gavin para sua tarefa. Então, Gavin recuou e chamou Bain novamente. O Clydesdale prosseguiu — desta vez com forte impulso, como se estivesse grato por não lhe pedirem para ficar parado por mais tempo. Então, a grande pedra subiu a inclinação do regato, balançou ali um instante — outro movimento das alavancas de Gavin e do homem ao seu lado, outra pedra para manter a maior segura, mais um avanço do cavalo e a grande pedra estava em terreno firme, quase plano. Dali, não era esforço para o Clydesdale puxá-la por mais alguns metros até a clareira — as galinhas gritando ao se afastar do monstro que se intrometera entre elas, de repente. Gavin subiu à margem, as botas e meias molhadas, assim como a bainha do saiote, e a camisa suada colada às suas costas.

Sua voz chegou até mim.

— Muito bem, Báin. Agora, deixamos o cavalo descansar, e depois movemos a pedra para onde não causará dano.

Desci de Ailis e avancei.

— Gavin... Jamie!

— Kirsty! Como veio parar aqui? — perguntou Gavin.

E Jamie disse:

— Viu, Srta. Howard? O Clydesdale foi maravilhoso, não?

— Foi, Jamie. Estou contente por ter chegado a tempo de ver. Eu cavalgava na estrada abaixo...

A mulher me fez um aceno simples, mas simpático.

— Bem-vinda, senhorita. Darei chá a todos, agora que o trabalho está feito. Todos precisam de descanso — parecia saber muito bem quem eu era. — E o cavalo grande... uma maravilha. Sir Gavin foi tão bondoso... Aquela pedra enorme estava sendo uma praga para nós...

— Obrigada, eu gostaria de um pouco de chá... — segui Gavin e Jamie até a margem do regato.

— Veja, Srta. Howard. Sabe, a pedra caiu aqui durante uma tempestade de inverno... estava segura apenas por uma árvore — Jamie pulava de um lado para o outro, excitado. — E ela se colocou sozinha no regato, e todas as vezes em que havia uma tempestade, ou a neve derretia, a água transbordava e entrava na casa dos McInneses. Assim, papai...

— Jamie, a Sra. McInnes tem bolo para você, acho — disse Gavin.

Observou o filho correr em direção ao chalé.

— Um aventura para ele, Kirsty — falou. — Não quis ficar em casa esta manhã quando soube onde eu ia.

— Aquele é Bruce Bain, de Cluain... e o Clydesdale também é — falei.

Sentamos em pedras perto do rio, e a Sra. McInnes nos trouxe chá, em canecas de estanho, e bolinhos de aveia. Gavin começou a tirar as botas e meias.

— Não quer vir para perto do fogo, Sir Gavin? Está bastante molhado.

— Estou bem aqui, Sra. McInnes. E por favor, não deixe Jamie comer demais suas coisas gostosas. Terei problemas se ele não jantar ao chegar em casa.

— Vamos, Sir Gavin, não sabemos que um garoto tem o apetite de três...? — e se afastou, satisfeita, para dar a Jamie tudo o que quisesse.

— A pedra grande... foi como Jamie disse...?

— Mais ou menos. A árvore que a segurava caiu no último inverno, e desde então, sempre que chovia forte, a água do regato invadia a casa dos McInneses. Um dia, subi até aqui e pude ver. Deus sabe que estas moradias já são bastante úmidas. Por isto, pensei que quando o regato baixasse, no verão, eu tentaria mover a pedra. Sabe, Robert McInnes ajuda a cuidar da igreja... assim como a Sra. McInnes. Guardam bem o meu segredo. O pastor ainda não ouviu falar sobre a música estranha e ímpia que o proprietário de terras toca na casa do Senhor.

— São seus arrendatários?

— Não... aqui é terra de MacKenzie Grant. McInnes ganha alguns xelins extras cuidando da igreja e tentando tirar algum calor daquele fogão no inverno. A Sra. McInnes limpa as janelas e a poeira... esse tipo de coisa.

— Terra de Grant? Então, por que o Sr. Grant não se encarrega do assunto? Você sabe, Gavin... bem, devia saber que as correntes podiam ter escorregado. O Clydesdale, talvez, não fosse capaz de suportar o peso.

— Eu não podia fazer nada em relação ao cavalo. Talvez eu devesse ter usado dois, mas não pensei, realmente, que a pedra fosse tão grande... estava mais afundada no regato do que imaginei. E se as correntes tivessem escorregado, teria sido minha culpa por colocá-las mal. Se eu houvesse morrido, seria por minha falta de cuidado, mas eu não tinha intenção de ser morto diante dos olhos de meu filho. Não gosto tanto assim de melodramas. Não era tão perigoso como podia parecer.

— Mas por que fazer aquilo se a propriedade é do Sr. Grant?

— Oh... não sei. Os McInneses são pessoas tão decentes, e o velho MacKenzie Grant não está em sua propriedade há mais de um ano... dizem que está doente na Inglaterra. Sua inutilidade de meirinho... embriagado metade do tempo. Os McInneses fizeram o pedido, mas não tinham esperança de ver nada resolvido até Grant aparecer aqui, caso ainda venha, algum dia. Podiam passar-se anos, Robert McInnes não tem muito do que viver... só este lugar aqui, na propriedade, o direito de abater uma árvore ou duas para lenha. Ele ajuda na fazenda de Grant, e escava o lodaçal quando o trabalho é escasso. Não é muito para viver, mas ele é um bom homem.

— Mas, e Bruce Bain e o cavalo de meu avô?

Gavin riu.

— Acha que as cocheiras de Ballochtorra produziriam alguma colia semelhante ao Clydesdale? Oh, fiz meu acordo formalmente com seu avô. Ele ofereceu o cavalo de graça... também gosta de Robert McInnes... mas disse que eu

deveria pagar pelo trabalho de Bain. Esse é seu avô, Kirsty. Sempre consegue abrandar qualquer generosidade com um gesto prático. Provavelmente, nunca receberei a conta pelos serviços de Bain, mas seu avô me avisou que se o cavalo se ferisse ou machucasse, de qualquer forma, isto me custaria uma fortuna. Acredito — de repente, afastou a caneca dos lábios. ~ Céus, gostaria que este chá tivesse uma gota do uísque de Cluain nele. Fazemos água fria aqui nas Terras Altas, Kirsty. Tome cuidado para nunca cair em um regato. Poderia ficar congelada no mesmo instante.

Foi então que vi o sangue correr entre seus dedos enquanto ele segurava a caneca.

— Gavin... suas mãos!

Ele nem sequer abaixou os olhos para elas.

— Oh, é água limpa, Kirsty. Não haverá infecção. A rocha cortava um pouco... mas os meus dedos não foram esmagados, e não há nada que não se possa tratar.

— Mas suas mãos... como pode arriscá-las? O órgão...

Sacudiu a cabeça.

— Não compreende, realmente, Kirsty. Porque me vê na igreja e me ouve tocar, pensa que é por aquilo que vivo, de verdade. Sim... sou um músico, até certo ponto. Costumava ser muito melhor, e se nunca houvesse visto este vale, Ballochtorra e Cluain, seria completamente feliz como organista em algum lugar humilde, contanto que fosse um meio de ganhar a vida. Mas estas montanhas e charnecas penetram no sangue, mesmo quando não se nasceu aqui, como eu. Tocar órgão não é tudo que quero fazer, Kirsty. Apenas ajuda a encher o tempo... o seu vazio.

O tom de voz baixo e pensativo me levou a fazer a pergunta seguinte, uma que, eu pensava, não tinha o direito de formular.

— O que mais quer fazer, Gavin?

— Você não dirá a ele... talvez já tenha suspeitas, mas invejo seu avô. Desejaria ter meus campos de cevada e um gado gordo. Não me importaria nem mesmo com as ovelhas da colina, embora sejam difíceis. Esqueça a destilaria... eu gostaria de cultivar a terra.

— Não pode? Não há nenhuma parte da terra de Ballochtorra que você possa usar?

— Há alguma terra... ao redor da curva do rio, depois do penhasco. Mas é pantanosa, precisaria de drenagem. Está sujeita a enchentes, mas isto poderia ser uma vantagem, porque deixa um solo rico em suas mãos, e não se perde nada, se se for suficientemente cuidadoso para retirar o gado a tempo. Tenho visto faixas de charnecas de turfa aproveitadas para pasto. Há locais em Ballochtorra onde se poderia fazer isto. Um homem podia ganhar a vida assim, Kirsty. Não uma fortuna... apenas o seu sustento.

— Por que... — hesitei — por que não tenta?

— Precisaria de dinheiro no começo... não muito dinheiro, mas algum. Isso significaria James Ferguson novamente.

— Mas ele ajudaria... certamente... o genro.

Pousou a caneca.

— Esse é o ponto. James Ferguson já é bastante dono de seu genro. Não pode possuir meus sonhos também. Riria de ambição tão pequena... alguns ares aqui, outros ali. Que necessidade tem um cavalheiro de preocupações tão insignificantes? O marido de sua filha se preocupa em pastorear algumas vacas, quando tem milhares de ares de charnecas de lagópodes? Não, James Ferguson jamais compreenderia, e não tenho necessidade de tentar lhe explicar. Ele deve fazer coisas grandes, ou nada. Por isto, deixo a coisa ser o que é, apenas... um sonho. Nada mais.

Olhei para ele, o cabelo molhado de suor colado ao couro cabeludo, o saiote encharcado, as mãos feridas e sangrando, e pensei que, sim, estava em Gavin Campbell, o baronete e breve um marquês, aparecer na neve antes de uma alvorada de março para ajudar com o parto de uma ovelha, levar o gado para terreno mais alto quando o rio enchesse, transformar alguns dos ares de turfa lá no alto da montanha em pasto. Não era uma grande ambição, mas era um sonho.

Levantei-me.

— Tenho que ir, Gavin. Estou contente por ter estado aqui esta manhã.

— Também estou, Kirsty. Também estou.

E todas as tardes havia o regresso a Cluain. Em geral, eu tinha que me apressar para me lavar e trocar de roupa antes que meu avô se dirigisse à sala de jantar. Foi logo em seguida à minha chegada que percebi que ele sentia minha ausência. Eu ignorava se era porque queria, em verdade, minha companhia, ou se exigia minha atenção. Mas eu tentava não me atrasar — estar à espera com meu xale chinês e sapatilhas vermelhas, aguardando o convite de “tomar um gole com ele”.

Ele não gostava que eu fosse a Ballochtorra, mas nunca tentou evitá-lo.

— Está voltando daquele lugar? — perguntava-me, parecendo olhar-me através do copo de uísque. — Bem, isto aqui deve parecer modesto demais, depois de todas as quinquilharias e adornos que dizem existir por lá.

— Cluain não se compara a nada, vovô, e sabe disso. Além do mais — ajuntei, vendo minha oportunidade agora, como ele sempre fazia, de levar a melhor — estou surpresa que dê ouvidos a essa tagarelice sobre o que ocorre em Ballochtorra. Pensei que não se interessasse por essas coisas.

— Ora, quem pode deixar de ouvir? Tudo que Ferguson faz não provoca comentários? Meus próprios trabalhadores, que são experientes e não deviam cair nessa, lembrando que fabricam o melhor uísque das Terras Altas, mexericam sobre ele como mulheres. Só porque fez fortuna em alguns anos com o uísque barato e ordinário.

— Mas, vende-lhe o uísque de Cluain.

— E por que não? Ele precisa de alguma coisa para tornar seu veneno bebível. E acredite-me, o uísque de Cluain é a alma de sua mistura mais cara. O que Cluain destila aqui é o que torna honroso ter um uísque de Ferguson na jarra de um cavalheiro. Isto é, para aqueles que pensam que devem ter o uísque lotado.

— Não entendo sobre uísques misturados. Por que James Ferguson pôde enriquecer tão depressa, quando é preciso tanto tempo para maturar o uísque de Cluain? Nunca provei o outro tipo...

— Tomara que nunca prove. Comparado com o de Cluain... e, bem, talvez com poucos outros maltes das Terras Altas... mal poderia se chamar uísque. Uma mistura, Kirsty, é unir o produto do alambique aquecido diretamente pela chama, o malte, como o de Cluain, se tiverem bastante sorte para tê-lo, com o produto mais barato e rápido do cereal ou uísque do alambique a vapor. A maioria dos alambiques industriais são do tipo inventado por um irlandês chamado Coffey, e são conhecidos como alambiques Coffeys. Pode-se dizer que fabricam uma bebida, mas ela não se aguenta sozinha como bebida independente... não se pode bebê-la por si mesma, como acontece com o uísque dos alambiques de Cluain... e isso é um fato, não se trata apenas do meu preconceito falando. É simplesmente um recheio, alguma coisa para dar volume às misturas dos maltes que lhe são adicionadas. Pode-se chamar um uísque de cereal de bebida omissa... sem os maltes, ele simplesmente não existe, não é bebível. O alambique industrial é uma unidade de funcionamento contínuo, enquanto o uísque do nosso alambique é um processo interrompido, como

espero que nosso bem informado Callum Sinclair lhe tenha explicado. Destilá-lo custa cerca de metade do preço do uísque de malte, e se você monta uma unidade de produção bastante grande, como o rico Sr. Ferguson tem feito, com destilarias em toda a Baixa Escócia, e as pessoas se apressam para investir com ele, então pode-se fazer fortuna. Mas nunca esqueça que ele tem que vir ou mandar seus compradores a estas Terras Altas, para encontrar o uísque que transformará uma bebida omessa em uma bebida saborosa. Ele faz, no mínimo, uma dúzia de misturas... um pouco disto, um pouco daquilo... uma pequena quantidade do uísque de Cluain com um pouco do Glenlivet, e mais uma gota do Glen Grant. Variações infinitas, dizem-me, com infinitas misturas, e todas com o preço de acordo com o que ele teve que pagar pelo malte original, que fez as misturas. Não há mérito em um uísque de cereal, por si mesmo, e sim, o que ele lhe adiciona. E o preço e a reputação de Cluain são altos. Note bem, mesmo os destiladores de cereal não podem fugir totalmente da cevada maltada... usam no mínimo 20% dela, e o resto pode ser qualquer coisa: milho, trigo, centeio ou aveia. Mas o que quer que usem, não podem progredir sem a cevada... têm que cozinhar seu grão até as células de amido se abrirem, para que o malte possa penetrar em sua parte central. Há muitos que pensam que o malte é levado para a destilação de grão, a fim de dar vida, cor e qualidade ao produto mesmo no processo inicial, mas o fato é que o malte é necessário para provocar a mudança química que iniciará a fermentação. Não se pode fabricar uísque sem malte, menina, de jeito nenhum. E não se pode passar sem o uísque de malte. A bebida de cereal não precisa de envelhecimento, nem do cuidado na destilação, mas simplesmente não existe sem o malte. E nunca esqueça isso. O malte pode se aguentar sozinho, ser bebido puro, como tem acontecido nas Terras Altas durante séculos. O uísque de cereal, por si mesmo, é uma coisa inútil e não vendável. Dará tanto conforto ou prazer à alma de um homem, quanto alguma coisa bebida diretamente de uma garrafa de um químico. Enquanto o homem precisar de consolo para sua dor, mas sem embriaguez, relaxamento para o corpo cansado, calor para seu sangue, terá necessidade do produto de Cluain e seus semelhantes. Sim, Kirsty... Cluain perdurará para sempre.

— Cluain perdurará para sempre, avô, mas o senhor não... nem eu. Haverá sempre homens bastante habilidosos e cuidadosos para garantir que Cluain continue?

— Eles têm que ser cuidadosos, Kirsty. Têm que se importar... e não são fáceis de encontrar. Este é todo o problema de James Ferguson. Ele podia estar fabricando botas ou tijolos, pelo cuidado que tem. Mas, ele não se preocupa consigo mesmo e com sua família. Seu dia chegará e passará... e Cluain ainda estará aqui. Agora, jantemos, e depois pegaremos o tabuleiro e veremos se o cérebro velho ou o jovem ganhará esta noite. A experiência conta no xadrez, assim como no uísque. A

experiência conta, Kirtsty.

E à noite, eu o combatia sobre aquele tabuleiro, algumas vezes vencendo, outras perdendo, mas jamais nossas mãos tornaram a se perder nos lances da partida de William.

Muito devagar, e somente pela força da intromissão, eu começava a ser aceita na vida de Cluain — a vida da destilaria e da fazenda. Diariamente, meu avô fazia a ronda pela fazenda, controlando os trabalhadores, observando a cevada, um pouco mais alta, os brotos mais pesados, perscrutando o céu e farejando o vento como um animal, em busca de chuva. Procurava pontos fracos nas cercas, a fim de evitar que o gado e ovelhas as 'atravessassem, chegando à colheita preciosa, dava ordens sobre a substituição de telhas que faltavam nos celeiros e estábulos, verificava se os currais das ovelhas e gado estavam em ordem, e à espera das neves do inverno, inspecionava os campos para o momento em que poderia cortar o feno para alimentação dos animais no inverno. Montava em um cavalo que parecia tão velho e largo quanto ele, e subia até as pequenas choupanas construídas nas encostas da montanha para alojar homens e mulheres jovens que pastoreavam o gado em seu pasto de verão — passavam o verão vigiando para que o gado não se afastasse demais, não se metesse no lodaçal e não se perdesse. Havia alguma coisa que me lembrava o cuidado simples dos chineses com seus animais nesta prática antiga — cada animal era tão valioso que acarretaria a vigília constante.

— Ah, bem — disse meu avô — não teremos isto por muito tempo, assim. As pessoas estão partindo. Haverá poucos jovens que possamos mandar para as choupanas lá no alto. Vão para as cidades à procura de trabalho e acabam amontoados em um quarto, em uma rua estreita e imunda, com baldes de água suja atirados sobre suas cabeças nas ruas. A criação de gado está se tomando mais científica... breve, teremos apenas Aberdeen Angus, e o rebanho de Cluain está ficando famoso. Não arriscaremos o pescoço do gado aqui, nos pastos altos. Teremos somente as ovelhas de que precisarmos para nossa alimentação... são detestáveis, sempre se perdendo, comendo o capim sem motivo e também a safra, entrando nas hortas dos trabalhadores. Não, breve a fazenda será um local de exposição, e a cevada e o Angus serão sua finalidade. Deve-se cuidar bem dos trabalhadores da destilaria... devem ter bons alojamentos. Uma destilaria não necessita de muitos homens, mas têm que ser bons. Os jovens, porém, que são excedentes, os filhos que cresceram em Cluain, seguirão seu caminho porque não terei emprego para lhes oferecer, e o salário é baixo na agricultura. Mas devo permanecer no negócio, e não posso pagar mais do que o preço atual... não sou um cavalheiro que cria gado somente para ter alguma coisa para mostrar, quando recebe convidados. A cevada proporcionará o uísque, e o gado sempre aumenta mais e mais

de preço no mercado... de quando em vez, com um primeiro prêmio para um touro de Cluain. Economizarei dinheiro e construirei outro depósito. É assim que tem sido sempre em Cluain. Estou aqui há mais de 40 anos, e a cada ano acrescento alguma coisa. As grandes colheitas compensaram pelos anos das vacas magras. Plantamos nosso próprio alimento e não devemos nada a ninguém. Desde o dia em que paguei o empréstimo que ergueu a destilaria, nunca mais pedi um centavo emprestado para Cluain. Elaíe aguenta sozinha... se aguentará.

— E os pastos — falei — o que acontecerá com a terra quando não pastorear mais animais... quando não houver ninguém para tomar conta do rebanho e guiá-lo?

— Ora, provavelmente, a terra voltará a ficar coberta de urze, como era quando cheguei aqui. Os lagópodes a ocuparão e eu a arrendarei a algum inglês rico, que virá com suas boas armas e cães para caçar. Terra é dinheiro, Kirsty. Nunca se desfça da terra.

— Todavia — falei, enquanto cavalgávamos entre os animais, a cabeça de meu avô sempre se virando e girando, inspecionando habilmente cada animal à procura de sinais de doença — será uma pena quando isso acontecer. Mais algumas vidas desaparecendo das Terras Altas... menos pessoas no vale.

O rosto velho se enrugou com expressão carrancuda.

— Sim e não... as pessoas têm vindo para cá durante centenas de anos, para os pastos de verão. Costumava ser uma boa época... um período de relaxamento, depois do rigor do inverno. Havia cantigas especiais que cantavam então, e as moças flertavam com os rapazes nas noites longas. Bebia-se uísque... para evitar o frio. Era bonito... os crepúsculos eram longos, e as sombras cor de púrpura sobre a urze... Sim, houve bons e maus tempos, e estão passando. Talvez não seja de todo mau quando se forem, totalmente. É um sinal de um povo pobre... teve as alegrias quando pôde e as noites de verão eram uma delas, com uma gota de uísque e um fogo, e as histórias contadas na língua antiga. Ninguém a fala mais, e esta é a última geração de rapazes e moças que irá aos pastos de Cluain...

Durante todo o caminho de volta a Cluain ele ficou em silêncio, o rosto com sua expressão carregada e pensativa, enquanto se lembrava do passado, talvez, quando a vida fora mais dura, mas lhe dera alegrias — provavelmente, não desejando olhar para o futuro, quando ele, os rapazes e moças teriam partido. Não ousei interromper seus pensamentos. Foi somente depois de ter desmontado, e levado seu cavalo e Ailis para os boxes, carregando nossos arreios para a ferraria, como era costume em Cluain, já que ninguém podia escapar dos regulamentos

simples e cuidadosos ditados por seu dono, que tentei lhe falar. Estávamos de pé perto das bombas, e bombeei água para ambos os baldes.

— Avô... — ofeguei um pouco.

A bomba estava bem lubrificada e em bom estado, como tudo em Cluain, mas era antiga e pesada.

— Avô, não há um meio de eu poder ajudá-lo um pouco?

— Ajudar? — ficou desconfiado no mesmo instante, e na defensiva. — Que tipo de ajuda eu precisaria de você?

Suspirei ao erguer o balde e lhe dar as costas. Às vezes, parecíamos voltar à nossa primeira noite, como se as semanas entre ela e o presente não houvessem existido.

— Eu quis dizer... apenas no escritório. Trabalha lá todas as tardes em seus papéis e cartas. Eu costumava ajudar papai com essas coisas. Perguntei-me se poderia fazer alguma coisa... — arriei o balde, batendo-o contra o chão, enquanto lutava com a porta do boxe de Ailis, e metade da água se derramou. — Afinal de contas, sempre me diz que todos trabalham em Cluain.

— Por que quer espionar meus negócios?

— Espionar? É isso que pensa? ~ ergui o balde e mais água caiu sobre minhas botas.

Teria sido um alívio atirar o resto nele.

— Nesse caso, pode esquecer que fiz a sugestão. Pensei que havia algumas cartas sem importância que poderia ditar-me. Não espero que me confie alguma coisa... Não sou a neta de Cluain, nem uma empregada contratada. Sou apenas uma hóspede, deixada na ociosidade o dia inteiro...

— Calma, menina, você é apressada. Muito apressada. Sim... pensando no assunto, talvez existam algumas cartas que você poderia escrever... algumas faturas que poderia enviar, etc. Samuel Lachlan vem de Inverness uma ou duas vezes por mês para examinar os livros... há algumas coisas que podem ser feitas no intervalo. Nada importante demais, mas tudo tomando tempo, e não sou pessoa de encorajar a ociosidade em qualquer... Bem... — falou, de má vontade. — Veremos. Veremos. .

Eu ignorava se ele esperava um agradecimento, mas não disse nada, só me virei para dar água a Ailis. A força da minha raiva e ressentimento diminuiu quando a escovei. Havia alguma coisa, ao menos, de que se orgulhar, no brilho saudável de seu pêlo.

— Você é uma coisinha muito boa, não é? — disse-lhe, recuando para admirar os cascos e pernas limpos, o dorso brilhante, e, inconscientemente, imitando o sotaque que ouvia à minha volta. Dei-lhe uma medida extra de aveia. Ela já estava gorda. Que fosse feliz também.

Lentamente, então, fui admitida no escritório de meu avô, uma sala fria e estreita, apertada em um canto do prédio principal da destilaria, e com cheiro de 40 anos de maltagem e fermentação, um estranho odor azedo de cerveja antiga, apesar do fato de que tudo era varrido e lavado meticulosamente. Até o papel e as agendas, principalmente os livros-razão de couro, tinham o mesmo cheiro.

— É adequado — respondeu meu avô, quando fiz um comentário a respeito. — Uma coisa deve ter o cheiro daquilo que a sustenta. Não pretendemos ser uma Joia de doces.

O trabalho que eu fazia para ele era bastante monótono e reduzido.

“Prezados Srs . pedimos que levem em consideração... Prezados Srs... em resposta à sua estimada comunicação de 15 do corrente... Continuamos, prezados senhores, seus humildes criados...”

Humildes — de jeito nenhum — pensava, enquanto escrevia as palavras com cuidado. Meu avô e,*a um homem orgulhoso, e fabricava e vendia um produto soberbo. Comecei a pensar que era um alívio para ele livrar-se daquele fecho de praxe, que talvez parecesse rebaixá-lo. Naturalmente, não podíamos mudar a redação, estabelecida e consagrada pelo tempo, mas ao menos ele tinha somente que correr os olhos pela carta e colocar sua assinatura; e agora, agradava-lhe que a assinatura fosse de mão diferente da que escrevera a carta. Sua caligrafia nunca fora a de um escrivão.

— Tem muito boa caligrafia — concedeu-me. — Ao menos, não se pode dizer com um simples olhar que é de mulher. Embora alguns possam adivinhar — acrescentou, com dúvidas. — Talvez não seja bom deixá-los saber que há uma mulher...

— Podia ter uma máquina de escrever, avô. Assim, ninguém saberia quem escreveu...

— Uma máquina de escrever! Uma coisa moderna, sem valor! Em seguida, sugerirá que destilemos nosso uísque industrial! Estabelecendo a mistura, talvez?

— Oh, não sei — respondi devagar, voltando os olhos para os papéis. — Não daria para ir muito longe, não é?

— Digo-lhe que não rirá de mim, senhorita! Cluain caminhou bem antes de

você chegar e continuará assim depois que partir — e saiu abruptamente, a corrente de ar da porta batida com força levantando os papéis na mesa de tampo laminado em que eu trabalhava.

A princípio, sorri comigo mesma, depois parei. De repente, pensei no mundo além de Cluain — no tempo em que eu não conhecia Cluain, no tempo em que poderia não estar ali. Foi um pensamento frio. Rapidamente, dediquei-me ao que exigia minha atenção, tanto para afastar o pensamento de partida, como para realizar o próprio trabalho.

A princípio, Samuel Lachlan não recebeu bem a minha presença no escritório do meu avô, e fui excluída de lá no dia em que veio. Com o passar dos anos, em primeiro lugar porque ele precisava proteger seu investimento, e em segundo, porque Cluain se tomara um interesse absorvente em sua vida, viera a ser contador e também procurador; era uma espécie de relaxamento para ele, manter os livros de Cluain em ordem, e ressentia-se da menor usurpação de seu domínio. Os livros-razão eram dele, havia quase 40 anos. Envelhecera com Cluain e com Angus Macdonald, colocando em ordem as anotações rabiscadas por meu avô, do negócio realizado desde a última visita de Lachlan, acertando tudo com seus algarismos bem proporcionados e perfeitamente legíveis. Eu era uma inovação, e ele estava velho demais para se importar com novidades — e além disso, eu era uma mulher, sem lugar em um escritório comercial. Mas senti que, por trás do rosto pálido e fino, e dos ombros permanentemente curvados, no terno preto lustroso, vivia uma paixão pelo bem-estar de Cluain, quase tão grande quanto a de meu avô. Isto eu devia respeitar, e tentar compreender o homem que a abrigava. Quando fomos apresentados, ele evitou meus olhos e murmurou:

— Uma pena o que ocorreu com seu irmão... sim, uma grande pena.

Mas a pena era sentida por si mesmo e por Cluain, não por mim.

Chegou o dia em que me descuidei da hora, e não havia saído do escritório quando ele apareceu. Meu avô fora chamado para examinar um boi castrado doente, e estava sozinha quando Samuel Lachlan abriu a porta do escritório. Franziu a testa ao ver os livros de contabilidade abertos. Eles eram propriedade sua!

— Seu avô deixa-a fazer algo disto?

— Muito pouco. Realmente, tento apenas arrumar suas anotações. E só escrevo algumas cartas sobre faturas... envio-as... escrevo para confirmar encontros com os compradores aqui... ajudo com os salários. Muito simples, em verdade — sentia que tinha que defender meu avô.

Ele se aproximou e inclinou-se sobre mim; pude sentir o cheiro da idade do temo preto.

— Compreende este tipo de coisa?

— Naturalmente, não fiz este tipo exato de coisa antes, mas costumava ajudar meu pai com as contas da diocese. Permitia que um dos coadjuutores ficasse livre para outro trabalho.

— Os chineses a enganavam?

Era inútil fingir, ele saberia.

— Sim, no começo. Quando descobri, tentei impedir, mas o sistema não funcionava mais. Era como lidar com a cozinha chinesa... porém, em escala muito maior. De certa forma, era um acordo ignorar uma certa proporção de roubo. É assim que as coisas sempre funcionaram na China. Se a coisa passava dos limites, então, havia grandes brigas... discussões, realmente, todas baseadas em um desconto, para salvar as aparências de ambos os lados. Muito importante. Mas aprendi... na verdade, comecei a me divertir. Acho que salvei algum dinheiro do meu pai... sempre precisávamos tanto de dinheiro! Os chineses pensavam que era muito engraçado ter uma mulher sentada no escritório de meu pai... mas, eles riem de tudo que os

Demônios Estrangeiros fazem. Aham que são todos muito feios, principalmente as mulheres... pés e mãos grandes, rostos compridos. É uma das coisas com que se tem que acostumar na China... sempre que se sai à rua, há uma multidão à sua volta, somente apontando e rindo...

Ele esqueceu sua suspeita por um momento e sentou-se perto de mim.

— Interessante... vendiam concessões para os contratos... abastecendo os postos missionários?

— Oh, sim... isso sempre tinha que ser permitido na negociação.

— Falava a língua?

— O mandarim, a língua oficial. Eu o falava... escrevia bastante pior. É muito difícil... complicada. Muitas vezes, tinha que consultar o funcionário chefe do meu pai, foi ele quem ensinou a língua a Willame a mim. Mas aprendi a lidar com as pessoas que vinham pedir os contratos, sozinha... era um sistema de concordar sobre quanta trapaça poderia haver. Meu pai ficava contente por não ter que fazer esse trabalho. Ele não era... bem, não era um negociante. Não penso que ele se tornaria um bispo se permanecesse na Inglaterra. Não sabia pedir dinheiro às pessoas. Acho

que não teria conseguido construir nenhuma catedral...

— Não aprovo as catedrais — disse Samuel Lachlan. — Muita exibição e perda de dinheiro... E o que mais fez na China... o que mais aprendeu?

Falei, quase esquecendo a quem falava. Era uma conversa mais livre do que podia ter com meu avô. O solitário Lachlan absorveu-a com uma avidez que ignorava demonstrar.

— China... — murmurou. — Bem, é muito distante. Dizem que há grandes fortunas conseguidas lá. Uma vez fui a Londres... quando a ferrovia ficou pronta até Inverness. Só fiquei dois dias. Vida muito cara. A China é demasiado distante.

Ainda falávamos quando Morag veio chamar para a refeição do meio-dia. Vi o embaraço de Samuel Lachlan e a incredulidade de Morag. Fiquei contente por meu avô se atrasar para o almoço; eu descobrira uma fraqueza na fachada de Samuel Lachlan e seria cruel mostrar que a havia visto.

Sempre era um convidado honrado em Cluain. As refeições eram mais abundantes quando ele vinha, o fogo saltava bem alto, como para tentar aquecer seus ossos frágeis. Havia sempre seus pratos favoritos — grandes fatias de rosbife ou cordeiro, molho de ervas aromáticas, e, inevitavelmente, torta de maçã e creme. Ele sempre levava de volta a Inverness uma cesta cheia de comida, da cozinha de Mairi Sinclair.

— É chocante o que cobram em Inverness por um bolinho de aveia — afirmava ele.

Dizia que a comida de Mairi Sinclair aliviava sua dispepsia, assim como o tônico que ela lhe dava.

— A vida de Samuel está por um fio — dizia meu avô, parecendo não estar consciente de que a sua também estava. — Tentamos fazê-lo descansar quando vem aqui. Não há nada em sua vida a não ser trabalho. Nunca se casou. Que eu saiba, só tem um parente... um sobrinho-neto que vivia em Londres, e que foi para a América, agora. Samuel não aprovou... Cluain é seu filho. Nós construímos Cluain juntos. Sente orgulho em estar associado ao melhor uísque fabricado nas Terras Altas. O dinheiro não poderia lhe comprar o que recebe de Cluain.

Morag torceu o nariz e encolheu os ombros quando fui ajudá-la a preparar o quarto que Samuel Lachlan sempre ocupava em Cluain, e sugeri que poria algumas flores sobre a lareira.

— Ora, não se dê ao trabalho, senhorita. Aquele velho jamais repararia nelas. Não vive ele do cheiro de um dinheiro seboso lá em Inverness? Tem uma casinha no

cais, perto da ponte... três aprendizes contratados trabalhando para ele nas salas do andar térreo, com falta de espaço e escassez de velas. O Sr. Lachlan vive no andar de cima... dizem que começa a trabalhar às 6 da manhã, no verão e inverno. Vi o lugar. O amo me mandou uma vez a Inverness com um papel urgente para o Sr. Lachlan. Nem mesmo eu gostaria de dormir lá... tão sujo que mal se pode ver através dos vidros das janelas. Suas refeições vêm de um restaurante barato e próximo. São restos, em comparação com a comida de Cluain. Dizem, contudo, que ele poderia comprar e vender metade de Inverness, tanto é o seu dinheiro. Ele paga mal e sobrecarrega os empregados de trabalho, e, ainda assim, tropeçam uns nos outros para serem contratados por ele. Cada um aprenderá o negócio tão totalmente com o Sr. Lachlan, que todos poderão fazer fortuna quando o deixarem. Ora, ele pode escolher. Somente os rapazes mais inteligentes e ativos serão vistos no interior do escritório do Sr. Lachlan. Acredite em mim, senhorita. Lembrou-me da forma como o Sr. Dickens descreveu aquele velho... aquele avarento... em um dos seus livros...

Não acreditei nela, e senti mais pena dele. A história de Cluain estava lá, em sua mão limpa; os algarismos da primeira e pequena produção, o empréstimo e juros pagos para construir a destilaria, os custos dos barris de xerez para estocar as primeiras bebidas, o preço da cerca que havia sido tudo que protegera o produto valioso de Cluain, naqueles dias distantes.

— Nós a chamávamos de armazém da alfândega, mas era guardado apenas por dois cães e meu revólver ao lado da cama. Eu não dormia profundamente na época... o Imposto de Consumo cobraria seu preço sobre cada barril, roubado ou não. E quando construí meus depósitos, um de cada vez, conforme podia pagá-los, eu os fiz fortes e bons, com uma casa para o aferidor apertada contra o muro. Dormi melhor na primeira noite em que os barris estavam seguros atrás de grades, com paredes sólidas e sob um teto.

Os fragmentos da história de Cluain chegaram até mim de maneira irregular e nunca me permitiram ver o quadro completo. Era meu avô quem abria a correspondência, diariamente, e ainda havia muitas cartas que ele mesmo respondia, e depois trancava nas gavetas de sua mesa, longe de todos os olhos, menos dos de Samuel Lachlan. Os primeiros livros-razão, com as encadernações desbotadas de couro vermelho, estavam disponíveis, porém, os mais recentes, dos últimos 20 anos de produção e lucros de Cluain, ficavam trancados em altos armários de carvalho.

— Por que deveria deixar meus negócios espalhados por aí, para todo mundo ver? — perguntava-me meu avô quando eu comentava sobre a segurança de fechar os armários, e depois trancar o próprio escritório também. — Por que todos os

homens, daqui a Inverness, deveriam tagarelar sobre o que há nos depósitos de Cluain, e sobre o que é vendido a que lotador de bebidas e a que preço? Os fiscais do Imposto de Consumo sabem muito bem... somente um louco tentaria esconder-lhes alguma coisa, e são pagos porque são homens que ficam de boca fechada. Não permaneceriam no serviço de outra forma. Devo deixar que um lotador saiba o que outro pagou no ano anterior? Nem toda produção de uísque tem a mesma qualidade, embora o de Cluain seja bom. Assim eles vêm, provam, fazemos um preço e pagam... o fisco fixa a renda, e não podemos revelar o segredo do nosso produto. Mantenho as amostras trancadas, como a lei me obriga, e não vejo razão para não trancar também minha informação. Tudo que se sabe sobre Cluain é que fabrica um bom uísque, e que paga os salários e contas em dia, nem antes, nem depois da data do vencimento. Conversa é para idiotas como James Ferguson. Cluain não precisa causar impressão em ninguém.

Fiz uma visita aos depósitos, como Callum Sinclair previra, e em companhia de meu avô, escoltados por Neil Smith. O Grande Billy estava perto da porta, cercado por seu bando, mas havia muito tempo que chegáramos a um acordo; fui aceita pelo Grande Billy da mesma forma que por todos que pertenciam a Cluain — mantínhamos uma distância, de ambas as partes. Meu avô cedeu à gentileza de perguntar a Neil Smith se podíamos entrar nos depósitos, e ele sacudiu a cabeça, concordando, apresentando as chaves e rindo um pouco, satisfeito, como se mostrasse alguma coisa sua.

— E suponho que se pode dizer que o fisco do Imposto de Consumo é dono do local... ou de uma boa parte dele... até a taxa ser paga — falou meu avô. — Hoje em dia, não tolerariam a maneira como a bebida era estocada no início, mas no começo do século já era bastante difícil evitar o contrabando nas Terras Altas. Era uma conquista fazer com que um homem tirasse uma licença para destilar, e depois pagasse a taxa. Nos primeiros anos depois da concessão das licenças, o próprio destilador tinha que cavalgar com os barris amarrados em pôneis e com armas ao seu lado para levar o produto até os compradores, tamanha era a revolta, aqui nas Terras Altas, contra aqueles que tinham entrado em acordo com o fisco do Imposto de Consumo. Desde que se cobrou a primeira taxa sobre o uísque, considerava-se uma coisa honrosa destilar ilegalmente, e passar o uísque adiante sem que o fisco percebesse. Isto não se faz agora, exceto com o uísque ordinário, destilado apressadamente nas montanhas... vê-se fumaça em um local estranho, e sabe-se que alguém está fabricando alguns poucos galões. Mas se um fisco vai investigar, em geral não consegue encontrar nada. Não, agora é um negócio comum, bastante tedioso... exceto quando o governo quer mais alguns milhões, e sobe o imposto sobre o uísque. Todos nós, destiladores, seríamos milionários, se tivéssemos alguma

coisa como o preço alcançado pelo uísque, quando vendido no balcão.

Não pareceu se importar, se Neu Smith ouvisse. Os dois homens podiam respeitar um ao outro, mas tinham seus papéis a representar. Pensei que o fiscal não devia encontrar companhia entre os trabalhadores da destilaria. Neil Smith teria que gostar de viver sozinho, tendo ido para um local solitário como Cluain. Talvez o Grande Billy e seu cão, um grande vira-lata amarelo chamado Rover, lhe bastassem.

Havia subterrâneos com vigas e chão de terra no interior dos depósitos, maiores do que pareciam do exterior. O odor era de umidade azeda. Os barris estavam dispostos em filas, com prateleiras feitas de grandes vigas de madeira que foram talhadas para aguentar o peso dos barris cheios. Havia altas janelas com grades nas paredes de pedra. Não havia beleza no local em que o uísque descansava, qualquer que fosse a química ou mágica que ocorria com a bebida durante sua fase de envelhecimento. Passamos pelas prateleiras — filas e mais filas delas. Um depósito se abria para outro, com grandes portas duplas de carvalho, muito altas — suficientemente altas para deixar passar cavalos e uma carroça carregada. Neil Smith estava lá, a cada porta, com suas chaves. Falamos pouco — o que havia para dizer? O uísque permanecia em uma espécie de dignidade sombria e implacável, os barris marcados com os nomes daqueles que tinham vindo e comprado, deixando o produto ali, no clima de Cluain, para que alcançasse a maturação que desejavam, antes de ser misturado. Os nomes e datas estavam lá, e o próprio nome de Cluain gravado na madeira dos barris. Estes voltariam, eventualmente, a Cluain para serem enchidos novamente. Pensei que o que havia naqueles barris devia representar uma pequena fortuna, e nunca uma fortuna tivera uma embalagem tão simples.

O silêncio, enquanto caminhávamos em direção ao último depósito, foi rompido por um som monótono e leve — uma batida ritmada, deliberada, com uma pausa segura entre cada golpe.

— O que é isso?

— Deve ser Andréw Maclay — disse meu avô, sacudindo a cabeça em direção a Neil Smith para obter confirmação. — Todos os dias, ele repete sua rotina. Andrew envelheceu, ouvindo esse som. Sabe, está pregando as tampas dos barris. Todos os dias, ele tampa e examina para ver se não há nenhum barril vazando... breve você saberá, pelo som, quanto uísque há em cada barril. Ele trabalha com um certo número de barris, diariamente. Não podemos retirar os barris das prateleiras o tempo todo para pesá-los, e o fiscal permite 2% de evaporação por ano. Se há menos volume nos barris quando deixam os depósitos, do que deveria, com base no tamanho do barril e na quantidade de evaporação que deveria ocorrer durante os

anos em que ficaram estocados aqui, então, temos que pagar a taxa. Por isto, um barril furado pode nos custar caro. Nenhum destilador pode permitir que seu produto se perca por vazamento.

Fiquei contente porque termináramos. A riqueza de Cluain podia fazer ali, à espera, mas seu coração estava na destilaria. Não invejei o trabalho do desconhecido Andrew Maclay.

Quando atravessamos novamente o pátio, meu avô apontou para os canos que corriam da destilaria para o prédio, onde os barris eram cheios e pesados pelo aferidor.

— Nada que contém bebida pode correr sob a terra — disse ele — em qualquer ponto que atravessasse uma parede, deve haver um buraco nela, para que o fiscal possa ver que o cano está inteiro e perfeito de ambos os lados. Tentou-se o contrabando de muitas maneiras, e a maioria foi descoberta. Ouvirá muitas histórias da destilaria com o cano subterrâneo até outro prédio qualquer... mesmo até a casa do destilador. Mas não precisa acreditar em muita coisa. São histórias de muito tempo atrás. Vivemos de acordo com a lei agora, não é, Sr. Smith?

— Sim — o pequeno rosto chupado se abriu em um sorriso, e as chaves chocalharam alto em sua mão. — Sim... e assim deve ser. A lei é a lei.

Perguntei-me por que ele fazia a lei parecer tão pouco atraente. Ou era apenas a presença do Grande Billy, que nos acompanhava, triunfante, para fora do seu domínio?

Morag corria pelo pátio em nossa direção, o avental branco fustigado pelo vento, os anéis do cabelo brilhante iluminados pelo sol da manhã.

— Os cavalheiros chegaram, amo. A Sra. Sinclair os levou para a sala de jantar. O escritório estava trancado.

— Então, estamos atrasados — meu avô pareceu perturbado. — Peça-lhes, delicadamente, Morag, para se dirigirem ao escritório agora — soltou um riso abafado. — Nunca me atrasei antes para encontrar os compradores. Dirão que Angus Macdonald está ficando velho.

Virou-se em direção à destilaria, deixando-me ficar perto do caminho dos fundos da cozinha, observando o desfile de três homens de terno de lã, que de alguma forma conseguiam ainda ter a aparência de quem estava na cidade, atravessar o pátio, acompanhados por Morag, que batia o avental para manter o Grande Billy à distância. Havia uma carruagem no pátio da cocheira e o cavalo mastigava aveia. Os compradores tinham chegado e haveria mais entradas nos

livros-razão de meu avô, e mais nomes colocados nos barris guardados nos depósitos. Subi, refletindo sobre a singularidade do negócio — as amostras tiradas de pequenas garrafas com rótulos simples, fechadas nos armários do escritório de meu avô, a prova, o regateio — embora houvesse pouco disso, porque o preço do uísque de Cluain era quase tão fixo quanto o que o Imposto de Consumo levaria, ao chegar sua vez. Tomariam decisões agora, provavelmente, sobre quanto tempo deixariam que quantidade de uísque envelhecer em Cluain. Um negócio estranho, onde se comprava para um futuro distante. Alguns daqueles homens poderiam não viver para receber o produto que compravam agora — talvez meu avô não vivesse para ver o uísque deixar seus depósitos. Compravam e vendiam o futuro. Os homens do uísque eram uma classe estranha.

Depois, soou o passo rápido de Morag subindo as escadas para o quarto da torre, abrindo a porta sem cerimônia.

— Depressa, senhorita, o amo trouxe os cavalheiros de volta à sala de jantar. Nunca o vi fazer isso antes e quase na hora do jantar. Sempre tomam seu trago no escritório e vão embora. E ele mandou dizer para a senhorita descer imediatamente...

Estava agitada; talvez isto explicasse a quase rispidez do seu tom. Resolvi ignorar o fato de que ela não batera antes de entrar; a rotina de Cluain não era perturbada muitas vezes.

Prendi o cabelo e descii. Nunca me lembrei dos nomes dos três homens que vieram naquele dia — foram os primeiros de uma série de compradores, e chefes de grupos de destiladores, que vinham a Cluain para ver as amostras, provar e deixar seu pedido — ou, em alguns casos, suplicar ao meu avô mais uísque de Cluain, do que ele tinha para vender.

— Não tenho sido capaz, nunca, nos últimos 10 anos, de destilar o suficiente para atender a procura.

— Pode se expandir, Sr. Macdonald. — Expandir. O nome de Cluain lhe daria crédito de qualquer banco...

O rosto de meu avô se enrugou com desprezo, mas conteve as palavras que desejava pronunciar. Em vez disso, serviu mais uísque e não teve pressa em responder.

— Não precisamos de bancos em Cluain, e tampouco de expansão. Pode dizer aos seus amigos, quando voltar, que Angus Macdonald não quer acordar em sua cama, certa manhã, e descobrir que não é mais o dono. Fazemos o que queremos em Cluain, tanto quanto queremos... e continuará a ser assim.

Eu disse que não me lembrava dos nomes dos homens, mas recordo-me do comentário de um deles ao partir, agradecendo-me, como se eu fosse a dona da casa, pela hospitalidade.

— O filho de minha irmã, Douglas MacAdam, viajará pelas Terras Altas neste verão, Srta. Macd... Srta. Howard. Uma excursão a pé, acredito... ele trabalha conosco em Glasgow. Posso lhe dizer que tem sua permissão para uma visita, se ele se encontrar em Speyside?

A pergunta foi feita a mim, mas olhei para meu avô antes de responder; eu não podia decidir quem devia e quem não devia visitar Cluain. Meu avô concordou com um gesto de cabeça.

— Teremos muito prazer em ver seu sobrinho, se ele vier até aqui, Sr. Hamilton.

Quando meu avô voltou para o jantar atrasado, depois de acompanhar os compradores até a carruagem, havia uma espécie de expressão vitoriosa em seu rosto, ao se dirigir ao aparador para cortar a carne.

— Isso será passado adiante também. Há uma neta em Cluain. Os marimbondos se concentram sobre o doce...

Era o que qualquer garota poderia ter ouvido, e meu avô deixara bem claro quais eram as condições para eu permanecer em Cluain. Mas não podia me fazer gostar delas; eu não gostava, de jeito nenhum. Mal pude engolir as generosas fatias de carne colocadas diante de mim. Foi uma refeição silenciosa e, da minha parte, desanimada. Senti como se estivesse sendo exibida e vendida, como o uísque de Cluain.

A pequena igreja restaurada, do lado do rio oposto a Ballochtorra, continuou a me atrair; sempre que atravessava a ponte com Ailis, em tantas cavalgadas, íamos para lá. Prendia as rédeas sobre o marco do portão do pátio da igreja, e perambulava pelo caminho que me levava aos dois túmulos de granito. Eu não achava mórbido ir lá tantas vezes; abria o xale, que servia para todos os fins, sobre a grama ao lado da sepultura de William, e havia paz e companhia ali. Algumas vezes, perguntava-me se vinha porque o antigo costume chinês de comunicação com os ancestrais tinha, inconscientemente, se tornado parte de mim também. Se, algumas vezes, eu falava com William, não me parecia estranho — eu sempre conversara com ele. Não esperava resposta do vento, que soprava através do capim alto no pátio da igreja, e balançava as copas das árvores. Não havia resposta que não tivesse que encontrar por mim mesma. Mas falava alto sobre Cluain, meu avô, a vida que fluía na destilaria, o jardim de ervas, Mairi Sinclair, Margaret Campbell, Ballochtorra e

Gavin Campbell. Falava de Callum Sinclair enquanto meus olhos perscrutavam o céu à procura de Giorsal, a fêmea do falcão. Sonhava e me interrogava, como fazia quando jazia acordada na grande cama do quarto da torre de Cluain, procurando, investigando, a luz do fogo saltando sob o chapéu de cobre, e o pergaminho chinês de William, uma mensagem não respondida. A presença de William se encontrava naquele quarto, e ali, onde ele jazia; também era uma figura imaginada em todos os locais daquele mundo, sobre as encostas dos pastos, e os rochedos do vale de Ballochtom, na saleta de estar de Margaret Campbell, e uma terceira presença quando meu avô e eu nos sentávamos, com as velas acesas, diante do tabuleiro de xadrez, à noite. O vento soava na grama alta, e havia música em seu som.

Havia outra música, e confessei a mim mesma, ao lado da sepultura de William, que vinha por aquilo também. Eu não era premiada sempre que ia lá, mas, certamente, houve vezes em que Gavin Campbell esteve lá, e eu, não. De quando em vez, eu podia ouvir o órgão ao me aproximar da igreja, e sentava-me perto do túmulo de William e ouvia, não a música imaginária do vento e o canto dos pássaros, mas o ribombo e a delicadeza dos hinos e fugas, cantatas e corais que nunca eram ouvidos na igreja em um domingo. Ocasionalmente, eu chegava antes de ouvir as primeiras notas, como se Gavin estivesse sentado, estudando e pensando o que tocaria. Então, uma vez, sentada sob o sol quente, com a cabeça descansando contra o granito bruto, devo ter adormecido, enquanto os acordes suaves de uma melodia que eu nunca ouvira antes invadiram a atmosfera. Havia uma espécie de quietude aquele dia, nenhum vento, nem som do gado, quase nenhum pássaro à vista. Os dedos de Gavin voltaram, uma e outra vez, uma linha melódica sutil — tentando-a em tempos diferentes, com intensidade diversa. Ouvi, satisfeita; não me importei com a repetição. Então, eu já podia cantarolar a música. Minhas pálpebras se fecharam e adormeci.

Acordei e ele estava com o olhar abaixado para mim. O rosto tinha uma expressão divertida.

— Encontrei Ailis aborrecida porque já comeu toda a grama ao seu alcance. Vem muitas vezes aqui?

Eu não lhe diria com que frequência.

— Algumas vezes. Já ouvi você tocar antes. Gosto muito.

Ele se agachou ao meu lado.

— No entanto, a faz dormir.

— Só hoje. E o que há de errado em adormecer? Pelo que sei, você tocava

uma canção de ninar muito especial. Não entendo nada de música, sabe..

— Não precisa entender, basta ouvir. Da próxima vez suba até o balcão do coro.

— Gosto daqui.

— E eu gostaria de você lá. Podia lhe dizer o que tocava, se isto lhe interessa. Você não teria que adivinhar...

Da próxima vez, ouvi o órgão ao me aproximar da igreja e dirigi-me diretamente à porta lateral. Erguí os olhos para a figura de Gavin no balcão do coro, mas fiquei no último banco da igreja, onde ele não podia me ver. Dentro da simplicidade da igreja escocesa, a grandeza da música era quase avassaladora. Não era de admirar que não quisessem que Gavin tocasse aquelas músicas quando a congregação estava presente; podia-se imaginar o Deus daquela música como um Deus de amor, assim como de vingança. Não combinaria bem com o sermão. Não tinha nada a ver com a virtude fria ou o fogo do inferno. Era rica, magnífica e muito humana. Subi a escada para o balcão do coro e encolhi-me em um canto, bem atrás da visão de Gavin. Mas quando terminou, voltou-se para mim, imediatamente.

— Como soube que eu estava aqui? — perguntei.

— Eu sabia. O som muda — riu. — Sempre sei quando tenho uma plateia. Gostou... ?

— Era maravilhosa... cálida. Não parecia música de igreja.

— Estou tentando fazer minha própria transcrição do Requiem de Verdi... quero dar ao órgão algumas das partes vocais. O ministro não aprovaria. Um católico italiano... Agora, venha cá e cante alguma coisa para mim.

— Eu? Cantar com um órgão? Com você?

— Por que não? Tem cantado hinos e salmos a vida toda, não é?

— Sim, mas não... oh, bem... não posso.

— Venha... sabe cantar tão bem... — e seus dedos se moveram depressa, ajustando as teclas, e o som que ouvi era suave como o sussurro de uma criança.

Sim, eu andara cantando a vida toda, e talvez ele pensasse em William, no pátio da igreja, e em mim, ausente quando ele fora enterrado; talvez pensasse no meu pai, morto tão longe de mim, e em seu corpo transladado de volta para o funeral, de forma que não vi o rosto de nenhum dos dois ao morrer. Repetiu a mesma introdução três vezes, antes de eu ser capaz de abrir a boca, mas quando o fiz, o som foi

surpreendentemente forte, no momento em que eu precisara de sua graça purificante.

— O Senhor é o meu Pastor; não desejarei...

Quando terminamos, voltei-me e encarei-o, e foi então que as lágrimas começaram a escorrer por minhas faces. Ele não pareceu chocado ou perturbado; nem sequer disse alguma coisa. Eu apenas peguei o xale e tornei a descer as escadas, fechando a porta lateral suavemente atrás de mim. Ailis estava tranquila perto do portão, erguendo a cara rude e nada aristocrática para me saudar. Subi para o seu dorso, e eia rae levou, descendo o vale com o andar lento. Eu já havia parado de chorar há muito, quando começamos a descida íngreme para a ponte de Ballochtorra. Sentia-me fresca, como o dia, mas, de certa forma, mais velha. E pouco antes de entrarmos na parte escarpada do vale estreito, ao olhar para o alto, pensei, durante alguns segundos, que vira Giorsal, em seu voo deslizante e altaneiro, muito acima de mim, na ronda, no mergulho rápido ao vento. Era Giorsal ou um falcão desconhecido entrando em seu território? Talvez, afinal, um companheiro para o peregrino, pensei, e Callum poderia perder sua ave. Depois, penetramos bastante no vale e ela desapareceu.

Nunca fui à igreja para um encontro marcado; deixamos tudo por conta do acaso, como sempre fora. Algumas vezes Gavin estava lá, outras não. Eu sentava no balcão do coro e ele tocava, explicando-me um pouco, ocasionalmente, levando-me a cantar alguns dos hinos que sabia de cor.

— Aqui... pode ler estas notas? Tente!

Eu tentava mais do que desejava, a música longe dos meus pensamentos. Mas gostava. Eu ia embora quando queria, sem nem mesmo me despedir. Mas havia outra coisa adicionada aos pensamentos que corriam por minha mente, enquanto ficava deitada no quarto da torre, esperando pelo sono, observando os reflexos da luz do fogo no teto abobadado. Não era tanto o próprio Gavin, mas frases da música que ele compunha, e a sensação da música, suave como uma brisa, depois, forte como um trovão. Quando uma tempestade de verão desabava sobre o vale, o vento soprando através da cevada que amadurecia, eu pensava na música de Gavin, e algumas vezes, acordava, sonolenta, pensando nela, quando o primeiro som das aves começava, ao amanhecer.

E acima de tudo isto, de todas as coisas que compuseram as semanas do verão de Cluain, havia a imagem e a presença de Callum Sinclair. Mais ausência do que presença. Mesmo após a manhã em que me mostrara o voo do falcão, quando dissera que eu poderia acompanhá-lo e ver Giorsal partir de sua mão e ir à procura de sua presa, ele continuava a me evitar. Eu ainda tinha que cavalgar de Cluain para

procurá-lo, e frequentemente achava que ele não sentia grande prazer em me ver — era bastante cortês, mas não animador. Em várias ocasiões o chalé estava vazio, como da primeira vez em que o vira; eu nunca podia marcar um encontro. Sempre tinha que correr o risco, e a sorte nem sempre estava comigo. Não era o orgulho que me impedia de marcar um encontro — começava a crer que, possivelmente, eu não tinha orgulho no que dizia respeito a Callum Sinclair; era o fato de que ele parecia sentir que eu estava a ponto de pedir para encontrá-lo, até cavalgar com ele em um dia específico, e de alguma forma, ele conseguia cortar minha pretensão, uma espécie de momento glacial e estático, quando as palavras morriam em meus lábios. Era quase como se ele tentasse me impedir de romper os elos do orgulho, como se tentasse evitar-me a humilhação de uma recusa. Encontrava-o, algumas vezes, perto da destilaria — aparecia lá, inesperadamente, e algum serviço de manutenção ou conserto era realizado; meu avô não mandava chamá-lo, porque esse era o seu acordo, e parecia que Callum cumpria suas obrigações, e que Angus Macdonald não tinha razão legal de queixa; nessas ocasiões, atravessando o pátio ou nas cocheiras, Callum falava comigo como se eu fosse uma virtual estranha, sempre educado e, aparentemente, bastante indiferente. Perguntei-me se ele compreendia a ferida que sua atitude me causava, ou se estava mais preocupado em defender minha dignidade diante daqueles que me observavam.

Eu não conseguia ligar aquela pessoa com o homem que, algumas vezes, consentia em me levar para cavalgar com ele nas colinas, deixando-me segui-lo para onde ia, com Giorsal sobre sua mão, o cão nos seus calcanhares. Eu pensava, às vezes, com ironia, que era quase como o cão, feliz quando Callum lançava um olhar em minha direção, e tendo que aceitá-lo quando não o fazia. Como um cachorro, eu esperava por ele, aguardava um aceno, um gesto, uma palavra. Ocasionalmente, não podia acreditar que era eu, ÍCirsty, quem agia dessa maneira; nenhum orgulho ou independência — nem mesmo vergonha. Tudo que Callum precisava fazer era erguer a mão, e eu estava lá. Eu fora domesticada muito mais facilmente que Giorsal, e talvez ele me desse muito menos valor por causa disto.

Ele me prometera longas viagens ao concordar que eu poderia ver o falcão caçar, e foram longas. Havia as manhãs, pouquíssimas, em que eu aparecia no chalé montada em Ailis, e Callum, olhando para o céu, sacudia a cabeça em direção à cocheira.

— Acho que não choverá muito, talvez nem chova... não se molhará demais. E o vento não está muito forte. Pode cavalgar conosco, se quiser.

Eu não tentava esconder o prazer estampado em meu rosto; nunca seria boa em mentir a Callum.

— Sim... por favor. O que importa o vento?

— Suponho que nada — encolhia os ombros. — Mas fico um pouco nervoso quando o vento é forte. Mesmo depois de todo este tempo, ainda mal posso acreditar que Giorsal voltará para mim. Se o vento é forte, ela pode não querer virar e voar contra ele... pode sentir vontade de voar a seu favor, mais e mais... deixando-o carregá-la. Um animal tão livre... primo da águia. Quem pode esperar, realmente, que Giorsal venha buscar o engodo, regressando sempre para a luva?

— É a mão que a alimenta.

— Giorsal pode alimentar a si mesma. E sempre amamos a mão que nos alimenta?

— Não... nem sempre.

Nestas viagens, ele levava comida, suficiente para nós dois. Uma vez, segui-o ousadamente pelas charnecas, afastando-me tanto de Cluain, que compreendi que jamais voltaria a tempo para o almoço. Não me importei. Arriscaria qualquer coisa que meu avô tivesse para dizer pela alegria intensa de sentar ao lado de Callum na urze úmida, e comer os pedaços duros de pão, queijo e maçãs, e partilhar o frasco de cerveja que carregava na sacola, que usava à cintura. Naquela manhã, desmontamos, esperamos e vimos o momento supremo da vida do peregrino; havíamos vigiado o setter de Callum, Dougal, entre a urze, que, de repente, ficou imóvel. À grande altura, o falcão “esperava” como Callum dizia. Callum deu um passo à frente, houve um bater de asas, um grito de “Uh... uh”. Giorsal não escolheu o lagópode que estava bem abaixo dela, nem o mais jovem e fraco. Sua presa foi o líder do bando. Giorsal era uma veloz nuvem preta-azulada cruzando o céu; tivemos o vislumbre breve e rápido da ave virando de cabeça para baixo, as mortíferas garras estendidas — uma falha enquanto as duas aves lutavam por uma posição. Depois, Giorsal estava acima, em perseguição durante apenas mais alguns segundos. A garra atingiu do alto agora, e a medula espinhal rompeu-se nesse instante. Houve uma leve lufada de penas no ar. O lagópode caiu, e sob uma ordem de Callum, o setter se conteve.

— A caça morta é de Giorsal — disse ele. — Não uso Dougal muitas vezes para buscá-la, apenas para fazer a caça levantar voo de seu esconderijo.

Eu estava louca de excitação, mas uma cautela inata me fez perguntar:

— Não estamos nas terras de Ballochtorra?

Ele nem olhou para mim.

— Claro que esta terra é de Ballochtorra... se isto importa. Do que está com medo? Guardas de caça? Está vendo uma arma? Está me vendo levar um lagópode

para casa, para o meu jantar? Foi Giorsal quem caçou... vai limpar e comer sua vítima. Diga-me, que vigia de caça no mundo pode evitar que a ave busque sua presa natural... ou multar, ou prender? A terra pode ser de Gavin Campbell, mas ele não é dono de Giorsal.

— Ninguém é dono de Giorsal — falei, baixo.

Agora, seu olhar mostrou ter mais consciência de mim.

— Está certa. Ninguém é dono de Giorsal.

Giorsal trouxe sua vítima para Callum, como um sinal de amizade, mas ambos sabiam que a caça era dela. Giorsal se afastou para limpar e comer a ave caçada, e depois, segundo Callum, Giorsal estaria satisfeita e sonolenta, e voltaria depressa para a luva, a fim de ir para casa, para o seu poleiro na cabana. Enquanto comíamos o pão e queijo, conversamos.

— Quando Giorsal falha em sua caçada é que devo ter alguma coisa à mão, como engodo, para trazê-la de volta... um coelho ou pombo mortos recentemente. Não posso deixá-la com fome, ou me abandonará, talvez.

— E no entanto... a mão que nos alimenta... — lembrei-lhe.

— Giorsal é o bastante amável para ignorar minha mão quando está faminta. Ela tem todo o encanto dos animais selvagens que foram domesticados. Nunca se pode estar certo quanto a eles. Shakespeare diz isto através de Petruchio, quando domestica sua mulher... “Minha ave está, agora, vigilante e com fome. E até descer sobre sua presa, não deve ser esquecida totalmente, porque, então, nunca considera seu engodo.”

— Quão bem conhece Shakespeare? — eu pensava que, de todos os que conhecera, somente meu pai citara um escritor com tanta facilidade.

— Razoavelmente — deu de ombros. — Tentaram enfiar alguma coisa em nossas cabeças duras, naquele lugar para onde minha mãe me mandou. Nós, escoceses, nos esforçamos para agarrar qualquer informação que surja em nosso caminho. Tudo o que temos para continuar a viver, em uma terra tão pobre, é nossa perspicácia. O cérebro e os músculos são nossos melhores produtos de exportação. Por isto, eu, como a maioria dos outros, peguei o que pude, quando me foi oferecido. Valeu a pena por algumas coisas, por outras, não. Não me ensinaram, certamente, a ser um destilador... nem um falcoeiro. Isto, tive que aprender sozinho.

— Poderia ser tantas coisas, Callum — falei. — Você é quem deveria sentar-se com meu avô na sala, quando ele fala sobre os méritos de cada destilação anual do uísque. Você, porém, não optou por isto... deliberadamente, creio eu. Não fará o

menor esforço para agradar meu avô. E no entanto, talvez fosse bom para você, se o fizesse — eu soube, naquele momento, o que lhe pedia, e por quê.

— Talvez a última liberdade que resta a um homem seja ser o que deseja, e fazer o que quer.

Tentei esquecer o assunto.

— E usar o que quer? — perguntei, suavemente. — É o único homem dos arredores que vejo usar o saiote escocês constantemente, e a sacola.

Riu.

— Espere até o início da temporada de caça. Você verá todos eles, mais extravagantes do que um bando de pavões. Então, pergunta-se por que uso esta coisa velha e rasgada? E se chama bolsa de pele, e não sacola, por favor. Bem, deixe-me lhe dizer. O saiote é o traje melhor e mais confortável, já inventado para se caminhar em um terreno como este. Não fica molhado ao roçar a urze, nem quando se vadeia um riacho, como acontece com as calças. Enquanto não sentir a fricção da lã balançando contra suas coxas, não saberá como ela o aquece quando há neblina. Não é como uma saia comprida de uma mulher... aquece sem estorvar ou se arrastar. Antigamente, quando o homem das Terras Altas só tinha o saiote, era uma peça única de roupa longa, tecida por sua mãe ou mulher, que ele apertava à cintura com um cinto, e deixava a ponta cair sobre seu ombro para aquecê-lo. Quando se deitava à noite, nu, enrolava o saiote em volta do corpo, os pés perto do fogo. Tinha que ser inventivo e econômico em todas as coisas, até mesmo nas roupas que usava. Havia alguns clãs que, quando se preparavam para uma batalha, rasgavam as camisas para ter mais liberdade de brandir a espada de dois gumes. Bem, isso... — de repente, arrancou a urze com violência — tudo acabou. Fomos derrotados... todos nós, mesmo os que lutaram por Butcher Cumberland na batalha de Culloden. Esse foi o fim do homem das Terras Altas. Foi a desagregação dos clãs. Agora, somos um cartão-postal. Se dou a impressão de me vestir como um dos tristes remanescentes de uma novela de Sir Walter Scott, não é porque admiro seus livros. É porque o saiote é, ainda, o traje mais prático e confortável para o tipo de vida que levo.

— E por quanto tempo levará esta vida, Callum? Os dias estão passando em Cluain... os dias de meu avô. Você ficará quando outro homem for o dono, aqui?

Encolheu os ombros.

— Não penso no futuro. Às vezes acredito que não tenho nenhum, e isto não me preocupa. Não vejo nada além deste ano, deste verão...

— Deste dia?

Sentava-se com o peso equilibrado sobre um braço, sem me olhar, fixando o local onde Giorsal havia desaparecido para comer a ave que caçara; por isto, estava desprevenido, e caiu de lado quando puxei seu braço rapidamente. Caiu contra mim, como eu pretendia, e afundamos na urze, seu corpo contra o meu. Envolvi seu pescoço com os braços e meus lábios encontraram os seus.

— Este dia, Callum... este dia\

Por um instante, correspondeu; o corpo relaxou contra o meu, e seu beijo respondeu à minha carícia. Eu sentia a comunicação entre nós, como uma coisa viva. Juro que existiu — sim, juro. Não foi apenas minha fantasia ansiosa. Por um momento, um momento inesquecível, ele foi meu. E depois, acabou. Endireitou o corpo e se livrou do meu abraço, o rosto contorcido com uma espécie de vergonha cheia de angústia.

— Por que fez isso?

Eu não tinha pressa de me levantar. Não sentia vergonha. Havia simplesmente oferecido e dado, o que pensava que seu orgulho inflexível jamais lhe permitiria tomar. Eu queria Callum Sinclair, e precisava fazer com que ele soubesse disso.

— Por que não? Tenho que me sentar ao seu lado, cavalgar com você, fazer tudo em sua companhia e fingir que não quero beijá-lo... que você não quer me beijar? Bem, eu quero! — punha-me de pé agora, encarando-o. — E quero mais que isso. Quero que me ame, e se acha que nenhuma moça bem-educada diz isso, então, você ainda tem muito o que aprender, apesar do que já sabe.

Eu olhava para o seu rosto a falar, e naqueles segundos, um medo terrível cresceu em meu íntimo. Não havia maneira de descrever como me senti, ou o que sentia. Não tinha base na razão. De repente, soube o que não podia colocar em palavras. Havia uma espécie de escuridão entre nós, que encontrava em mim o espelho do que eu via em suas feições, a agonia horrível, contorcida de um homem, que nada tinha a ver com vergonha. Era alguma coisa mais, e eu a ignorava e não podia compreendê-la.

Ainda assim, meus lábios continuaram a formar as palavras fatais e estúpidas. Senti que o afastava de mim para sempre e, no entanto, prossegui:

— Quero você, Callum. Não para provocá-lo. . , não por brincadeira. Quero-o para sempre. Quero que seja o senhor de Cluain. Quero casar com você.

— Mulher... — sua voz foi um grito encolerizado. — Por Deus, fique longe de mim \Fique longe. Não há nada para você e para mim. Nada! Nunca haverá.

— Ama outra? Quem... quem é?

— Quem? Você não tem o direito de saber se amo alguém.

— Talvez não, mas saberei. Vou saber e esperarei. Sei como esperar. Sou boa nisso, e terei você...

Ele me fez calar ao se voltar para o pônei.

— Não espere. Não perca seus dias e anos. Não vale a pena. Jamais haverá algo para você e eu. Nem agora... nem nunca.

— Mas você me beijou... sei que me beijou.

— Sim, beijei e gostei. Admito isso, mas jamais a beijarei novamente.

— Não me quer, Callum?

— Não há resposta para essa pergunta. Nenhuma resposta... — afastou-se de mim, através da urze, em direção ao local onde os pôneis estavam presos.

Corri atrás dele, a saia varrendo o chão, prendendo-se, e tropecei e caí uma vez, ficando quase sem ar. Levantei-me de novo. Gritei, contra o vento:

— Nenhuma resposta, a não ser o orgulho, não é? Não deixaria que os outros o vissem tirar alguma coisa de Angus Macdonald... mesmo sua neta, que o ama. Não aceitaria Cluain e eu de presente... Callum, pare! Ouça... por favor...

Mas ele saltou para a sela e enfiou a luva na mão. Ao ver isso, Giorsal veio imediatamente, como se obedecesse uma ordem — uma sombra preta e veloz através de minha visão toldada, e, depois, ela estava sobre a luva, o cão correndo nos calcanhares do pônei.

Callum virou a cabeça, afinal.

— Esqueça, Kirsty. Esqueça. Por seu próprio bem, esqueça o que disse. Esqueça este dia... — o resto das palavras se perdeu quando forçou o pônei a galopar, e desceram o declive a uma velocidade perigosa. Giorsal se balançava e saltava sobre a mão do homem, mas continuou lá, sem precisar das peias para prendê-la, ou do caparão para acalmá-la. Mantinha-se unida a Callum, como se ele fosse sua vida.

Como era a minha. Eu não esqueceria aquele dia. A espécie de escuridão que havia descido entre nós seria afastada por mim; aquilo, eu não ia esquecer. Mas esperaria, como havia dito. Amar é alguma coisa; alguma coisa mais do que a maioria das pessoas tem. Apesar de tudo, eu continuaria amando e esperando. Esta espera venceria Callum, o tempo e qualquer amor que o possuía agora. Depois das

trevas que caíram sobre mim após a morte de meu pai e de William, experimentava agora uma nova chama de animação e vida. Disse a mim mesma que esperaria para sempre, se fosse necessário.

Em seguida, com calma, dirigi-me a Ailis para soltá-la. Fui paciente e gentil, e cavaleguei com cuidado, atenta aos pontos de referência para não me perder. A sensação do futuro era o que me possuía, enquanto cavalgava de volta a Cluain. Eu fizera uma declaração a Callum e aguardaria paia que sua veracidade fosse provada. No fim, Callum saberia que eu o amava. No fim, ele saberia que eu podia esperar. Cluain esperaria; tudo esperaria. Existia confiança, que crescia, apesar da maneira terrível como ele me havia rejeitado. Eu vinha de uma família resistente; Christina Campbell, que jazia em sua sepultura ao lado de meu irmão, era uma prova disso. Sabíamos como esperar, e como amar — amar alguém ou alguma coisa com paixão. O que eu não podia começar a imaginar, então, era quão longa seria a espera.

Talvez meu avô me houvesse visto cavalgar, atrasada, cansada e molhada por uma das chuvas fortes das Terras Altas; talvez minha ausência na refeição do meio-dia o tivesse deixado zangado. O que quer que fosse, mal falou comigo durante o jantar. Depois que a mesa foi tirada, não pegou o tabuleiro de xadrez. Esperou durante algum tempo depois de Morag haver retirado os últimos pratos, então, se voltou para mim com um tipo de fúria latente.

— Dizem que cavalga com Callum Sinclair.

— Dizem... quem diz?

— Não seja impertinente, mocinha. Sei o que ouvi.

— Sim... cavalgo com Callum Sinclair quando consigo encontrá-lo. Ele não está mais disponível para mim do que para o senhor.

— Então, não fará mais isso.

— Por que não?

— Porque não é adequado. Só por isto. Pensa que quero ouvir histórias da minha neta perseguindo um trabalhador da destilaria?

— Meu avô foi. . ainda é... um trabalhador de destilaria. Está procurando me casar do jeito que James Ferguson casou sua filha? Está procurando um título... ou dinheiro... para Cluain? Não os conseguirá por meu intermédio.

— Não procuro nada para Cluain, a não ser o que merece. E Callum Sinclair não é para você.

— Mas você o mantém aqui... precisa dos seus serviços. Concede-lhe

privilégios que nenhum outro trabalhador tem, por causa do seu valor para Cluain.

— Os acordos que fiz com Callum Sinclair são um assunto meu, e não da sua conta. E Callum Sinclair não é da sua conta, tampouco. Proíbo-a de vê-lo de novo. Falarei com ele, e se eu...

— Não\ — atirei a cadeira para trás, inclinando-me sobre a mesa para encarar o rosto idoso.

Li pouco ali — os olhos estavam encobertos atrás de dobras de carne. Era aborrecimento ou medo, ou apenas o esnobismo obstinado de um homem, cujo orgulho não admitiria em seu futuro o filho de uma mulher desconhecida, o filho da mulher que dirigia a cozinha de sua casa? No entanto, naquela primeira noite, ele me dissera para encontrar um homem adequado para sucedê-lo em Cluain. E não havia ninguém melhor para isto do que Callum. E Callum era o homem que eu queria. Era demasiado para meu avô enfrentar isto?

— Não falará com Callum Sinclair sobre mim. Não o humilhará tanto...

— Farei o que for necessário. Chegarei mesmo a mandá-lo embora daqui.

— Mandá-lo... — o pensamento me fez gelar de medo.

Minha voz soou deliberadamente baixa e controlada quando fui capaz, afinal, de falar.

— Isso não será necessário. Asseguro-lhe que não será. Callum Sinclair não me quer. Não me pergunte como sei... apenas acredite! Para ele, mal existo. Juro-lhe... ele não me quer!

A cabeça velha concordou, com uma inclinação. Os olhos se abriram um pouco, e podia haver alívio neles ou talvez apenas a satisfação de se sentir livre de ameaças e, mais uma vez, não desafiado.

— É como deveria ser. Ele é prudente. Conhece seu lugar...

— É um tolo! — ouvi minha voz se elevar de novo, e soube que isto era pegrigoso. — O lugar de Callum Sinclair é em parte alguma e em toda parte. Ele seria um companheiro adequado para os reis, se decidisse assim. Mas Callum faz suas escolhas... elas não lhe são impostas. É como seu falcão. Só permanece... só volta... porque esta é sua escolha. E ele não me escolhe!

Deixei-o então, rapidamente, para que ele não testemunhasse o sofrimento e as lágrimas. Era estranho; enquanto eu cavalgara de volta a Cluain naquele dia, sentira-me confiante e havia acreditado que poderia esperar tanto quanto fosse necessário. Agora, eu me ouvira falando o que Callum Sinclair tentara me dizer, e a

dúvida surgiu de algum lugar naquele instante, a ansiedade insinuando-se como as sombras do penhasco de Ballochtorra projetadas sobre o vale. Eu não chorara então, mas chorei agora, em uma espécie de desespero, diante do fogo, no quarto da torre. Apesar de suas chamas e brilho, parecia haver pouco calor nele. Estremecí e mantive as mãos estendidas para ele, sem encontrar conforto. Tudo que podia ver era a fuga de Callum; tudo que podia ouvir eram suas palavras gritadas: “Esqueça este dia, Kirsty. ”

Callum tentou me evitar e eu o persegui. Era uma perseguição física. Tinha que ser. Ele nunca ficava onde eu podia encontrá-lo facilmente, e assim, tomou-se uma questão de eu me colocar onde pensava que ele poderia vir, de procurar e descobrir os lugares onde ele tinha probabilidades de ir. Parei mesmo de inventar desculpas para permanecer no pátio, entre a destilaria e as cocheiras. Escovava, limpava e cuidava de Ailis com tanta frequência, que ela começou a ficar cética de todo o esquema — olhava-me interrogativamente, como se para deixar claro que, uma vez por dia, era suficiente para um pônei indefinido. Mas Ailis tinha bom humor, e se conformava com minha pressa repentina pela sela, quando supunha que Callum poderia estar saindo da destilaria — se eu tinha certeza, alguma vez, de que ele estava lá. Houve muitas vezes em que cavalgamos inutilmente pela estrada, esperando pelo vulto moreno com o pônei e o cão. Cheguei a tentar, e com sucesso, fingir que montava em uma sela para senhoras, quando usava uma sela comum, e ao ficar fora do campo de visão dos prédios da fazenda e da destilaria, escorregava minha perna sobre o dorso de Ailis. Facilitava a marcha, e durante os poucos minutos em que eu estava de partida, era capaz de me equilibrar de lado sobre o dorso largo, e abrir minha saia de forma que não se notava a falta do arção. Ailis precisava somente de uma de minhas mãos sobre as rédeas, e, às vezes, nem mesmo isso; com a mão livre, eu erguia o segundo estribo pendente e o cobria, parcialmente, com a saia. Contanto que ninguém vigiasse com atenção — e ninguém mais o fazia — a farsa funcionava. Mas assim que deixávamos a estrada e eu firmava o outro pé no estribo, estava livre para seguir os atalhos que Callum podia ter tomado, e embrenhar-me em locais íngremes e irregulares, permitindo que Ailis me guiasse. Ela me levava a partes do vale que eu jamais vira antes, jamais imaginara existir. Afastava-se da trilha e penetrava em uma senda estreita, que seguia o curso de um regato rápido, e era como uma cabra, escolhendo o caminho para cima e para baixo, entre as grandes pedras desordenadas, mergulhando nas sombras das saliências pendentes. Não tinha medo, não hesitava e conhecia aquela terra, com todos os seus aspectos variáveis, como se fosse o seu pasto. Conduzia-me à charneca aberta e às encostas das pastagens, sabendo sempre onde começava o lodaçal e que caminho nos levaria mais alto e mais longe, em menos tempo. Aprendera tudo aquilo durante os anos de busca de alambiques ilegais com o Sr. Ross? Se ela não fosse um animal

tolo, supostamente sem entendimento, eu juraria que ela conhecia o meu propósito. Eu lhe falava constantemente enquanto a cavalgava.

— Será que o encontraremos hoje, Ailis? Será que veremos Giorsal e o descobriremos, ao observarmos para onde ela volta depois de seu voo de mergulho?

E nunca havia o bufo nervoso e sensível para responder as minhas palavras. Ailis era um animal muito objetivo e inteligente.

Algumas vezes, nós o encontramos. Ele parecia nos cumprimentar sem prazer, mas não nos mandava embora. Agora, porém, eu sempre continuava montada; observávamos Giorsal voar, maravilhosa em graça e velocidade, depois a ronda preguiçosa, o voo planado enquanto investigava seu terreno. As vezes, havia a excitação do mergulho incrivelmente veloz, a explosão de penas no ar, a morte instantânea da caça. Callum me deixava olhar, dava algum tempo a Giorsal para limpar e comer sua presa, e depois de repente, sem uma palavra de despedida, tocava o pônei com os calcanhares, obrigando-o a se mover, e Dougal o seguia de perto. Uma ou duas vezes, tentei segui-lo, mas o pônei era mais rápido que Ailis; era muito fácil se livrar de mim, se Callum o desejasse. Uma pequena elevação da charneca o tiraria do meu campo de visão, a curva do vale o esconderia. Quando eu alcançava aquele ponto, ele havia desaparecido, e podia ter tomado meia dúzia de caminhos. A menos que o terreno estivesse muito enlameado, com os rastros dos cascos claros, nunca podia segui-lo, e nas poucas vezes em que o fiz, ainda conseguiu manter a dianteira. Depois de algum tempo, aprendi a não esperar demasiado; então, deixava Ailis virar a cabeça em direção a Cluain e às cocheiras. Ela parecia saber, tão bem quanto eu, quando a caça estava perdida. Nunca mais nos atrasamos para a refeição do meio-dia. Jamais houve motivo.

— Não faça isso, Kirsty — disse-me Callum, uma vez. — Está errada em me seguir... em vir atrás de mim desse jeito.

— Alguém tem dito que sigo você? — o pequeno esforço que fazia, para mascarar minha ansiedade, era digno de pena. — Não posso cavalgar por onde quero? E se-eu visse Giorsal... ?

— Aqueles que veem Giorsal estão à sua procura. Têm olhos muito argutos e vigilantes. Esqueça-me, Kirsty. Esqueça Giorsal.

— E o que farei dos meus dias? — tentei dar um tom zombeteiro à minha voz, como se, realmente, não me importasse, mas não era boa em esconder o que sentia.

Ele perdeu a paciência.

— Oh, por Deus! Faça o mesmo que as mulheres fazem com os seus dias. Não tenho que me preocupar com isso, mas não deve vir onde vou. Não serei seguido e vigiado, não serei... caçado.

Compreendi meu erro. Ele tinha razão. Desapareceria, se fosse caçado. Eu jamais o teria, perseguindo-o abertamente. Ele poderia apenas se aproximar pelo engodo. E seria eu, algum dia, isca suficiente? Observei-o afastar-se naquele dia, a dúvida aumentando, grande e forte em meu íntimo, como uma pedra. O que Callum Sinclair queria? O que ele tomaria como isca?

Uma vez, de volta a Cluain, em uma trilha tão pouco usada que o feto crescia até a altura dos flancos do pônei, encontrei, de repente, Mairi Sinclair. Teria sido fácil não vê-la; eu olhava para a frente, fixamente confiando como sempre em Ailis, para vigiar seus próprios passos, quando a cabeça do pônei se virou abruptamente, e parou. Lá, observando-me, o xale Sinclair enrolado à cabeça, estava o rosto magro é que já fora bonito, e que eu, agora, via tão pouco. Compreendi, naquele instante, quantas semanas haviam se passado desde que nosso olhar se cruzara daquela maneira, quantas refeições ela havia servido, sem nunca olhar diretamente para mim, quantas vezes nos encontráramos no corredor da cozinha, e houvera apenas uma inclinação de cabeça, como prova de que minha presença fora notada. Agora, todavia, o olhar era franco e sincero. Foi em uma das vezes em que eu havia conseguido encontrar Callum, e ter uma conversa de alguns minutos com ele. Ele poderia ter passado por ali; poderia ter passado por sua mãe sem vê-la, embora isto fosse pouco provável; Callum tinha olhos como os de seu falcão. Mas o feto estava alto e, sem Ailis, eu não teria visto Mairi Sinclair.

Ela ergueu o rosto e olhou para mim; o xale escorregou para as costas, revelando o cabelo negro e raiado. Como se parecia com Callum — e como era diferente. Depois, houve novo reconhecimento. Seus olhos me fixaram da mesma maneira daquela primeira noite em Cluain — os olhos de uma mulher desesperada e perseguida — mas sempre, com exceção daquela vez, controlada. Tive certeza, então, de que Callum passara por ela e que ela sabia que estivéramos juntos, embora em um encontro muito breve e pouco satisfatório para mim. Por um segundo seus lábios se moveram, como se fosse falar, mas não pronunciou nenhuma palavra. Não precisava dizê-las. Eram as mesmas da minha primeira noite em Cluain.

— Cluain não é sua... não é sua.

Instiguei Ailis para que avançasse. Estávamos i,5km mais próximas de Cluain quando compreendi o que Mairi Sinclair estivera fazendo — qual tinha sido a razão para se encontrar naquele lugar, se, na verdade, ela não me seguira deliberadamente, e não vigiara, realmente, meu encontro com Callum. Ela carregava

na mão uma cesta comprida e tecida grosseiramente, e as flores, ervas e frutos dos campos estavam nela. De repente, percebi, como os chineses sempre estiveram cientes, que o que jazia naquela cesta podia ser usado para envenenamento, assim como para cura. A dedaleira — digital — às vezes chamada de dedal do homem morto, podia significar cura, e também morte. E entre os fetos cresciam a alta e fatal cicuta, e a beladona, que podia matar. E quem, senão Mairi Sinclair, saberia qual era o cogumelo comestível e qual o venenoso? Ela podia carregar ambas, a vida e a morte, naquela cesta inocente.

E os caracteres incertos de William, esparramados no pergaminho, voltaram, cada frase gravada em minha memória. “Ela matou..

Morag veio durante muitas noites de verão, com gravetos e lenha em uma cesta, a botija de água quente na mão. Em geral, esta tarefa era feita antes de eu deixar meu avô, mas muitas vezes, também sentava-me diante do fogo ou perto da janela, lendo durante o longo crepúsculo das Terras Altas.

— Livros, não é? — dizia Morag. — Sim... seu pai deve ter sido um erudito... Lembro-me de Master William... sempre com seus livros... isto é, quando nada mais lhe era oferecido. Mas se espera isto de um homem. Ele estava perto de conseguir seu diploma de engenheiro. As coisas são mais fáceis para os homens, não são? — enquanto falava, movia-se pelo quarto, abrindo a cama, colocando a botija de água quente, recolhendo roupas que eu deixara espalhadas, dobrando-as ou pendurando-as.

Sempre tinha as mãos ocupadas; a língua também, mas suavemente. Não era necessário ouvi-la com atenção, embora as palavras chegassem até mim.

— Master William passava muito tempo em Ballochtorra e, contudo, eu não diria que ele e Sir Gavin fossem amigos íntimos. O amo não gostava disso, naturalmente. Não gosta de nada que une Cluain e Ballochtorra — depois, um estalo da língua. — Puxa, senhorita, esta sua saia está uma desgraça. Quero dizer... Bem, veja por si mesma! Está tão lustrosa e gasta. Cavalga muito e tenho dificuldade em remover a lama. Posso mandá-la à minha tia... a que mora em Inverness, onde minha mãe está... para que faça outra? Eu poderia tirar as medidas e ficaria bem ajustada... e da melhor sarja. E algumas blusas também, para aproveitar a oportunidade. Estão finas de tantas lavagens. Estou certa de que o amo não se incomodaria com a despesa. Afinal, não são de seda ou cetim.

— Eu ficaria muito grata se fizesse isso, Morag, mas não precisa falar com meu avô. Tenho algum dinheiro...

— Sim, claro. Filha de um bispo. O Sr. Lachlan diz que se fizeram grandes

fortunas na China.

Senti minha raiva crescer. Existiam suposições demasiadas; toda a conversa sobre o comércio de ópio, a permuta em ações da ferrovia, as grandes indenizações arrancadas dos manchus. As pessoas supunham que todos recebiam sua fatia, na China. Pensei na pobreza relativa em que vivêramos, e sufoquei ao pensar nas riquezas.

— Morag, não é assim! Não posso explicar, mas não é assim... não para todos. E por favor, coloque isso na mala novamente...

Ela segurava o comprido casaco folgado de pele de macaco que eu usara nos invernos rigorosos de Pequim, quando a tempestade de poeira fria do deserto soprava, duramente, contra o corpo das pessoas.

— Não devia estar pendurado?

— A mala revestida de cedro é feita para evitar as traças. Por favor, ponha-o lá.

— Certamente, senhorita — falou com respeito e humildade de novo. — É apenas porque nunca tinha segurado nada de pele, antes. Puxa, sem dúvida, ele será útil aqui, no inverno. Precisarás de mais do que do xale velho que usa agora.

— O xale serve muito bem.

— Está se tornando uma mulher das Terras Altas? Bem, ele estará gasto de tanto ser usado em suas cavalgadas, e antes de ter terminado.

— Terminado... terminado o quê?

— Não vai à procura de Callum Sinclair? — virou-se para mim com um gesto de súplica. — Puxa, senhorita, não é da minha conta, e lhe peço perdão. Não tenho o direito... mas Callum Sinclair segue o seu caminho... sempre fez isto, e o faz até hoje. E a mulher que ele procura está tão acima dele, como aquela ave que ele faz voar. Alta e poderosa. Ela é provocante e esquiva, e o pobre não percebe isso. Ora, ele é um homem, com toda sua instrução... e todos eles têm suas fases de loucura. Mas ele voltará ao seu juízo normal, talvez, quando o verão acabar e ela tiver ido embora.

— Morag...?

— Céus, senhorita, eu devia ter uma fechadura na língua. Quem sou eu para tagarelar sobre meus superiores? Parece-me, no entanto, algumas vezes, que aqueles que dizem ser melhores que eu, podem fazer coisas que me meteriam em encrenca, se eu as fizesse. Mas Callum Sinclair pode procurá-la nos penhascos e charnecas, e

talvez ela seja dele durante algum tempo, mas não para sempre. Ele terá que voltar à terra, e se espatifará como uma pedra, não descera suavemente como sua ave. Cairá dura e pesadamente, e ficará lá deitado, pronto para a mão que se estenderá para erguê-lo.

— Mão de quem?

Deu de ombros, de costas para mim.

— Quem pode saber? Mas, senhorita, não canse seu pônei, nem gaste sua saia cavalcando atrás dele. Há uma época para tudo. Tudo vem no tempo certo. Aqueles que esperam, podem esperar um pouco mais — dobrou a pele de macaco com cuidado, guardando-a na mala. — Então, mandarei fazer uma saia e algumas blusas em Inverness, não é, senhorita? Não sairá caro. E vejo que tem um belo traje, que servirá muito bem para quando Sua Alteza Real vier a Ballochtorra. Dizem que será uma grande noite, com toda a pequena nobreza do campo presente para reverência e rapapés. Sim, ficará muito bem com este traje, senhorita...

— Como sabe que estou convidada?

— E todos não sabem? — riu. — Há muito pouco do que se falar no vale. O que é dito na sala de estar de Ballochtorra, é logo repetido na copa dos criados. De lá, espalha-se aos quatro ventos. Todos sabemos que a senhorita e o amo estão convidados. Todos sabemos que ele não irá, e esperamos, para ouvir o que ele terá a dizer sobre sua ida.

— Ele não tem nada o que dizer! Faço o que quero.

Ela deu as costas ao armário, e seu rosto, em geral petulante e confiante, suavizou-se agora e estava levemente tristonho.

— É tão bom para quem pode dizer isso, senhorita. Tomara que seja sempre assim. Mas devemos sempre pagar pela liberdade. Todos nós... todos que vê cavalcando por este vale, por caminhos diferentes... alguns caminhos se cruzam, outros se separam. Sempre se paga pela liberdade e pelo poder, senhorita... Agora, levarei esta saia e anotarei as medidas para enviar à minha tia. A senhorita a terá de volta amanhã cedo.

Foi embora e fiquei de pé à janela, pensando no que ela havia dito, perguntando-me se aquela seria uma das noites em que Callum passaria por Cluain sem sequer erguer os olhos para a janela da torre, sem virar a cabeça para o lado. Estavam seus pensamentos sempre com a mulher de Ballochtorra, porque era este o único significado que as palavras de Morag podiam ter? Saía ele a cavalo para encontrar Margaret Campbell? E os vales estreitos e charnecas escondiam seus

encontros? Não — não podia ser assim. Não era o estilo de Margaret Campbell. E, no entanto, fixa em minha mente estava a estampa de Callum, imóvel sobre o pônei, o falcão na mão enluvada, uma figura sombria e impressionante. Se a estampa existia para mim, por que não para ela? Em seu estado de inquietação e procura, havia ela também se rendido à imagem de Callum, que sempre estava comigo? E aconteceria como Morag dissera, quando ela partisse para Londres, com as primeiras neves do outono? Brincava ela com ele para afastar o tédio, e ele acreditava que a brincadeira era uma realidade?

Então, o pensamento surgiu em mim pela primeira vez. Dirigi-me depressa ao local onde guardava a pequena caixa, no fundo do armário, que continha o pergaminho de William. Novamente, meu dedo seguiu os traços trêmulos, esparramados, que eu sempre pensara, feitos pelos dedos de um homem doente. Mas de que maneira ele estivera doente? “Ela matou...” Não teria eu lido, como acreditara, a morte do corpo, mas do coração? E teria Margaret Campbell sido a causa?

CAPÍTULO SETE

O Príncipe ia chegar. De alto a baixo do vale a notícia estava presente, ouvida e sentida. Parecia que, mais ou menos de hora em hora, outra aranha, coche ou carruagem atravessava com ruído a ponte de Ballochtorra — criados vieram de Edinburgh, e alguns especiais, cozinheiros, criadas de quarto e lacaios extras vieram de Londres, os ombros curvados contra o frio do verão das Terras Altas, e desprezando a falta de confortos, a ausência de um vilarejo ou cidade, onde pudessem passar as horas de folga. Observaram toda a área com desagrado e hostilidade, e permaneceram dentro dos limites de Ballochtorra. Acharam chocante, segundo os boatos, que a melhor vista da vivenda de um baronete — que breve seria marquês — fosse estragada pela feia elevação da destilaria. Disseram que ali não era lugar para o Príncipe, nem para eles. Iriam embora, com satisfação, o mais depressa possível, e bem pagos pelo dinheiro de James Ferguson.

Não vi Margaret Campbell nos últimos dias antes da chegada. Não queria ir a Ballochtorra — haveria confusão demasiada e não se teria tempo para conversar. E agora, eu ficaria relutante em falar a sós com Margaret, quase com medo do que iria descobrir. Não queria acreditar no que pensava saber. Nos dias de loucura que antecederam a chegada do Príncipe, todavia, eu a vi, em um final de tarde, cavalgando sozinha pela estrada que atravessava Cluain, olhando diretamente para a frente ao descer o vale; era como se esperasse que eu não estaria ali, não a veria passar, não esperaria que parasse. Cavalgava de uma forma que eu nunca vira antes — como se desejasse se tomar pequena e invisível — como se isto fosse possível, montada no cavalo maravilhoso, vestida como estava, com as costas tão eretas como sempre, e a cabeça erguida. Era sua expressão, não sua presença, que parecia tentar esconder. Como uma criatura que nem Margaret Campbell podia se esconder? Ela nunca seria discreta ou passaria despercebida. Mulheres que nem ela tinham nascido para ser notadas. Mas ela não se deteve à porta de Cluain, e do quarto da torre observei seu progresso pela estrada, até virar para uma trilha lateral, tão difícil, que nem mesmo uma carruagem seguiria aquele caminho. Mesmo sem a voz de Morag dizendo-o a mim, perguntava-me o que uma mulher, com a casa virada de cabeça para baixo a fim de receber o herdeiro do trono, fazia, cavalgando sozinha, poucas horas antes da chegada do Príncipe.

O convite impresso jazia na gaveta de minha escrivaninha havia várias semanas. Eu respondera formalmente, embora se soubesse que eu iria; sabia-se também que meu avô não me acompanharia. Tinha sido um gesto de cortesia de Margaret, convidá-lo. Eu pegara o vestido que Morag dissera, uma dúzia de vezes, que ficaria muito bem para a noite — eu o sacudira, tentara dar alguma vida aos

franzidos bastante cansados. Supunha que o traje era adequado, mas isto não me deixou animada. Pertencia à Pequim de três anos atrás, quando eu era mais jovem, e apreciava mais as fitas e laços. Tinha um decote baixo — havia pensado, na época, que meu pai ficaria aborrecido, mas não ficou — e deixava nus meus ombros e busto, e mesmo eu sabia que podiam ser mostrados. As sapatilhas prateadas que combinavam com o traje eram um pouco sem graça, mas eram tudo que eu tinha. E sobre o traje, a pele de macaco, uma das coisas mais ridículas. Mas, novamente, não havia escolha. E quem iria ver, a não ser o criado abelhudo que a tirasse de mim? E iria na aranha de Cluain, com Rapaz Domingueiro transportando-me até Ballochtorra. Meu avô ficara levemente aborrecido quando Ross Mackinnon, um dos trabalhadores da destilaria, perguntou se poderia me levar e esperar para trazer-me de volta. Disse que sua mulher iria também. Só queriam ficar perto do pátio da cocheira e ouvir a música, partilhar o que sobraria da copa dos criados, talvez, ver o Príncipe de relance.

— Será que não têm orgulho? — perguntou-me Angus Macdonald à mesa do jantar. — Transformaram-se em criados? Em idiotas de rua que veem um circo, boquiabertos? E se fosse um Príncipe da casa dos Stuart e não aquele gordo de Hanover! Quem imaginaria que são trabalhadores livres, independentes para ir e vir à vontade, que não inclinam a cabeça para homem algum?

— Talvez sejam apenas amáveis... e comuns — falei. — Devo guiar Rapaz Domingueiro e entrar pela porta da cocheira? Talvez eles não queiram isso para Cluain. São mais orgulhosos do que pensa... e a vida pode ser um pouco monótona, quando se faz a mesma coisa o ano todo.

— Nunca foi monótona para mim. Jamais achei a vida tediosa neste vale.

— É o Senhor de Cluain. A vida nunca é tediosa, contanto que possa contar seus barris de uísque, crescendo ano a ano. Para eles, talvez seja apenas uma estação depois da outra... e o envelhecimento.

— Oia! — deu-me as costas, desgostoso. — É bondosa demais, menina. Eles têm uma boa vida e deviam saber disso. Não há necessidade de frivolidades. Perda de tempo. Perda de dinheiro. Mas parece que James Ferguson tem muito dinheiro para perder.

— Perder... ou gastar? Se ele dá felicidade...

Voltou-se para mim com frieza.

— Felicidade! O que sabe sobre a felicidade?

— Muito pouco, avô. Muito pouco. Estou tentando aprender.

Resmungou e permaneceu calado durante muito tempo, como se não se importasse em perguntar de que maneira eu tentava aprender. Afinal, moveu a mão.

— Se puder afastar a mente das ninharias de Ballochtorra, talvez seja o bastante amável para me dar sua atenção em uma partida de xadrez. Por favor, traga o tabuleiro. E tente se concentrar, não gosto de uma vitória fácil demais.

Mas não consegui me concentrar e, naquela noite, sua vitória foi realmente muito fácil.

Não chovera o dia todo — nem mesmo uma chuva passageira para umedecer a estrada, ou molhar a urze da charneca, onde o grupo de caça estivera o dia inteiro. De Cluain, nós os ouvimos partir, e corri para o quarto da torre, tentando descobrir qual dos vultos distantes, com trajes de lã xadrez, era o Príncipe. Mas havia mais de um homem corpulento no grupo. Não passaram por Cluain, viraram para o lado oposto das terras de Ballochtorra. Dizia-se que, no dia seguinte, caçariam nas charnecas acima de Cluain, e acho que a única satisfação de meu avô pela presença do Príncipe no vale, era o fato de que ele teria que passar pela destilaria, vê-la, e fazer perguntas sobre ela. E lhe diriam que o uísque de Cluain era o melhor uísque maltado das Terras Altas. Eu ignorava se isto seria dito ou não — ou se os mais nobres da comitiva apenas se compadeceriam de Gavin por ter tal monstruosidade no degrau de sua porta. Mas, supunha que meu avô acreditava, firmemente, que toda a história de Cluain seria contada ao Príncipe, e sentia um orgulho amargo nisto. Eu sabia que ele tomaria providências para estar bem longe do caminho, antes que a procissão de cabriolés e aranhas passasse, seguindo os primeiros veículos que carregavam a comida para o almoço. Não era do temperamento de Angus Macdonald ficar de pé, o gorro na mão, para observar o avanço de um príncipe.

Pensei que nem Callum desceria até a beira da estrada para vê-los passar; os olhos brilhantes e cruéis de Giorsal não veriam o famoso rosto barbudo — e durante os dias em que as armas soassem com estrépito nas charnecas, Callum só a deixaria voar nas primeiras horas da manhã, e mais tarde, quando os caçadores houvessem partido. Ele não correria jamais o risco de um dos atiradores amadores do grupo tentar provar sua habilidade interceptando o voo de um falcão, caso Giorsal fosse tentada pela caça que os batedores obrigavam a levantar voo. Não, Giorsal permaneceria calma e em segurança, com o caparão, e as peias e tomei, firmemente presa ao poleiro, em sua pequena cabana. Talvez, durante aqueles dias, comesse coelho que Callum havia apanhado com uma armadilha, mas não seria um troféu de que um caçador se gabaria ao jantar.

O dia se passou e as sombras desceram lentamente sobre o vale; a pálida transparência da lua se ergueu, enquanto o céu do nordeste ainda permanecia claro

como dia; meu avô notou com satisfação que algumas nuvens se arrastavam em sua superfície.

— Ora, haverá chuva antes do fim da noite.

— Tolice — disse Morag, quando repeti a opinião de meu avô.

Ela ia levar o vestido branco com franzidos, para ver o que um ferro quente poderia fazer por ele.

— Será a melhor noite de sua vida, senhorita, e metade dos habitantes do vale estará perto de Ballochtorra para ver as festividades.

— Você também, Morag?

No mesmo instante, compreendi que a ofendera.

— Eu, senhorita? Não, eu não — o queixo se ergueu com altivez. — Tenho imaginação. Sei o que acontecerá lá esta noite. E não tenho intenção de bisbilhotar às janelas. Isto não combina comigo.

— Mas devem haver muitos rapazes que gostariam que você fosse lá com eles.,.

Ela tocou na maçaneta da porta, pesadamente.

— Nenhum de quem eu goste, senhorita. Agora, vou cuidar do vestido.

Comi muito pouco, com meu avô; jantávamos muito cedo em Cluain, contrariando a moda, ao final do dia de um trabalhador, em vez de na hora em que a pequena nobreza começava a sentir fome, novamente. Assim, para obedecer ao costume da casa, sentei-me com ele à mesa e comi o mínimo que pude. Ele notou.

— É melhor comer enquanto pode, menina. Haverá tantos pratos e tantos lacaios a escolher, no segundo em que Sua Alteza Real abaixar seu garfo, e tanta conversa... primeiro para a direita, depois para a esquerda... que você mal conseguirá pôr alguma coisa na boca. E termine seu gole de uísque antes de ir. Ele lhe dará energia. E não toque nos vinhos. Bebidas e vinhos não se misturam nunca. Tome seu uísque aqui em Cluain e não beba mais nada, a não ser limonada, a noite toda. Esta noite, embora eu preferisse que você não fosse, você é Cluain. É sua obrigação nos honrar.

Pensei em suas palavras enquanto voltava ao meu quarto. “Você é Cluain.” Ele investia seu orgulho em mim. Eu sabia, para seu bem, de William e de meu pai, que não podia cometer nenhum erro, nenhum ato desastroso para arruinar meu comportamento. Eu teria que ser tudo que eles poderiam querer de mim. E todavia,

ao subir as escadas, minhas pernas pareciam se arrastar. Eu nunca aprendera a dançar — não era o tipo de coisa em que gastávamos muito tempo em Pequim.

Ainda era cedo, mas a luz oblíqua do sol projetava sombras no quarto da torre. Caminhei primeiro, devagar, para o fogo, um pequeno fogo, acendido por Morag, pensei, para me dar ânimo; depois dirigi-me ao lavatório e olhei-me ao espelho. Ainda tinha muito o que fazer no meu cabelo. Muita coisa a fazer em toda a parte. Depois, senti falta de alguma coisa, algo fora do lugar. Virei-me e olhei ao redor do quarto, e não havia nada deslocado, nada de óbvio para ver. Ergui os olhos, e lá, em vez de no seu lugar costumeiro quando visitava o quarto da torre, no banco em frente à lareira ou enroscado na cama, estava o gato branco de Mairi Sinclair, curvado em uma atitude de hostilidade e desafio, em cima do armário alto. Os olhos incolores fixavam-me sinistramente, como se ele me culpasse por alguma coisa. Nunca, antes, o gato me olhara daquele modo.

Imediatamente, meus olhos se voltaram para a cama. Estava mergulhada na sombra, e a princípio eu não havia visto coisa alguma, exceto o vestido, recentemente passado, que Morag colocara ali. Eu não havia prestado atenção a ele quando entrei. O vestido começara a me entediar havia muito tempo. Mas agora, vi o que lhe tinha sido feito.

A alteração era evidente, primeiro na colcha da cama amarrotada, na casa em que tudo estava sempre em ordem. Movi-me devagar, muito devagar, não querendo ver o que meus sentidos me diziam. O vestido jazia ali, sim, onde Morag devia tê-lo colocado enquanto eu me sentava à mesa com meu avô. O que fora uma coisa simples, um vestido de baile branco de uma moça, com franzidos e fitas, era, agora, uma confusão de retalhos. Garras cruéis tinham arranhado a renda e seda inocentes, e o tecido cedera diante do ataque. O corpete estava mutilado e sem conserto; as marcas de arranhões estendiam-se por metade da saia. Um espírito de fúria maligna o tinha atacado. Nem eu, nem ninguém, jamais usaria aquele vestido novamente.

Caminhei lentamente pelo quarto, assombrada, sem acreditar, e já sabendo, no entanto, que a noite terminara para mim. Eu não iria a Ballochtorra.

Parei ao pé do armário e ergui os olhos para o gato.

— Por que fez isso, gato? Odeia-me tanto assim? O vestido o perturbou? Mas você nunca tocou em nada antes... nunca. Sempre foi tão pacífico... Por quê, gato?

Prendi a respiração, com medo, quando ele saltou. Mas em lugar das garras cruéis e firmes que eu esperava, somente as superfícies ásperas das patas tocaram o meu ombro. Ficou seguro ali, e hesitante e relutantemente, levantei a mão para

sustentá-lo. Virei o rosto para ver o dele, e o que vi não foi o olhar sinistro que eu imaginara na penumbra, mas um temor e uma agitação que precisavam de consolo. Antes de compreender o que fazia, minha mão acariciou sua cabeça, e depois, pela primeira vez, pareceu reconhecido. Esfregou a cabeça contra meu pescoço e ouvi seu ronrom. Era como se falasse. Ele nunca falara comigo antes.

Acaricieei-o por mais algum tempo. Não havia pressa agora. Eu não me sentaria à mesa enorme e comprida de Ballochtorra — uma das privilegiadas, convidada a jantar com o Príncipe, em vez de um mero convite para comparecer, dançar e jantar mais tarde. Pensei, distraída, que teria que enviar uma mensagem dizendo que estava indisposta; Margaret Campbell teria que mudar a arrumação da mesa.

De repente, pensei nele — o último presente do mais antigo servidor de meu pai, uma mulher que fora sua criada por mais de 20 anos na China, mudando-se para onde ele ia, afastada de sua família, o que era um grande sacrifício, tomando conta de seus filhos quando ele estivera fora para cumprir suas obrigações; uma mulher que conhecera minha mãe. Ela me havia dado um presente de despedida — só Deus sabia o que lhe tinha custado de suas economias! Não estava na moda no Ocidente — sua mente não podia conceber por que motivo usávamos roupas tão desconfortáveis, ou por que deviam ser tão imodestas. Assim, de uma peça bonita e cara de seda branca, adornada com flores de ameixeiras, cujo rosa só era discernido com um segundo e atento olhar, ela mandara fazer para mim uma túnica cerimonial no estilo mandarim — com gola alta, mangas largas, os leves recortes em direção à cintura, e a saia ampla. Contou que a antiga Imperatriz, Tz'uhsi, usava tal túnica, do mesmo modelo, e tive que acreditar. Não perguntei como ela sabia disso. Muito poucas pessoas tinham visto a Imperatriz uma vez.

Naquela noite, eu usaria a túnica mandarim, diante do homem que seria meu Rei, e talvez se lembrasse, então, que outros deram suas vidas em lugares distantes e inóspitos, para o estabelecimento daquilo de que ele seria rei.

Ainda carregando o gato, dirigi-me à porta, e na metade da escada em caracol, gritei:

— Morag... Morag, venha depressa!

Tive que chamar várias vezes antes de ela me ouvir. Veio correndo. Quando chegou, eu já havia encontrado a túnica, pendurada com outras roupas, mas negligenciada. Eu segurava o gato, ainda, quando ela entrou no quarto.

— O fogão ainda está quente?

— O fogão está sempre quente. Mas por que... — seu olhar caiu sobre o vestido, na cama. — Santo Deus! O que aconteceu? Coloquei o vestido ali, passado e novo, senhorita... esse maldito gato! Entrou aqui quando eu não prestava atenção. Sempre se introduziu furtivamente, maldito seja! Expulse-o daqui, senhorita! Provavelmente, ficou zangado porque havia alguma coisa na cama, onde costuma se deitar. Céus, o belo vestido... o vestido! O que faremos? Não pode ser usado, e a senhorita não tem mais nada para vestir. Não pode ir... Mas, que vergonha. Não pode ir!

— Irei. Quer passar isto a ferro, Morag? Pode esquentar o ferro e passar a saia e as mangas? Com muita delicadeza. A seda é a mais fina que existe. Deve ser tratada com muito cuidado... um ferro momo, apenas.

Pegou a túnica, ergueu-a e seu rosto revelou desgosto.

— Quer dizer, senhorita, que usará esta roupa dos pagãos diante de Sua Alteza Real? Não é adequada. É exótica... quase um insulto.

— Vou usá-la, Morag. Quer passá-la para mim, ou eu mesma terei que fazê-lo? De qualquer forma, pretendo usá-la.

— Muito bem, então, mas é uma desgraça...

— Morag!

Ela virou a cabeça, devagar.

— Sim, senhorita.

Quando chegou à porta, chamei-a:

— Morag, quer levar o gato? Se ele causou prejuízo...

Ela falou por cima do ombro.

— Não tocarei nesse maldito animal. Ele é um demônio!

Desapareceu, os calcanhares fazendo um ruído forte e não costumeiro nas escadas. Continuei a acariciar o gato. Eu sabia que ele não tivera nada a ver com o vestido sobre a cama.

Desci ao andar térreo quando ouvi a aranha chegar à porta principal. Uma estranha calma me envolveu; agora, o pior acontecera. Depois disto, o resto da noite seria um anticlímax. Ali ia eu, saindo para ser apresentada ao Príncipe, com um traje que seria, certamente, o mais estranho que ele veria em um século. Quão diferente estava meu rosto sobre a gola alta — escovara o cabelo com suavidade, e não me importara com os ferros de frisar; ele estava liso e brilhante, escuro e preso em um

coque baixo na nuca. Eu o havia penteado assim para que não contrastasse com a túnica, e para que um não tomasse o outro, absurdo. Um leque chinês de marfim com uma fita vermelha pendia do meu pulso; as luvas brancas, de cano longo, que deviam cobrir os braços nus, perdiam-se nas mangas largas. Pensei na mulher idosa que dera aquela seda cintilante de presente, e desejei que ela pudesse saber na presença de quem o traje seria usado.

Todos sabiam no andar térreo. Todos. Estranhamente, o gato havia ficado comigo o tempo todo em que me vestira, e, em verdade, havia sentado sobre a mesa enquanto eu penteava o cabelo, como se não quisesse se afastar do conforto da minha presença. Agora, coloquei-o no chão, do lado de fora da porta, e ele caminhou à minha frente, descendo as escadas. Eles esperavam embaixo, no grande vestíbulo — meu avô, Mairi Sinclair e Morag — as duas de pé perto da passagem em arco que levava à cozinha.

Mairi Sinclair falou primeiro:

— Se o gato causou dano, será punido, e pagarei o dinheiro do vestido.

As palavras saíram em uma pressa nervosa, como se ela as houvesse ensaiado, e aquilo fosse tudo o que iria dizer.

— Não faria sentido castigá-lo, Sra. Sinclair. Se ele estragou o vestido, só pode ter sido porque estava nervoso por algum motivo, ou amedrontado. Já estive muitas vezes no quarto e nunca tocou em nada antes. Quanto ao vestido... não me importo. Eu era quase uma criança quando foi feito. Não sou mais uma criança, e não dou importância a vestidos de baile.

Mairi Sinclair não respondeu. Na penumbra da sólida abertura em arco, não pude ver qualquer mudança em sua expressão — somente as mãos vermelhas e apertadas diante do vestido preto. O gato se esfregou contra suas pernas.

Aproximei-me de meu avô, que examinava meu rosto com atenção.

— Nenhuma lágrima?

— Guardo as lágrimas para coisas que têm importância. Estou decentemente vestida... embora de maneira estranha. Sua Alteza Real poderá ficar chocado... ou rir... como quiser. Possivelmente, não pode saber o que custou a uma camponesa da China dar-me este traje. Sinto orgulho de usá-lo.

O semblante idoso se preguiçou ao longo das mgas. Era impossível dizer quais eram os seus pensamentos, se ele se importava com o vestido destruído, ou com a pequena chinesa que me dera a túnica. Mas sacudiu a cabeça, de repente, como se houvesse tomado uma decisão.

— Há mais alguma coisa que, espero, sentirá orgulho de usar.

Caminhou para a comprida mesa do vestíbulo:

— Venha cá, menina.

Acerquei-me. Ele tinha nas mãos um manto escocês, comprido, e finamente tecido, dos Macdonalds do Clã Ranald. Segurou-o com muito cuidado ao colocá-lo sobre meu corpo, amarrando-o sob meu braço direito, e arrumando-o de forma a se juntar sobre o ombro esquerdo, caindo em longa faixa por minhas costas.

— Foi tecido por sua bisavó, Christina, e usado por ela em raras ocasiões. E aqui... — prendeu-o no lugar, sobre meu ombro esquerdo, com um broche de prata, que parecia ter acabado de ser polido por Morag ou Mairi Sinclair.

Mostrou-me o broche antes de prendê-lo ao manto.

— A insígnia do brasão do Clã Ranald, Kirsty.

Traduziu o mote, do gaélico:

— Minha esperança é constante em ti.

Agora; trazia um segundo, este, reconheci.

— Este era dela, e ela o trouxe para Inishfare consigo. A insígnia dos Campbells de Cawdor... você tem o direito de usar ambos. E se o príncipe de Hanover tiver qualquer conhecimento de seu reino, saberá reconhecer o manto do Clã Ranald, e talvez se lembre de que foi na terra do Clã Ranald que o Príncipe Charlie, o Belo, primeiro ergueu seu estandarte na Escócia, e que foi na terra do Clã Ranald, nas Ilhas, que ele se refugiou, afinal, antes de deixar a Escócia para sempre. Será que esse príncipe estrangeiro saberá tanto? Duvido. Mas pode usar o manto e as insígnias com orgulho e honra, e saber que vale tanto quanto qualquer outra pessoa naquela sociedade.

Foi então, pela primeira vez, que senti o ardor das lágrimas por trás dos meus olhos, quando ele me acompanhou à carruagem, onde Ross Mac-Kinnon e a mulher esperavam, e ajudou-me a entrar. Mas meu avô não permaneceu à porta de Cluain para nos ver sair. Esta não era uma atitude que ele tomaria.

As velas cintilavam, e a luz elétrica era um espetáculo nos salões de Ballochtorra quando cheguei, embora o crepúsculo do norte ainda fosse levar horas para surgir. Rapaz Domingueiro defecou à porta, quando subi as escadas desacompanhada. Wilson, o mordomo, fez-me entrar depressa, embaraçado, pensei, com todos os rostos estranhos dos lacaios atrás de si, aqueles que nunca tinham

estado em Ballochtorra antes. Enquanto Rapaz Domingueiro se afastou em direção às cocheiras, um cavalição correu para limpar os excrementos. Entreguei a pele de macaco, desprezada, a uma mulher que nunca vira antes, e por um momento deixei-me ficar diante de um espelho no vestiário aumentado e reformado. Alisei o cabelo automaticamente, mas pela primeira vez vi-me, inteira, no espelho. Que aparência absurda tinha a túnica chinesa, brilhante, luxuosa, com a faixa do manto escocês tecido nas cores escuras do Clã Ranald. Mas quando me movi, as flores de ameixeira bordadas no traje refletiram a luz, assim como a prata dos dois broches. Pude ver o choque, quase o ultraje, no rosto da mulher que tomava conta do recinto.

Havia cerca de trinta pessoas já reunidas na sala de visitas. Meu nome foi anunciado e Gavin avançou rapidamente. Segurou minha mão.

— Não dê atenção a nada — falou. — Tudo não passa de uma pilhéria. Riremos de tudo isto algum dia — e em seguida, quase como uma reflexão tardia, ajuntou depressa: — Como está adorável...

Mas teve que se afastar quando os nomes dos próximos convidados foram anunciados. Fiquei sozinha, a não ser por um lacaios que se aproximou imediatamente, como uma bandeja de prata. O líquido pálido, cor de palha, parecia-se com champanha, que eu nunca provara.

— Não, obrigada... — e então, a necessidade de experimentar foi maior que as recomendações de meu avô. — Bem, sim...

Ele abaixou a bandeja, ligeiramente, para que eu pudesse pegar uma taça. Olhei ao redor e vi que muito poucas mulheres tinham um copo na mão, e aquelas que bebiam eram bastante idosas, estavam sentadas e cercadas por homens. Fiquei de pé sozinha, a taça na mão, sem ninguém com quem falar, sem que parecesse que algum deles jamais me dirigiria a palavra.

Poucas pessoas entraram depois. Pensei que havia chegado bastante tarde.

— Lorde e Lady...

Pareciam em casa, à vontade, escoceses provavelmente, mas já familiarizados com o Príncipe.

— Major James McCulloch-Johnstone...

Talvez aquele fosse o homem estranho convidado a fazer par comigo. Como Margaret devia ter procurado para encontrar um homem solteiro, que fosse aceitável. Ainda assim, ninguém se acercou e falou comigo.

De repente, sem qualquer palavra, houve uma espécie de frêmito geral, Os

lacaio desapareceram e os copos também — ao menos por algum tempo. O grupo de pessoas se ergueu, como se obedecesse a uma voz de comando, as senhoras idosas com ajuda, mas uma vez de pé, assumiram atitudes tão rígidas que, pensei, jamais seriam capazes de relaxar novamente. Permaneci imóvel, com a taça na mão ainda, sem lacaio algum à vista ou bandeja onde colocá-la. As pessoas formavam uma fila de um lado do salão comprido. Senti-me comprimida e corri atrás delas procurando um lugar. Então, lembrei-me da taça em minha mão. Deixei-a sobre uma mesa, o champanha que borbulhava devagar e que eu não provaria. Em seguida, quase a dois terços do comprimento do salão, encontrei um espaço na fila. A porta não se abria ainda, mas todos estavam prontos.

— Sua Alteza Real, o Príncipe de Gales!

Espichei o pescoço para vê-lo, talvez a única de toda a fila, onde todos pareciam congelados. Fazia parte do protocolo fingir que ele não havia chegado ainda, até que se aproximasse de cada um? As primeiras ladies da fila faziam uma reverência, e os homens inclinavam a cabeça. Naquele momento, as milhares de formas da etiqueta chinesa, que eu nunca dominara, vieram à minha mente. A figura augusta e corpulenta percorria a fila devagar, cumprimentando com um gesto de cabeça aqueles que já conhecia e os membros da sua comitiva, parando para confirmar a apresentação feita por Margaret Campbell dos que foram convidados para conhecê-lo aquela noite. Ela se movia ao lado dele em uma espécie de auréola de ouro, o vestido, a pele, o cabelo — sem outra cor senão o fogo das esmeraldas no pescoço e ouvidos; mas ela podia passar sem as joias, completamente — era um tipo de reflexo da beleza. Estavam lado a lado, Gavin, a um ou dois passos atrás; então, minhas pernas se dobraram para as complicações, mais ou menos lembradas, da reverência, mas, de alguma forma, não consegui me curvar o bastante.

— Sir... esta é a Srta. Christina Howard.

Em verdade, ele parou, e meus joelhos tremiam enquanto pensava que ia cair ruidosamente diante dele. Devia ficar ereta? Não sabia. Continuei como estava. Houve um momento de silêncio absoluto, e embora eu não ousasse levantar os olhos, podia sentir seu olhar fixo em mim. Mas não era por mim, era o traje.

— Quão incomum... — minhas pálpebras se ergueram e encontrei seu olhar.

Senti-me corar com alguma coisa próxima à raiva, mas aquele era um local onde eu não podia replicar.

Depois, surpreendentemente, o dedo macio e gordo estava sob meu queixo, levantando meu rosto, quase me fazendo perder o precário equilíbrio.

— Quão encantadora... — as palavras me derreteram.

Podia sentir que começava a sorrir com gratidão. As pessoas sorriam para um membro da família real?

Margaret dizia alguma coisa em voz baixa, próxima ao seu ouvido. Ele sacudia a cabeça, concordando.

— Ah, sim... a filha de nosso querido bispo. Tão trágico... ele havia feito tanto bem à China.

Eu sabia que meu pai nunca conhecera o Príncipe em sua vida, e o Príncipe não podia saber que meu pai pensava que os cristãos tinham feito pouco, ou nada, pela China em todos os anos em que trabalharam lá — e esse pensamento o fazia sofrer mais do que qualquer tipo de morte. Mas as palavras eram bem intencionadas, e ditas para me consolar. Tudo que pude pensar foi que meus joelhos não me sustentariam naquela posição por muito mais tempo. Devia eu responder?

Aparentemente, não. O Príncipe e Margaret prosseguiram, e o olhar de Gavin estava sobre mim, então, quando endireitei o corpo, rigidamente. Tive a convicção esmagadora de que ele sabia o que eu estivera pensando.

Em um segundo, concordei repentinamente com meu avô, compreendendo que não deveria ter vindo, zangada porque aquele homem desconhecido, embora ilustre, reivindicasse algum conhecimento sobre meu pai, fingisse proteger-me, mesmo que tivesse apenas pretendido ser amável com a mulher estranhamente vestida. A gratidão desapareceu. Estava farta de reverências e posturas; desejaria estar de volta, próxima à lareira de Cluain e, de alguma forma, Gavin compreendeu tudo isso.

O resto da noite foi uma espécie de tortura. Como suspeitei, fui levada para jantar por aquele homem solitário, o Major James McCulloch-Johnstone. Ele conversou durante o tempo indispensável, sempre sobre coisas que eu ignorava — seu regimento, a família, que tive que presumir ser ilustre, suas armas. Eu cavalgava? Colecionava alguma coisa especial? Conhecia os Lovats? Sabia que John Singer Sargent pintaria o retrato de Lady Campbell no próximo inverno? Esforçava-se porque, por alguma razão, o Príncipe me distinguira, me havia chamado de encantadora. Ouvi minhas respostas curtas e lacônicas; lembrando-me de Angus Macdonald, recusei todos os vinhos; estava zangada e solitária — terrivelmente solitária. Gavin se encontrava distante, no fim da mesa, e somente agora, em Cluain, os lampiões e velas começariam a ser acesos. Não havia desperdício em Cluain, e aqui os candelabros retorcidos de prata estavam colocados a cada metro da enorme mesa, e havia mais comida sobre ela, e negligenciada, do que a que teria alimentado

uma das missões de meu pai por um mês. Concluí, então, que eu devia ser muito parecida com meu avô; amava a fartura, detestava o esbanjamento. A energia esfaimada dos ancestrais Macdonald, tirando seu sustento de sua ilha ocidental estéril, me atormentava. Marquei aquele momento, a noite em que fui cumprimentada e elogiada por um príncipe, como o momento em que recebi minha identidade, em que me tomei uma escocesa e uma Macdonald. Uma espécie de orgulho feroz dominou-me completamente, e quando McCulloch-Johnstone desistiu, afinal, de elemento tão pouco promissor, e meu vizinho da esquerda, um inglês que parecia ter um título, mas cujo nome eu não conseguia lembrar, começou a falar comigo, dei-lhe poucas chances. Encontrei-me mergulhada em uma louca diatribe sobre a colheita da cevada, e o uísque e até mesmo — como ele deve ter achado grosseiro — sobre a venda do uísque. Vi as sobancelhas erguidas, o rosto comprido se tomar mais fino,

— E diga-me, Srta, . . hum... Srta. Howard, o que fazia de seu tempo na China?

— Na China? Oh, via, principalmente, as pessoas morrerem. Sabe... a coisa usual... revoluções e decapitações, e as pessoas caindo nas ruas de fome. Sim, vê-se muitas pessoas morrerem na China.

Ele estava chocado, de forma inexprimível. Podia ver, por seu rosto, que pensava que eu me encontrava na reunião por algum erro terrível. No minuto seguinte, eu poderia começar a falar sobre os votos para as mulheres. Virou-se, rapidamente, e sentei-me em silêncio durante o resto da refeição.

Ele tinha razão — fora um erro terrível eu ter vindo. A refeição interminável arrastou-se, prato após prato. A chama das velas dançava diante dos meus olhos; na extremidade da mesa, James Ferguson cumprimentou-me com um gesto de cabeça, o rosto corado com o vinho e o triunfo. Era esta — talvez — sua vitória suprema? Havia ele conhecido alguma vez um instante de triunfo nos negócios que se igualasse àquele sucesso social? Sua filha — vestida de seda e esmeraldas, e como sua própria beleza, anfitriã em uma mesa com o Príncipe de Gales ao seu lado. Dali em diante, só podia esperar a coroa de marquesa para a filha e o título de conde, por deferência, para o neto. Havia mais alguma coisa que ele desejava? Ficaria satisfeito, então? De James Ferguson, meu olhar percorreu a extensão da mesa até Gavin. Estava sentado imóvel, sem falar com nenhuma das damas ao seu lado; o rosto tinha a expressão de indiferença entediada que eu notara na primeira vez em que o vira. Fixava a mulher, e não havia triunfo em seu olhar. Li nele uma espécie de tristeza sombria, controlada, como se quase não pudesse suportar o que via. Mas, o que via?

O jantar terminou, afinal, e as damas se retiraram. Se fosse possível, isto ainda foi pior. Margaret nos levou ao primeiro andar; ao passar, sorriu-me. Era o mesmo sorriso radiante de sempre, ingênuo como o de uma criança. Parecia tentar me dizer que aquela não era diferente de qualquer outra visita que eu fizera a Ballochtorra, e que comentaríamos sobre o acontecimento mais tarde, ao tomar chá. Mas agora ela tinha convidados mais exigentes e difíceis do que eu para atender, e eu compreenderia. Compreendi, mas isto não tomou mais fácil para mim esperar minha vez no espelho, e ver novamente a singularidade do meu traje. A goma transparente dos babados e franzidos à minha volta, o derramamento de seios empoados acima das cinturas apertadas por espartilhos, a cintilação de diamantes e esmeraldas quase tão grande quanto as de Margaret, o brilho de rubis ainda mais preciosos enfastiaram meus sentidos. Havia um perfume pesado no ar, o aroma tangível de dinheiro, nobreza e privilégio. Não era inveja o que eu sentia, somente estava desgostosa de mim mesma, por ter ficado feliz porque fora convidada para a ocasião. Em meio a tudo aquilo, pensei de repente em Calhim, e uma sensação de integridade invadiu-me de novo. Eu amava, e amava o tipo certo de homem. Pensei em como seus lábios se crispiavam em um meio sorriso desdenhoso, se nos visse reunidos em rebanho. Senti vontade de rir também. Quase sorri quando ouvi casualmente, como elas esperavam que acontecesse, o comentário de uma mulher a outra, enquanto voltávamos à sala de visitas para esperar os cavalheiros:

— Eu não sabia, minha querida Lady Amélia, que seria um baile a fantasia. E você? Que coisa original! Muito engraçado... uma escocesa chinesa.

Alguns homens se reuniram a nós mais tarde, depois que o vinho do Porto foi servido. O novo salão de bilhar esperava pelo Príncipe, e mesas de jogo de cartas tinham sido colocadas em uma sala contígua. Diziam que o Príncipe não gostava mais de dançar; ninguém era o bastante impolido para acrescentar que a razão era, provavelmente, porque ele estava gordo demais. Mas na galeria acima do salão principal, uma orquestra discreta tocava, bem encoberta por vasos de palmeiras. Sentei-me sozinha na sala de visitas; nenhuma das mulheres falou comigo, e suponho que pensavam que era estranho eu estar ali sozinha. Não me importei. Teria apenas que esperar as horas passarem até ser permitido ir embora. Como alguém partia, quando o convidado de honra permanecia na casa? O que diziam os convites: carruagens às 3h da manhã? Rapaz Domingueiro estaria louco, então, e os Ross MacKinnons começando a bocejar sobre a comida na copa dos criados. Como os criados estavam sentados de acordo com a posição social do amo, os MacKinnons deviam estar em um dos últimos lugares, certamente. Mas podiam reivindicar, e com todo o direito, que não eram, de forma alguma, criados.

James Ferguson se aproximou com passos largos da minha cadeira, uma vez.

— Boa-noite, Srta. Howard. Espero que esteja se divertindo.

— Muito — menti, e ambos sabíamos que era mentira. — É uma recepção maravilhosa.

Ele não resistiu e disse :

— Sim, esplêndida. Minha menina se saiu muito bem — depois, olhando-me duramente, examinando a túnica chinesa, a faixa do manto escocês e os dois broches dos clãs, ajuntou: — Quando Angus Macdonald estará pronto para vender Cluain?

Ergui a cabeça:

— Meu avô jamais venderá Cluain.

— Entendo, mas ele não viverá para sempre. Ouvi dizer que não passou bem no último inverno. Cluain será vendida quando ele se for.

— Não esteja muito certo, Sr. Ferguson.

— Por que, menina? Pensa em ter Cluain para si? Bem, não é nada para uma menina inexperiente, ou para um homem que não sabe o que quer. Bem, pode dar um recado a Angus Macdonald: James Ferguson chegará ao seu preço quando ele se decidir.

— Dê a mensagem o senhor mesmo, Sr. Ferguson — levantei-me, quase empurrando-o. — Não sou menino de recados!

Atravessei o salão rapidamente. Nem Margaret, nem Gavin estavam à vista. Pensei que chegava ao ponto de ignorar a maldita etiqueta e pedir para que Rapaz Domingueiro fosse trazido até a porta; depois, pensei melhor. Meu avô esperava que eu suportasse o que quer que a noite oferecesse; não o desapontaria, nem admitiria minha derrota diante daquelas pessoas. Não deixaria o vale saber que eu partira antes da hora adequada. Porque o vale saberia de tudo sobre aquela noite.

Evitei as salas onde as pessoas se moviam e onde se jogava cartas. Ninguém dançava; os que tinham sido convidados para depois do jantar haviam chegado, e se integraram ao grupo. As grandes salas pareciam quase apinhadas. Após o farto jantar, a ceia já estava sendo servida. Era uma reunião animada, mas curiosamente sem alegria. Devia ser uma visão estranha para as pessoas que observavam por trás das janelas. Onde estavam as tradicionais danças escocesas, os homens de saíotes e bofes franzidos, as mulheres com as faixas do manto escocês? Onde estava o tocador de gaita de foles? Mas talvez Sua Alteza Real estivesse cansado de tal cerimonial e desejasse somente suas cartas, com paradas altas. Era uma reunião inglesa; no entanto, muitos convidados ostentavam nomes escoceses nobres.

Encontrei a sala que procurava, a pequena, quase ao fim do corredor que se estendia por toda a extensão do prédio principal. Eu pensara que a sala estaria vazia, e estava. Ninguém sentiria minha falta, e eu esperaria até a primeira carruagem chegar à porta. Em seguida, iria buscar a pele de macaco — e para Cluain. Para casa.

— Também está cansada de tudo, Kirsty?

Girei sobre os calcanhares.

— Gavin!

Estava sentado em uma poltrona funda, de frente para as janelas altas e para a última claridade que silhuetava as elevações opostas do vale. A lua já se encontrava lá, esperando que o céu escurecesse.

— Não devia estar com os convidados?

— Não devia estar lá fora, se divertindo? Ninguém pode ter deixado de notar que o Príncipe a achou encantadora. Outras mulheres têm feito carreira com menos que isso.

— Gavin... não ria de mim... você, não!

Ele se ergueu devagar.

— É a última coisa que eu faria no mundo... rir de você. É uma mulher orgulhosa e corajosa, Kirsty. Se quisesse, poderia ter enfeitiçado todos os homens presentes, e feito todas as joias e adereços parecerem ridículos.

— Oh, a pequena donzela do campo? Não posso representar esse pa* pel, Gavin. Não condiz comigo. Tampouco, conviria a meu avô que eu o fizesse.

— Não... não conviria. Então, você espera que a coisa se acabe. Bem, não demorará agora.

Eu estava de pé perto de uma das portas envidraçadas que dava para o terraço principal. Era a nova parte da casa, e bem abaixo, mais próxima ao rio, erguia-se a torre antiga, uma espécie de lembrança austera do fim com que, primeiro, o local havia sido construído. Dali a música era indistinta, quase fantasmal.

— Fique com as brancas. Você joga primeiro, Kirsty.

Voltei-me para Gavin. Havia uma mesa de xadrez de mármore entre as janelas, e ele estava de pé ao seu lado. Dei o par de passos necessários para ficar diante dele, e abaixei os olhos para a mesa. Passei alguns minutos examinando o jogo; eu vira um igual antes — um jogo cantonês armado com esferas, esculpido em marfim da Índia, de rara qualidade e delicadeza. Não realmente para se jogar, mas

para admirar. Ergui uma das peças contra a luz da janela, e maravilhei-me com a complexidade de esferas incrustadas em esferas — o etemo enigma chinês.

— Que bonito — falei. — Realmente bonito.

— Uma das poucas coisas que possuo em Ballochtorra. Pertenceu ao meu pai — sugeriu-me outra vez: — pegue a Dama Branca, Kirsty.

— Como soube que eu jogava?

— A irmã de William? Como podia não saber jogar?

Reconhecí o fato com um gesto de cabeça, recoloquei a peça que segurava e fiz minha primeira jogada. A de Gavin se seguiu rapidamente. Meu próximo lance foi feito quase sem pensar, talvez com o conhecimento de nós dois, mas eu, todavia, sentia-me insegura. Forçada, repeti cada lance, Peão, Bispo, Cavalo. As jogadas de Gavin pareciam, agora, uma história recontada inúmeras vezes. Atingimos o ponto que, eu sabia, devíamos atingir.

— Xeque à Dama, Kirsty.

Encarei-o.

— Você jogou com ele? Com William?

— Jogamos com frequência.

— Esta partida? Estes lances?

— Esta partida? Não me lembro deste jogo, particularmente. Não... acho que não, nunca.

— Mas você jogou desta forma agora...

— Por que não?

— Porque... — estremeci, de repente.

A presença de William era por demais tangível. Olhei duramente para Gavin, tentando confirmar a mim mesma que ele era um ser vivo, independente, dono de si mesmo, não um instrumento de um morto, não um velho como meu avô, tampouco uma irmã pesarosa, jogando e tomando a jogar, interminavelmente, a última partida.

— Kirsty?

— Sim?

— Kirsty... vou embora. Isto é uma espécie de despedida. Eu não poderia ir a Cluain...

— Vai embora? Quer dizer, para Londres? Quando a casa ficar pronta?

— Não, não para Londres. Nunca para Londres. Vou embora, Kirsty.

— Embora para onde?

— Só Deus sabe. Vou partir. É isso que quero dizer. Partir. Tenho que partir para o meu próprio bem... pelo que ele vale.

— Gavin... o que está dizendo? Exatamente?

— Exatamente? Estou dizendo que quando esta pequena farsa terminar, quando Sua Alteza Real tiver conferido à minha mulher o galardão de mulher mais bonita, melhor anfitriã... qualquer que seja a tolice, então, partirei. Deixarei Ballochtorra, deixarei tudo. Deixarei... Deus me perdoe... meu filho.

— Não pode!

— Preciso. Até mesmo deixar um filho é melhor do que parecer um tolo aos seus olhos. Dentro de muito pouco tempo, Jamie saberá que meu sogro paga tudo aqui. Breve, ele saberá que farsa existe entre seu pai e sua mãe. Não posso estar aqui para testemunhar isso. Preferiria morrer do que vê-lo saber... do que ver o desprezo em seus olhos.

Eu soube. Soube imediatamente. Não havia necessidade de perguntar.

— Para onde vai? O que fará?

— Quem pode saber? Irei para qualquer lugar... não importa. O que farei, não importa. Nunca encontrarei um órgão para tocar, mas sempre há um regato para escavar, uma grande pedra para mover... em algum lugar do mundo. Irei para qualquer lugar... longe daqui. Esquecido.

— Não pode ser esquecido, Gavin. Não...

— Por eles... sim. Margaret sentirá falta da conveniência de me ter por perto, durante algum tempo. Nunca assumirei meu lugar, formalmente, na Câmara dos Pares, e, assim, meu sogro perderá alguma coisa. Mas, um dia, meu filho fará isso. Talvez, então, ele compreenderá. A única esperança que tenho é de que ele compreenderá, de alguma forma, por que tive que ir. Mas, sabe, eu também me importo, Kirsty. Não posso suportar-me, do jeito que as coisas estão. Posso esperar conviver com meu filho?

— Pode viver sem ele?

— Terei que tentar. Melhor isto, do que ser um objeto de desprezo para ele...

— Outros homens não se importam. Outros homens casam por dinheiro, e não fazem uma tragédia disso. Trocam um título por dinheiro, e a troca parece justa para homens como James Ferguson e a maioria dos outros.

Por que eu argumentava com ele? Eu sabia a verdade.

— Nunca foi esse tipo de troca. Era um título de nobreza bastante pequeno, e não havia tanto dinheiro, então. Nós nos amávamos... estou certo disto. E, de alguma forma, perdemos esse amor. Como o perdemos, Kirsty? Como pude deixar que isto acontecesse?

— Poderia ter evitado?

— Sim, se houvesse sabido. Alguém é sempre jovem demais para compreender estas coisas no momento certo? A primeira aceitação de ajuda de James Ferguson foi o começo da perda do que tínhamos... e, no entanto, poderia eu esperar que uma mulher como Margaret continuasse gostando da pobreza? Ela não foi feita para isto... eu devia tê-lo compreendido.

— Haverá um escândalo.,.

— Naturalmente que sim... mas logo as pessoas começarão a compreender, pouco a pouco, que não voltarei de qualquer que seja o lugar do mundo para onde disserem que fui. Então, Margaret estará firmemente estabelecida como uma anfitriã de Londres. Nem sequer sentirão minha falta.

— Sua falta será sentida — abaixei o olhar para o tabuleiro. — Está sendo radical demais, Gavin. Não há nenhuma necessidade... poderia continuar aqui, sozinho, se é assim que tem que ser.

— Sustentado pelo dinheiro de James Ferguson? Não, têm havido demasiados anos assim. Não terei coragem de partir, se ficar um pouco mais. Jamais serei feliz longe deste lugar, deste vale. A resolução enfraquecerá... descobrirei desculpas para me retardar a cada dia que permanecer. Como estou me demorando agora. Digo a mim mesmo que é por Margaret... somente para vê-la levar isto até o fim. Digo que terei só mais um verão com Jamie, antes que eles o mandem para a escola e o tomem um estranho. E as desculpas continuarão, sem parar...

Toquei na figura primorosamente esculpida da Dama Branca.

— Não há saída para este xeque, Gavin. Já joguei a mesma partida inúmeras vezes. William...

— Sim, William... não esqueça William.

Olhei diretamente para ele. Estava muito mais escuro agora. Não havia

claridade a não ser a da lua.

— William era amante dela, Gavin?

O ruído súbito das peças caindo sobre o parquete, quando sua mão as atirou para fora do tabuleiro, foi a minha resposta, a destruição terrível e deliberada do marfim delicado enquanto as peças se estilhaçavam sob seus pés. Foi uma das coisas mais horríveis que ele poderia ter feito — a destruição, em seu desespero, de alguma coisa amada e admirada, uma parte de si mesmo. Agora, sua mão cobria parcialmente o rosto, sob a necessidade de ocultá-lo.

— Não sei. Isso é o pior de tudo. Não sei/ É isso que me matará se eu ficar... não saber, nunca. Ou saber demasiado bem. Adivinhando. Qual? Este... ou aquele? Ou outro? Quando? Como? William foi um deles? Não sei...

Afastei-me de Gavin, triste. O sabor do engano estava em minha boca, e a terrível lembrança das cartas que tinham contado tão pouco. William... o que teria feito? Podia ter amado, sem levar em conta o preço, sem pensar no eiro. De repente, compreendi muito mais porque amava Callum Sinclair. Fiquei em Cluain por ele — ou pelo bem de Cluain? Havia William enganado ambos, meu avô e ele próprio, que também ficava pelo bem de Cluain? As palavras voltaram... “há uma sedutora feiticeira”. Fora ele enfeitiçado e seduzido, como eu, doente de desejo, a razão perdida? Existia uma espécie de loucura ali, que ambos, William e eu, havíamos experimentado em nossos caminhos separados? Era por isso que sua mão me tocara tão fortemente, e sua presença estava ao meu redor, em qualquer lugar para o qual me voltasse, de tal forma que ele até jogava, uma e outra vez, aquela última e maldita partida de xadrez? Era quase como se William tentasse falar comigo:

Você também, não, irmãzinha. Aqui está seu xeque. Não há saída, a menos que seja para perder... a menos que seja para a condenação...”

Mas William nunca dissera isso. Eu estava sendo imaginativa demais, deixando-me arrastar pela onda da angústia de Gavin, por sua própria perda. Por que a sensação de condenação atravessaria meu pensamento naquele instante? Não havia nada de errado no meu amor por Callum... nada de errado... nada de errado. Por que sentia, todavia, a respiração de gelo, como se a mão fria de William tocasse a minha por cima do tabuleiro, não como um aviso, mas como uma terrível confirmação de que eu, também, deveria perder.

— Xeque à Dama, Kirsty.

Não era a mão de William que tocava a minha, mas a de Gavin:

— Ouça... !

O som das gaitas de foles chegou até nós, misteriosamente, na quietude da hora que já passara da meia-noite, quando a lua mantinha sua posição. Estava abaixo de nós, e mais distante, do lado oposto, na parte antiga da casa. Gavin e eu nos dirigimos à janela, contra o rangido do marfim sob nossos pés, e Gavin escancarou a janela estreita e alta. A corrente de ar frio nos atingiu e o som das gaitas se tomou mais forte.

A lua dava um aspecto de irrealidade à cena; todo o vale estreito e profundo estava mergulhado na escuridão. A claridade misturava a parte velha e nova da construção, formando um todo. Naquele instante, era um castelo de conto de fadas, imóvel no tempo e na luz clara e dourada. Os convidados surgiram, de todas as portas envidraçadas, espalhando-se por toda a extensão do terraço superior, as sedas e o brilho das joias tão cintilantes, quanto sob a luz das velas. O grupo magnífico caminhou impulsivamente para a balaustrada, a figura distinta do Príncipe entre eles.

Era uma visão dos tempos que vinha ao nosso encontro. A plataforma de uma torre do prédio velho estava abaixo de nós, e claramente visível. A lua fazia cintilar o aço das duas espadas cruzadas, pousadas no solo em ângulos retos; captava o bordão da gaita de foles e a prata das insígnias do clã. O tocador de gaita e o dançarino estavam vestidos a rigor — renda no pescoço e mangas, jaqueta de veludo, o punhal escocês adornado com joias na liga da meia. O saiote e o manto de cada um eram diferentes. Mesmo de longe, contudo, conheci imediatamente o manto Sinclair. Mas não importava o que vestisse, eu jamais deixaria de reconhecê-lo.

Meus lábios formaram seu nome, silenciosamente:

— Callum!

A dança das espadas foi executada com bela precisão. As gaitas de foles soaram agudamente, e os pés de sapatilhas saltaram entre as lâminas; o saiote e o manto cintilaram ao redor do corpo de Callum, que tinha os braços estendidos para fora e dobrados nos cotovelos; o luar era tão claro que pude ver até mesmo a graça dos dedos erguidos. Era uma visão de fazer parar o coração, lá, sobre a velha torre de ameias, sem espaço para erros, e sem perdão da audiência tampouco, se um pé roçasse, apenas, uma das lâminas. Os primeiros murmúrios entre os observadores morreram. Mesmo na plateia para quem pouca coisa era novidade, ele causava impacto, e a notícia se espalhara rapidamente. Dos fundos da casa, das cozinhas e cocheiras, o som da gaita de foles atraiu aqueles que conheciam a dança, e os que, como eu, jamais a tinham visto antes. Para a maioria deles, foi, certamente, a primeira verdadeira alegria da noite — um divertimento para um príncipe, mas na forma tradicional, e executado com graça e precisão impecáveis.

Mas aquele não era o Callum que eu conhecia, o homem que teria desprezado dançar para um príncipe. Quem era o estranho com adereços que eu nunca teria esperado que usasse — o tipo de caricatura a rigor do antigo traje simples das Terras Altas, agora romantizado de tal forma que era irreconhecível? E havia eu pensado alguma vez que o veria dançar? Talvez... talvez em um casamento, quando o uísque era farto e havia outros pés para marcar o compasso com o tocador de gaita, talvez diante de uma grande lareira acesa, de uma sala antiga como a de Cluain. Mas ali, como um artista contratado, vestido a caráter? Eu poderia ter esperado a graça e habilidade; sua presença ali, nunca.

— Está bêbado? — cochichei a Gavin, afinal.

Era a única explicação.

— Não... bêbado não.

— O que, então?

— Louco.

A palavra foi dita com convicção, e rude amargura. Neste instante, a gaita de foles morreu em tom choroso, e a dança terminou. Houve gritos e assobios de admiração daqueles que tinham vindo do fundo da casa; haviam se separado, cuidadosamente, por um comprido espaço, dos convidados amontoados ao redor do Príncipe. Alguns insistiram com Callum para que executasse outra dança. Ouvi o som de aplausos gentis entre o grupo privilegiado. O Príncipe tirou uma baforada do charuto fumado até a metade, e continuou de pé, como se também esperasse por mais. Talvez, ele tivesse se divertido, afinal de contas. Certamente, o acontecimento tivera a novidade de algo inesperado, e o cenário mais apropriado. Mas Callum Sinclair não deveria estar lá.

Mas Callum terminara. Fiquei contente ao ver que não fez nenhuma inclinação de cabeça para agradecer os aplausos. Desejava não sentir vergonha por ele — não se deveria sentir vergonha de alguém que se amava — mas eu senti. Mais uma coisa a ser suportada na noite interminável, a noite em que eu conhecia a amargura e o preço de me tomar eu mesma. Com uma espécie de horrível fascinação, perguntando-me quão profundo poderia ser o sofrimento, observei quando Callum saltou levemente sobre as ameias da torre, e pulou para a balaustrada do terraço mais baixo. Ele devia ter saltado sobre pedras escorregadias dos regatos montanhosos, muito mais perigosas, mas o momento em que seu vulto se recortou contra o céu, foi dramático e levemente teatral. Houve pequenos arquejos das mulheres. E então, ele subiu correndo os degraus para o terraço superior, dirigindo-se diretamente ao local onde se encontrava o Príncipe. A corrida diminuiu

para um andar mais lento. Eu não podia acreditar. Callum Sinclair, o homem orgulhoso e solitário, que não pedia favores, ia inclinar a cabeça diante do Príncipe e ficar grato por uma ou duas palavras — alguma coisa de que se vangloriasse depois? Eu não queria olhar. Era como a destruição de um sonho. Fixei o vale estreito, recusando-me a testemunhar a queda de um ídolo.

Foi o murmúrio scandalizado que me forçou a olhar, de novo. O Príncipe havia avançado ligeiramente, desejoso de aceitar a vênica com delicadeza, talvez pronunciando as poucas palavras esperadas. Mas Callum passara simplesmente pelo Príncipe, como se ele não existisse. Foi a Margaret, de pé ao lado do Príncipe, que ele se dirigiu. As pessoas à sua volta recuaram um pouco, como se não pudessem acreditar na cena. Ela e Callum ficaram isolados no meio do círculo, quando ele inclinou profundamente a cabeça diante dela. E então, Margaret, como se também houvesse enlouquecido completamente, em lugar de fazer um gesto em direção ao Príncipe, estendeu a mão a Callum. Eu nunca pensara que o veria fazer uma vênica profunda para beijar a mão de uma mulher, mas ele o fez naquele momento, e para que todos vissem.

Depois, caminhou depressa pelo terraço, de costas para o Príncipe; a mesma corrida leve pelos degraus, o mesmo salto sem esforço da balaustrada. As espadas foram erguidas rapidamente, e ele e o tocador de gaita de foles desapareceram, atravessando o alçapão que dava para a torre. Sumiram, como dois fantasmas noturnos deixando atrás deles consternação e escândalo, e sofrimento em mim, como jamais imaginara poder sentir. Há um momento exato em que alguém se lembra do desejo de morrer? Da primeira vez que surgiu? Conheci esse momento, então. Mas a morte não é tão fácil. Tem-se que viver os segundos seguintes, os minutos e os dias.

Talvez fosse pior para Gavin, ao meu lado, mas eu duvidava. Ele começara a conviver com a dor havia muito tempo.

— Assim, ela tem Sinclair também. Há algum que ela deixará em paz? Algum que não reivindicará para si? Será que nunca está satisfeita? Quantos mais? Quantos mais\

Segurou minha mão e levou-me de volta à sala escura, onde as peças de marfim eram a lembrança final e devastadora de William.

— Ajudarei você a pegar seu agasalho, e a chamar os MacKinnons. Não espere por quem deveria ir embora primeiro. Todo o protocolo foi quebrado. A noite terminou.

CAPÍTULO OITO

I

Os últimos dias de agosto e o princípio de setembro continuaram quentes, e a cevada estava alta e dourada; depois, começou a se colorir levemente de marrom e estava seca quando toquei os pesados feixes com os dedos.

— É hora de começar — disse meu avô.

Diziam o mesmo em qualquer fazenda de Speyside, e precisava-se trabalhar em toda parte. Todos em Cluain trabalhavam, naturalmente, e o chamado se estendeu a outros vales e até Inverness, e os trabalhadores itinerantes vieram, trazendo mulheres e filhos — os filhos com idade e força suficiente trabalhavam ao lado dos pais, e os mais jovens andavam aos tropeções, descalços, entre os restolhos, seguindo a fila de trabalhadores que se movia com foicinhas através dos campos. Era um trabalho duro, o corpo inclinado interminavelmente sob o sol, mas a maioria parecia gostar — gostar da calidez dos dias, da companhia dos outros, das canções, gostar da comida enviada em carroças para onde quer que os trabalhadores se encontrassem nos campos, ao meio-dia, e a refeição comunal nos celeiros em que a cevada seria, eventualmente, estocada, e onde os itinerantes dormiam agora. A cozinha de Mairi Sinclair nunca estivera tão movimentada, e ela tinha várias mulheres extras para ajudar — meu primeiro e único oferecimento de ajuda foi recusado com um encolhimento de ombros, e aqueles dias foram estranhamente sossegados e tediosos para mim no meio de toda a atividade. Meu avô não vinha para a refeição da noite antes do último trabalhador deixar os campos. Eu observava os trabalhadores de Cluain a caminho de casa e os itinerantes se reunirem nos celeiros — uísque fora passado nos últimos minutos, nos campos, e mulheres cansadas cantavam canções para crianças sonolentas, enquanto as carregavam de volta.

— O uísque alivia a dor nas costas e proporciona uma boa noite de descanso — disse Angus Macdonald. — Não demasiado, ou não estariam no trabalho amanhã, mas o suficiente para animá-los.

Meu avô não fazia economia na comida ou no uísque. Eram sempre o que havia de melhor em Cluain.

Deveria ter sido uma temporada feliz para mim, uma época para apreender e apreciar, como aquelas pessoas faziam, o ciclo interminável da vida no vale, a comemoração da colheita de outro ano. Mas sentia-me seca e frágil como as medas de cevada nos campos repentinamente áridos.

Minha infelicidade era por causa de Callum Sinclair, naturalmente. Eu não lhe falava desde a noite em que tomara a mão de Margaret Campbell no terraço de Ballochtorra. A história se espalhara rapidamente por todo o vale, e além dela, o ato supremo de loucura, o insulto ao Príncipe — e muito comentada, também, a calma aceitação de ambos por Margaret Campbell. Disseram, depois, que o Príncipe não havia demonstrado mais do que surpresa momentânea, e que parecera mais divertido do que insultado. Mas Margaret Campbell havia ousado demais, não repelindo o gesto de Callum, e parecia que ninguém podia falar de outra coisa.

Eu não podia sequer ficar face a face com Callum, muito menos lhe falar. Parecia não haver lugar para ele no trabalho de colheita — o único homem em Cluain tão livre, e desde que isto não era comentado, achei que, provavelmente, era parte do seu acordo com meu avô. Callum não mostrou sinal de arrependimento por seu ato, e permaneceria independente até o fim. Apareceria de novo em Cluain quando a colheita estivesse estocada e a maltagem pronta para começar, e não antes. Ele cavalgava, indo e voltando, pela estrada que atravessava Cluain, sem demonstrar que alguma coisa havia mudado, ou que existia mais razão do que antes para se notar sua passagem — eu o vi inúmeras vezes — ele, o pônei, o setter e, ocasionalmente, Giorsal. Agora, eu sabia que havia muitos outros caminhos para se passar pelo vale — a trilha perto do rio, veredas que contornavam a casa. Mas Callum Sinclair recusava se esconder de qualquer pessoa para evitar os comentários — se alguém ousasse fazê-los na frente dele — e os olhares, que podiam expressar muito mais ainda. Assim, ele cavalgava pela estrada como antes, e eu estava mais fortemente ciente dele do que nunca; eu parecia saber de sua vida muito antes das figuras familiares aparecerem, e a dor e inveja atormentavam-me ao perdê-lo de vista. Era Margaret Campbell quem sabia onde ele ia, e quando, e ela parecia se importar tão pouco com o escândalo, quanto Callum. Ao menos, porém, ela não cavalgava pela estrada, ou se o fazia, nunca a vi.

Vi Giorsal, no entanto. Nas noites de insônia excessivamente frequentes que se confundiam com o amanhecer, e me sentava a uma das janelas do quarto da torre, esperando o primeiro raio de sol, ouvindo os primeiros movimentos em Cluain quando o gado era trazido para ser ordenhado, quando o fogo era atizado na cozinha na preparação para o trabalho do dia

— vi Giorsal várias vezes. Callum a fazia voar antes que houvesse o perigo de qualquer grupo de caçadores nas charnecas; só podia ser Giorsal, o grande traço escuro e rápido no céu, a descida veloz a prumo em direção à presa. O vale extenso era seu território; deambulava por seu céu, girava e voava em círculos, e descansava nas correntes de ar. De alguma forma, porém, o instinto e o treinamento de Callum lhe tinham ensinado cautela. Seu único inimigo era a arma, e antes que pudesse

haver perigo, desaparecia em direção a Ben Cullen, Minha alma gritava por Giorsal. Somente uma vez, meu avô falou do que dominava tudo o mais, em meus pensamentos. Foi dois dias depois da festa em Ballochtorra; eu estava sentada, brincando com a comida em meu prato e sem dizer nada.

— Bem... não pode manter a cabeça erguida? Deixará todo mundo ver o definhamento de uma menina doente de amor por um homem que não vale nada? Ele envergonhou e desonrou a si mesmo e à sua mãe, e aquela mulher que se exhibe...

— Chega, avô! Agradecerei se não disser mais nada sobre Callum Sinclair. Ele fez o que fez... e isso exige coragem. Uma coragem louca, se quiser. Ele contou ao mundo que ama uma mulher, mas nunca disse que me amava! Eu lhe disse que ele não teria nada de mim. Que tola fui ao pensar que olharia para mim, quando havia Margaret Campbell.

— Margaret Campbell é uma mulher casada e devia ter mais decência e orgulho. Qual é a sua posição agora diante do mundo... diante do filho? Há vergonha para ambos, porém, mais para ela.

— Oh, deixe-os em paz! — gritei-lhe. — É um assunto deles. Margaret Campbell não se arruinou, mas arruinou Callum. Ela partirá e o deixará aqui, e então, ele será infeliz.

— E você esperará que ele desça do seu mundo de sonho? E você pensará em ficar com os restos que ela deixou?

— Não haverá restos. Quando Margaret Campbell se for, Callum Sinclair não ficará livre dela. Acho que ele nunca mais será livre. Ele poderá partir também, mas com ela... e sim, por causa de Margaret. Talvez Callum nunca a veja novamente, mas não estará livre dela. Homens como Callum, depois de terem dado a si mesmos, nunca mais podem ser livres. Acho que ele deixará Cluain.

— Não importa, se ele fizer isso. Se não fosse por sua mãe, eu...

— Não quero ouvir! — exclamei, apunhalando a comida com o garfo. — Não quero falar de Callum Sinclair. E minha cabeça está erguida... nunca estive mais que agora. Não me verá chorar. É um sentimento pior do que quando William e meu pai morreram, mas ninguém me verá chorar. Espero que ele vá embora. Acho que seria mais fácil para mim, mas se ele ficar, terei que suportá-lo também.

— Tome cuidado, Kirsty. Tome cuidado. Não faz sentido arruinar sua vida — foi dito com delicadeza, e ele foi, realmente, mais carinhoso comigo nos dias que se seguiram.

Eu trabalhava no escritório, e nenhuma palavra que não se relacionasse com

assuntos de negócios era trocada entre nós. Mas mesmo sentada à mesa de trabalho, com as costas para a janela, conhecia o som do pônei de Callum, e jamais conseguia impedir-me de virar a cabeça. Eu me levantava e seguia Callum com o olhar até perdê-lo de vista, como sempre tinha feito, se fti eu não se encontrava no escritório. Não chorei, nunca. Só havia uma espécie de silêncio doloroso em meu coração. Era naquelas noites que eu jogava xadrez com concentração intensa, lutando para varrer da memória a cena no terraço. E nessas noites meu avô começou a perder, afinal. Eu vencia partida após partida, e ele começava a lutar, a se esforçar o máximo possível, mas a dor terrível precisava ser suavizada de alguma forma. Eu não podia perder tudo.

Por isso, foi um alívio quando o tempo da colheita chegou. Dei as boas-vindas à distração do acontecimento, à azáfama das carroças partindo com a comida. Eu não ia aos campos com frequência entre os trabalhadores — só o suficiente para que vissem e sentissem minha presença lá, mas nunca me retardando se ouvia, casualmente, alguma conversa sobre Callum e Margaret. Cavalgava ao lado do meu avô, e sua presença bastava para silenciar mesmo as crianças mais turbulentas. Comecei a vê-lo, totalmente, nesses dias, como o homem que parecia ser no vale; era justo, não era insensível, e sabia ser até generoso quando sua ajuda era necessária. As pilhérias silenciavam nos lábios quando ele passava, e as crianças o fixavam com receio tímido. Pensei, muitas vezes, que o ministro da igreja, lá no alto, poderia invejar o respeito que Angus Macdonald parecia capaz de exigir, sem palavras.

Naqueles dias, ninguém viu Gavin Campbell. O Príncipe havia partido depois dos quatro dias concedidos, os criados deixaram Ballochtorra, e uma estranha quietude desceu sobre o castelo. Morag me disse que Gavin saía de Ballochtorra todos os dias, muito cedo, com Jamie e um ajudante de caçador, e passava os dias nas charnecas, caçando. Ocasionalmente, ouvíamos o som de armas, em Cluain, mas nem sempre era das charnecas de Ballochtorra. Havia outros grupos de caçadores no distrito, explorando charnecas arrendadas. Passavam pela estrada, olhando com curiosidade para Cluain e a destilaria, comentando a respeito. Por alguma razão, eu me ressentia com aquilo. Eram estranhos para mim, como os criados contratados tinham sido, quando todos os rostos do vale se tomavam familiares. Eu quase desejava que a época da neve chegasse, porque eles iriam embora. Mas pensei que quando fossem, Margaret Campbell e Jamie iriam também.

Talvez até Callum. E Gavin partiria, provavelmente, para sempre. Os últimos dias de verão foram um tempo de espera. E aguardei para ver o que se tomaria a minha vida quando o verão terminasse, finalmente.

II

Havia mais alguma coisa em movimento no vale, algo que trouxe meu avô dos campos de colheita, e fez Samuel Lachlan vir várias vezes de Inverness — visitas apressadas sem o pernoite costumeiro. Achei que o homúnculo parecia pálido e aflito enquanto eu me sentava e fazia a refeição do meio-dia com ele, na sala de jantar de Cluain, e demorava-me em sua companhia enquanto ele tomava chá, quando meu avô tinha que voltar correndo aos campos. Nenhum deles disse alguma coisa diante de mim, da razão da atividade incomum — a conversa era sobre a colheita, o tempo, uma referência ocasional e desinteressada sobre a temporada de caça, e os interrogatórios insistentes de Samuel Lachlan sobre detalhes da visita do Príncipe; a estes eu dava respostas cautelosas, agoniadas, e sabia que a atenção de meu avô estava sempre em mim nestes momentos. Mas o que quer que estivesse por trás das visitas e das longas conferências no escritório de meu avô, nos telegramas enviados de um lado para o outro a fim de chamar Samuel Lachlan novamente, ou anunciar sua vinda, eu sabia quem os havia provocado. Era James Ferguson.

A figura corpulenta e autoritária também mudou, sutilmente, naqueles dias. Ele ficou apenas por uma noite quando a visita do Príncipe, talvez não desejando acentuar demais a associação de sua filha com “comércio” e diminuir seu prestígio. Além disso, ele não caçava, e ficou perdido no grupo que falava de pouca coisa mais. Assim, deixou Ballochtorra no dia seguinte à festa, e perguntei-me a que conclusão chegara sobre a cena no terraço. Margaret havia sido muito ousada — o risco de ofensa ao Príncipe fora grande. Mas Eduardo não partiu, e a caçada continuou, e talvez existisse um pouco de divertimento com o amante estranho e rústico de Margaret Campbell. Eu tinha certeza de que a história, exagerada, chegaria aos salões de Londres no inverno, mas enquanto o Príncipe continuasse a conceder sua companhia, Margaret estaria salva. Naqueles poucos momentos de silêncio, James Ferguson devia ter pensado que sua filha estava a ponto de jogar fora tudo o que ele conseguira com tanto cuidado e por que pagara. O Príncipe, no entanto, havia decidido sorrir em vez de franzir a testa — devia gostar muito de sua anfitriã. Assim, James Ferguson partiu, talvez não satisfeito, mas ao menos, tranquilo.

Regressou, porém, alguns dias depois da comitiva do Príncipe haver partido, e não foi por prazer — e a razão, de alguma forma, se relacionava com meu avô. Ferguson pernoitou em Ballochtorra até Samuel Lachlan ser chamado de Inverness, e os três passaram a maior parte do dia seguinte, fechados no escritório do meu avô, embora James Ferguson voltasse a Ballochtorra para o almoço, e não se sentasse conosco à mesa de Cluain. Regressou algumas horas mais tarde, e depois, uma carruagem de Ballochtorra chegou para levá-lo à estação. Rapaz Domingueiro foi

arreado para conduzir Samuel Lachlan, que tomaria o mesmo trem, mas pelas expressões dos rostos dos dois homens quando James Ferguson deixou Cluain, achei que não dividiriam a mesma cabine. E, naturalmente, viajar de segunda classe era uma norma inabalável de Samuel Lachlan.

Na semana seguinte, James Ferguson reapareceu, e Samuel Lachlan também, desta vez para um encontro marcado; as mesmas conferências tiveram lugar no escritório, aconteceram os mesmos arranjos quanto às refeições. Desta vez, James Ferguson nem sequer passou a noite em Ballochtorra. Cumprimentou-me com um gesto de cabeça, distraído e rápido, quando o encontrei no pátio nessa ocasião, como se já houvesse quase esquecido minha identidade. Tinha uma aparência que eu jamais esperara ver nele — o aspecto rude e dispendioso do homem de negócios bem-sucedido, que se preparava para desfrutar de seu sucesso, parecia haver diminuído — embora eu notasse que, quando compreendeu que meus olhos se demoravam nele, a figura roliça automaticamente ficou ereta, e um sorriso brilhou, como se ele houvesse tocado um interruptor. Ergueu o chapéu, cuidadosamente, para mim, quando a carruagem de Ballochtorra se afastou; pensei que ele não havia gostado do fato de eu ter surpreendido sua expressão de abstração.

Samuel Lachlan passou essa noite em Cluain. Após o jantar, que foi tarde porque a colheita já começara, e meu avô tivera que ir aos campos depois da partida de Ferguson, esperei que o velho subisse as escadas para ir dormir, antes de fazer minha pergunta. Angus Macdonald jogou uma partida preguiçosa e ausente de xadrez comigo, e venci facilmente. Ergui-me e afastei o tabuleiro sem que ele mandasse.

— Avô... James Ferguson está tentando comprar Cluain? Ele me disse...

Interrompeu-me depressa:

— James Ferguson jamais comprará Cluain. Agora, cuide de sua vida, Kirsty.

Não fiquei ofendida. Demorei-me para acender avela.

— Ele me deu um recado para o senhor, uma vez, e respondi que não ia dá-lo. Retruquei-lhe... disse que Cluain não estava à venda.

Ele me lançou um olhar prolongado e concentrado.

— Estava certa. Não era você quem devia dizer isso, mas por Deus, menina, estava certa.

O tempo permaneceu estável, a última cevada foi cortada, e os feixes ficaram eretos, secando nos campos. Os homens de Cluain teriam apenas que estocá-los nos celeiros quando os trabalhadores de estação se fossem. Arrumaram uma comprida

mesa no pátio bem varrido de Cluain na tarde em que o último campo foi ceifado, e a comida foi trazida da cozinha — montes de alimentos, como eu jamais vira antes — grandes costelas de boi, carne e pernil de porco, peru e ganso, tortas de amora preta e maçã, creme e açúcar, bolo gelado com conhaque. Nessa noite, todos que trabalharam em Cluain durante a colheita, e as crianças que brincaram ao seu redor, sentaram-se para comer. E nesta noite, Angus Macdonald não limitou o uísque e cerveja.

— Curarão a bebedeira dormindo — disse ele. — Eles se lembrarão desta noite e virão novamente no próximo ano, quando eu os chamar. Observo e tomo nota dos preguiçosos, que nunca mais serão bem-vindos em Cluain.

Perguntei-me por que ele sempre encobria seus atos generosos com algum outro motivo. Reparei que, mesmo nessa noite, não se sentou familiarmente com seus homens, nem lhes sorriu com orgulho paternal. Ninguém jamais veria seu rosto, corado e triunfante, como eu vira o semblante de James Ferguson na noite da festa em Ballochtorra. No dia seguinte, Angus Macdonald examinaria o seu mundo com olhar frio e austero, e não teria indiscições a lamentar.

Morag, tampouco, se reuniu ao grupo. Depois de ajudar a servir e tirar a mesa, encontrei-a de pé um pouco atrás de mim, o rosto impassível, o brilho do lampião e da grande fogueira no pátio incendiando seus cabelos. Estava bonita, e bastante carrancuda.

— Não se reuniu a eles, Morag?

O uísque fora servido livremente, e havia canto, e um tocador de gaita de foles; alguns casais se levantaram e executaram, um pouco desordenadamente, algumas danças das Terras Altas.

— Eu não, senhorita. Os homens jovens ficam muito ousados quando bebem uísque.

— Um dia você terá que escolher seu rapaz, Morag. Não passará a vida toda solteira... não você.

— Sim, tem razão, mas a escolha será minha. O homem que quero. Nenhum outro — aproximou-se de mim na penumbra, a voz mais que um sussurro, acima dos gritos exultantes dos dançarinos. — Ainda espera por ele, senhorita? Não faça isso. Ele não é para a senhorita, e agora, já deve saber disso.

Eu devia ter dado as costas e me afastado, mas não o fiz.

— Não espero ninguém, Morag.

— Espera sim, senhorita. Ainda pensa que quando ela tiver partido, ele se voltará para a senhorita. É inútil. Viu o rosto dele nestas últimas semanas?

— Não, não vi.

— Saberia, se tivesse visto. Ele enlouqueceu. Está fora de si. Sempre foi diferente dos outros homens, mas agora a diferença é maior, e irrompe dele como uma luz. Caminha e se move... mas não vê, nem sente coisa alguma. Nada a não ser ela... Havia um poema que sua avó leu para mim uma vez. Não o compreendi e fiquei amedrontada. Não consigo me lembrar bem das últimas palavras, eu era uma garotinha, e elas me assustaram. Alguma coisa... Céus, como era mesmo? Repeti as palavras na cama aquela noite, e fizeram-me estremecer. Alguma coisa... A senhorita sabe? “Cercai-o três vezes...”

Sim, palavras que faziam tremer.

— Eu sei.

Três vezes, à sua volta, um círculo preciso Fazei, e fechai os olhos com temor sagrado,

Porque do maná ele tem se alimentado E bebido o leite do paraíso.

— Ah, é isso! O leite do paraíso... exatamente. Parece-me que o homem que o provou uma vez, não beberá nenhum outro. Ele sai a cavalo para encontrá-la. Vêm e vão separadamente, mas se encontram. Com certeza, ele não terá sua bebida nos próximos dias... uma amostra da longa sede que virá. Ela partiu com Sir Gavin para uma grande festa dada no Castelo Cawdor... o Campbell de Cawdor que é chefe do clã. Ela não é pessoa de perder tal coisa por um amante qualquer deste vale... e sem dúvida, Sua Alteza Real estará presente. Esse tipo de pessoas, a pequena nobreza, sorri apenas das coisas insignificantes que fazem entre si para passar o tempo. A história de seu amante aqui, nas Terras Altas, não irá pesar contra ela, quando estiver no meio do grupo de Londres... desde que ele é tão atraente e cortês, e poderia passar, da forma como o viram naquela noite, por um cavalheiro escocês. É um trabalhador de destilaria que faz um falcão voar... um esporte de príncipes e cavalheiros. Não tenho dúvida de que será uma história divertida neste inverno de Londres. Acharão Lady Campbell muito original. E ele... ele ficará de coração partido e nunca olhará para outra mulher. Esperará por ela agora... sabe, ele não está entre este grupo. Passará os dias nas charnecas, fazendo seu falcão voar, até ela voltar. Ela não terá pressa. Haverá outra caçada em algum lugar, além de

Moray Firth. Lady Campbell não negligencia tais atividades. Não se sente entediada aqui? Esta é a única razão por que Callum Sinclair foi escolhido para

aliviar seu tédio. E ele estará esperando, o pobre idiota.

Eu não devia ter escutado, mas deixei a voz baixa e calma continuar.

— Eles se encontram na velha cabana do avô de Callum... o pai de Mairi Sinclair. Uma parte do telhado é nova, e a trilha que leva até lá é tão erma e acidentada que ninguém passa por ali. É o caminho que sobe, depois do chalé do próprio Callum, e continua em direção às encostas de Ben Cullen e ao alto do vale, depois da cascata.

— Como sabe? — abafei as palavras, mas tinha que perguntar.

Tudo ficou distante — a fogueira, as gaitas de foles, as canções, os gritos dos dançarinos; não ouvia nada, a não ser a voz perto do meu ouvido.

— Uso minha cabeça e olhos, senhorita. Nasci em Cluain. Conheço este vale... cada regato e penhasco, quase tão bem quanto Callum Sinclair. Não sou tola, senhorita.

Virei-me e encarei-a:

— E pensa que sou!

Um sorriso curto e misterioso surgiu em seus lábios:

— Não posso imaginá-la cometendo uma tolice.

Era evidente que Morag não encontrara ninguém, entre os rapazes, com quem ficar tomando uísque e cerveja aquela noite, porque ela estava de pé antes do vaqueiro trazer as vacas para serem ordenhadas, na manhã seguinte. Vi Morag de onde eu estava sentada, perto da janela da torre; para se proteger do frio da manhã, ela se enrolara em um xale, mas eu conhecia o passo rápido, leve e saltitante, e a visão fugaz do cabelo ruivo que o xale revelou. Não pensei sobre aquilo durante muito tempo — de certa forma, Morag era como Mairi Sinclair. Ambas faziam o seu trabalho, e ninguém sonhava em interrogá-las sobre suas idas e vindas. Assim, vi Morag atravessando o pátio e não pensei mais a respeito; nem sequer reparei que caminho tomou. Meu olhar perscrutava o vale à procura de Giorsal; mas o céu estava carregado, com nuvens baixas. Na neblina que caía sobre Ballochtorra, havia o prenúncio de chuva — de uma mudança no tempo. Meu avô teria muita pressa, nesse dia, em estocar os feixes de cevada. Mais uma vez, Cluain e Angus Macdonald tiveram sorte; a cevada estava colhida, e breve estaria nos celeiros, e os trabalhadores itinerantes partiriam naquela manhã, em grupos de dois ou três, os salários nos bolsos, e talvez algum uísque de Cluain para os especialmente favorecidos. Pensei, enquanto observava a neblina esconder as montanhas, que se o tempo esfriasse, amaltagem começaria, e Callum voltaria à destilaria. Depois,

amaldiçoei-me pelo desejo vão que jazia por trás do pensamento.

Mas eu não afastaria o pensamento de Cluain — nunca havia afastado em todas as semanas do verão, quando me arraigara ao mundo de Cluain. Perguntei-me se o pensamento havia surgido naquele primeiro entardecer, na primeira vez em que o vira entre as faias, abaixo de Ballochtorra. Não, pessoas inteligentes não se apaixonavam pela imagem de um homem que apenas vislumbraram. Mas o amor era inteligente, alguma vez? Se eu aplicasse lógica à minha loucura, então, tudo que seria revelado era apenas aquilo — loucura. Por que, no entanto, o momento da primeira visão de Callum permaneceu tão intensamente comigo? E agora, quando pensava nisto, poderia ter sido, aquela, uma das vezes em que ele cavalgara com Margaret Campbell, e observara, naquela tarde, o marido voltar de uma viagem, e soubera que a liberdade de encontros com Margaret seria mais limitada agora. O pensamento me deixou doente. Ouvi novamente as palavras sussurradas de Morag na noite anterior. “Eles se encontram na velha cabana do avô de Callum...” Eu não acreditava; eles não podiam ter estabelecido nada tão permanente quanto um local de encontros — nada exceto a urze e a charnecas, e os profundos abrigos rochosos do penhasco de Ballochtorra. Agi como um animal que lambe e comprova sua ferida interminavelmente, sentindo a dor, e no entanto, ignorando como aliviá-la. Eu tinha que saber.

Demorei-me com a refeição do meio-dia, tomando chá depois do meu avô ter voltado ao escritório. Os itinerantes haviam começado a se livrar dos efeitos da noite de festa, e com o último alimento da cozinha de Cluain, tomaram a estrada em direção à ponte de Ballochtorra, e dali, prosseguiriam até o próximo vale.

— O tempo está se virando contra eles — comentou Morag ao empilhar os pratos no aparador. — Os fazendeiros vizinhos podem não ter a mesma sorte do amo.

Notei que Neil Smith deixara o Grande Billy e seu bando saírem do cercado próximo aos depósitos; o ganso se divertia muito em hostilizar os estranhos, de quem ficara afastado tanto tempo.

— Muitos partiram cedo, para tentar, ao menos, ganhar outro dia de trabalho — disse Morag.

— Você também saiu cedo, Morag.

Ela não se deteve no trabalho de encher a bandeja — a terrina, os pratos, as facas e garfos, com ordem e eficiência, sem ruído, como fazia tudo.

— Uma das mulheres tinha um filho doente, senhorita, e a Sra. Sinclair me

mandou levar alguns medicamentos extras antes que a família fosse embora. Deviam partir cedo, e a Sra. Sinclair deixou os medicamentos prontos para mim na noite passada... Faço isto para ela, muitas vezes.

Apesar de toda sua capacidade com as ervas, ainda é reservada com estranhos. Assim que sabe a mistura que deve preparar, tem pouca coisa a dizer àqueles de quem trata.

Concordei com um gesto de cabeça. Devia ser assim mesmo.

— Parece estranho — falei, somente para dizer alguma coisa — ver tanta gente na estrada. O vale ficará silencioso agora, depois de sua partida.

— Bem — Morag sacudiu a cabeça de leve ao erguer a bandeja — ainda haverá muitas idas e vindas durante algum tempo... enquanto a temporada de caça não acabar, mas quando a neve chegar, será bastante sossegado aqui. Todos os nobres irão para o sul, então. Ballochtorra ficará vazia até o fim da primavera e Sir Gavin poderá voltar sozinho, porque dizem que Lady Campbell fez planos para as corridas elegantes... Ascot, não é? ... e essas coisas... — e com estas palavras, equilibrou a bandeja em uma das mãos com habilidade, e fechou a porta atrás de si, deixando-me sozinha.

Deixando-me com a inquietação dos meus pensamentos, que mal podiam ser suportados agora. Peguei o xale, entrei na horta e andei de um lado para o outro — para lá e para cá, para lá e para cá. O alto tomilho e a alfazema cumprimentaram-me, inclinando-se, mas as folhas começavam a secar, e as rosas que subiam pelos muros se despetalavam. Como a neve iria cobrir o jardim, silenciosa e espessa! Ali fora, o gato parecia um filhote novamente; corria entre os canteiros, esperava, imóvel, para saltar sobre mim e agarrar, com as patas, a ponta oscilante do xale. Observei suas diabruras, e perguntei-me como Mairi Sinclair pudera usar um animal tão inocente, fazendo parecer que ele fora o instrumento da destruição do vestido branco idiota, o traje perdido no tempo agora. O que ela havia usado? As garras afiadas de um coelho ou ave? Poderia ter enganado qualquer pessoa que não gostasse de gatos, que não conhecesse o seu comportamento. Então, parei. Em minhas idas e vindas pelo caminho, eu vira a figura de preto sentada em uma cadeira perto da cozinha, a Bíblia na mão, parecendo esquecida da minha presença. Passou-me pela cabeça, de repente, que eu jamais a tinha visto sentada, antes; mas ela era humana como todos nós, e tinha que necessitar de descanso. O tempo da colheita fora estafante para ela, que atendera mais de uma pessoa doente entre os trabalhadores. Morag cantava perto da janela da copa, enquanto lavava a louça. O gato fez outra investida brincalhona contra o xale, e ocorreu-me que ninguém podia provar que havia sido Mairi Sinclair quem mostrara sua aversão por mim, destruindo o vestido branco.

Mairi Sinclair, porém, conhecia os gatos e suas atitudes, e, de repente, pareceu-me que fora um esforço demasiadamente inábil para ela. Assim, desviei o olhar da figura de preto e imóvel, perto da cozinha, para o cintilante cabelo ruivo da cantora próxima à janela da copa. Morag não gostava de gatos — ao menos, dissera isso, mas Morag dizia muita coisa e sabia muita coisa. Ela havia dito que sabia onde Callum e Margaret se encontravam.

De súbito, eu soube o que faria. Já estava com o xale, a nova saia de sarja enviada pela tia de Morag, e as botas costumeiras. Não precisava de mais nada. Saí pela porta pouco usada da horta para o caminho, e continuei até a cocheira. As duas vigias, a que estava perto da cozinha, e a outra, próxima à janela da copa, ouviram, certamente, a batida forte da porta. A canção que soara acima do ruído gentil dos pratos, parou.

Os grandes olhos de Ailis me saudaram, como se ela já previsse o nosso destino; se soubesse, realmente, me acharia tola. Coloquei uma sela comum sobre seu dorso, e apressei-me com o arreio antes que John Farquharson viesse ajudar-me. Se a trilha era tão irregular como Morag dissera, e era preciso cruzar o regato perto de uma cascata, então, eu necessitaria ter os dois pés nos estribos.

O Grande Billy permaneceu calado quando passei pelos depósitos. Talvez estivesse cansado por causa do exercício vigoroso da manhã; talvez, ele soubesse apenas que não havia mais qualquer divertimento proporcionado por mim.

III

Era como Morag dissera. A trilha depois do chalé de Callum se estreitava e subia, seguindo a margem do regato, e avançando, sinuosamente, entre grandes pedras. O tempo seco baixou o nível do riacho, mas pude ver como ele iria formar cascatas quando as enchentes dos degelos da primavera chegassem, ou uma tempestade desabasse sobre as montanhas. Subimos mais do que eu imaginara, e nos aproximamos mais também de Ben Cullen — o terreno cada vez mais acidentado e estreito, a passagem quase uma garganta agora. A água se espalhava, esverdeada, sobre rochas musgosas. No alto, quando encontrasse a cabana, a terra seria pobre e inculta, uma terra que o pai de Mairi Sinclair havia legado a um primo, que jamais se importara com ela. A cascata, quando cheguei a ela, era um fio de água, mas espumejava sobre um pequeno lago profundo. Árvores enfezadas tentavam se encontrar através do regato; vi as folhas escuras do azevinho e as mais delicadas, do louro. A neve iria jazer ali no inverno, mas eles teriam abrigo dos ventos cortantes. Vi o caminho do outro lado, o local de passagem bem abaixo do pequeno lago, e se Ailis não fosse o que era, e a água não estivesse tão baixa, eu não gostaria de tomar aquela trilha; abaixo dela havia, novamente, uma queda d'água rochosa, a pique, e

pedras enormes. Mas fiz Ailis se virar e ela me atravessou com calma e tranquilidade, e, como se conhecesse o caminho, descobriu a vereda do outro lado. No tempo seco, o solo estava endurecido, mas aquele caminho era usado por alguém. Saímos da garganta afinal, e continuamos para uma terra mais aberta — isto é, livre de árvores, varrida pelo vento, inculta e sufocada de tojos. Erguiam-se acima da minha cabeça, e se não fosse pela trilha levemente definida, não teria encontrado o local.

Era uma pequena butt and a ben das Terras Altas — a cabana tradicional de duas dependências, com comunicação, de pedra bruta, as pedras ligadas com barro. As chuvas e ventos destruidores tinham, havia muito tempo, retirado a maior parte do reboco caiado, e o tojo crescia quase até a porta. Não era mais terra adequada, nem mesmo para as ovelhas pastarem. Pensei em Mairi Sinclair, enquanto permaneci montada quietamente em Ailis, olhando para o lugar; ela havia nascido ali, crescido ali, e percorrera aquela trilha durante toda a sua vida de jovem. Lembrei-me da história de Morag, de como Mairi Sinclair fora espancada pelo pai até quase morrer. Pensei na última e terrível subida da encosta, pela passagem do rio próxima à lagoa profunda, suportando o peso da criança no ventre. Depois de fazer a jornada, comecei a compreender muitas coisas sobre Mairi Sinclair, examinando a terra lúgubre e árida, apenas olhando para o lugar onde ela havia passado de criança a adolescente, onde havia sido criada para a dureza do granito. Forte e impetuosa, mantendo-se sempre fiel a qualquer crença, amor e ódio.

Naqueles poucos minutos, vi todo o resto também. Escorreguei do dorso de Ailis, e guiei-a para a segunda metade da casa em ruínas — a da empena, quase destruída, e um telhado rústico-de galhos e palha atirados sobre ele, para formar uma cocheira rústica. Fora usada recentemente — havia excrementos frescos no solo, que o esquisito Callum jamais recolheria totalmente, e palha nova espalhada; duas argolas estavam firmemente presas à parede sólida que devia ser a parte posterior da lareira na outra dependência; havia até um saco com ração. O espaço onde existira a entrada para a outra dependência tinha sido bloqueado com pedras, havia pouco tempo, e rebocado com barro. Deixei Ailis amarrada frouxamente ali e, com a determinação inútil de ver tudo, dirigi-me à porta da pequena casa. A porta também fora consertada havia pouco tempo, a madeira podre substituída, o dintel escorado, o trinco era novo, embora não houvesse fechadura. Dentro era o vazio — isso é, se eu pudesse ver o vazio em um local tão imbuído da presença dos que o haviam usado recentemente. O telhado de colmo era bastante tosco e solto, mas suficiente para evitar a chuva de verão — e se existia uma goteira de um lado, eles podiam se mudar para o outro. As paredes de pedra tinham sido limpas das teias de aranhas e poeira, e recebido nova caiação; o chão era a terra nua, mas coberto por

uma alta camada de palha. As janelas pequenas e antigas foram vedadas a fim de que nenhuma ave ou roedor pudesse entrar e sujar o local. Examinei tudo com muda aceitação, querendo fechar os olhos e não sendo capaz de fazê-lo mesmo tocar a cinza na velha lareira. Era recente e estava pulverizada, o cheiro da turfa queimada havia pouco tempo, impregnando tudo. Eu os vi ali, como se estivessem diante dos meus olhos, Margaret e Callum, as mãos de um sobre o outro, os corpos brancos sobre a palha limpa. Vi a paixão no rosto de Callum. “Porque do maná ele tem se alimentado, e bebido o leite do paraíso. ” O leite do paraíso. Virei-me e fechei a porta, cuidadosamente, atrás de mim.

Depois, não me lembrei por quanto tempo fiquei do lado de fora, registrando o conhecimento do que acabava de ver. Agora, não existiam mais sonhos, nem dúvidas. Eu sabia que, o que quer que Margaret Campbell sentisse, para Callum ter ido tão longe, então, estava muito apaixonado, realmente. A intuição que eu tivera sobre ele, que se esperasse ele seria meu, fora totalmente errada. O chão de terra não seria coberto, amorosamente, por um manto de feno limpo para mim; o fogo de turfa não seria aceso para mim. Assimilei o fato de uma maneira atordoada e superficial; compreendi vagamente que, com o tempo, a ferida seria apenas mais profunda. Caminhei aos tropeções em direção à cocheira e com a atitude de pouca percepção de uma idiota. Com um puxão rude, afastei a cabeça de Ailis do saco de ração, ressentida com ela, de alguma forma, por comer o que eu não podia provar.

— Animal glutão! Não há comida suficiente para você em Cluain?

Ela me fixou com olhos indignados, e a lentidão de sua marcha parecia trocar de minha impaciência. Mas o dorso largo recebeu-me com a boa vontade de sempre, e breve descobri meu braço ao redor do seu pescoço. Inclinei-me para a frente e beijei-a levemente entre as orelhas.

— Não... compreendo. Não há bastante para mim em Cluain, tampouco.

Em um momento comum, eu teria percebido antes, mas estávamos na passagem abaixo da cascata, antes de eu ter total consciência do tremor em todos os seus membros; o passo preguiçoso se transformara em algo mais — um esforço arrastado, pesado — uma perna colocada deliberadamente depois da outra, e ela parecia esperar após cada passo, como se não confiasse em que poderia dar outro. Quando alcançamos o vau, ela não quis descer para a linha de água; sacudiu a cabeça em uma recusa violenta, quase com a última energia que lhe restava. De sei de seu dorso e acariciei sua cabeça, perguntando-me como não notara antes o suor que começava a sobressair, escuro, em seu pêlo.

— Ailis, o que é?

Os olhos, em geral vivos e inteligentes, olharam-me com uma incompreensão atoleimada.

Conduzi-a com grande cuidado através das pedras do vau, meus tornozelos e saia afundados na água. Ela não queria vir. Alguma coisa se tornara confusa, amedrontada, em sua mente esperta; a lagoa parecia tão funda, e abaixo do vau, as rochas da garganta tinham um aspecto mais proeminente.

Atravessamos, contudo, a trilha em declive estava à nossa frente. Eu tremia quase tanto quanto Ailis, mas com um desespero e energia nervosos que não se encontravam nela. Eu não ousava montá-la novamente ou apressar a andadura. O caminho era tão tortuoso que, se ela escorregasse uma vez, eu duvidava de conseguir erguer seu pequeno corpo pesado. Peguei o xale, dobrei-o e coloquei-o sobre seu dorso, o melhor tipo de manta que eu podia inventar.

Enquanto descia, rezei para ver fumaça saindo pela chaminé do chalé de Callum, ouvir Dougal latindo no pátio. O chalé, contudo, estava fechado e silencioso como antes, e depois de dar dois gritos ao me aproximar, não perdi mais tempo ali. Ailis seguiu-me, obediente; eu tinha a sensação de que, se parássemos, ela perderia a coragem de continuar. Os olhos tinham uma expressão de mudo assombro quando chegamos, finalmente, ao local onde a trilha para o chalé de Callum se unia à estrada. Ailis não estava tão doente que não conhecesse o lugar e a superfície firme e plana da estrada que levava de volta a Cluain. Momentaneamente, ergueu a cabeça e olhou-me. Encorajei-a com um leve sussurro:

— Breve estará em casa, Ailis! Em casa!

A superfície regular da estrada, porém, tornou o tremor oscilante das pequenas pernas resistentes ainda mais dolorosamente óbvio.

Várias pessoas vieram até as portas de suas cabanas quando passei. Houve oferecimentos de ajuda, oferecimentos para abrigar Ailis em suas próprias cocheiras pobres. Mas eu sabia que, acima de tudo, Ailis precisava novamente da garantia de sua casa, e continuei fazendo-a prosseguir. Haveria tempo para deitá-la na palha, quando alcançasse a intimidade de Cluain. Uma mulher mandou um dos filhos comigo, para acompanhar-me durante o resto do trajeto. Ele colocou o ombro forte e jovem contra Ailis, de forma que ela era sustentada agora de ambos os lados. Afinal, passamos pelos depósitos e entramos no pátio da cocheira. Eu mandara o rapazola na frente, para avisar John Farquharson, e o boxe espaçoso estava aberto e pronto, coberto com palha fresca. Ele avançou correndo para tirar a sela e arreios.

— Calma, garota... calma — murmurou ele, e perguntou-me: — O que aconteceu, senhorita?

Balancei a cabeça:

•— Ponha-a deitada, John, por favor, e não lhe dê nada. Nem água ... nada, ainda.

Depois corri, utilizando toda a urgência encerrada na lentidão da jornada de regresso. Irrompi pela porta da cozinha, e Mairi Sinclair ergueu os olhos da tarefa de arrumar os pratos para o jantar, refeição que ela e Morag faziam na grande mesa limpa.

— Sra. Sinclair, venha imediatamente... por favor! É Ailis. Há alguma coisa muito errada com ela!

Os olhos escuros encontraram os meus, demorando-se por um momento apenas. Havia uma espécie de maravilhosa segurança em sua calma. Concordou com um gesto de cabeça.

— Trarei o que possa ser necessário.

Não houvera presciência ou surpresa em seu olhar fixo. Era a reação instintiva, experiente, desprovida de pânico daquele que cura, a um grito de socorro. A exclamação veio de Morag — não de interrogação, mas um pequeno gemido de dor quando colocou a mão, descuidadamente, contra uma panela quente sobre o fogão. Mas, então, eu já saía da cozinha, e Mairi Sinclair pegava as chaves do compartimento das ervas, e colocava o xale sobre os ombros.

Pela primeira vez, desde que eu chegara a Cluain, caminhamos juntas, com um objetivo comum.

Mairi Sinclair e eu passamos a noite sentadas perto do boxe aberto. A princípio, ela se agachou ao lado do pônei, tocando em Ailis, examinando o interior da boca, abrindo as pálpebras que queriam se fechar; colocou a mão e depois o ouvido contra o coração de Ailis. Permaneceu ali durante muito tempo, calada, apenas observando; não pegou nenhum medicamento da cesta que trouxera do compartimento de ervas. Ergueu a cabeça somente quando a sombra de Angus Macdonald caiu sobre ela.

— Não sei o que é, amo. Nunca vi uma coisa assim... sintomas tão estranhos em um animal... uma coisa indo contra a outra. O coração está acelerado demais e, no entanto, ela está inerte. Está além do meu conhecimento a prescrição de alguma coisa para ela. Tenho medo do que ignoro. Deve mandar buscar o veterinário, amo.

— O quê? Perdeu a coragem, Sra. Sinclair? Já salvou animais depois dos veterinários desistirem.

Ela foi teimosa.

— Dou meus remédios quando acredito que sei para o que os estou dando. Quando não sei, digo. E digo que ignoro o que aflige o animal. O que sei é que o senhor dá grande importância a este pônei.

— Minha neta dá grande importância a Ailis, Sra. Sinclair. Confio em sua habilidade. Esperaremos até amanhã antes de chamar o veterinário. De qualquer forma, ele não virá esta noite, e se andou bebendo, é melhor que não venha nunca.

— Coloca um fardo sobre mim, amo.

Ele abaixou os olhos para ela, uma expressão dura fio rosto.

— E quando Cluain não colocou seus fardos sobre a senhora? Isto não é nada novo.

E, então, ele nos deixou.

Lembro que Morag nos trouxe coisas para comer em uma cesta, e bules de chá quente. Meu avô enviou uma garrafa de uísque, que Mairi Sinclair recusou, mas eu não. Sentamos em banquinhos, e quando escureceu trouxeram um lampião e o colocaram entre nós. Em sua última visita da noite, Morag trouxe a Bíblia para Mairi Sinclair, e ela a leu, as páginas abaixadas para a luz. À medida que o tempo passava, no entanto, notei que ela quase parara de ler; os lábios moviam-se sem som sobre as palavras, recitando o versículo e capítulo familiares, interminavelmente. Ela não precisava da luz do lampião.

Não havia o que fazer por Ailis, exceto deixá-la saber da nossa presença. Havia pouco para ver, a não ser que, de quando em vez, ela estremecia e os olhos se fechavam, enquanto suava sob as mantas. Ocasionalmente, Mairi Sinclair se erguia e se ajoelhava ao lado de Ailis, inclinando-se bastante para ouvir a batida do coração, suspendendo as pálpebras do animal. Ela voltou ao banco várias vezes e sacudiu a cabeça para mim:

— Ela resiste... resiste ainda.

E quando eu ia acariciar o pequeno corpo pesado e suado, Ailis pestanejava fracamente, e uma vez esforçou-se para se erguer. No mesmo instante, Mairi Sinclair estava ao meu lado e, juntas, forçamos o pônei a se deitar. Quando Ailis ficou novamente tranquila, comecei a caminhar pelo pátio escuro da cocheira a fim de fazer exercício e tornar a aquecer, um pouco, os membros frios e com câibras. Mas Mairi Sinclair não parecia precisar de tal coisa. Mais uma vez, no momento mais frio da noite, bebi um quarto de xícara de uísque, esperando que os olhos da mulher me fixassem com desaprovação, mas não houve reação. Com o xale sobre a cabeça,

parecia a figura imemorial da mulher que vigia ao lado de uma cama, aguardando que as horas decidissem sobre a vida ou morte. Devia ter sentado daquela maneira tantas vezes em sua vida!

Uma vez, através do brilho do lampião, cochichei-lhe:

— Ficou sentada assim com William?

Ela balançou a cabeça.

— Seu irmão não gostava de mim, senhorita. Não se sentia mais calmo comigo à beira da cama.

Falou como se houvesse sabido, durante a maior parte de sua vida, que havia alguns que não gostavam dela, e para quem sua presença não fazia nenhum bem. Havia uma aceitação estóica disto, como de outras coisas.

— Foi Morag quem ficou à cabeceira da cama, e ao seu serviço. Ela foi muito atenciosa.

Não dissemos mais nada. Permaneci sentada no banco, curvada, o xale e uma manta envolvendo-me. Antes de amanhecer, devo ter cochilado. Acordei com a mão de Mairi Sinclair em meu ombro. Senti um sobressalto de medo.

— Ailis?

— Passou. Dorme naturalmente. A batida do coração é normal agora. O suor acabou. Agora posso ir preparar uma farelada para ela, e colocar um sedativo fraco no alimento. Ela deve descansar durante o dia. Depois, mandarei Morag aquecer sua cama, senhorita. Já é hora de repousar também.

Assim, fiquei sozinha com Ailis, sentada na palha ao seu lado, naqueles últimos minutos, enquanto Mairi Sinclair voltava à cozinha e às suas tarefas. O céu clareava rapidamente. Ouvi passos no pátio, e limpei as lágrimas, que tinham vindo como um alívio na privacidade daqueles momentos, depressa. O rosto corado e não barbeado de Neil Smith se abaixou para mim.

— A bichinha está bem, então? — perguntou. — Ainda a terá por muito tempo, senhorita. Estes pequenos pôneis alcançam idade avançada. A Sra. Sinclair a curou.

— A Sra. Sinclair se recusou a medicá-la...

— Então, pode ter certeza de que era precisamente isto que ela devia fazer. A Sra. Sinclair tem estranhos poderes... se ela não quer medicar, é melhor deixar assim mesmo. Bom-dia, senhorita.

Segui seu vulto miúdo e atarracado, perguntando-me por que eu não havia gostado dele. Neil Smith e o Grande Billy eram tão parte de Cluain, quanto seus muros. E suas palavras voltaram: “Ainda a terá por muito tempo. .Através da porta aberta do boxe, observei a claridade crescer firmemente, delineando a orla distante das Cairngorms. A mágoa de Callum voltou a jorrar com o doce alívio de que Ailis viveria. E Neil Smith achava que eu teria Ailis em Cluain por muito tempo, a dor e prazer de sua vida misturados, como acontecera nessa noite.

Meu avô saiu de seu quarto quando subi as escadas da torre. Eu nunca o vira no camisolão de dormir de flanela, e com o xale usado como um robe sobre os ombros. Talvez, ele tivesse feito sua vigília perto da janela do quarto, observando a luz na cocheira. Talvez visse os vestígios de lágrimas em meu rosto ainda, e o alívio e cansaço também.

— Não foi a última longa noite que passará acordada em Cluain, Kirsty. Está aprendendo, menina. Aprendendo.

IV

Desci para o almoço depois de meu avô ter saído. Minhas pálpebras ainda pesavam com um sono não de todo satisfatório; sentia-me curiosamente entorpecida. Queria deixar-me levar pela corrente da minha fadiga e não pensar. Os pensamentos, as recordações trariam apenas o sofrimento e dor novamente. Visitei Ailis em seu boxe antes de me sentar para almoçar. Ela estava de pé, bastante firme, e com aparência levemente desgostosa; supus que Mairi Sinclair lhe dera rações pequenas durante a manhã, e Ailis sentia fome. Não ousei alimentá-la; só acariciei seu focinho e afastei as perguntas de John Farquharson sobre o que poderia ter provocado a crise de Ailis. Lembrei-me, durante a noite, de que Mairi Sinclair perguntara somente se eu sabia se Ailis tinha comido alguma erva à beira da estrada, e pude responder, confiante, que não. Compreendi que haveria um interrogatório mais minucioso, e com ele, eu teria que dizer onde estivera. Contanto que Ailis se recuperasse, não me sentia inclinada a contar a ninguém, nem ao meu avô, nem a Mairi Sinclair, sobre a jornada até o alto, em direção à cabana em ruínas, acima da cascata.

Não me demorei na cocheira. Eu acordara com o som de chuva caindo regularmente, a chuva ininterrupta que vem sem vento, e não acompanha as nuvens. O pátio da cocheira estava cheio de poças; não se via ninguém fora da destilaria. O Grande Billy mantinha seu bando dentro do cercado. Sacudi a capa de Inverness, que usara para ir à cocheira, no corredor da cozinha, e lamentei os pingos que deixou no limpo chão de lajes de Mairi Sinclair. Era o tipo de dia em que se ficava suja de lama, sem saber como.

Morag me serviu sopa quente e um assado mantido quente no forno. Já se fazia tarde; o dia parecia escuro depois do almoço, após o período dourado da colheita. Comecei a sentir como seria o inverno.

Como se adivinhasse meus pensamentos, Morag fez um gesto com a cabeça em direção à janela e à chuva constante.

— É, senhorita, estou pensando que talvez tenhamos visto o fim do verão. É bom que a cevada esteja nos celeiros. Os dias terminarão mais cedo agora — pegou o prato de sopa vazio e começou a servir o assado. — Não há muitos em atividade em um dia como este.

Quando colocou o prato diante de mim, respondi, apenas para mostrar uma animação que não sentia, realmente:

— Oh, não muitos, concordo — enfiei o garfo na carne fumegante — mas nem todos desistirão. Vi Lady Campbell lá fora em sua égua... perto do rio. Eu diria, muito molhada. Assim, Morag, talvez ela esteja menos inclinada a partir para uma festa, do que você imagina. Ela e Sir Gavin devem ter voltado diretamente da reunião social em Cawdor.

— Lady Campbell — a tampa da vasilha do assado fez um pequeno ruído quando ela a recolocou. — Lady Campbell? Verdade, senhorita? Bem, ela não terá muita companhia em um dia como o de hoje. Deixarei o assado, não é, senhorita, caso queira mais um pouco? Tenho que preparar as verduras para o jantar...

Quando levei os pratos, no entanto, atravessando a cozinha e entrando na copa, esta estava vazia. As cenouras e repolhos jaziam ali, prontos para serem preparados. E o xale de Morag desaparecera da fila de ganchos para roupas, no corredor da cozinha.

Talvez eu tenha cochilado perto do fogo naquela tarde. Lembro-me de que acendi a lareira e peguei um trabalho de agulha, que me entediava, e instalei-me diante do fogo. Usava meu xale de lã e as sapatilhas vermelhas. Eu estaria esperando assim quando meu avô chegasse.

Foi estranho que desta vez não tivesse percebido sua aproximação, quando, em tantas ocasiões, eu parecera prever sua vinda, antes que a figura sobre o pônei aparecesse na estrada. Foi a batida forte da argola da porta principal que me despertou. A peça de costura escorregou do meu colo. Não esperei que Morag ou Mairi Sinclair atendessem a porta.

Callum estava montado no pônei. De cabeça descoberta, a chuva escorria por seu rosto, enquanto o setter sujo e enlameado tentava encontrar um abrigo

qualquer à soleira da porta, o rabo abaixado e choramingando.

Passeei os olhos, lentamente, pelo semblante de Callum. Eu nunca vira nada tão terrível — como pedra incrustada em uma máscara mortuária de sofrimento.

— A égua quebrou uma perna. Está lá no alto gritando e talvez se afogue. Mande alguém ir até lá com uma arma para fazê-la descansar. John saberá onde é... o local bem abaixo da cascata, no caminho que sobe para a cabana do velho Sinclair. Além e acima do meu chalé. Mande que matem a égua, e deixem-na onde está. Eu cuidarei do resto.

Não pude dizer nada. Uma das mãos segurava as rédas, e com o outro braço sustentava o fardo encharcado. A capa de lã, que eu a vira usar para se proteger da chuva, quando chapinhara perto do rio no começo da tarde, estava enrolada à sua volta, cobrindo-lhe a cabeça e o rosto. As botas feitas

à mão, ajustadas aos tornozelos delicados, pendiam flacidamente do familiar traje de montaria cor-de-canela; a renda creme da saia estava molhada e manchada de lama. Lembro-me do horror de ficar de pé aí, vendo a chuva caindo dos saltos das botas, a chuva negligente.

— Margaret...

— Está morta. Vou levá-la para Ballochtorra.

Sacudiu as rédeas e o pônei se afastou; o cão estava próximo, como sempre, mas mantendo-se o bastante longe para evitar a lama levantada pelos cascos do pônei. Parecí paralisada ali, no umbral da porta, com a chuva pingando do beirai sobre a minha cabeça. Abri a boca. O som que saiu foi um gemido baixo e estranho, muito parecido com o choro na garganta do cão.

CAPÍTULO NOVE

I

As histórias chegaram até nós nos próximos dois dias, enquanto a chuva persistia no vale, não a chuva constante e forte do dia em que Margaret morrera, mas uma chuva mais fraca, algumas vezes não mais do que uma fina camada de neblina. As histórias não eram contadas dentro da casa de Cluain — porque diziam respeito ao filho de Mairi Sinclair, e mesmo Morag compreendia o suficiente para se manter calada a respeito. Era uma casa muito silenciosa. Meu avô falava ainda menos que o usual; nossas partidas de xadrez eram cheias de concentração e rápidas, terminando cedo, e encontrei-me indo mais cedo para o quarto da torre, onde Morag já acabara suas tarefas, e não inventava desculpas para se demorar. Não havia canções erguendo-se da janela da copa. Durante aqueles dias, até mesmo o fluxo de pessoas que vinha procurar a ajuda de Mairi Sinclair cessou, como se ninguém pudesse encará-la com o acontecimento novo e terrível que devia ser tolerado, mas não comentado. Calmamente, no entanto, na noite em que Callum trouxera o corpo de Margaret até a porta, Mairi Sinclair saiu sob a chuva forte para fazer o parto do primeiro filho da mulher de um jovem trabalhador da destilaria. Ninguém sabia no chalé o que havia ocorrido, e a conversa foi comum, ao menos tão normal quanto sempre era na presença da governanta de Cluain, que todo o vale respeitava. Mas ela foi gentil, carinhosa e eficiente, trazendo lençóis limpos de Cluain, pendurando um, embebido em uma solução de ácido fênico, à entrada do pequeno quarto onde a criança havia nascido. A avó reclamou que havia lavagem desnecessária de mãos e demasiada água para ferver. Ficou ofendida porque não teve permissão para cuidar da criança, ou da mãe, sem lavar as mãos e sem se enrolar na roupa que Mairi Sinclair fornecia. Quando a jovem mulher gritou com as dores do trabalho de parto, Mairi Sinclair lhe deu uma infusão fraca de meimendo, e a mulher sossegou, embora ainda acordada.

Disseram que já amanhecia, e que a criança havia nascido, fora lavada e dormia tranquilamente, antes de Callum Sinclair se acercar da porta do chalé. Recusou-se a entrar, e Mairi Sinclair ficou de pé no caminho, sob a chuva, para falar rapidamente com ele. Quando regressou ao interior, disseram que parecia a mesma — mas ninguém nunca podia saber, quando se tratava de Mairi Sinclair. Ela lavou as mãos novamente, pegou mais roupa limpa e foi cuidar da mãe. Depois, afinal, deu uma poção à jovem mulher, que faria com que dormisse bem e descansasse o corpo cansado e arruinado; e muito delicadamente, moveu o berço para onde os olhos da mulher vissem o bebê quando acordasse. Nos últimos instantes anteriores ao sono, nos momentos de lassidão emocional, quando a tensão e dor haviam desaparecido

afinal, a mãe ergueu os olhos, uma vez mais, para Mairi Sinclair:

— Ele se chamará Callum...

— Não, não o chame de Callum. Seria melhor lhe dar outro nome — e não explicou por quê.

Antes de partir, em sua maneira usual, ordenou que o jovem pai tomasse providências para que o fogo fosse avivado e para que a janela fosse deixada aberta, recomendando que a mãe dele não devia fumar cachimbo sobre o berço do bebê, e que todos que tocassem na mãe ou na criança deviam lavar as mãos primeiro. Deixou uma solução de ácido carbólico.

Ele ousou apertar-lhe a mão em agradecimento, e oferecer-lhe um xale preto que a mulher tricotara como um presente, sabendo, como todos, que Mairi Sinclair nunca aceitava dinheiro. Mas ela sacudiu a cabeça:

— Sua mãe achará o xale um bom agasalho neste inverno.

— Então, deixe-me caminhar com a senhora até Cluain.

Mairi Sinclair fixou-o com olhos que, jurou mais tarde, jamais conseguiria esquecer. Ela levantou o rosto e ele viu uma expressão de dor, que nem mesmo o sofrimento da mulher durante a noite tinha produzido.

— Obrigada, irei sozinha. Está amanhecendo. E que dano pode me atingir neste vale... agora?

Ouvi esta história, e outras, de John e Neil Smith, e das pessoas que se moviam por Cluain — gente de fora que, talvez, esperava, em troca, ouvir minha versão do que a própria Mairi Sinclair dissera ou pensara — como se alguém pudesse, algum dia, sabê-lo. As histórias vinham, primeiro, dos criados de Ballochtorra, e eram completadas por aqueles que viviam à beira da estrada para o chalé de Callum.

Primeiro, houvera o choque de Callum levar Margaret de volta a Ballochtorra. Ele a carregou para o pátio da cocheira, porque precisava de ajuda para descê-la do pônei, mas disseram que tinha, afinal, deitado Margaret em sua cama, e ele mesmo pegara uma toalha, secando o rosto frio e molhado, e tentara alisar seu cabelo. Depois, desceu para esperar Gavin. O que havia sido dito entre os dois homens, quando Gavin fora encontrado finalmente, visitou o quarto de Margaret e se dirigiu à biblioteca onde Callum esperava, ninguém nunca soube, nem mesmo os que tinham escutado de muito perto. O tom de voz dos homens não se elevou acima de um murmúrio, nenhuma vez — pensei que isso era, em si mesmo, uma coisa terrível. A conversa terminara com o grito repentino de Jamie, ao descobrir o que

havia acontecido com sua mãe, antes que Gavin tivesse tempo de lhe contar. O grito devia ter soado nos ouvidos de Callum quando deixou Ballochtorra, cavalgando de volta e passando por Cluain na escuridão, chamando um rapaz da cocheira e outro de uma cabana ao longo do caminho. Callum se dirigira com eles ao local abaixo da cascata, onde jazia a égua de Margaret. John Farquharson havia abatido a égua horas antes, com uma das armas de meu avô. Esperava por Callum em seu chalé, e se reuniu aos três na jornada colina acima. Tiraram uma porteira e arrastaram o corpo da égua, preso a ela, descendo a trilha impraticável, e lá, não muito longe do chalé de Callum, abriram uma cova. Era um trabalho duro e a chuva caía; o buraco tinha centímetros de água no fundo. Callum foi ao chalé e trouxe uísque para eles, os rapazolas bebendo sua porção, mas disseram que o próprio Callum não bebeu. Quando a cova ficou pronta, Callum os dispensou, dizendo que faria o resto. Disse que tinha a permissão de Gavin Campbell para enterrar a égua. Não discutiram com ele.

Isto ouvi e me foi contado, mas o resto foi meu, e partilhado somente com Mairi Sinclair e ninguém mais.

Ela se aproximou de mim quando eu me demorava, tomando o chá à mesa de café, na manhã seguinte. Morag havia tirado os outros pratos, atizado o fogo e colocado mais lenha nele contra a umidade do dia, e se retirara, estranhamente silenciosa. Permaneci ali, perguntando-me como preencheria as horas do dia, e esperando que elas fossem mais fáceis do que as horas de insônia da noite anterior. Cavalaria até Ballochtorra para ver Gavin? Fugi à ideia. Cavalaria apenas, com a esperança de me cansar tanto a ponto de dormir? Mas Ailis ainda não estava completamente boa. Senti o ardor seco das pálpebras e desejei que se fechassem, mas isto não aconteceu. Pensei na pessoa que fechara em seu compartimento de ervas aquilo que podia me fazer dormir, pôr fim à minha dor, e, no entanto, era a única pessoa a quem eu não conseguiria pedir tal coisa.

Mas ela mesma veio. Acercou-se com calma e fechou a porta da sala de jantar atrás de si. Depois, aproximou-se mais da mesa, para que sua voz soasse muito baixa ao falar. Eu sabia onde ela estivera durante toda a noite passada — Morag dissera, ao jantar, que ela havia sido chamada para fazer o parto. As únicas palavras que eu ouvira de Morag naquela manhã foram que a mãe estava bem, que a criança era forte e saudável, e que a Sra. Sinclair voltara pouco antes do café e iniciara, imediatamente, seu trabalho ao fogão. Agora, olhei para a mulher e perguntei-me se suas feições emaciadas não eram, em parte, devidas a tantas noites que passara sem dormir, voltando imediatamente às suas tarefas usuais. De repente, as mãos enrugadas e rachadas se tornaram uma insígnia de honra.

— Senhorita, posso lhe falar?

Fiquei de pé, involuntariamente. A ocasião parecia exigí-lo.

— O que é, Sra. Sinclair?

— Falei com meu filho esta manhã, muito cedo. Deixou isto comigo — ergueu a mão e estendeu a bolsa de couro, que reconheci como a que Callum costumava levar consigo com a carne para Giorsal, pronto para o momento em que o peregrino falhasse na matança e precisasse ser atraído de volta para ser alimentado.

— Deixou? Partiu? Para onde...?

— Não perguntei. E da sua conta. Ele voltará... naturalmente, voltará.

Não havia necessidade de ela dizer mais nada; parecia inevitável que deveria haver um inquérito.

Atrapalhou-se com a bolsa, nervosa, e compreendi como ela devia ter odiado vir falar comigo daquela forma.

— Ele lhe pede, senhorita...

— Sim? — eu sabia que estava ansiosa demais.

— Ele lhe pede se poderia ter a bondade de ir alimentar a ave. Diz que a ave conhece a senhorita, mas deve ter cuidado e usar a luva... há uma segunda para a mão direita, na cabana, e não deve tirar o caparão.

Colocou a bolsa sobre a mesa.

— A ave deve ser alimentada todos os dias até ele voltar. Mas sabe isto, também. Penso que não há mais ninguém a quem ele pudesse pedir. Ninguém conhece a ave tão bem... agora — ambas pensamos em Margaret então, e as duas reconhecemos o pensamento.

Concordei com um gesto de cabeça, e desviei o olhar, para que ela fosse poupada de qualquer gesto de agradecimento. Tudo que ouvi foi a porta se fechando novamente, de leve, atrás dela. Então, toquei a bolsa. Como Callum me conhecia bem, cruelmente bem, sua escrava em tudo, exceto do modo que eu desejava ser.

No segundo em que abri a porta da cabana onde Giorsal estava pousada no comprido poleiro, ela bateu as asas — voando sobre as peias e gritando para mim. Fiquei imóvel à soleira da porta até se acalmar e encontrar sua posição, novamente, no poleiro. Parecia um milagre que o tivesse feito; do contrário, se houvesse pendido de cabeça para baixo sobre as peias, eu teria que segurá-la nas mãos e recolocá-la no poleiro. Quando parou de gritar, falei-lhe suavemente; quase pareceu conhecer

minha voz, embora eu mal pudesse acreditar nisso. O que eu disse? Usei seu nome muitas vezes, mas sei que falei de Callum e Margaret. Conte-lhe sobre o bebê que nascera na noite anterior, sobre Margaret ter morrido de um pescoço quebrado. Principalmente, falei-lhe sobre o que é amar sem ser correspondida. O que se diz a um falcão? Disse-lhe que amar assim era como se ela mesma nunca mais pudesse voar, como se suas belas asas adornadas de penas, estendidas e estiradas com confiança, sofressem um dano súbito, e ela mergulhasse na terra. Depois de algum tempo, a cabeça encapuzada balançou-se e inclinou-se ao ritmo da minha voz, e aproximei-me mais, erguendo a longa pena com que Callum costumava acariciá-la. Continuei falando enquanto a acariciava, e, afinal, ela parou de atravessar o poleiro de um lado para o outro, e ficou imóvel, calma e levemente hipnotizada.

Usar a luva de Callum era como se eu mergulhasse em seu ser; mas era necessário. Retirei pedaços da carne cortada. A princípio, Giorsal não deixou o poleiro, mas atacou a carne de lá; afinal, a fome e a sensação de confiança venceram a relutância. Ela pousou na luva, empoleirando-se ali, e dilacerando a carne com voracidade, esperando impacientemente até o próximo pedaço lhe ser oferecido, entre meus dedos enluvados. Era quase superior às minhas forças fazer aquilo — suportar o peso da ave, e os puxões fortes quando despedaçava o alimento. O momento pior chegou quando tive que lhe oferecer o peito do lagópode que estava incluído na bolsa — falcões, lembrei-me de ouvir Callum dizer, precisavam ter uma caça de penas em sua dieta para limpeza de seus estômagos. Todas as vezes em que eu vira Callum lhe dar um pombo gordo, em dias úmidos ou ventosos demais para fazer a ave voar, nunca havia imaginado que, eu mesma, teria que lhe dar alimento. Uma vez, através da luva, senti a aspereza de seu bico e a força terrível das garras, enquanto ela procurava uma pega mais firme a fim de dilacerar a ave. Com o caparão, parecia frustrada no trabalho de limpar e comer o pombo, mas eu não podia remover o caparão, porque jamais teria a habilidade de Callum para recolocá-lo. Callum, como sempre, havia esperado muito. Finalmente, com a graça de Deus, Giorsal acabou de comer o que estava na bolsa. Voltou ao poleiro com relutância quando não apareceu mais nenhum alimento; abaixei o braço dolorido.

Fiquei contente porque ainda chovia, e perguntei-me se Callum, caso o tempo estivesse bom, esperava que eu prendesse as peias ao meu pulso e carregasse Giorsal para a rocha perto do riacho, a fim de que ela pudesse se banhar e secar-se. Callum esperaria qualquer coisa, pensei — qualquer coisa, menos que eu perdesse seu falcão. Não, eu não podia, de maneira alguma, arriscar a rocha, mesmo que Giorsal ficasse sem banho até a volta de Callum. Eu ignorava os nós do falcoeiro. Giorsal poderia ir embora com um voo rápido, e com o caparão, se precipitaria para a morte de encontro a uma árvore ou rochedo. Não, Callum não podia querer aquilo.

Giorsal devia ficar em segurança na cabana, e eu viria alimentá-la todos os dias, e limparia a bandeja sob o poleiro. Giorsal devia permanecer em segurança na escuridão monótona e calma, e Callum regressaria porque amava a ave, até mais do que Margaret, que havia sido sua paixão e loucura.

Quando tudo terminou e fechei a porta da cabana, encostei-me contra ela e encontrei-me tremendo de fadiga e medo. Mas eu tivera o falcão de Callum em minha mão. Uma pequena fonte de esperança e prazer inverossímeis nasceu em mim.

II

Ainda chovia no dia seguinte, e quando Margaret Campbell foi enterrada os que compareceram ao funeral carregaram desajeitadamente os guarda-chuvas, enquanto a subida para o cemitério estava escorregadia e enlameada, quando percorremos o caminho da igreja até a cova aberta. Era bem do outro lado da alameda onde Christina e William jaziam; seria o próximo túmulo na fila de sepulturas brilhantes de mármore, com o nome Campbell. Durante o serviço religioso, em que Gavin proibira qualquer música, quase ninguém ousou encará-lo diretamente, enquanto ele permaneceu de pé ao lado da cova aberta. Durante todo o tempo, na igreja e no cemitério, Gavin segurou a mão de Jamie com força, mesmo no momento doloroso em que teve que espalhar a terra costumeira sobre o caixão. Não havia flores, exceto as que Jamie carregava, as rosas de setembro do jardim de Ballochtorra, todas douradas, a cor de Margaret. Jamie colocou as flores com simplicidade ao lado da sepultura, para que fossem postas no lugar quando a cova estivesse coberta. Foi então, pela primeira vez, que virou o rosto contra o corpo do pai e chorou. Desceram rapidamente o caminho em direção à carruagem.

Durante todo o tempo, Gavin não olhou para a direita ou esquerda, não pareceu ver qualquer das mãos que lhe foram estendidas em sinal de condolências. Nem ele, nem Jamie usavam luto, nem havia o fumo nos chapéus e mangas. Gavin se recusara a ornamentar de preto os cavalos do carro fúnebre. Ouvi comentários de uma cena terrivelmente explosiva entre Gavin e James Ferguson por esta falta de submissão ao ritual que a morte exigia então. Gavin recusara falar com os que foram a Ballochtorra fazer uma visita, e James Ferguson os havia recebido sozinho na sala de estar escurecida. No dia anterior ao enterro de Margaret, dizia-se que Gavin levou Jamie para cavalgar o dia todo nas charnecas, e, assim, estivera ausente quando a carruagem chegou a Ballochtorra, trazendo o chefe hereditário do clã, o Barão de Cawdor, que viera manifestar seu pesar. Parecia que mesmo Ja* mes Ferguson ficou abalado com o encontro. O escândalo do estranho comportamento de Gavin se espalhou.

Observei os dois, Gavin e Jamie, ao descenderem rapidamente o caminho.

Entraram no mesmo instante na carruagem, tendo que esperar que James Ferguson, sem nenhuma pressa, se reunisse a eles. Foi Ferguson quem se demorou para os apertos de mão, que respondeu às frases de praxe. Tinha um aspecto curiosamente enrugado, as linhas recentemente impressas na gordura corada do rosto. Parecia mais nervoso do que triste, a língua lambendo os lábios. Ele se demorou demais, e de repente, para surpresa de todos, Gavin bateu a porta da carruagem e ordenou ao cocheiro que partisse. Isto obrigou Ferguson a voltaí na segunda carruagem, com seu advogado. Sabia-se que Gavin não fizera convites a ninguém, para que voltassem com ele a Ballochtorra. Mas James Ferguson pôs em movimento todos que o cercavam; qualquer um que tivesse alguma importância seria bem-vindo a Ballochtorra, para comer e beber um uísque. Ele não podia impedir-se de ser James Ferguson.

— Vamos embora, Kirsty — cochichou meu avô ao meu ouvido.

Tentamos passar despercebidos pelo grupo de pessoas ao portão do cemitério, mas James Ferguson nos havia visto.

— Você irá, Macdonald. Você irá a Ballochtorra.

— Não hoje, Sr. Ferguson. Meu lai é próximo. Enviei uma mensagem de condolências, em meu nome e no de mina neta, ao Senhor de Ballochtorra. Aceite meus pêsames também.

Ferguson ficou estranhamente pálido. Aproximou-se muito de nós, e suas palavras se dirigiram apenas a meu avô, mas pude ouvi-las.

— Telegrafe a Lachlan para que venha. Estarei em Cluain amanhã cedo.

Meu avô franziu a testa:

— É um momento estranho para o senhor discutir assuntos comerciais. Deveria esperar...

Ferguson passou a língua pelos lábios mais uma vez:

— O assunto não esperará. Não esperará por nada, agora.

Permanecemos em silêncio durante todo o trajeto de volta a Cluain, a depressão do cemitério envolvendo-nos como a chuva nevoenta; ainda não se passara um ano desde que meu avô estivera lá, ao lado da cova aberta de William. Sacudi o casaco molhado e pendurei-o no corredor da cozinha, antes de ir ao quarto da torre para calçar as sapatilhas. A lenha estava arrumada, mas o fogo não se encontrava aceso. Eu estava cansada e com frio. Acordara muito cedo para pegar a bolsa de couro que Mairi Sinclair havia deixado pronta na copa. A caminhada até o

chalé de Callum, para alimentar Giorsal, fora difícil sobre o solo úmido. Mas ela me recebeu desta vez quase sem agitação, reagindo imediatamente à minha voz, procurando a carne com ansiedade, comendo o suficiente dos pedaços seguros entre meus dedos enluvados, com ferocidade voraz. Perguntei-me por quanto tempo ela suportaria o tédio silencioso da cabana, ou ouviria os gritos de outras aves ao seu redor, antes de começar a gritar pela liberdade de poder voar, pela alegria de matar, a função para a qual havia sido criada. Quase comecei a invejar a simplicidade do instinto de seres tão certos do que devem ser. Não ter dúvidas, escolhas... Mas meu pai teria rejeitado tal doutrina, e optaria, sempre, pela liberdade da alma para conceder amor, mesmo se recusado, para sofrer, se necessário. Qualquer coisa, teria ele dito, do que não sentir; e de alguma forma, ele e Callum teriam concordado, estranhamente, sobre este ponto. E para lhe conceder a justiça final, Margaret Campbell também.

Meu avô esperava na sala de jantar para a refeição do meio-dia, usando as roupas domingueiras ainda. Parecia inquieto e virou-se para mim com ar aliviado quando entrei.

— Bem, tome um gole de uísque. Afastará o frio.

Aceitei, mas o frio da morte era algo que nem o uísque atingia, o frio da expressão do rosto de Gavin, o tremor que me sacudira ao ver as rosas douradas jazendo na lama e chuva. O jornal de Inverness havia chegado. Meu avô não tentou escondê-lo de mim. Havia um retrato de Margaret, indistinto, embora nada pudesse apagar, realmente, os traços de sua beleza. Mulher de baronete morta em queda de cavalo. Filha de James Ferguson... A notícia era pequena, curta e discreta, mencionando que Gavin era o herdeiro do Marquês de Rossmuir, repetindo a história que o jornal havia contado, tão recentemente, da visita do Príncipe de Gales. Não dizia nada sobre o escândalo ou suspeita que já agitava todo o distrito, e chegava aos jornais londrinos. Não mencionava como ela havia morrido, nem onde, nem quem a trouxera de volta para o marido.

— Haverá um inquérito sobre um acidente fatal — disse meu avô.

— Sim — eu não queria falar a respeito, mas ele insistiu.

— O atestado de óbito foi que ela morreu do pescoço quebrado em consequência da queda. Isso é simples. Mas ouvi dizer que a polícia tem feito investigações. Parece provável que exigirão um inquérito diante de um xerife... Callum Sinclair terá que aparecer.

—É.

Falou como se quisesse ter certeza de que eu estava preparada. A coisa se tomaria mais feia. Fariam com que ficasse mais feia. Profanariam a cabana da montanha, que Callum mantivera tão limpa porque amava Margaret e a desonrariam com palavras que deveriam sair dos lábios de Callum.

CAPÍTULO DEZ

I

No dia seguinte as nuvens foram arrastadas pelo vento mais forte, e depois da chuva e neblina, notei, enquanto subia a trilha para dar comida a Giorsal, que alguns vidoeiros estavam dourados, enquanto as folhas balançavam, secas, e livres da umidade. Um aspecto outonal cobria a terra. Algumas vezes, o sol irrompia, alcançando e iluminando, de repente, uma dobra profunda nas montanhas, delineando um cume em que eu nunca reparara antes. Não parecia haver mais armas nas charnecas; a terra estava silenciosa, a não ser pelo vento.

Quando voltei a Cluain estava quase na hora do almoço, e John escovava Rapaz Domingueiro, depois da jornada a Ballinaclash para ir buscar Samuel Lachlan; a porta do quarto que ele sempre ocupava em Cluain estava aberta, e quando passei a caminho do aposento da torre, vi Morag fazendo a cama. Previam uma longa reunião com James Ferguson, e foi uma aranha de Ballochtorra que vi parada ao lado das cocheiras, fora da visão da estrada. James Ferguson já se encontrava com eles, então, e não queria que sua presença fosse notada por aqueles que passassem por ali.

O procedimento costumeiro de James Ferguson deixar a casa enquanto meu avô e Samuel Lachlan almoçavam juntos foi mudado. Quando eu me preparava para descer para o almoço, Morag apareceu à porta, com aquele modo silencioso que tinha, de estar, de repente, onde não era esperada.

— Desculpe, senhorita. O amo está almoçando com o Sr. Lachlan e o Sr. Ferguson, e há negócios que devem discutir. A Sra. Sinclair mandou-me dizer que há uma bandeja pronta para a senhorita na sala de estar.

— Na sala... mas eu podia comer na cozinha.

Seguia Morag pelas escadas, e ela se virou rapidamente, lançando-me um olhar que pareceu apiedar-se de minha simplicidade.

— Não seria possível, senhorita. A Sra. Sinclair jamais permitiria... e o amo não ficaria satisfeito.

E assim, fui recolocada em meu lugar, talvez um lugar desnecessariamente exaltado aos olhos de Morag, mas no entanto, meu lugar. A grande bandeja de prata jazia sobre a mesa comprida da sala de estar, imaculadamente coberta por uma toalha de linho branco. Sentei-me em uma das cadeiras jacobinas de encosto reto, e comi mecanicamente, consciente de que a caminhada me deixara faminta, mas que a comida, desde o momento em que Callum surgira à porta, com o corpo de Margaret

nos braços, parecera perder o sabor. A sala tinha uma janela que dava para a estrada que levava a Ballochtorra. Pensei em Gavin e Jamie, e refleti sobre a presença de James Ferguson à mesa de Cluain desta vez. Alguma coisa se agitava, e eu só saberia do que se tratava quando meu avô resolvesse me contar. Mas ocorreu-me, então, que com a morte de Margaret, Gavin não deixaria o vale. De repente, compreendi como seria. Gavin não aceitaria mais dinheiro de James Ferguson. Eu soube que não importaria nada a Gavin se o dote de Margaret revertisse, inteiro, para seu pai, ou fosse colocado sob custódia para o filho. Se Gavin tivesse que deixar Ballochtorra com Jamie, e atirar as chaves para James Ferguson, ele o faria. Pensei no pedaço de terra de lavoura pobre, ainda por drenar, com que ele sonhara naquele dia comigo. Poderia ser esta a forma que o décimo Baronete de Ballochtorra, e herdeiro do Marquês de Rossmuir, escolheria para viver, excêntrica, e fora de moda, mas independente afinal, e dono de seu filho.

A reunião entre os três homens continuou durante toda a tarde. Vi Morag atravessar o pátio duas vezes, em direção ao escritório, com a bandeja de chá cheia, mas afinal, quando a hora do jantar se aproximou, ouvi a aranha de Ballochtorra ser preparada. Meu avô e Samuel Lachlan acompanharam James Ferguson à carruagem; lá ainda houve alguma conversa entre eles, mas nenhum aperto de mãos. Ferguson lançou um estranho olhar para trás quando a aranha se afastou, porém, os dois homens já mergulhavam na conversa novamente, e nem pareceram notar sua partida. Havia uma claridade crepuscular durante os poucos instantes que levaram para cruzar o pátio em direção à casa; o cabelo de meu avô era prateado sob a luz do sol que se punha, e permanecia quase ereto sob o vento. Notei, então, que pequenos montes de folhas tinham sido reunidos nos cantos do pátio, em geral, imaculado.

No andar térreo os dois homens me deram a impressão repentina da velhice, no final de um longo dia. Tinham quase terminado o primeiro uísque quando entrei, e imaginei que haviam bebido quase em silêncio, como se cada um deles precisasse de uma pausa. As roupas pretas de Samuel Lachlan estavam esverdeadas sob os longos raios de sol que entravam pelas janelas; levantou-se por um momento e ajustou os óculos sobre o nariz, o que, suponho, era o único sinal de satisfação que ele jamais permitia a si mesmo.

Mas disse-me o que eu poderia dizer-lhe:

— Parece cansada, Kirsty.

Meu avô respondeu por mim.

— Ora, é a colheita e essa coisa horrível em Ballochtorra. Bem — juntou, como se suas palavras pusessem fim ao assunto — o vento está mais seco.

Precisamos dele depois da chuva — para confirmar sua declaração, a janela bateu, subitamente, sob uma rajada forte.

Tomaram o segundo uísque mais devagar, porém, meu avô não ocupou o lugar de costume, no banco em frente à lareira. Não era característico dele passear de um lado para o outro, da janela ao aparador, o copo esquecido sobre a janela, e bebendo um gole sempre que voltava até ela. Estava com uma disposição de ânimo que eu jamais testemunhara antes; alguma coisa o atormentava ou excitava. Eu queria que não fosse assim; desejava também algum tempo de paz, para descansar. Havia, no entanto, tanta coisa mais para acontecer — tanta! Tudo o que o jornal de Inverness insinuara ainda estava para vir.

Finalmente, Samuel Lachlan falou:

— Kirsty, há uma coisa que devemos lhe dizer... — pestanejou por trás dos óculos: — Concordamos que ela deveria saber, Angus. Concordamos.

— Muito bem, mas vamos beber nosso uísque, ao menos, homem. Temos direito a uma folga...

— Christina precisa saber.

— Espere um pouco ainda, homem... um pouco!

Morag trouxe as primeiras travessas, e Samuel Lachlan apressou-se a tomar seu lugar à mesa. Como ele devia aguardar com ansiedade a comida de Cluain, depois das refeições mandadas pelo restaurante barato! Pareceu menos interessado, porém, quando a comida foi colocada diante dele. Comeu devagar e esqueceu-se do molho, e até mesmo do sal interminável pelo qual suspirava. Estava tão lento que Morag enfiou a cabeça pela porta, várias vezes, para ver se estávamos prontos para o próximo prato.

Falou, afinal, e meu avô pareceu contente por deixar que ele o fizesse.

— Kirsty... Ferguson está falindo.

— Falindo...

A porta se abriu, então, Morag apareceu mais uma vez. Agora, retirou os pratos de carne, e eu dirigi-me ao aparador, servindo a torta de maçã que Samuel Lachlan adorava. Morag fechou a porta, e ele colocou o creme com a generosidade de uma mente ausente.

— Falindo — repetiu.

Eu mal podia acreditar; pessoas que tinham castelos e iates no Clyde,

faliam? Mas James Ferguson era um homem inteligente, que ganhara a vida sozinho. Certamente, ele jamais poderia cair em um buraco que não tivesse visto diante de seus pés.

— Por quê?

— Está passando por uma fase muito difícil. Devem haver duas dúzias de destilarias que lhe têm dado crédito... por demasiado tempo. Ele aceitou pedidos da América, com algum pagamento adiantado... pedidos de milhões de galões, que não pode encher agora. Favoreceu uma produção excessiva de seu uísque de cereal, estocando-o, expandindo-se, fazendo propaganda, enviando os vendedores ao mundo todo. Agora, o malte que precisa para suas misturas, do mais barato ao melhor, está trancado nos depósitos das Terras Altas, e ele não tem o dinheiro para comprá-lo, ou pagar o imposto sobre ele. Mesmo se os destiladores estendessem o crédito ainda mais, há o Departamento de Imposto de Consumo, e o Departamento de Sua Majestade não concede crédito... e o imposto é a parte maior da dívida.

— Mas ele não sabia que isto iria acontecer?

— Sabia, e não deu muita atenção. Havia um grande empréstimo sendo levantado na City, Londres. Ele não confessa, mas os banqueiros que lhe concederiam o empréstimo Fizeram uma investigação completa dos negócios de James Ferguson, mais completa do que ele julgava possível. Ele diz agora que será questão de dias antes da notícia sobre a recusa do empréstimo se espalhar. Tem andado para cima e para baixo das Terras Altas, suplicando mais crédito, implorando que os destiladores paguem o imposto sobre o que ele tirar dos depósitos, e assim que todas as peças do jogo forem juntada», haverá uma corrida dos acionistas para vender. Quando isto começar, os preços das ações cairão o máximo possível. Se ele tiver chance, alguma vez, de levantar dinheiro empenhando suas próprias ações, estas não terão quase nenhum valor. Por isto é que ele irá falir.

— E ele deve a Cluain?

Meu avô se intrometeu:

— Ninguém deve a Cluain. Depois dos primeiros 20 anos, ninguém nunca conseguiu um centavo de crédito de Cluain. Não estou no negócio para estocar uísque que não foi pago nos meus depósitos. Os compradores vêm e pagam, literalmente, à vista por barril. Mesmo o grande James Ferguson tem tido que pagar. Guardo o uísque para eles, e têm a liberdade de retirá-lo depois do prazo mínimo legal, e pagam o Imposto de Consumo.

— Então, ele tem uísque pago e estocado com o senhor. Por que ele não o

usa?

— Não tem. Nenhum galão. Retirou todos. No último ano tem retirado cada barril que possuía. Dizendo-me, sempre, que seu comércio com a

Inglaterra e América era tão bom, que precisava fazer as misturas tão novas quanto possível, para satisfazer a procura. Mas suspeitei, o tempo todo, de que ele retirava o uísque daqui tão depressa, porque devia ser o único uísque que já havia pago. Ora, tenho tido trabalho para fazê-lo devolver os barris...

— Por que ele vem aqui, então, se não deve nada a Cluain? O que toda a conversa...

Morag voltou, de novo, retirando os pratos de torta, colocando o queijo e deixando a bandeja com o chá. Estava tão calada e eficiente como sempre, mas estranhei que aparecesse tantas vezes. Em geral, eu mesma tirava a mesa. Por alguma razão, Samuel Lachlan gostava de ser servido por mim, talvez ficasse contente com a mudança, depois dos anos de garotos trazendo apressadamente sua bandeja do restaurante barato. Lachlan se serviu com calma, pegou o Cheddar feito na leitaria de Mairi Sinclair e passou manteiga sobre os biscoitos dourados. A dentadura de má qualidade teve um trabalho árduo para mastigá-los. Ele chegou mesmo a tomar um gole de chá, sem dizer mais nada. Resignei-me a esperar. Sua impaciência anterior para me contar o que quer que havia para ser contado, evaporara-se. Havia bastante em que pensar, além de saborear o alívio de que Cluain não fora atingida pela loucura de James Ferguson. Eu ignorava até aquele momento quanta importância dava à independência de Cluain, à sua auto-suficiência. Naturalmente, havia perigo — o tipo de orgulho perigoso que meu avô exibia, sua satisfação em ser capaz de estalar os dedos e ser atendido, e de não dever a ninguém. Mas ele trabalhara para isso — oh, sim, trabalhara muito. E agora, James Ferguson se encontrava desamparado nas ruínas de seu orgulho monumental. Lachlan falou, de repente, como se lesse meus pensamentos.

— Bem, em geral essas coisas acontecem, quando um homem quer fazer mais do que entende — afinal, ele terminara o queijo e o chá, e ficou de pé, movendo-se para o seu lugar no banco comprido.

Imediatamente, meu avô serviu mais duas doses de uísque, e entregou um copo a Lachlan.

— Sim — disse Lachlan, como se não tivesse feito uma pausa — se alguém constrói castelos e restaura igrejas, tem um vagão particular da ferrovia, uma casa em Belgrave Square, então, deve haver algo muito sólido por trás dele. Tenho seguido a carreira de Ferguson com interesse — esfregou o nariz fino. — Sim, com

grande interesse. Ele era um homem bastante rico quando a filha casou com Campbell, mas depois do casamento, teria que ser muito mais para sustentar o tipo de coisas que fez. Mas, ele tinha um nome que fazia dinheiro e pagava bons dividendos, e os acionistas apareceram correndo. Construiu e se expandiu. Não se sabe quanto especulou era outras coisas. Mas, eu... bem, eu nunca me senti tentado a comprar uma sô ação das de Ferguson. Não, nenhuma — recitou tudo isto com cuidado, como se repetisse, de novo, a si próprio, e talvez para o meu benefício, uma lição aprendida havia muito tempo. O esbanjamento era algo que o perturbava enormemente, e, no entanto, não percebiam tom de satisfação em sua narrativa. Ele não se regozijava com a queda de James Ferguson. Qualquer estrutura que desmoronava era outro ataque sobre a ideia sagrada do capital.

Bebeu o uísque quietamente, esperando que Morag retirasse o resto dos pratos, e quando ela se foi, afinal, as migalhas varridas da mesa, a bandeja carregada, retomou a palavra.

— Sim, Kirsíy, tem havido muita conversa, Muita mesmo, e tenho viajado demais para minha idade nestas últimas semanas, por causa de James Ferguson. Não gosto muito de me submeter ao papel de fazer investigações. O melhor caminho é a discrição e uma conversa tranquila com um gole de uísque, sem nada gravado. Tenho andado de um lado para o outro, entre as destilarias de Cameron e Macquarie, e as duas destilarias têm uma localização difícil. Mas ambas são seguras... muito seguras. Negociantes equilibrados em cada uma, e dirigidas pela família. Mantêm seus livros em ordem e fazem seus negócios nas destilarias, e não há castelos. Possuem bons cavalos, mas nenhum puro-sangue nas cocheiras. Os homens jovens da família se casam com simplicidade e se instalam em casas construídas perto da destilaria. Suas mulheres apresentam uma mesa farta, mas sem esbanjamento. Engordam seus porcos, e vestidos de seda são para os domingos, apenas. Sim, são estáveis.

Não gostei muito daquilo. Onde, em todo o respeitável conjunto, e grande estabilidade, existia lugar para um falcão abrir suas asas, atacar, pairar nos ares, precipitar-se sobre a presa? Onde haveria uma chance para um homem como meu avô poder vir da pobre Western Isle e declarar que sobre aquele pedaço de terra construiria seu reino? Então, o dia do reino particular de alguém se fora — não existia mais lugar para se ser livre? Não, toda aquela gente estável não me agradou.

— Por que James Ferguson lhe fala? Ele não lhe deve dinheiro. Por que teve que fazer essas visitas às destilarias de Cameron e Macquarie por causa dele?

— Não fiz nada no interesse de James Ferguson. Simplesmente, não confiei no que ele dizia. Falava por outros e estava em um estado em que podia dizer

qualquer coisa...

— Com que propósito?

Samuel Lachlan fez um gesto para meu avô, como se se submetesse a ele, o Senhor de Cluain.

— Ele propõe, Kirsty, que Cameron, Macquarie e Cluain se unam para assumir os negócios de Ferguson. Se os três destiladores anunciassem que se associavam a Ferguson Destiladores, então o resto do mundo nunca precisaria saber quanto ele cedia a fim de nos ter como sócios. Cameron e Macquarie são maiores que Cluain... nós seríamos uma minoria, mas uma minoria importante. E para Ferguson, seria uma ação que iria salvar as aparências. Impediría uma corrida... ao menos, é o que pensamos... dos acionistas. James Ferguson teria um lugar na direção, por enquanto, mas com pouco ou nenhum direito a voto; seria um lugar fictício. Temos sua palavra e a teríamos em uma carta confidencial sua, antes de darmos mais um passo, de que ele pediría demissão dentro de seis meses, mais ou menos, dando como motivos a falta de saúde e a morte da filha. Para salvar as aparências somente. Seu nome permaneceria, mas Ferguson Destiladores, pertenceria a Cameron, Macquarie e Cluain.

Arquejei com total incredulidade.

— Mas o negócio de Ferguson é grande, não é? Precisaria... bem, necessitaria de muito dinheiro para ser tocado para a frente. Cluain pode...? — não ousei fazer a pergunta aos dois homens.

Samuel Lachlan respondeu-me:

— Sim, seria difícil. Sim, sem dúvida, seria difícil, mas teríamos conseguido o negócio de Ferguson a um preço baixíssimo. Seríamos donos de uma grande organização para mistura e distribuição, já pronta... sim, e o mercado é desse modo, Kirsty, não importa quanto os homens do malte desprezem o produto. E quanto à posição de Cluain nisto... como eu disse, seria difícil, mas não pense que Cluain não tem recursos. Eles foram cuidadosamente acumulados e administrados. Como Cameron e Macquarie, nossas mercadorias não estão na vitrina. Seu avô... então, Angus?

— Não, não na vitrina, mas em uísque bom, excelente. Temos uma saída fixa de produção todo ano, Kirsty. Milhões de galões. Durante os últimos 10 anos, mais ou menos, tenho vendido a preços baixos. Possuo meu depósito... somente barris marcados com números, e os trabalhadores não sabem a que destilaria foram vendidos. Na verdade, são o produto de Cluain que não foi vendido. O melhor malte

envelhecido de 12 anos, o primeiro pronto, e cada ano, adiciona-se mais e mais, e amadurece. E pus de lado a taxa de imposto, dos lucros da operação. Isso, e um pouco mais, é o capital de Cluain. E há Samuel. Ele entrará com mais capital, se eu quiser fa- ' zer o negócio. Mas nenhum de nós... nem Cameron, nem Macquarie... dará um passo sem os outros dois. E se não fizermos o negócio, Ferguson não vê possibilidade de fazer um acordo com outros... e não tem tempo para isso. Ele irá à falência, simplesmente... isto é, irá à falência publicamente. Do outro modo, ele tem a chance de desaparecer somente, de se apagar. No fim, no que diz respeito a dinheiro, é a mesma coisa. Ele está falido — meu avô não era como Lachlan, nem sequer tentou evitar o tom de satisfação em sua voz.

Apertei as mãos, uma na outra, e balancei-me para a frente, olhando para o fogo.

— E há algumas semanas, ele me dizia que compraria Cluain a qualquer momento que o senhor quisesse Vender. A visita do Príncipe... a despesa que teve com ela! E durante todo o tempo ele esperava um empréstimo apenas para continuar no negócio.

— Um tipo de loucura — disse Lachlan. — Chegou ao ponto onde ele não pôde parar. James Ferguson jamais foi conhecido por jogar cartas, ou em corridas de cavalos, ou qualquer outra coisa. Mas é um jogador. Está tão acostumado a conseguir as coisas ao jogar uma moeda, que é incapaz de se controlar. Continuou gastando como um louco, quando os cofres estavam vazios. Um homem perigoso... perigoso para si mesmo e para qualquer um associado a ele. Usou o dinheiro dos acionistas por outros motivos, do que negócio. Se não fizermos o acordo, ele terá sorte, se falir apenas. Poderia haver uma condenação por dolo.

De repente, levantei a cabeça, e olhei para o meu avô.

— Então, por que... por que, em nome de Deus, estão sequer pensando em se associar a ele? Mesmo que ele esteja sem força, o que estão procurando?

— Procurando... ?

Fiz um gesto abrangendo a sala, o mundo inteiro de Cluain à minha volta e minha voz se ergueu:

— Isto não é suficiente? O que mais poderiam querer?

— Bem, eu temia que você não compreendesse. Pensei que tivesse melhor cabeça para negócios. Compreenda, Kirsty. Esta é uma chance de conseguir Ferguson, Destiladores. De ser um nome mundial em uísque. De...

— De ser um louco! — quase gritei. — Não foi com isto que James

Ferguson sonhou primeiro? Ser um nome mundial em uísque. Bem, ele o é, e está cercado de ruínas. Está tão transtornado que não pode nem mesmo chorar, adequadamente, a morte de sua filha única. Ferguson, Destiladores é sua filha. Isso e seu orgulho significam mais para ele do que qualquer outra coisa. E dizem-me... dois homens velhos... — fui cruel e vi o rosto de meu avô ruborizar-se de raiva e insulto — que isto é o que estão tentados a fazer. Por quê? Têm um mundo inteiro aqui. Ninguém pode tocar em Cluain. Ninguém pode colocar um dedo sobre ela, exceto se deixarem. Têm uma pilha de ouro estocada nos depósitos e vão arriscá-lo, como James Ferguson teria feito. O senhor tem sido Senhor de Cluain desde o dia em que ganhou a ação dos Campbells. Agora, vai dar Cluaín a um pequeno grupo que usa o nome de Ferguson? Disse que há jovens nas famílias Cameron e Macquarie. Acha que eles permitirão que aja como quiser, com total independência? Será capaz de dirigir Ferguson, Destiladores, como tem administrado Cluain? Tudo exatamente como quer? Sem compromisso? Sem abrir mão de padrões? Seu precioso uísque de 12 anos será reduzido a nada, para ajudar a produzir o monte de bebidas ordinárias que James Ferguson tem posto no mercado. O nome de Cluain não significará coisa alguma. Será o nome Ferguson! Aqueles rapazes...jovens equilibrados... estarão lá, vigiando seu estoque, selecionando o que querem, uísque de três, quatro anos. Partindo seu coração. E porque estará amarrado a eles de pés e mãos, não será capaz de lutar contra eles. Concorde, porque terá que fazê-lo. E por quê? Esqueça Ferguson... por que entregar sua herança aos Camerons e Macquaries? Eles decidirão, quer o senhor goste ou não, que Cluain pode se expandir... pode produzir mais uísque, e ainda mais. Instalarão mais alambiques, e contratarão mais homens para manejá-los. E os homens de Cameron e Macquarie nisso. E o que será do senhor...? Onde estará o Senhor de Cluain, então?

Achei que ele se encolheu um pouco, mas o rosto não estava voltado para mim.

— E o que mais posso fazer? Para onde devo me voltar? Se William vivesse... mas morreu. Há somente você... e é uma mulher — agora, tornou a olhar para mim, e o tom de voz era quase de súplica. — Ê principalmente por você. Disse que somos dois velhos, e é verdade. O que fará quando nenhum de nós estiver aqui?

— Está dizendo que Cluain será minha? Está dizendo exatamente isso?

Hesitou.

— Não é uma coisa fácil para uma mulher... especialmente uma mulher jovem... dirigir um negócio. Não é o mundo de uma mulher, mas há uma esperança... Bem, um dos rapazes de Cameron ainda é solteiro. Samuel diz que ele tem boa aparência. Ê inteligente. Tem viajado, Kirsty...

— o tom de voz era cada vez mais ansioso. — Esteve na América e em lugares como Paris e Roma. Dizem que é muito sagaz nos negócios. Seria um bom marido para qualquer moça. Poderia ser muito pior, Kirsty, e Cluain...

— Não! — levei as mãos à boca para tentar deter as palavras que vieram, apressadas, mas ouvi-me gritando, gritando como se tivesse sido ferida:

— Não! Deve estar louco! Os dois... velhos loucos! Acha que eu me casaria porque o casamento se ajustaria bem ao plano todo? Diga-me! Diga-me se isso fazia parte de suas visitas de um lado para o outro! Oh, Deus! É isso que acontece com as mulheres na China! Acha que meu pai permitiria tal coisa... que chegaria mesmo a pensar a respeito?

— Sabemos — falou meu avô, concisamente. — Casamentos são arranjados em muito piores condições — estava rígido e embaraçado.

O valor da propriedade era questionado, e o valor de Cluain era avaliado contra os desejos caprichosos de uma jovem. Comecei a ver o que era essa loucura; se William estivesse ali, não aconteceria nada daquilo. Dois velhos, eu havia dito. Era verdade. Eram dois velhos e tinham apenas a mim, entre eles, para planejar o futuro — só eu, solteira, sem uma criança, sem um filho...

— Cluain não é um dote insignificante, menina.

— Dote! Quem pediu um dote? E dado com a condição de que me case com um bom rapaz, estável, que tem viajado, com boa aparência... Foi o que disse, não foi? E, sem dúvida, usando um bom temo.

— Há alguma coisa errada com um bom terno? — interrogou Samuel Lachlan.

— Não... nada. Mas tudo... — fechei os olhos e tive a visão de um homem vestido com um saiote escocês, já puído na bainha, e uma pele de carneiro escura da chuva. — Não, nada errado com um bom temo... mas não posso me casar com um bom temo.

— É apressada, menina. Precisa de tempo para pensar.

— E há tempo para pensar? — rebati. — Disse-me que é uma questão de dias antes da posição de Ferguson ser conhecida pelos acionistas. E em questão de dias, devo dizer quf casarei com alguém que nunca vi... que nunca me viu? Avô, colocou-me na folha de balanço de Cluain? Pergunto-me, a que preço fui avaliada? Minha cotação foi alta ou baixa?

— Nunca foi uma sugestão precisa... apenas uma sugestão. O jovem

Cameron ouviu falar de você... por outros, parece. Maridos como esse não são conseguidos de mão beijada. Você mostraria bom senso se considerasse...

— Estou mostrando o melhor bom senso de toda a minha vida. Lembra-se de sua mãe, Christina? Ela se casou de acordo com os planos? Teve uma família e continuou a mantê-la depois da morte do marido? Começou uma destilaria do nada, e perdeu-a sem ter culpa? Diria que ela não tinha a coragem de um homem... de três homens? Ela deu à luz o senhor... de um marido de sua própria escolha? Digo-lhe que não serei parte do balancete. Se quer fazer negócio com Cameron e Macquarie, então, faça-o. Mas não me considere parte dele. Se tiver que deixar Cluain amanhã, então, deixarei. Não serei vendida como parte do mobiliário. Sob estas condições, não quero Cluain. Não posso perder o que nunca tive. O senhor não pode tirá-la de mim.

— Falou com sinceridade, senhorita. Quem imaginaria que tinha tanta coragem?

Todos nos voltamos. Enquanto conversávamos, a sala ficara escura, e havia apenas a claridade da lenha para iluminar nossos rostos. Fora suficiente; nos últimos minutos não quisêramos, realmente, olhar um para o outro. Mas agora nos viramos, e Morag estava de pé com uma vela na mão, perto da porta aberta; avançou em silêncio corp gestos graciosos, colocando a vela sobre o aparador. Estava sem touca. O cabelo ruivo caía, com maravilhosa abundância, sobre os ombros.

— Como está certa, senhorita, em saber que não pode perder o que nunca foi seu.

Por mais um momento, meu avô silenciou sob o choque. Depois, a voz se ergueu em um ronco de fúria:

— O que pretende, menina? Sobre o que está falando?

— É sobre Cluain, amo. A situação de Callum Sinclair.

— Como, a situação de Callum Sinclair? E o que sabe a respeito?

— Como não saberia? Pensa que sou cega e surda? Levei as bandejas para o senhor nestas últimas semanas no escritório, servi o senhor aqui, o dia todo, com o Sr. James Ferguson, sem saber o que se discutia, o que acontecia? Por que as mulheres servem os homens, amo, não quer dizer que sejam estúpidas. E eu teria que ser surda, realmente, para não ouvir a bela fala da Srta. Kirsty sobre o que não faria para o senhor. As mulheres continuam a surpreendê-lo, não é verdade, amo?

— Uma impertinência, menina! Está passando dos limites. Onde está a Sra. Sinclair? Ela não sabe manter ordem em sua cozinha?

— A Sra. Sinclair se retirou para o seu quarto, amo. As noites têm sido longas para ela, ultimamente, e precisa de repouso. Mas mantém a cozinha em ordem. Aprendi muito com a Sra. Sinclair. Neste momento, eu devia estar lavando a louça na copa. Há ocasiões, no entanto, que os pratos devem esperar porque outras coisas vêm primeiro, e há momentos em que se deve desobedecer à Sra. Sinclair. Ela não é dona de mim, não mais que o senhor.

Meu avô respirou fundo, como se lutasse para ter paciência. Eu não ficaria surpresa se ele se levantasse e desse um puxão de orelha em Morag. Olhou-me por um segundo, depois voltou a fixar Morag. Pensava ele que algum espírito de loucura perversa possuía, de repente, todas as mulheres de Cluain? O que havia acontecido com seu mundo bem ordenado? Samuel Lachlan se inclinava para a frente com assombro.

— É audaciosa, menina, e põe minha paciência à prova. O que veio dizer... o que é toda essa tolice sobre as mulheres? Além disso, o que tem a ver com o que discutimos aqui ou no escritório? O quê?

— Teria ouvido minha resposta se houvesse escutado, amo. É o negócio de Cluain, e o negócio de Cluain é o de Callum Sinclair. Preciso dizer mais, amo? Corrigirá um erro que devia ter sido corrigido há anos, ou me obrigará a forçar mais ainda sua consciência? Vai abrir o livro, amo? Esperei por este momento... tenho esperado, durante anos. Mas havia o neto sempre, e depois que ele morreu, apareceu esta menina, sua neta. E também há Callum Sinclair. Falará agora, amo?

O rosto de meu avô tinha uma coloração amarelada sob a luz da vela; agora, não lutava para controlar a raiva, mas uma emoção que ameaçava tomá-lo incoerente. Um som mutilado brotou de sua garganta. Apertou o peito por um instante, como se sentisse dor, e depois a mão voltou a agarrar o lado do banco comprido. Não havia possibilidade de ser erguer e bater em Morag. Achei que ele não conseguiria se mover.

Afinal, as palavras soaram, em uma espécie de arquejo.

— Kirsty... Kirsty, traga a Sra. Sinclair!

Corrí. Ele parecia doente — e, no entanto, era mais que isso. Esqueci de trazer uma vela — a luz da porta aberta chegava apenas até a metade da curva da escada. Depois, tateei e atrapalhei-me; no corredor do alto, a luz fraca do céu ajudou-me. contei as portas para chegar à de Mairi Sinclair e bati com força para despertá-la.

— Sra. Sinclair... venha, por favor! Meu avô a está chamando!

Ela não estivera dormindo. Escancarou a porta quase imediatamente, e teve um vislumbre de um quarto nu e desolado, sem conforto. Havia uma lareira, mas ela não permitia que o fogo a aquecesse. Um vela queimava sobre uma mesinha, e uma única cadeira de encosto reto estava diante dela. O livro preto familiar estava aberto. Ela usava a mesma camisola comprida e branca, e o xale com que eu a vira na minha primeira noite em Cluain. O cabelo preto raiado de prata estava solto, liso e tão cintilante quanto o de Morag.

— O amo está doente?

— Eu... não, acho que não está doente, mas pede-lhe para ir lá, imediatamente.

Sem uma palavra, ela se dirigiu à mesa e pegou a vela. Protegendo-a contra a corrente de ar provocada por seus movimentos, iluminou a escada para mim. Depois, ficou de pé com o xale envolvendo-a, apertadamente, à porta da sala de jantar, não desejando ir mais longe.

— Entre, Sra. Sinclair. Sente-se.

Ela avançou mais, porém ignorou o gesto de meu avô em direção a uma cadeira.

— Há alguma coisa errada?

Ele fez um gesto de desamparo:

— Diz respeito à senhora.

— Diz respeito a Cluain, amo — intrometeu-se Morag — e diz respeito a Callum Sinclair.

Ela permanecia na mesma posição, exatamente como eu a deixara, de frente para os dois homens, sem sinal de vacilação no que viera fazer. Eu nunca vira tanta beleza em Morag — a pele adamascada e os olhos brilhantes. No silêncio profundo que recebeu suas palavras, ela se virou e se dirigiu à mesa onde a grande Bíblia tinha o seu lugar. A Bíblia sempre me parecera uma parte do mobiliário da sala, construída como as próprias paredes, inamovível. Mas Morag a ergueu, pesada, mesmo para seus braços fortes, e trouxe-a para o centro exato da mesa de jantar, ao meu lado, colocando a beirada de bronze precisamente paralela à linha da mesa.

O rosto de Mairi Sinclair se contraiu de raiva ao observar tudo aquilo. Fez um movimento instintivo, que conteve, como se ela, também, desejasse bater em Morag.

— Como ousa? — perguntou a Morag. — Ninguém toca nessa Bíblia!

— Ouso porque a senhora não ousa, Sra. Sinclair. Eu ousaria muito mais pelo bem de Callum Sinclair.

— E o que tem a ver com meu filho? O que isto tem a ver com ele?

— Interesse-me por seu filho, senhora, porque sinto que é assim que deve ser. Devo fazer por ele o que a senhora não fez até agora. Também não tem esperado, senhora? Ou os anos a tomaram medrosa? Permaneceu em silêncio todo esse tempo só para descobrir, agora, que não tem língua? Acredita que Cluain deve ser dele porque é justo... é o seu direito? Confiou na decência final deste homem velho? Confiou em sua honestidade? Bem, tenho que lhe dizer, senhora, que não existe honestidade nele. Os dois... o Sr. Lachlan e ele estão planejando o futuro de Cluain, e o nome de seu filho não foi sequer mencionado.'

Mairi Sinclair olhou devagar para todos nós.

— O que o amo faz é de sua conta. Não tem nada a ver com meu filho.

Morag atirou a cabeça para trás em um gesto que fez as chamas das velas tremerem.

— Tola! É uma tola! Este é o momento. Se não falar agora, não terá mais chance alguma. Exija/ É dele! E eles estão dando Cluain! A senhora se permitiu ser uma criada durante toda a vida, mas não pode deixar isto acontecer a seu filho, não pode consentir que ele seja enganado. Como pode ter o Céu por que reza, se tem feito tanto mal por sua própria culpa? Eu lhe digo, se Callum Sinclair não estivesse fora de casa, eu o teria aqui neste momento, e então, veria se algum dos senhores ousaria não lhe dar atenção! Bem, amo, vai falar? Abrirá essa Bíblia e deixará que todos leiam, ou terei que lhes contar o que vi escrito?

— Cadela! — disse ele. — Cadela traiçoeira e intrometida! Como leu esse livro?

— As chaves, amo... as preciosas chaves de Cluain. Sempre mantidas perto do senhor, e, no entanto, confiadas à Sra. Sinclair e, depois, a mim mesma, porque nunca passou por sua cabeça que eu poderia ser diferente dela. Não compreende que o que está trancado sempre desperta curiosidade? Enquanto a senhora vivia, nunca estava trancada. Lembro-me de que, quando eu era pequena, ela abria a Bíblia, aqui, nesta sala. Em seus anos de doença, ela a lia com frequência. Aprendi algumas letras neste livro. Ela era muito paciente comigo. Recordo que ela apontava para o lugar onde estavam registrados os nomes de seus dois netos. Vi o nome de sua filha... o dia em que nasceu, o dia em que casou, o dia em que morreu. Tudo escrito ali. Mal podia compreender todos aqueles nomes, mas aprendi a lê-los...

William e Christina. E depois, a senhora morreu, e a Bíblia foi trancada. E nunca mais aberta... nunca mais! Não se lembra das vezes em que estava doente, amo, e me mandava buscar um uísque? E me dava as chaves, que eu devia devolver imediatamente? Pensou que eu não me lembraria da chave de bronze com a ponta tão extravagante... eu a achava muito bonita quando era menina, e a senhora me mostrara como ela fechava a grande Bíblia, engenhosamente. Crianças não esquecem coisas secretas. Eu tinha 14 anos quando o senhor me confiou as chaves. Sem dúvida, julgava-me outra Mairi Sinclair, mas não sou como ela. Vi a pequena chave de bronze e abri o livro, e olhei no fim, onde os nomes estão escritos. Guardei o que sabia para mim mesma, e esperei. Devo falar agora, amo? Há necessidade disso?

— Não! — Mairi Sinclair gesticulou com violência em direção ao meu avô. — O que fez? Que coisa errada e louca o senhor fez! Eu disse nunca... nuncal

Mas ele sacudia a cabeça:

— Foi feito há muito tempo. Na noite em que minha mulher morreu, sentei-me para registrar sua morte. Eu sabia que desde que não podia mais magoá-la, havia outra coisa a ser escrita. Não sei o que esperava, então. Podia ver os nomes de meus dois netos lá... mas eles estavam longe, na China, desconhecidos, talvez jamais eu pudesse conhecê-los — antes de colocar a mão no bolso para pegar o molho de chaves, vi-o segurar o peito novamente.

Depois, estendeu-me o molho de chaves. Havia um cansaço infinito em seu gesto.

— Pegue, Kirsty. Abra a Bíblia e leia. Não precisamos ouvir mais nada desta intrometida aqui.

— Angus... — disse Lachlan.

— Está feito, Samuel. O que foi feito jamais será desfeito. Kirsty abrirá a Bíblia.

Sentei-me onde Morag colocara a Bíblia. A chave era pequena, mas facilmente identificável por seu modelo elaborado. Mas o molho todo era pesado, e lutei ao tentar inserir a pequena chave na fechadura. Como se realizasse qualquer outro serviço, Morag acendeu mais uma vela com calma, e trouxe-a para o lado oposto da Bíblia. Então, com uma virada, a fivela trancada se soltou.

Morag não conseguia se controlar. Inclinou-se do lado oposto a mim.

— Lá no fim! — foi sua mão que virou as folhas impressas até chegar às páginas comuns. — Está vendo, recua na história da família. É a Bíblia da família Macdonald, não da dos Campbells — seu dedo localizou com ansiedade a história

de uma família, escrita por muitas mãos, sobre muitas gerações. — Está vendo aqui, é sobre Ranald, o filho mais novo de John, o Primeiro Lorde das Ilhas. A senhora me ensinou tudo isso... ela tinha orgulho da família. Mas a família se espalhou mais e mais, cresceu muito para alguém manter um registro sobre ela. Assim, torna-se apenas esta família... a família do amo, Macdonald, em Inishfare, de seu pai e irmão... dele próprio. Quando nasceram, quando morreram. Sua filha, nascida em Cluain, e sua morte. O nascimento de seu irmão na China, e o seu também, e depois registrado em último lugar, muito após a data, o do seu próprio filho, a data e local de nascimento... Cluain.

A última anotação era na caligrafia de meu avô. Cállum Sinclair Macdonald. E a data do nascimento era de quase 30 anos atrás.

Tirei as mãos da Bíblia, devagar, e olhei para meu avô.

— É verdade?

Ele inclinou a cabeça:

— É verdade.

A amargura e a dor eram quase insuportáveis. Apertei os lábios para não gritar, mas não havia maneira de controlar o tremor de frio que me dominou. Queria fugir dali, e, no entanto, as pernas não me erguiam da cadeira. Onde eu poderia me esconder do olhar fixo de todos eles? Virei a cabeça de um lado para o outro, sacudindo-a como um animal desorientado. A verdade de tudo que eu havia pressentido entre Callum e mim estava cruelmente exposta agora, a sensação de alguma coisa proibida e sombria que não fora, não podia ser totalmente compreendida. Um relacionamento de sangue tão próximo, e, no entanto, quando eu o empurrara para longe, contra o meu corpo, ele havia sido a soma de todos os meus desejos. Eu o havia caçado e seguido através do vale durante todo o verão. Ele tentara me afastar, e não tivera sucesso. Que cegueira perversa me possuía, como um tumor maligno, repulsivo? Irmão consanguíneo de minha mãe, e, todavia, eu o desejara como amante, maquinei e planejei tê-lo como marido. Quão pervertidos e deturpados podiam ser os desejos naturais? E nascidos da inocência? Eu dissera a mim mesma que poderia esperar que todos os seus outros amores terminassem, e cheguei a suportar até mesmo o conhecimento de seu amor por Margaret. Eu afirmara que seria mais forte que aquele conhecimento, e que iria negligenciá-lo e esquecê-lo; eu sabia como esperar. Bem, agora sabia que a espera acabara — e ainda assim, continuava. A fome existia, e precisava ser negada. Seria, para sempre. Eu perdera, não somente minha esperança de amor, mas o direito de senti-lo. Não devia ser oferecido; jamais poderia ser aceito.

Reli as palavras em silêncio. Callum Sinclair Macdonald. Não havia maneira de apagá-las. Por que eu estava surpresa de vê-las? A verdade, revelada agora, era muito simples. Por que eu não a tinha visto? Estivera cega porque Callum se parecia tanto com Mairi Sinclair. Mas os olhos, a pele, os cabelos não eram como os de meu avô — de William, e meus? Quando eu olhara no espelho, por que vira apenas o rosto de William, nunca o de Callum? A cegueira do amor era infinita.

Encontrei forças para me levantar. Pude até encarar todos eles, e quando olhei ao redor, perguntei-me por que estava tão preocupada comigo apenas. Outros sentiam e sofriam. O impacto daquelas palavras era visível ao meu redor; Samuel Lachlan se ergueu e se aproximou para ver, ele próprio, porque, em verdade, ninguém havia pronunciado aquele nome, realmente. Agora, voltou ao banco comprido com andar arrastado, e vi que tremia, tanto quanto eu.

. Samuel falou, então, por mim:

— Por que não nos contou, Angus? Teria feito diferença.

— Teria — meu avô passeou o olhar por todos nós. — Sim, talvez tivesse feito diferença, se houvesse sido dito logo no início. Mas fui covarde, então, e deixei-me levar pelas palavras de Mairi Sinclair. Ela não admitiu que eu falasse. Não queria que minha mulher e filha fossem atingidas pelo escândalo. Eu poderia não ter sabido, nunca, que ela estava grávida, se seu pai não a houvesse espancado até o ponto de todo o vale tomar conhecimento da surra, e saber por que ela havia apanhado. Ela estava inclinada a ir embora, mas minha mulher insistiu em ficar com ela aqui, e não tive coragem de contar a verdade. Mairi Sinclair ameaçou-me, então, que se eu contasse à minha mulher ela iria embora... partiria para Glasgow, ou qualquer outro lugar, arranjaría trabalho lá e ninguém ouviria falar nela, nunca mais. Pensando no mal que já lhe causara, tinha eu o direito de trazer mais sofrimento para ela e a criança? Ao menos, elas estariam seguras e abrigadas em Cluain. Depois, tudo que esperava era que a criança fosse uma menina. Seria mais fácil cuidar de uma filha. Mas foi um filho... meu único filho... e não podia reivindicar direito algum sobre ele. A covardia me negou o que eu mais desejava no mundo.

Recostou-se e fechou os olhos por um instante, recordando-se de tempos passados havia muito, mas sempre presentes.

— Aconteceu porque permaneci acordado algumas noites nos pastos, naqueles anos. Eu não podia ter tantos trabalhadores na fazenda, então, e costumava revezar lá em cima, para deixar um dos mais velhos ir para casa. Mairi Sinclair estava lá também. Sinto vergonha de ter feito o que fiz, mas não sinto vergonha, e nunca senti, de tê-la amado. Aquele verão foi a única época em que estivemos

juntos. Desde que veio para esta casa, ela tem vivido sozinha. Quando minha mulher morreu, pedi-lhe para casar comigo, e, assim, seu filho poderia ser meu por adoção. Mas ela não quis aceitar. Alguma tolice de recusar porque não queria lucrar com o seu pecado. Como se isso pudesse ser contado como vantagem... Tantos anos tinham se passado! Teria sido um casamento de aparência somente, e ela recusou a sua falsidade, e tive que respeitar isso. E quanto a pecado... ela não foi culpada, a menina de tanto tempo atrás. Tinha 17 anos... e era inocente. Inteligente e esperta, muito além de sua instrução. Cabelos compridos e pretos... Ela disse que eu não tinha direitos sobre sua vida, ou a de seu filho. E era verdade. O homem que age como eu, não tem direitos. Ele pode pedir, porém nunca exigir.

Samuel Lachlan, trêmulo, fez-me sinal com o copo. Servi-lhe outro uísque e não me importei, nem ninguém pareceu notar, quanto derramei.

— Mas seu filho, Angus! Um filho para Cluain. Eu lembro... lembro quando sua mulher abrigou Mairi Sinclair em Cluain, e não achei prudente. Mas sua mulher era uma pessoa muito decidida... e uma mulher de grande coração. Lembro-me do nascimento da criança. Se eu soubesse... teria sido melhor, Angus, se você houvesse falado. Eu poderia ter feito alguma coisa! Eu poderia ter convencido Mairi Sinclair de que ela devia algo a seu filho... Esta menina aqui — seu gesto em direção a Morag indicava aversão, mas algum respeito. — Esta menina aqui está certa. Questiono seus motivos, mas está certa. Não deve haver qualquer decisão sobre o futuro de Cluain, sem se contar a verdade a Callum Sinclair. Ele tem direitos... talvez, não direitos perante a lei, mas direitos naturais.

— E a natureza sempre esteve entre nós, Samuel. Era como se Callum soubesse da minha covardia e adultério desde o instante em que seus olhos se abriram completamente. Cresceu nesta casa, mas estava tão longe de mim quanto meus netos na China. Não esqueça, Samuel, que quando minha mulher morreu, ele era já um rapaz, e independente. Não aceitaria nada de mim. Nem o menor presente. Ou a menor ajuda. Tudo que aceitou de mim foi conhecimento, e ele me extraiu todo o que eu tinha para dar.

Absorveu todo o meu saber, como o de todo mundo. Possuía a inteligência da mãe. Parecia ser filho apenas de Mairi Sinclair. Independente, orgulhoso, teimoso... não, obstinado. Muitas vezes, acreditei que ele me odiava, e talvez isto seja verdade. Mas nunca tentou escondê-lo. Não havia bajulações para o Senhor de Cluain. Eu poderia ter tomado a vida mais fácil para ele quando cresceu, mas não escolheu o caminho fácil. Aprendeu tudo o que eu tinha para lhe ensinar... a fazenda, a destilaria. Já possuía o talento de sua mãe com animais e a natureza. E então, chegou o dia em que deixou o vale e foi para a escola em Edinburgh, com dinheiro

dado pela mãe e com suas economias dos salários. Nem ele, nem a mãe aceitariam um centavo além do que tinham ganho... e ganho duplamente... trabalhando para Cluain. Nem hoje, ele aceitaria. Os privilégios que parece ter são seus por direito e acordo. Quando lhe pedi para voltar à destilaria, ambos sabíamos que seria sob suas condições. Ele não aceita favores de mim... não espera nenhum. Desde que tem recusado tudo que lhe ofereço, não tenho razão para acreditar que, se eu lhe contasse a verdade, lhe oferecesse uma sociedade em Cluain, não iria atirar tudo no meu rosto. Sabe... eu o conheço, e conheço-me também. Ele saberia que, se eu lhe fizera tal oferta, não seria porque o amava como um pai deve amar um filho, mas porque Cluain precisava dele. Tentei amá-lo... não está em mim. E assim que ele soubesse, se existisse vingança em seu coração, poderia tê-la, apenas recusando Cluain. Seria o meio mais certo...

— E ele recusaria, amo. Conheço meu filho.

Ter íamos esquecido Mairi Sinclair somente por que ela permanecera calada? Estava imóvel, os olhos escuros, com tom mais carregado na penumbra, alta e majestosamente ereta, uma mulher irresistível e atraente, e ninguém se admirava da qualidade magnética que teria possuído aos 17 anos, bonita, então, e com saber excessivo para a idade, diferente de outras moças, como era de outras mulheres agora. Imaginei-a lá no alto dos pastos, afastadas das outras quando as fogueiras se acendiam à noite, e havia riso entre os jovens, e brincadeiras em que ela não podia tomar parte. O último brilho do crepúsculo sobre a montanha e o Senhor de Cluain como companheiro. Não o homem que víamos agora, porém um mais jovem, com cerca de 30 anos, ainda lutando para fazer de Cluain o que era, com sonhos por realizar, cheio de desejos e esperanças. Talvez fosse do mesmo modo com a garota de cabelos pretos, a menina com talentos já aparentes, e beleza, e o início da sabedoria no rosto, a garota da cabana de um pequeno caseiro, tão feroz em seu orgulho, quanto em sua pobreza. Não uma garota para flertar, implorar ou falar, mais tarde, mesmo quando sua vida quase lhe foi tirada por espancamento. Tampouco, uma menina que negasse a vida à criança que carregava no ventre. Como podíamos tê-la esquecido, mesmo por alguns segundos?

— Nunca devia ter escrito esse nome, amo. Eu teria destruído a Bíblia, o livro sagrado, se soubesse que estava escrito. Nem sequer isso... há ácidos que queimam o papel, deixando somente algo sem importância para os olhos argutos de uma menina ardilosa.. , meninas pequenas que conhecem somente a aparência do que veem, não o que está no coração. Nunca deveria ter sido escrito, amo.

Ele suspirou.

— Lembre-se de que escrevi o nome depois da morte de minha mulher.

Talvez eu o tenha escrito por remorso, sabendo que, então, a verdade não poderia magoá-la... mas era uma mulher com uma grande alma, acho que teria suportado a verdade, e talvez Callum houvesse sido menos perverso com ela, do que comigo. Talvez eu possuísse certa noção disso, como um último testamento. Se os netos desconhecidos não podiam ser meus, então, depois da minha morte, a verdade seria clara. Olhei para aquele nome novamente... o de Callum... no dia em que registrei a morte de William. Mas Callum e eu estávamos tão separados, que não significava mais para mim do que a outra neta, ainda na China. E então, ela veio...

— Amo, lembre-se de que seria uma crueldade inútil contar à senhora. Recorde que lhe jurei, quando me forçou a confessar que era o seu filho que eu carregava comigo, que se o senhor contasse, algum dia, à senhora, eu partiria imediatamente de Cluain, e levaria a criança. Poderia ter duas mulheres que, reconhecidamente, estimava sob o mesmo teto? Poderia esperar que eu ficasse? No começo, era um castigo todas as vezes em que eu tinha que encontrar os olhos da senhora, mas fiquei porque queria que meu filho fosse criado aqui, não em algum cortiço da cidade. O castigo que eu deveria suportar seria meu, não dele. Mas ele não seria seu filho. Não era filho de ninguém, a não ser meu. Sempre pensei, no entanto, que ele sabia. Quando cresceu, pareceu descobrir a verdade, embora eu nunca lhe tenha falado nada. É como diz, amo, como se ele tivesse nascido sabendo, e usado maldosamente este conhecimento para puni-lo... para lhe negar o que todos sabíamos que o senhor mais desejava... seu próprio filho. Se ele nunca aceitou um presente, foi porque jamais conseguiu obrigar-se a lhe agradecer por ele. Callum não podia agradecer a ninguém. É uma falta grave, amo, e ela me amaldiçoa. Não posso agradecer, mas também não aceito agradecimentos. Faço o que posso, o que vejo ser certo, como Deus me permite ver. Quando seu neto chegou... era tão simples, tão encantador, e os dois se davam tão bem, como se fosse ele, e não Callum, que tivesse passado a vida aqui, senti-me possuída de ciúme e inveja. Queria seus pensamentos apenas para Callum. Rezei muito para me livrar daqueles sentimentos, e acreditei que, finalmente, minha alma se libertou deles. Seu neto morreu, e senti como se ambos tivéssemos sido julgados, paia ver sua felicidade destruída. Mas, então, chegou esta menina para tomar o lugar do irmão, e sofri novamente de ciúme e inveja. Lutei e rezei para combatê-los, e comecei a compreender que meu filho jamais iria lucrar com o erro que eu cometera. E eu sabia que erro ele cometia com aquela mulher, Margaret Campbell. Era errado... totalmente errado. Parecia brotar de mim, como se eu lhe tivesse dado a semente do mal. Só posso rezar por perdão, pela falta de que ainda não estou livre.

— Amaldiçoados sejam suas preces por perdão, Mairi Sinclair! — gritou Morag, com a violência de um ódio reprimido. — A senhora e este velho aqui... tão

preocupados com suas almas e consciências! E seu filho? Até lhe ter dito, frente a frente, qual é a sua posição nesta casa, não têm direito, os dois, de se preocupar com sua salvação e arrependimento. É mais que isso. Agora, é um assunto que Callum deve resolver. Os senhores o privarão de sua herança porque suas almas estão atormentadas? E o senhor, amo, se envolverá em um plano de sociedade com outros destiladores, deixando seu filho de fora porque, há muito tempo, não teve coragem de lhe contar a verdade? Segundo sua opinião, não está bem no alto, agora, para se permitir tal gesto? O Senhor de Cluain é um homem tão insignificante que não pode fazer com que os outros aceitem seu filho? Pense sobre isso, amo, porque se o senhor não contar a Callum, então, eu o farei, certamente. E algum dos senhores pode negar agora o que viram escrito na Bíblia?

— Mas ele sabe! — consegui dizer, afinal. — Ele sabe! Mesmo que não tenha ouvido a verdade em palavras, de sua mãe ou de meu avô, ele sabe, com toda a certeza.

Morag se voltou para mim:

— Tem certeza?

— Absoluta, e pela forma segura que uma mulher sabe. Falarei diante de todos porque não estou... não posso estar... envergonhada disso. Callum Sinclair teria sido meu marido, se eu pudesse tê-lo. Sim... eu o queria assim, mas ele não se deu a mim, e continuou o seu caminho, seguiu outra mulher até o instante em que ela morreu. Ele jamais teria sido meu, contudo, mesmo se não houvesse amado Margaret Campbell. Agora vejo isto... com grande clareza. Não podia ver antes. Ele tentou me dizer... tentou. Mesmo não tendo nada para provar de quem era filho, ele o pressentia, e tentou impedir que eu o amasse. Como se fosse possível! Prossegui, e mantive a esperança. Agora, sei o que nos separava, e nunca houve esperança alguma.

Não me importei que todos soubessem como eu havia amado Callum. Que conhecessem os perigos que tinham corrido, de um amor sombrio e proibido crescer! Que soubessem como eu estivera perto da desgraça final! Lembro-me de como ele havia gritado para mim na montanha, naquele dia:

Esqueça este dia, Kirsty. Esqueça! Seu instinto tentara salvar-me; se ele tivesse certeza, a expressaria em palavras. Mas Callum e eu éramos parecidos; ambos persistíramos em nossos amores contra a razão e a esperança.

Voltei sobre meus passos, deliberadamente, e sentei-me diante da Bíblia, lendo os nomes mais uma vez — o de William e o meu, registrados antes do de Callum, que deveria precedê-los.

— Há um erro que precisa ser corrigido, avô. Compreendo que, enquanto William viveu, o senhor tinha esperança em um herdeiro legítimo para Cluain... mas mesmo assim, não teria feito justiça. Acho que foi muito condescendente consigo mesmo durante todos esses anos, desde que minha avó morreu. Quando Callum era criança, sua mãe falava por ele, impunha condições, mas quando Callum se tornou adulto, não havia desculpa, diante de Deus, para não lhe contar a verdade. Ele deveria ter recebido uma parte de Cluain... sob qualquer pretexto que o senhor ou ele quisessem apresentar ao mundo. Isso, ou uma chance de Callum recusar, honestamente. De dizer não ao senhor! Mas continuou depositando suas esperanças em William, e empurrando para um lado uma vergonha antiga. Como qualquer um dos senhores pode falar por Callum agora? Principalmente agora, quando meu irmão não lhe dá mais a menor razão para se calar? Quando William morreu, avô, sua última desculpa desapareceu com ele. A vergonha é maior para o senhor neste momento, quando fala de uma sociedade com os Camerons e Macquaries, e até de me casar com um deles... e deixa seu filho de fora.

— Ele recusará. Não aceitará nada de mim.

— Então, deixe-me ouvir isto do próprio Callum! Deixe todos nós ouvirmos. Precisamos de Morag para realizar essa tarefa por nós? Eu mesma contarei a Callum, se o senhor não o fizer. Falarei, e depois deixarei Cluain. Porque eu o amei, avô. Compreende o amor? Duvido muito. Este foi um amor errado, uma coisa errada e deturpada. Não poderia ficar aqui, e ver Callum dia após dia, e deixar essa verdade apodrecer em mim. Mas antes de partir, contarei a ele... juro! Não verei Cluain dividida sem o consentimento de Callum. Se for este o seu desejo, então, que fale. Mas em tudo o que senhor está decidindo agora para Cluain, lembre-se de que os Camerons e Macquaries não ficarão imóveis depois de sua morte. Eles repartirão Cluain, acabarão com o que construiu. É sempre assim que estas coisas acontecem, não importa que promessas sejam feitas, que contratos sejam assinados. Deve saber que em relação aos Camerons e Macquaries, o senhor tem um enorme contrapeso. Santo Deus, em Callum Sinclair o senhor tem um homem!

Então, não pude mais suportar. Escondi o rosto nas mãos e rezei para não chorar ali, naquele momento, por tudo que havia perdido e por tudo que consequentemente deixaria de ter. Callum não seria meu. Senti a grande desolação da realidade. Não havia sobrado nada para amar.

— Há algum uísque nesta casa? Preciso de um gole ou dois. Acabei de chegar de Edinburgh... e de Ballochtorra.

A voz de Callum. Ergui a cabeça rapidamente, e meu estado de espírito pareceu saltar para o alto com o prazer que senti; então, surgiu a recordação

entorpecida. Ele estava de pé à porta do corredor da cozinha, o corpo apoiado contra a moldura, com uma expressão de exaustão. Nunca se parecera tanto com a mãe. Os olhos fundos revelavam a falta de sono; perguntei-me se ele pensara em comer desde que Margaret morrera; o rosto e lábios estavam chupados e brancos. Houve silêncio quando ele entrou na sala e se sentou à mesa sem ser convidado. O movimento pareceu libertar-nos de uma espécie de encantamento. Minha cadeira arranhou o chão quando a empurrei e corri para a garrafa de cristal lapidado, desejando estar lá antes de Morag. Mas ela já tinha a mão sobre a garrafa e bati-a com força contra o copo quando a puxei de sua mão.

— Eu servirei — falei.

Já estava farta de Morag. Ela estava certa em sua exigência de justiça para Callum, mas ela o fazia por interesse. Perguntei-me por que eu nunca vira ambição, antes, nos olhos brilhantes e inteligentes, a vontade sempre presente de ajudar, a fome de saber. Para uma jovem que vivia no vale tranquilo e calmo, Morag sabia demais, e ela guardara o que sabia de mais importante para si mesma, até poder tirar proveito disso. Não queria mais saber dela.

Derramei o uísque em um copo grande e misturei um pouco de água. Coloquei o copo na mesa, em frente a Callum. Pegou o copo devagar, e bebeu um gole. Depois, pousou o copo novamente.

— Precisa comer — falei. — Morag trará alguma coisa.

— Morag não trará coisa alguma. Ficaré onde está. E não preciso de comida. Tomou outro gole.

— Pergunto-me, o que está acontecendo com Cluain? Entrei e coloquei o pônei na cocheira e ninguém me ouviu. Nenhum cão latiu. O bando do Grande Billy não abriu a boca. Um homem pode ser conhecido demais em uma casa. Todos estão tão preocupados com seus problemas, que não têm ouvidos para nada. Estive de pé ali cerca de meia hora. Não me escondia... fiquei apenas de pé, onde qualquer um poderia me ver, se tivesse olhado. Era uma conversa interessante demais para ser interrompida. Não é sempre que um homem tem a chance de ouvir a verdade sobre si mesmo... boa e má. Principalmente, pareceu-me má.

— Se tivesse a decência de se apresentar... — começou meu avô.

O gesto cansado de Callum para que se calasse o silenciou.

— Quer falar de decência agora, Sr. Macdonald? — olhou ao redor. — Bem, não deixaram quase nada sem ser dito. Nunca ouvi tanta tagarelice piedosa em toda a vida. , não, peço desculpas — virou-se de lado, pegou minha mão e me fez sentar

ha cadeira vizinha à sua. — Desculpe, Kirsty. Eu não me referia a você. Lamento tudo. Este verão tem sido o clímax da minha vida... tem sido tudo. Para você, tem sido o inferno. O tipo de inferno em que vivo agora. Sim, tentei impedir, mas como se pode dizer a alguém para não amar? Não queria que se magoasse, mas não compreendia como seu sentimento era profundo. Perdoe-me por não lhe ter concedido os sentimentos que, eu mesmo, nutria por Margaret. Cometi uma injustiça contra você. Eu teria dito mais, se adivinhasse que era mais que uma pequena fantasia. Eu teria detido você, porque sabia que eu deixaria Cluain quando Margaret partisse, no fim do verão. Oh — gesticulou com o copo — eu sabia que não ficaria com ela. Não a seguiria até Londres, como um menino apaixonado, embora fosse isto que eu era. E não poderia esperar aqui, para ser, novamente, no ano seguinte, um divertimento de verão para ela. Eu não estava totalmente cego, embora a amasse. Não a culpava... ela nunca compreendeu, inteiramente, o que era para mim. Mas eu sabia que não poderia suportar isto aqui sem ela. Partiria, e com o tempo, Kirsty, você amaria outro, e nenhum dano seria causado. Como parece estúpido agora... nenhum dano seria causado! Mas foi isto que pensei. Se eu sonhasse que você ficaria tão ferida, nada me teria impedido de falar.

— Sabia, então... sobre meu avô?

— Meu pai.

Era como se estivéssemos falando, sozinhos, naquela sala. De repente, as barreiras caíram. Era a primeira conversa livre e franca que tínhamos, e aconteceu diante de uma plateia. Não importava. Todo o fingimento desaparecera, todos os esforços. O amor estava ali, ainda. Como o nome escrito na Bíblia, não podia ser apagado, mesmo com o ácido da minha dor; mas havia passado por uma estranha transformação. Eu via Callum com outros olhos, mas não com olhos menos amorosos.

— Meu pai. Sim, eu sabia... ou adivinhava. Não que alguma coisa houvesse sido dita, e não suspeitava de que ele pudesse ser Capaz de ter o sentimento que o fez escrever meu nome na Bíblia. Talvez tivéssemos uma chance e a perdemos... há muito tempo. Mas o tipo de sentimentos que tínhamos só poderia existir entre duas pessoas com um parentesco tão próximo quanto o nosso. Eu não poderia me envolver tanto com alguém que não fosse ligado a mim. Simplesmente, eu não teria me importado. Parece que só consigo amar ou odiar. Durante quase todo o tempo, pensei que o odiava... insuportável, arrogante, demasiadamente orgulhoso de si e de

Cluain. Então, às vezes, senti muita pena dele, envelhecendo sozinho, sentado aqui à noite, sem ninguém, indo para a cama sozinho. Se minha mãe acha que salvou sua alma porque se recusou a casar com ele, então, deveria procurar em seu coração

um pouco de caridade cristã por ele. Por tudo que ela diz de preces, não o perdoou... nem a si mesma. Ela teve sua vingança, e chamou-a de penitência. Durante todos estes anos, embora ela tente negá-lo, deve ter acreditado que Cluain seria minha. Quem mais havia? Nós discutimos, o velho e eu, e ainda assim, teve que me chamar de volta. Fiquei contente quando William chegou. Porque me libertou. O velho tinha companhia e esperança. E eu estava livre. Não me encontrava mais dominado por um futuro que poderia ser ditado para mim. Não precisava aceitar ou recusar Cluain. Tudo mudou novamente quando William morreu... e Margaret entrou em minha vida. Tudo mudou tão de repente, que minha cabeça girava na tentativa de compreender. Vivia em uma ofuscação de alegria por que tinha Margaret, e estava cego em relação ao seu sentimento. Eu sabia que iria doer como a morte quando terminasse. E é como a morte. Lamento, Kirsty. Nunca teria deixado ser desta forma para você, se não estivesse tão envolvido por minhas alegrias e infelicidades.

O rosto exausto se virou para mim com uma expressão de bondade que eu nunca vira antes. De repente, coloquei a mão sobre a sua, que jazia sobre a mesa, apenas pousei a minha, gentilmente, sem apertar. Era como se tocasse em William. ,

— Ambos sobreviveremos — falei. — Ninguém morre tão facilmente. Deixarei Cluain, e você ficará, porque precisa. Mas ambos sobreviveremos.

— Não ficarei em Cluain — disse ele. — Por nada. Nem por este homem idoso, nem por algo que ele possa me dar. Concluo que existe um boato sobre uma fusão com os Camerons e Macquaries... bem, não ficarei por isso, tampouco. Não há nada que alguém possa me dar agora. Assim, é você quem precisa ficar, Kirsty. Terá que lutar pelo futuro de Cluain. Tentarão lhe arranjar um casamento, mas não aceite nada que você mesma não queira... não aceite ninguém e nada em que não exista vontade e amor. Tendo amado uma vez, você procurará o amor novamente, ou viverá sem ele. Não aceitará o que finge ser amor... nem por dinheiro, nem por conveniência, nem pela paz. Você e eu, Kirsty... não somos feitos para a paz. Não é uma herança de família.

Samuel Lachlan não pôde mais se conter. Os óculos se soltaram, o copo virou e o uísque se derramou em suas calças.

— Quer dizer, Sinclair... Callum... que não ficará em Cluain? Que recusa a oferta do Sr... de seu pai? Que não permanecerá e assumirá seu lugar... quando chegar o momento, naturalmente?

Callum pareceu não ouvi-lo. Olhava diretamente para mim, de uma maneira que não fizera, quase desde a primeira vez em que nos encontráramos, um olhar que

perscrutava meu rosto, com ternura e compaixão. Então, senti sua mão, que havia descansado sob meus dedos, dobrar-se calma e lentamente, até envolver a minha, segurá-la, puxá-la para si, para o consolo que pudesse oferecer.

— Lamento, Kirsty — repetiu. — Deixo-lhe um futuro difícil. Cluain não é um presente, mas um fardo. Desculpe-me.

Só então olhou para os dois homens além de mim.

— Não, não vou ficar. Meus anos de trabalho por Cluain terminaram. Não podemos desfazer o passado... meu pai e eu. É tarde demais, para ambos. Não podemos deixar de ser o que somos, e o que somos não subsistirá em companhia um do outro. Portanto, continuem e façam os planos que achem necessários. Não serei parte deles. Partirei assim que encontrarem alguém para me substituir.

— Tem certeza? — perguntou meu avô.

Olhou para Callum e seu rosto se retorceu, amargurado. A farsa não existia mais entre eles, tampouco. Devia ser quase impossível para Angus Macdonald compreender que Callum quisesse partir, deixando para trás a chance de ser Senhor de Cluain, embora, até aquele momento, ele não houvesse oferecido Cluain, formalmente. Parecia muito velho, as rugas antinaturais em sua dureza. Pensei que, durante 30 anos, ele carregara no fundo de sua mente o pensamento de Callum, talvez acreditando, de forma inconsciente, que se todos os planos falhassem, havia o derradeiro herdeiro para Cluain. Agora, 30 anos se tinham passado, e Callum ia embora. Só eu lhe restava.

— Transforma-se em cinzas — disse ele. — Um homem trabalha a vida toda... para quê? Você e eu, Samuel, para que trabalhamos?

O outro homem parecia mais assombrado que nunca. Tudo ao seu redor, as forças em que baseara sua vida, a santidade do trabalho duro, a inviolabilidade do capital, dos bens, estava sendo desafiado. Dois jovens se encontravam diante dele e nos últimos minutos, havia ouvido cada um de nós recusar o que ele e Angus Macdonald levaram a vida toda para construir. Sacudiu a cabeça, mudo.

— Bem, então, Callum Sinclair, não queremos detê-lo — disse meu avô. — Ainda sou capaz de trabalhar um dia inteiro na destilaria. Estamos quase iniciando a maltagem, e sei muito bem como é feita. Ainda não perdi a visão e o olfato para o bem uísque. Não vamos detê-lo um dia além do necessário. Se Cluain não o satisfaz, então, não vamos prendê-lo aqui contra sua vontade. Encontraremos outro homem. Há muitos que ficariam contentes de vir para Cluain. Não se preocupe, imaginando que não produziremos bom uísque sem sua ajuda — era a demissão final.

Mairi Sinclair fez apenas um gesto de protesto. Sua mão se estendeu, de súbito, como se fosse manter Callum sentado ali, como se fosse mantê-lo para sempre. Depois, a mão caiu devagar, novamente. Ela também perdia Callum. Os anos em Cluain, sem ele, também se estendiam à sua frente.

Quase no mesmo instante em que sua mão tombou, o protesto real veio de Morag:

— Callum... está louco! Não pode fazer isto! Não pode jogar fora tal prêmio. Pense bem! Cluain! Não é tudo que um homem poderia querer? Uma bela casa, uma boa fazenda... uma destilaria famosa. Olhe para estes dois velhos! Você tem apenas que sacudir a cabeça, mesmo agora, e será sua. Não acredite no que ele diz sobre continuar. Ele aceitaria você... e com alegria. Ele tem pouco tempo. Precisa de você. Céus, você perdeu a razão com a morte dessa mulher! Com o tempo... em pouco tempo, descobrirá que ela não importava. Uma criatura frívola, volúvel. Você se perguntará como pôde lhe conceder seu tempo e pensamentos. Ela não valia mais que sua beleza.

Callum se voltou devagar para ela. Morag, depois de lutar comigo pela garrafa, recuara para a porta do corredor da cozinha, quase além da luz das velas, onde Callum estivera de pé, como se fosse passar despercebida e, assim, não seria mandada embora.

— E o que tem você a ver, Morag, com a forma como gasto meu tempo, com quem escolho para dar meu amor? Dei ambos... alegremente. Não importa o que Margaret era. Retribuiu-me com coisas que mulher alguma jamais me havia dado. Sua morte não as tirou de mim. Permanecem para sempre.

— Então, você é duplamente louco! Sua razão está em seu corpo, não em sua mente! Pergunta o que tenho a ver com isso? Minha vida... é isto que tenho a ver! Desde que voltou, desde que eu tinha 15 anos, esperei por você, Callum Sinclair. Tenho esperado e aprendi a fazer e a ser tudo que uma mulher para um homem como você deveria ser. Pensa que não existiram outros atrás de mim? Sim, veja-me! Você não teria reparado em mim mais cedo, se eu tivesse as roupas de Margaret Campbell, as mãos macias e cavalgasse uma égua como a dela? Minhas mãos são ásperas, mas meu rosto não é, meu coxpo também não. Nunca houve nenhum outro para mim a não ser você, Callum. Não posso suportar ver você desprezar Cluain. Eu contava com você... e com Cluain. Devia ser o seu futuro, e o meu. Mesmo Angus Macdonald deve entender isto. Juntos, Callum, você e eu... podíamos ter uma geração inteira para herdar Cluain. Crianças... filhos. Eu poderia lhe dar tudo... e dar a Cluain o que ela mais precisa. Não, não pode jogar isso fora. Não permitirei! É demais, se o que fiz foi para nada.

— E o que fez, Morag?

Ela ficou em silêncio durante algum tempo. Fixei-a, fascinada. Ela era como um animal que saía de uma concha, de repente; os lábios vermelhos eram carnudos e ardentes; não havia um sorriso vitorioso agora, mas a posição obstinada de uma mulher no fluxo total de suas necessidades e desejos, alguém que vê os frutos de um trabalho difícil a ponto de lhe serem arrebatados. Ela era muito diferente da aceitação enfraquecida, resignada, envelhecida de Samuel Lachlan e meu avô. Não havia resignação em Morag; ela lutava.

— O que fiz? — repetiu ela, afinal. — Amei você, Callum Sinclair. Foi isso que fiz. Amei você legitimamente, guardando-me para você. Não como o amor daquela mulher, Margaret Campbell, que procurava passar um verão ocioso e enfeitiçou-o, enlouquecendo-o. Ela perdeu um amante quando Master William morreu, e olhou ao redor à procura de outro que ocupasse o seu lugar. Não, meu amor não tem sido assim, nem como o amor desta menina aqui, que amou quem não devia... bem, não é culpa dela, mas é uma tola, e estava apaixonada, por isto não me ouviu quando tentei lhe dizer que você não era para ela. Tenho amado você como uma mulher deveria amar, pronta para fazer tudo por você, para ser tudo. E esperei. Portanto, compreende que não pode deixar Cluain. Não pode me deixar.

Callum bebeu de seu copo novamente.

— Quantos anos tem, Morag?

Ela ficou ereta e empertigada.

— Tenho idade suficiente. Quase 18.

Ele sacudiu a cabeça.

— É uma triste perda, Morag. Pensa que não tenho visto você? Tenho. Vi você na cozinha de minha mãe, e não vi uma mulher, mas uma criança com um coração ardiloso. Não há inocência em você, Morag. Fala de Margaret Campbell... mas o que sabia dela? As mentes perversas de pessoas como você é que a fazem parecer maculada e corrupta. Ela não era assim. Nunca foi capaz de um gesto calculado. Era simples... até sincera, não importa o que diga o mundo. Nunca se detinha para levar em consideração que a amizade com um homem, o riso, a diversão podiam levar ao amor. E quando o amor chegava, ela o aceitava alegremente, com sinceridade. Você não compreende esse tipo de amor. Nunca poderia entender. Não sabe o que é o amor, Morag. Esperou e planejou. Planejou o quê? Não sei. Até onde me diz respeito, tudo está perdido. Volte seus talentos para outro lugar. Eu irei embora.

— Já disse, Callum Sinclair — intrometeu-se Angus Macdonald — que não temos necessidade de você aqui.

Como sua voz se tornara fria e cansada; senti a raiva dominando sua rejeição.

— Irei — replicou Callum — assim que me for permitido. Podem haver procedimentos legais que exigirão que eu fique mais algum tempo.

— Um inquérito? — falou meu avô com desprezo. — E o que será, senão mera formalidade? Porque o xerife é amigo dos Campbells, dará uma desculpa falsa, mas, naturalmente, você terá que contar o que aconteceu, já que estava com ela. Toda a região saberá o que faziam, embora você escolha suas palavras com cuidado. Seu relacionamento com Margaret Campbell já era um escândalo. Você não poderia afirmar que a atendia como palafrenero.

— Nunca fingirei que fui palafrenero de ninguém! Mas haverá mais do que uma desculpa policial para a sua morte. A razão da morte é bastante clara. Ela quebrou o pescoço quando a égua escorregou sobre as pedras da cascata, e Margaret caiu de cabeça. Ela não viveu além daquele segundo. Mas ouve mais que isso. A égua não sofreu uma queda normal. Eu cavalgava atrás de Margaret e vi claramente. A égua não escorregou... cambaleou. E em um mau lugar. Eu notara que havia alguma coisa errada e gritei a Margaret que desmontasse. Ela, porém, poucas vezes dava atenção a conselhos desse tipo. Prosseguiu, atravessando o vau, e foi lá que as pernas da égua se dobraram, de repente, e ela e Margaret caíram juntas sobre as rochas abaixo.

— A égua estava doente? — meu avô se inclinou para a frente. — Não é costume de Ballochtorra tirar um animal doente de suas cocheiras.

— A égua estava bem quando saiu. Eu disse que acabei de vir de Ballochtorra. Falei com Gavin Campbell, como tive que fazer antes, para ter, em primeiro lugar, sua permissão para agir. Retirei o estômago da égua antes de ela ser enterrada lá no alto, perto do meu chalé. Depois, levei-o a um patologista em Edinburgh... um amigo de escola. Não lhe contei tudo o que acontecera. Ele confiou que eu faria bom uso de sua informação. E a lei, provavelmente, me agarrará pelo pescoço por eu ter investigado por conta própria. Mas eu não estava absolutamente certo. Se estivesse errado, o filho de Margaret sofreria ainda mais... sem necessidade. Se eu tivesse esperado para chamar a polícia de Grantown e todo o resto, a região vibraria com as notícias e, talvez, eu estivesse errado. Esperava estar, mas não estava.

— O que o homem descobriu, então?

— Cicuta... mais do que vestígios de digital... dedaleira. Meimendro... hiosciamina. A égua comeu suficiente cicuta para morrer, eventualmente. Ela havia comido enquanto nós... enquanto Margaret e eu estávamos na cabana. O andar vacilante foi o começo da vertigem causada pela droga... assim me disse o patologista.

A voz tremeu ao lembrar os detalhes da cena. Recostou-se na cadeira e bebeu mais um gole do uísque.

— Havia um saco de ração com aveia lá. Eu fizera uma cocheira rústica da segunda metade da cabana... apenas para abrigar os animais do tempo, talvez para protegê-los de olhos curiosos, caso alguém viesse por aquele caminho. Mas as pessoas nunca subiam aquela trilha, exceto com um propósito... o tojo lá em cima chega até nossa cabeça, e só iriam lá à procura de uma ovelha perdida. Nunca vi ninguém... por isto, é improvável, mas também nunca deixei qualquer alimento lá. Por que o faria? Não queria informar sobre a nossa presença... o uso do lugar, mais do que era preciso. Mas, naquele dia, o saco com ração estava lá, quando amarrei a égua e o pônei. Margaret desmontara e entrara na cabana. Eu não lhe disse nada sobre o saco. Pensei que era um tipo de pista cruel, de alguém que sabia que nos encontrávamos ali, e que queria fazer uma brincadeira de mau gosto. Nada do que fazíamos lá era feio... e eu não queria que parecesse assim para Margaret. Mas nunca me perdoei por não ter colocado o saco de aveia longe do alcance da égua. Não há dúvida de que ela comeu do saco.

— Céus, que tolice! — gritou Morag. — Está transformando a coisa em um acontecimento importante e trágico porque sua amante morreu, e quer que outra pessoa sofra por isso. A região está cheia de cicuta nos locais isolados. Onde a cicuta não é cortada, desenvolve-se e cresce selvagememente. Toda criança sabe disso.

Mairi Sinclair interveio.

— A cicuta é uma planta com mau cheiro e mau paladar... repulsiva. Somente animais famintos a comeriam. Cavalos de Ballochtorra jamais tocariam em tal coisa em seu estado natural. Quanto ao meimendro... não sei. A cicuta estava na aveia. Uma dose forte, certamente.

— Como sabe que estava na aveia?

— Eu sei. Eu sei que a égua jamais poderia comê-la, ao pastar, em quantidade suficiente para provocar tal concentração no estômago, a ponto de matá-la. Ratos podem morrer por mordiscar a cicuta... cavalos, não. A égua não teve uma queda natural. Estava morta quando John foi sacrificá-la?

Callum sacudiu a cabeça.

— Não, mas não gritava e se debatia como um animal faria sob a dor forte de uma perna quebrada. As drogas faziam efeito, completamente, então. John me disse que ela jazia muito quieta, e mal abria os olhos quando ele se aproximou. Pedi-lhe para não dizer nada, e concordou. Ele confiava em mim, também. Pensei na aveia, e subi lá assim que amanheceu, para trazer o saco. Mas não estava lá. Não tenho prova de que a égua comeu a cicuta do saco de aveia, ou o meimendro, digital ou beladona. O que tenho que descobrir... e talvez ignore sempre... é quem é que sabia que Margaret e eu nos encontrávamos lá. Se significava apenas um aviso... o aviso de algum fanático de espírito tacanho de que o preço do pecado é a morte, então teve sucesso. Mas era para a égua... e agora, Margaret está morta! Meu Deus, se ela tivesse desmontado quando gritei! Se não houvesse atravessado o vau... — passou a mão pela testa. — A investigação pode não revelar nada além destes fatos... e não posso produzir o saco de aveia. Mas não deixarei o vale, até descobrir todas as pessoas que sabiam que Margaret e eu nos encontrávamos lá. Descobrirei!

— Eu sabia — falei. — Sabia e fui lá na véspera da morte de Margaret.

Callum balançou a cabeça com incredulidade :

— Kirsty! Você não podia...

— Não fui eu. Eu lhe disse que sabia. Fui lá. Mesmo com tudo que havia visto, mesmo depois da noite da festa do Príncipe, ainda não conseguia acreditar. Mas quando vi a cabana... como não acreditar, então? O saco de ração estava lá, e durante os poucos minutos em que fiquei de pé à porta da cabana, Ailis comeu. Não teve tempo de comer muito. Viveu.

— Como soube, Kirsty? Sobre a cabana?

— Morag.

Ela não pestanejou sob nossos olhares. Permaneceu ereta, cintilante de raiva e paixão.

— Sim, eu sabia. E metade do vale também.

— Mas você mç contou na noite da festa da colheita, Morag. Disse-me onde ir e o que procurar. E na manhã seguinte, muito cedo, à primeira claridade, você saiu de Cluain. Eu vi você. Mais tarde, você me disse que fora levar alguma coisa que a Sra. Sinclair lhe dera para uma criança doente de um dos trabalhadores.

As palavras de Mairi Sinclair foram ásperas e secas:

— Eu não a mandei.

A cabeça de Morag se ergueu ainda mais.

— 'E daí... se ela não me mandou? Que direito tinha de perguntar? Não posso ter minha vida? É Callum Sinclair o único que pode ir encontrar um amor, se quiser?

Callum pousou os dois braços sobre a mesa, e colocou o queixo em uma das mãos, esfregando-o com cansaço. Não olhou mais para Morag.

— E o que significa tudo isto que disse sobre se guardar para mim? — suspirou, e pensei que não continuaria. — Morag... Morag, não minta! Havia ou não uma criança doente? Havia ou não um amante para encontrar?

Falei quando Morag não fez nenhuma tentativa para responder.

— Ela planejou para mim. Fez-me saber sobre a cabana naquela noite, como se balançasse uma isca diante de mim, e levou o saco de aveia na manhã seguinte, sabendo que eu não resistiria a ver a prova por mim mesma. Para pessoas como Morag, devo parecer tão tola... mas quem não é quando ama? Fui, como ela previu. Não havia nada tão óbvio quanto veneno para mim... mas alguma coisa para tentar Ailis. Quem sabia o que poderia ter acontecido? Todos sabem que Ailis come tudo que vê à sua frente, enquanto estiver lá. Ela poderia ter caído em qualquer lugar da trilha... a maior parte é estreita e há grandes pedras por quase todo o caminho... um trecho dele é perigoso para uma amazona como eu. Uma queda... talvez uma noite ao relento. Ailis drogada demais para voltar a Cluain. Talvez morta. Talvez eu mesma ferida, e com sorte, alguma chuva. Quem sabe eu não teria seguido o caminho de William? Levaram três dias e duas noites para encontrá-lo.

— O que isto tem a ver com Margaret? — perguntou Callum com dureza, obrigando-se a se sentar ereto.

— Sim... O quê? — eu me perguntava isso, lembrando, tentando recordar cada momento do dia em que Callum martelara a porta, e as botas soltas e penduradas de Margaret tinham pingado água da chuva quase no meu rosto. — Lembro que levantei tarde naquele dia... o dia em que Margaret morreu. Tínhamos passado a noite toda acordadas na cocheira com Ailis... a Sra. Sinclair e eu. E quando me vestia, vi Margaret cavalgando à margem do rio. Foi uma surpresa vê-la... Morag havia dito que ela e Gavin estavam em Cawdor, e iam para algum outro lugar depois. Era um dia tão feio... a chuva desabando. Adivinhei onde Margaret ia, e só para mostrar a Morag que não me importava tanto quanto ela supunha... que fingimento idiota!... eu lhe disse que vira Margaret cavalgando. Lembro que Morag se apressou com a minha refeição e falou que tinha verduras para preparar, mas quando fui à copa, ela não estava lá.

— O que está dizendo, Kirsty? — interrogou Callum, impaciente. — Explique-se, por Deus!

— Estou tentando! — rebati-lhe, cansada de tudo. — Acho que está ficando claro — olhei para Morag. — Foi planejado para mim, não foi, Morag? Para Ailis? Margaret não importava, não tanto. Callum nunca se casaria com ela, que iria embora breve. Mas eu estava aqui... e em sua cabeça, eu estava no caminho, impedia Callum de ter Cluain. Você subiu a montanha depressa, naquela tarde em que lhe disse que vira Margaret cavalgando? Sabendo, tão bem quanto eu, onde ela iria em uma tarde como aquela? Foi buscar o saco de ração antes que sua égua ou o pônei de Callum se aproximassem do alimento? Não esperava ninguém lá tão cedo... ela estava, supostamente, em Cawdor. E chegou tarde demais. Margaret e Callum estavam lá antes de você, e a égua de Margaret havia comido a aveia. E Margaret caiu com a égua.

— Está me acusando? Não tem a menor prova!

— Não... não tenho. Mas é você tão inteligente para pegar as chaves do compartimento de ervas da Sra. Sinclair, quanto foi ao conseguir a chave da Bíblia? Teria que ser uma dose forte de cicuta... somente o sumo para misturar com a aveia. E um pouco de digital, só para reforçar? Um pouco de meimendo.

— Ah, agora é cicuta do quartinho da Sra. Sinclair, é? Então, por que não poderia ser a Sra. Sinclair que colocou o saco de aveia lá? Por que deveria ser eu? Não tinha ela motivos para não gostar de Margaret Campbell, que levava seu filho para o que ela chama os caminhos de improbidade? Não possui ela a habilidade para misturar ervas... e as chaves do quartinho de ervas são dela, não minhas.

— Foi uma mistura muito malfeita, segundo o patologista. Forte demais para ser normal... isto é, se a égua a tivesse comido ao pastar — respondeu Callum. — Certamente, minha mãe sabe muito bem como administrar um veneno, se estiver decidida a fazê-lo. Não se ajusta.

— Nada se ajusta — disse Samuel Lachlan. — É um labirinto de suposições. Kirsty, o que significa ter dito que Morag pretendia que você seguisse o caminho de William?

— Pensou-se, não é mesmo, que William tinha uma boa chance de sobreviver, quando foi encontrado e trazido para cá depois do acidente de caça? Ele era jovem... forte. Tinha o melhor tratamento... e vontade de viver?

Meu avô se ergueu de sua cadeira.

— O que está dizendo? Meu neto recebeu os melhores cuidados. Nada foi

poupado.

— Não... nada. Um cirurgião de Inverness para extrair a bala, até um médico de Edinburgh, uma enfermeira e herborista capaz para fazer a febre baixar, e fazê-lo recuperar a saúde. Mas William morreu. Acho... acho que morreu porque Morag sabia como conseguir as chaves do compartimento de ervas. Ela tinha um pouco de conhecimento, adquirido com a Sra. Sinclair... suficiente para ser perigoso. E o nome de William vinha antes do de Callum na Bíblia... como o meu. Não... não acho possível que ela tenha planejado o acidente com a arma. Não parece possível, mas ela percebeu sua oportunidade, quando esta chegou. Lembrem-se de que Mairi Sinclair não foi, propriamente, uma enfermeira para William. Ela preparava a comida e dava o remédio que os médicos prescreveram, e também seus medicamentos. Mas era Morag quem lhe levava e trazia comida, que se sentava ao lado de sua cama no quarto da torre. A própria Sra. Sinclair me disse que William não gostava de tê-la por perto. Acho que Morag adicionou o bastante aos caldos e remédios para resolver o problema... um pouco disto, um pouco daquilo... a fim de confundir os médicos e a Sra. Sinclair. Um veneno mortal se a dosagem fosse muito forte. Ela deu a William o suficiente para derrotá-lo em sua luta pela vida.

Um riso descontrolado irrompeu de Morag.

— Está brincando! Faz estas acusações loucas contra mim, porém, não existe a menor prova. Tudo nasceu do fato de que um pequeno pônei estava doente... e se recuperou? E que a égua de Margaret Campbell comeu de uma planta venenosa? Tudo é fantasia... tudo isto sobre Ailis e a égua de Margaret Campbell. E também sobre a morte de Master William. Sua dor e seu amor frustrado fizeram sua imaginação voar. Eu tomaria cuidado, se fosse a senhorita. Acusações assim precisam de uma prova, e não pretendo ouvi-las calada.

— Há prova. A prova que Callum trouxe, bastante grave para apresentá-la no inquérito.

— Isso não é prova contra mim! Já disse que seria muito mais provável a Sra. Sinclair tê-lo feito. É o que a maioria dirá. Quanto ao seu irmão... Sabe mais que os médicos? Estava aqui quando ele morreu?

— Só tenho a prova que ele me enviou. Não vim para Cluain sem convite somente para ter um teto sobre minha cabeça. Alguma coisa anormal aconteceu com meu irmão. Alguma coisa inexplicável. Deus sabe que a prova que ele forneceu era bastante insuficiente... mas talvez tudo o que um homem que sentia que ia morrer tivesse forças para proporcionar. Algo que não seria descoberto e destruído. Foi-me enviado para a China. Foi o que me trouxe a Cluain.

Agora, eu arriscara tudo. O significado das palavras de William nunca seria claro. Tinham sido o último pensamento febril de Margaret, de seu poder terrível, embora estranhamente inocente, de arruinar e destruir? Ou significavam, literalmente, o que tentavam expressar, e quando a força decaía, foram deixadas inacabadas? Quem poderia saber, um dia, o que se passara na mente de William? E eu desafiava Morag com elas.

— Não há prova... não há!

— Há, sim, Morag... . Há. Mas eu tinha que vir a Cluain para ter certeza. Precisava descobrir muitas coisas que desconhecia.

— Não existe prova! — o tom de voz era o de pânico. — Verifiquei. Não havia nada escrito... nada.

— Verificou, Morag? Por que teve que se certificar de alguma coisa, se não havia o que esconder? A prova está escrita... mas é algo que você não poderia ler, e não está em uma carta, de que você suspeitaria e destruiria. As palavras estão escritas em caracteres mandarins, em um pergaminho... um pergaminho com o desenho de uma ave em um galho nu. Deve se lembrar. Você empacotou e enviou-me o pergaminho para a China. Você me trouxe a Cluain.

Agora, meu avô ficou de pé. Caminhou em direção a Morag com passos lentos, o peso do corpo ameaçando-a, mas ela não recuou.

— Meu neto. Confiei-o a você. Cometeu assassinato para poder segurar Cluain para o homem com quem queria casar?

— Assassinato? — Morag sacudiu a cabeça de um lado para o outro. — É melhor perguntar isso a Mairi Sinclair! Não sei que prova sua neta imagina ter, mas não existe nada de concreto, ou ela não esperaria tanto tempo para exibí-la. Oh, não, amo, não será tão fácil comigo! Podem fazer acusações até morrer, e eu as negarei. E apontarei para Mairi Sinclair, que tinha a mesma, e mais chance do que eu, para fazer qualquer mal que possa ter sido feito.

O leve brilho de pânico a abandonara; sua confiança crescia com seu argumento.

— Afinal de contas, quem sou eu? Faço apenas o que me mandam fazer em Cluain. Cumpro as ordens da Sra. Sinclair. Não me importo com o que está ou não escrito em um pergaminho maldito. Não haverá prova de que agi errado. Tudo que confessei foi ter aberto a Bíblia, e saber o que continha. Isso... e o crime de amar Callum Sinclair.

— Confessou diante de todos nós que se certificou de que não havia prova

de nada errado antes de empacotar os pertences de William — disse Callum. — Há mais que fantasia no que Kirsty está dizendo.

Morag olhou diretamente para ele.

— Essa escrita cita o meu nome? Cita?

Eu só pude balançar a cabeça:

— Não cita nome algum.

— Pronto! Agora, traga sua prova. Exiba-a para a região inteira. Fará um bom negócio. Tirarão o corpo de seu neto do cemitério, amo, para ver se contém venenos? Como aceitará isto? Seu nome e o nome de Campbell... se Callum continuar com essa tolice... unidos nos tribunais por uma criada que é acusada de causar duas mortes. Ou será Mairi Sinclair, quem será finalmente acusada? Ela, que será conhecida, então, como sua antiga amante? Um belo escândalo para aceitar em seus últimos anos de vida... e não mudará coisa alguma... não, como o senhor desejaria. Não terá seu neto de volta...

Samuel Lanchlan a interrompeu, dirigindo-se diretamente a mim.

— Qual a natureza da prova que diz possuir, Kirsty? Não é definitiva? William não fez uma acusação? De alguma coisa específica... não citou uma determinada pessoa?

— Não. Morag tem razão. É apenas um fragmento...escrito, obviamente, quando ele estava com febre alta, a julgar pelos caracteres. Não há nome... nem crime que um tribunal de justiça pudesse imputar a alguém. Por isto, fiquei calada. Esperava descobrir... ter um pouco mais de certeza. Mas à luz fria do dia, há ainda muito pouco. O relatório do patologista que Callum trouxe... mas nenhum saco de aveia para comprová-lo. Existe o pergaminho de William, com poucas palavras esparramadas sobre ele. “Ela matou...” foi o que escreveu, e mesmo isto poderá ser questionado. Até o tradutor de meu pai não teve muita certeza...

Parei de falar porque Samuel Lachlan balançava a cabeça.

— Não dará resultado — esfregou o nariz, pensativamente. — Se houvesse prova suficiente, um dia, para levar uma dessas mulheres a julgamento, e duvido disso, sabe qual seria o veredicto: não provado. O veredicto Não Provado é, unicamente, lei da Escócia. A dúvida permaneceria para sempre, não importa quão seguros estejamos de que Mairi Sinclair não seria capaz de ter feito tal coisa. Mas há pouca evidência também de que esta menina seja culpada. A menos que se possa encontrar uma testemunha que a viu a caminho da cabana, ou lá mesmo, naquele dia, não se conseguirá coisa alguma. Além disso, o que eia fez, senão causar dano a um

cavalo? A questão de William é mais delicada ainda. Dois médicos o atenderam e nenhum suspeitou de crime. Os médicos são claramente conservadores nestes assuntos. Não gostam que se questione seu diagnóstico. Você encontraria dificuldades para conseguir uma ordem de exumação com base nas palavras que William escreveu. Havia uma data? Assinatura?

— Não.

Ele tornou a sacudir a cabeça.

— Dificilmente ficará de pé. Duvido que passe por uma comissão de inquérito. E você quer isso? Quer, Angus?

— Quero — interrompeu Callum.

Samuel Lachlan o silenciou, erguendo uma das mãos.

— Você, Angus. Tem que levar tudo em consideração antes de dar um passo. A reputação da Sra. Sinclair. O bom nome de Cluain. O escândalo que se liga a tal interrogatório, quando um nome como o de Lady Campbell é envolvido. Você teria todos os jornais da Inglaterra com seus representantes aqui. Nunca terá um momento de paz novamente, se a acusação for feita publicamente... se mesmo os fatos presentes forem divulgados.

— Está sugerindo — perguntou Callum — que tudo seja ignorado? Para não provocar um escândalo?

— Procura vingança, Callum... ou justiça? — indagou Lachlan. — Pense em sua mãe, na sua posição. A justiça é uma coisa abstrata... mas a vingança pode se tornar um monstro que se vira e consome a si mesma. Os mortos não voltarão. Os vivos sofrerão e, mesmo assim, talvez os culpados não sejam punidos. Pense bem. Talvez fosse melhor se seu amigo em Edinburgh fosse informado de que a égua comeu erva venenosa, realmente, ao pastar...

— Então, quer dizer que devo declarar diante de uma comissão de inquérito que a égua escorregou diante dos meus olhos no meio do vau, e fez as duas caírem contra as pedras? É isso que quer que eu diga? E afirma ser um homem da lei.

— Seria a verdade, e é porque sou um homem da lei que me considero também um homem sensato. A vingança é que é insensata, Callum. Você perdeu sua... — gaguejou nas palavras difíceis — a mulher que ama. Seu instinto natural é de reação. Pense nas pessoas que terá que ferir com essa ação... e esta menina, se for culpada, acho... sim, acho que esta menina continuaria livre. As pessoas de sua espécie conseguem isso. Ela daria uma depoente muito comovente nas mãos de um bom advogado. Os jurados são impressionáveis. Coloque-a ao lado de sua mãe...

peço desculpas, Sra. Sinclair, mas isto tem que ser dito. Sua mãe será citada como a ex-amante de Angus Macdonald. Compare esta menina com a história de sua ligação com Lady Campbell. Ao lado desses fatos, esta menina parecerá tão inocente quanto um bebê. Conheço os júris, Callum. Julgam, mas nem sempre fazem justiça.

— Enfrentarei o que for preciso — disse Mairi Sinclair. — Não pensem em mim. “Abençoados são aqueles que têm fome e sede de justiça, porque eles...”

— A Bíblia é que é abstrata aqui, não a justiça — disse Callum. — Por Deus, tenho que pensar na senhora, já que nunca pensou em si mesma.

Morag se afastou de meu avô e parou na soleira da porta. Ergueu os dois braços até as mãos descansarem sobre o caixilho da porta. Sua segurança era suprema.

— Bem, neste caso, deixo-os com suas considerações, e esperemos que sejam sensatos e ouçam o que Sr. Lachlan disse. Porque, acreditem-me, tomarei as coisas difíceis para todos. Serei exatamente como o Sr. Lachlan disse... e mais. E todos lamentarão o dia em que ergueram a voz contra mim — depois, o desprezo venceu seu controle: — São idiotas... todos! Mas você, Callum... é o maior idiota de todos. Não viu o que estava diante de seus olhos. Não se inclinaria para pegar o que se encontrava sob sua mão. Havia Cluain, que poderia ter exigido como um direito, e eu, que teria quando quisesse. E o que escolheu? Seu modo de vida selvagem, orgulhoso. Cluain foi jogada fora porque significaria ter que tolerar este velho por mais alguns anos. Eu não era suficientemente boa para você... preferiu aquela mulher louca que não seria capaz de lhe dar coisa alguma, a não ser o seu corpo. Não me viu sob seus pés, porque fixava o céu. Como aquele falcão que faz voar. Bem, seu orgulho é como o daquela ave, e você é ambicioso demais. Mas cairá por terra, como ela, algum dia. Sim, cairão. Acreditem-me.

Depois abaixou os braços e fechou a porta atrás de si, suavemente.

Quando ela se foi, Mairi Sinclair se moveu, quase mecanicamente, para avivar o fogo. Em silêncio, nós a observamos atizar as brasas e colocar mais turfa e lenha. Depois, ela se dirigiu ao lugar onde a Bíblia jazia aberta; fechou-a com grande cuidado, trancou-a, e levou o molho de chaves ao meu avô.

— As chaves, amo.

Era como se indicasse que o ritual de Cluain continuaria, deveria continuar. Era mais duradouro que a tempestade atual. Em seguida, voltou ao seu lugar na extremidade da mesa e esperou.

Callum se virou e me disse, tranquilamente:

— Kirsty... Kirsty, veio de longe, da China para isto... para isto.

Estendi a mão e, mais uma vez, toquei-o. Não era o toque do desejo, mas do saber, de amar e saber que o amor era retribuído. Não era desejo agora; eu sabia que tinha sua confiança.

— Sim, para isto. E valeu a pena... por isto.

Como se marca o fim de um relacionamento e o início de outro? Sem mais palavras, foi o que Callum e eu fizemos naqueles momentos. Foram os últimos instantes de beleza que tivemos.

Meu avô voltou devagar ao seu lugar no banco comprido. Fixou o fogo durante alguns minutos.

— Samuel, essa é sua verdadeira opinião... que devemos deixar as coisas como estão? Não tentar processar a menina...

— É.

Ele suspirou.

— William se foi, melhor deixá-lo em paz — o suspiro foi como um eco fraco do vento lá fora, um som fantasmal, como um gemido. — Talvez seja melhor deixar, para nós mesmos, a paz que ainda pode nos ser concedida. Talvez seja melhor esquecer tudo. Esquecer Ferguson, Cameron e Macquarie. Talvez Kirsty esteja certa. A expansão será nos tomarmos apenas outro Ferguson. Talvez seja de paz que precisamos. Não me restam muitos anos de Cluain. Tentaremos ser sensatos... e, talvez, ganhar a paz. Há muitos anos deixei a honra me abandonar. Eu podia ter tido um filho. Não tenho... — as sobrancelhas espessas se uniram quando olhou para Callum: — É verdade, não é? Não tenho filho? — era uma pergunta final.

Callum ficou de pé e se dirigiu à garrafa, servindo-se. Bebeu de um gole.

— É verdade, Sr. Macdonald. Não tem filho. Partirei, quando me for permitido fazê-lo. Preciso. Viverei somente enquanto puder viver livremente... vir e ir livremente. Meu falcão é meu apenas enquanto resolver ser. No dia em que preferir voar a favor do vento, voar e não voltar, então não me pertencerá mais. Vivemos juntos sob estas condições. Não posso viver de outro modo. E quando eu cair, será uma grande queda, como Morag disse. Eu sei... aceito. Não posso ser uma parte permanente de Cluain. Esse fardo deve pesar sobre Kirsty.

Pousou o copo.

— E agora, Sr. Macdonald, irei para o meu chalé. Esperarei notícias suas. É o senhor quem deve procurar Gavin Campbell e lhe dar suas razões para prosseguir

ou não com este caso. contei a ele o que sabia. E o que quer que o senhor diga, qualquer que sejam seus argumentos, Gavin Campbell é quem deve ter a última palavra sobre o assunto. Se ele disser que devo contar toda a história à comissão de inquérito, então, contarei, e todos nós teremos que aguentar as consequências. Se quiser preservar esta paz pela qual, de repente, suspira, por uma vez, Cluain terá que se unir a Ballochtorra por uma causa comum. O assunto fica nas mãos dele... e nas suas. Boa-noite, Sr. Macdonald.

Quando alcançou a porta, virou-se e olhou para mim.

— Boa-noite, Kirsty. Boa-noite!

Da forma como falou, poderia ser também um adeus.

Hesitou ainda à soleira da porta, como se houvesse mais alguma coisa que precisava dizer. Depois, a porta do corredor da cozinha se abriu com ruído e bateu contra a parede. O vento provocado por ela varreu a sala e fez estremecer, violentamente, a chama da vela.

Neil Smith, o rosto corado e em pânico, surgiu, olhando-nos com irritação.

— Estão todos surdos? Bebe ram tanto que não podem ouvir ou ver? Saiam daqui e despertem todos. Não podem ouvir os relinchos dos cavalos? A cocheira está em chamas!

Suponho que todos gritamos alguma coisa no primeiro segundo. Ouvi somente minha única palavra:

— Ailis.,. !

II

Devíamos ter ouvido os cavalos — exceto que seus relinchos pareciam quase parte do vento, o gemido de suas rajadas. O tumulto em nossos corações no interior da sala havia sido muito grande para permitir ouvir outros sons, e talvez tivéssemos, como Neil Smith dissera, ido longe demais — mas não na bebida. Ele gritou para nós, enquanto corríamos através do corredor da cozinha, que havia visto o brilho, da janela de seu chalé. E o alto muro do jardim escondera a mesma visão de nós.

— Não se preocupem com água... os cavalos primeiro — gritou Callum.

Ele parecia ter assumido o comando. Meu avô estava momentaneamente desorientado.

— Kirsty, corra até à cabana de Farquharson e acorde-os. Faça-os mandar os

rapazes às outras cabanas. Precisamos de todos os homens aqui.

Quando correu para ajudar Neil Smith a abrir as portas dos boxes, segurei seu braço. Ele se deteve, impaciente.

— Primeiro Ailis — falei. — Ailis.

— Muito bem... Ailis!

Então, meu avô despertou. Correu para se reunir aos dois homens, e por um momento, fiquei imóvel, observando, perguntando-me se teriam sucesso. E o que eu havia pedido a Callum? Seu pônei devia estar preso em um dos boxes vazios. Mas tínhamos sorte cora as cocheiras de Cluain. Elas eram construídas de pedra, como a destilaria e os depósitos, com telhado de ardósia, e todos os boxes independentes abrindo-se para o pátio, era lugar de duas filas de pesebres dando para uma passagem central, como seria em uma cocheira maior. O perigo era o feno; ele estava em chamas nos palheiros acima dos boxes, pequenos feixes eram arrastados pelo vento, e pedaços caíam entre a cama de palha dos cavalos enlouquecidos de medo. A maioria dos animais estava solta, mas era preciso habilidade para fazê-los recuar para fora dos boxes, quando uma chuva de feno incendiado parecia cair entre eles e a liberdade do pátio. Mas um ou dois, os mais indóceis, estavam amarrados, e alguém teria que passar por aqueles cascos que escoucinhavam, segurar o cabresto, virar os animais e guiá-los para fora. No último instante, antes de começar a correr, vi Callum tirar o casaco. Ailis, um animal dócil, já estava livre e recuava para a escuridão amiga além da ameaça atrozadora. Depois vi Callum passar pelos cascos do pior dos grandes Clydesdales, o que se chamava Corneteiro, e cobrir os olhos do animal enlouquecido com seu casaco. A luta continuou. Não olhei mais. Um único golpe das pernas, enormemente fortes, e Callum não viveria.

Vi mais alguma coisa, no entanto, enquanto corria. Morag estava sozinha, de pé no meio do pátio da cocheira, justamente onde a extremidade da corrente de luz do incêndio caía sobre ela. Permanecia imóvel, calma no meio do ruído dos cascos dos cavalos libertados e dos gritos dos homens, enrolada em seu xale para se proteger do vento, observando, como se fosse um espetáculo interessante, mas que não tinha nada a ver com ela. Talvez não tivesse — agora. Olhou-me quando passei correndo por ela, mas não fez qualquer tentativa para se mover, para ir embora ou fazer alguma coisa para ajudar. Eu sabia que era inútil lhe pedir auxílio.

Antes de chegar à cabana de John Farquharson, a porta se abriu e ele saiu, ainda abotoando as calças sobre a camisa de dormir.

— Já mandei os dois rapazes subirem a estrada, senhorita — gritou-me. — Disse-lhes que todos devem vir. Conseguiremos tirar os cavalos, mas será difícil

salvar a construção. A bomba está pronta na tanoaria, mas teremos que levar a mangueira até o rio... — as palavras se perderam quando passou correndo por mim.

Sua mulher gritou da soleira da porta:

— Estou me vestindo, senhorita. Os rapazes trarão todas as mulheres que puderem deixar seus filhos. O fogo não pode atingir a destilaria, senhorita.

Era tudo deles, todo o mundo de Cluain, seus trabalhos, famílias, sua prova de lealdade. Ao me voltar para seguir John, olhei para o alto, e as primeiras luzes acendiam-se em Ballochtorra. Mais homens estariam a caminho. Quando alcancei, novamente, o abrigo dos muros do depósito mais distante, pude ouvir, distinto de todo o clamor, o grasnido de alarme e indignação do Grande Billy; mas ele estava bem afastado, separado pela largura da estrada, e Neil Smith jamais se esqueceria dele e do seu bando. E lá, na escuridão que começava a se iluminar pelo brilho do fogo, senti um toque no ombro, um focinho roçando meu pescoço.

— Ailis... só virá até aqui? Bem, fique, então, boa menina. E não perambule até muito longe.

Não tentei amarrá-la a nenhum dos marcos ou portões; ela se sentiria mais à vontade solta, e não me preocupei que pudesse se perder muito longe de Cluain.

— Haverá cavalos para se procurar, amanhã, em todo o vale...

Era verdade. Conteí as portas abertas dos boxes, vi o horror do inferno no feno, em cima, nos paióis e no chão. Havia uma série de sons sinistros e explosivos, como estampidos de uma arma, enquanto telhas de ardósia estalavam sob o calor. Mas não pude ver sinal de um cavalo ainda no interior dos boxes. Pensei que estavam todos livres, e a maioria desaparecera, mergulhando na escuridão amiga. Alguns deviam ter pulado cercas, que nunca tinham pensado em tentar saltar antes, outros permaneciam à beira da estrada, a uma distância segura do fogo; teríamos que procurar alguns nas colinas, e vários, dominados por um pânico excessivo, iriam se ferir, e teriam que ser sacrificados. Lá, no meio da pequena multidão de homens que alcançavam o pátio agora, vindos de suas cabanas, e o crescente número de mulheres que se reunia a eles, conheci o primeiro momento de medo. Até agora, não houvera tempo de avaliar completamente o que ainda podia acontecer, a amaldiçoei o vento que soprava, e trazia o calor das chamas ao meu rosto.

Quando a bomba e a mangueira, que desceram até o rio, começaram a funcionar, os homens de Ballochtorra já haviam chegado. Os cavaleiros, cocheiros e jardineiros foram trabalhar, como se conhecessem o que estavam fazendo; os criados da casa eram quase mais um estorvo do que uma ajuda, e ouvi meu avô amaldiçoar

um ou dois deles. Era uma grande bomba manual com rodas, guardada para tais emergências, e como tudo em Cluain, velha, mas em bom estado. O rio estava inundado depois das chuvas, por isto, depois que a bomba ficou pronta, não tivemos falta d'água. O que era necessário, era a pressão e energia para levar a água até o alto das construções, o suficiente para molhar os telhados da casa e da destilaria. De repente, compreendi o bom raciocínio por trás da colocação dos depósitos do outro lado da estrada. Agora, a distância era tudo. Trabalhava a nosso favor e contra nós. A distância até o rio, que protegia a casa e a destilaria das enchentes, parecia agora muito grande para se bombear a água, a distância para o jato de água alcançar o quarto da torre da casa era excessiva. O afastamento dos outros prédios protegia os depósitos. Todos os homens se revezaram na bomba, enquanto os outros descansavam; o feno no paiol das cocheiras estava apagado agora, mas as madeiras estavam em chamas. Um dos rostos que vi passar correndo por mim na neblina enfumaçada que nos cercava, com a intenção de descer até o rio, foi o de Gavin Campbell. Ele não me viu e não tentei detê-lo. Fiquei de pé por um momento com Samuel Lachlan, que se encostou, trêmulo, contra o muro do jardim. Tentei consolá-lo. Ele continuou apenas sacudindo a cabeça.

— Uma perda tão grande! Tão grande! Todos os cavalos salvos, mas ... Sinclair teve que lutar com aqueles dois animais... Angus está trabalhando demais. Ele está muito velho... muito velho. Eu estou velho demais. Devia haver outra bomba... Angus devia ter outra bomba.

— Não haveria homens para trabalhar nela — falei.

— Outra bomba — insistiu. — Oh, estou velho demais!

E estava. O corpo magro ainda tremia de exaustão, do primeiro esforço para abrir as cocheiras e libertar os animais, estremecia de excitação e medo. Afinal, consegui persuadi-lo a desistir de seu posto no muro do jardim e a vir para a estrada, fora da casa. Lá, de forma absurda, ele foi colocado em uma cadeira da sala de estar. O pequeno grupo de mulheres que viera das cabanas da destilaria, e algumas das criadas mais jovens de Ballochtorra que vieram ver o espetáculo, foram reunidas de maneira organizada, por Mairi Sinclair, que usava um casaco preto sobre a camisola. Metodicamente, ela fiscalizava a remoção das peças mais valiosas do mobiliário do andar térreo da casa. Não era uma tarefa pequena. A grande mesa do vestibulo não podia ser retirada — seriam necessários oito homens para erguê-la.

A mesma coisa ocorria com o aparador da sala de jantar. Eu trouxe a Bíblia e pousei-a sobre um banco comprido, colocado em frente a Samuel Lachlan.

— Tome conta dela, Sr. Lachlan — falei, ajuntando: — Devo começar a

trazer os livros e pastas de arquivo do escritório da destilaria? Não, não posso. Meu avô está com as chaves.

— A destilaria! A destilaria não pegará fogo... a destilaria, não! — ele implorava.

— Apenas uma precaução...

— Oh, sim, uma precaução!

— Já que está aqui, Sr. Lachian — disse Mairi Sinclair — poderia vigiar estas coisas? Aquele pessoal leviano de Ballochtorra pode se sentir atraído por uma ou duas coisas — ela havia carregado o banco comprido com bandejas de prata, bules de chá, jarras e pinças para açúcar. Sob o banco estavam os cães da lareira com o escudo de Cawdor.

O tabuleiro de xadrez do meu avô estava ao seu lado.

— Sim, senhora... sim — replicou Samuel Lachian.

Eu jamais o vira tão humilde. A coqueira estava coberta de fumaça agora, uma fumaça que nem o vento conseguia afastar imediatamente; cheia de ameaça, porque não se podia ver a língua rápida de fogo que talvez ainda se enroscasse em uma madeira. Enquanto permaneci ali, e Samuel Lachian se encolheu em sua cadeira, um jato d'água da mangueira, dirigido para o telhado da casa, não chegou até ele e atingiu o muro do jardim, e caiu sobre mim também. Cambaleei por um instante; a água não alcançou o velho. De repente, quando as chamas se foram, e o calor não existia mais, senti-me molhada e com frio. Então, afastei-me de Samuel Lachlan, e dobrei a esquina do muro do jardim. Era difícil ver a construção que ardia — o vento fez a fumaça entrar nos meus olhos, que choraram. Estremeci no vestido molhado.

— Tiramos todos eles, Kirsty — a voz de Callum soou ao meu lado, e ergui os olhos para ele. — Ailis foi a primeira, mas não a estou vendo.

— Ailis está bem. Sabe tomar conta de si mesma. Sempre faz isso.

Um lado de seu rosto estava horivelmente inchado; embora escurecido pela fuligem, pude ver a deformação. Havia sangue, já coagulado e seco na linha do couro cabeludo, acima do olho esquerdo.

— Você se feriu!

— Não. Bati contra uma pilastra ao tirar um dos Clydesdales da coqueira, mas nenhum cavalo morreu, Kirsty. É isto que importa. Seu avô terá que construir novas coqueiras, mas não terá o coração partido. Se aguentarmos até o vento

diminuir, e mantivermos a pressão da mangueira, a destilaria e a casa estarão salvas. Podemos apenas esperar... ou rezar, como o Sr. Lachian parece estar fazendo... que nenhuma fagulha atinja a destilaria. Lá, cada pedaço de madeira está saturado por 40 anos de álcool.

— Como o fogo começou?

— Haverá tempo para perguntar isto quando o tivermos vencido. Tudo dependerá disso.

— Callum...?

Ele já me dera as costas, respondendo a um chamado dos homens. Havia algum problema com a mangueira; meu avô ordenava que fosse aumentada, mas, para a ligação, a pressão teria que ser reduzida.

— Callum...

Desapareceu. Seu vulto se diluiu entre o grupo da mangueira. Eu nem sequer sabia o que pretendia lhe dizer. Fazia parte dos caos de toda a cena — vi e tomei conhecimento apenas de partes, fragmentos, minhas impressões espalhadas como o feno em chamas ao vento, como os cavalos enlouquecidos dispersos pela região. Depois, reagi. Eu estava de pé ali, observando, mas sem fazer nada, menos útil que Samuel Lachlan que, ao menos, vigiava parte dos tesouros de Cluain. Assim, entrei na casa e coloquei-me sob o comando de Mairi Sinclair. Ela sacudiu a cabeça afirmativamente, como se soubesse da minha incapacidade de tomar decisões.

— Vá ao quarto de sua avó e traga o que quer que lhe pareça valioso ... leve uma das bandejas para colocar os objetos. Tirei a prataria da copa. Se vir alguém lá em cima que não seja mulher ou filho de um dos trabalhadores da Cluain, mande-o sair, ou daremos por falta de pequenos objetos quando formos verificar.

— O fogo não se alastrará até a casa — falei, ao me afastar, para obedecer suas ordens. — Eles só têm que vigiar as coqueiras agora e continuar jogando água nelas.

Respondeu-me com minha própria palavra;

— Precauções.

Assim, dirigi-me ao quarto de minha avó e comecei a pôr nos braços aventais e bandejas das crianças e mulheres de Cluain, que estavam à espera, as coisas valiosas que Mairi Sinclair havia guardado ali, todos os toques de suavidade que faltavam na casa, os espelhos, quadros, pequenos adornos, tapetes enrolados. Estes foram levados para baixo por duas das mulheres mais fortes, que se ofereceram para

o serviço. As meninas carregaram os ornamentos, um de cada vez, com cuidado, pelas escadas abaixo. O cansaço de realizar aquele trabalho aumentou, porque, olhando através da janela, tudo parecia desnecessário. O fogo não se apagara completamente, mas estava controlado e não havia muito combustível para alimentá-lo. Teriam que vigiar a noite toda, e quando amanhecesse, começar a cortar e pôr de lado as madeiras fumegantes.

— Devemos começar a levar os livros para baixo, Srta. Kirsty? — perguntou-me uma das mulheres.

Olhei para as duas estantes carregadas de livros, e resolvi que não. Houve um som repentino de porcelana quebrando-se na escada, e o riso instantâneo, nervoso e despropositado. Bem, era inevitável que algumas coisas se quebrassem, e nem todos estavam familiarizados com as escadas estranhas, em caracol, e sem corrimão. Ocorreu-me, então, quando pensava sobre os livros, descer e perguntar a Mairi Sinclair se ela tirara seus livros de ervas e medicamentos do quartinho de ervas. Como se sentia falta de Morag em tudo aquilo! Sua rapidez e inteligência valeriam a força de seis daquelas mulheres.

Fui falar com Mairi Sinclair sobre esvaziar o compartimento de ervas. Ela sacudiu a cabeça.

— Não, a menos que seja necessário. Depois do que foi dito esta noite, acha que quero abrir aquela porta?

— Mas seus livros... suas anotações! São mais valiosos que qualquer coisa lá de cima.

— Talvez tivesse sido melhor, para todos nós, que não fossem. Mas, vá ficar com o Sr. Lachlan, senhorita. Tentarei levar uma bebida quente breve. Ele não parece bem. Uma das mulheres irá para a cozinha comigo, e serviremos chá. Os homens precisam de alguma coisa agora. Direi aos outros para irem embora. Estão ficando descuidados. Um vaso se quebrou e uma perna de cadeira foi danificada. A moldura de um espelho lascou...

Lamentava-se por causa de um espelho, ela que nunca se olhara em um. Fiz como mandou, e fui ficar com Samuel Lachlan. Antes, trouxe a capa de Inverness do corredor, para ele. Aceitou-a sobre seus ombros sem comentários. Estava sentado, assombrado, no meio da grande mistura de coisas retiradas da casa — porcelana, cadeiras, roupas de cama, prataria, como uma velha e estranha aranha no meio de uma teia fantástica de coisas acumuladas. Quem imaginaria que a simplicidade sem enfeites de Cluain continha tantas riquezas?

Fiquei com ele durante algum tempo, conversando sobre tudo que vinha à minha mente, mas ele mal parecia ouvir. Recitava baixinho sua ladainha mágica sobre descuido e desperdício, e má administração.

— Mas é somente a coqueira, Sr. Lachlan — falei, impaciente. — Tivemos sorte por não ter sido mais.

— Desperdício! — foi a única resposta que obtive.

Dirigi-me à curva do muro. Ah o vento atingiu-me diretamente, e a fumaça era carregada com ele. De maneira irônica, agora que o feno não ardia mais, fora necessário trazer lampiões para que os homens pudessem ver e se mover. Nuvens deslocavam-se antes do vento, tapando a luz que poderia ajudar os homens, mas muito rápidas, pensei, para trazer chuva. A chuva nos auxiliaria, e, no entanto, tomaria a operação mais difícil. No rio, os homens ficariam de pé na lama. Perguntei-me onde Gavin Campbell estaria. Pensei se devia perguntar ao meu avô sobre a retirada dos livros do escritório da destilaria. Ignorava onde ele e Callum se encontravam. Dirigi-me ao maior agrupamento de homens, de pé, diante das ruínas da coqueira.

Na metade do pátio, ouvi a voz de Neil Smith — o tom carregando toda a angústia de um homem que vê a esperança de toda a vida ser destruída diante de seus olhos.

— Santo Deus! Veja, Macdonald! Veja! A extremidade dos fundos dos depósitos!

Eu estava entre os que correram para a estrada a fim de olhar de lá, e no depósito mais distante do pátio e da destilaria, estava o brilho terrível. As grades de ferro das janelas pequenas e altas recortavam-se contra ele.

Fui uma das pessoas próximas a Neil Smith quando nos aproximamos mais dos depósitos. As portas principais estavam escancaradas — acho que fomos nós, Neil e eu, que corremos para libertar o Grande Billy e seu bando do cercado perto das portas. Nos primeiros minutos, o grande ganso mordeu todas as pernas que encontrou disponíveis, sem querer acreditar que ele e sua família não eram os objetivos pessoais do holocausto.

Tornara-se um holocausto. Não há maneira da água combater bebidas alcoólicas depois de estarem em chamas. Era inútil levantar a extensão extra da mangueira, inútil apressar os homens do rio para bombear. A água era apenas o meio de diluir o jorro de fogo, talvez de alastrá-lo ainda mais. Já fluía a corrente mortal libertada pela explosão de barris impregnados, havia muitos anos, de xerez e uísque;

a explosão inflamou as pilastras e vigas já impregnadas por contato com os barris saturados. E todas as portas — as portas suficientemente grandes para permitir a passagem das carroças da destilaria — tinham sido abertas até o fim, onde o fogo havia começado. Com o vento soprando, criou-se um funil natural para as chamas, uma chaminé lateral pela qual o fogo se alimentava de fogo.

Testemunhei a angústia de Neil Smith quando saiu de seu chalé, depois dos gansos serem soltos. Lembro-me do aperto de sua mão ferindo meu braço, as unhas quebradas havia muito ainda tendo o poder de magoar.

— Deus me ajude! Não pensei em trazer as chaves dos depósitos comigo quando fui correndo para a casa. Alguém entrou e as tirou da prateleira. Veja estas portas... escancaradas para o mundo! É o meu fim! — depois, ergueu os olhos, compreendendo, afinal, que braço apertava. — É o fim de Cluain, menina!

Meu avô deu ordens para que os canos acrescentados à mangueira corressem pela estrada ao lado dos depósitos, a fim de a água ser lançada sobre o telhado — mas não havia nada que ele pudesse fazer sobre o que acontecia dentro. O pequeno jato de água era inútil contra a força da energia ardendo no interior. Houve uma grande explosão no último depósito, e, de repente, através dos buracos de ventilação a nível do chão, a corrente de fogo fluíu. Seguiu os canais de drenagem e, afinal, alcançou o local onde o regato corria ao lado das construções. O local pegou fogo. O próprio riacho estava em chamas, alimentado pela corrente interminável de álcool do interior dos depósitos. Era uma visão em que eu não podia acreditar inteiramente, embora a visse com meus próprios olhos. O regato corria em chamas, e onde passava sob a estrada, na pequena ponte, havia um estranho abismo de escuridão entre os dois riachos ardendo violentamente. Continuou descendo até o rio, para ser diluído afinal por aquela corrente muito maior.

Por um momento, próximo ao meu ouvido, escutei o grito de Callum. O bramido das chamas já era maior que tudo que o incêndio da cocheira havia produzido.

— Ainda está no último depósito. As portas têm que ser fechadas. É a única esperança que temos de salvar alguma coisa. Se eu conseguir fechar as portas, temos a chance de molhá-las com água suficiente para impedir que o fogo se alastre pelo resto. Vá e diga ao seu avô para trazer as mangueiras através dos depósitos. Tentarei fechar as portas, uma a uma.

Afastou-se, escapando das minhas mãos, que o agarravam, fugindo dos meus gritos. Neil Smith e eu permanecemos imóveis, e o vimos atravessar a porta principal e aberta dos depósitos, os barris empilhados a cada lado fazendo seu vulto

parecer cada vez menor. Nós vimos aquu — vimos, realmente — ou foi imaginação? No último segundo antes de ele alcançar as portas dos fundos — as portas maciças que tinham que ser puxadas e fechadas contra a força do calor e energia gerados naquele inferno, a corrente de ar que sugava o fogo, mantendo-o no interior, e o alimentava — Neil Smith e eu vimos aquele vulto por um segundo? — o vulto magro com cabelos ruivos, a figura momentaneamente escura recortada contra o fulgor, o vulto de uma jovem mulher, que começou a correr somente quando o fogo se dispôs a envolvê-la? Foi ela‘ que Callum também viu? O que mais poderia tê-lo feito se precipitar para o espaço em chamas do último depósito, além da porta que significaria, talvez, a segurança? Nunca soubemos realmente — Neil Smith e eu. O que pensamos ver foi o vulto de Callum correndo, e depois a figura que poderia ter sido Morag. Repentinamente divisada, irremediavelmente presa, a sonâmbula despertada tarde demais do seu sono. Os dois vultos não se encontraram — eu poderia jurar. Antes de Callum alcançar as últimas portas, o depósito, completamente em chamas, entrou em erupção. Toda a estrutura foi destruída com uma única explosão do álcool chamejante. Uma enorme bola de fogo subiu, devorando pilastras de sustentação, vigas e telhado. O ar em volta foi sugado em direção ao centro terrível. Telhas de ardósia se espatifaram sobre os barris inflamados, os buracos de ventilação foram bloqueados, de forma que o líquido derramado, de vplta, sobre si próprio, encontrou novos caminhos e entrou nos depósitos da frente. A porta para o último depósito foi envolvida pelas chamas antes que Callum pudesse alcançá-la. Depois disso, não se distinguia uma parte da outra. O fogo corria como o vento, explosão após explosão, as telhas de ardósia caindo como chuva sobre os homens que permaneciam, perplexos, na estrada ao lado do prédio, desamparados, sem fala. Tudo que senti foi o aperto forte dos dedos de Neil Smith no meu braço. Não havia fumaça agora, mas o fogo consumia o fogo, enraivecido, torrencial, como combustível adicionado a combustível inextinguível.

— Callum... ?

Pareceram se passar tão poucos minutos antes de tudo ser consumido. Toda a riqueza estocada de Cluain desaparecia diante de nossos olhos, e no meio dela estava o homem que poderia ter sido sua riqueza futura. Nunca mais tivemos um vislumbre sequer de Callum.

Meu avô continuou. Ignoro de que fonte tirava sua força, mas prosseguiu. Viu 40 anos consumidos em minutos, mas ainda teve energia para dirigir os homens, a fim de que trouxessem a mangueira de volta à destilaria e a molhassem. A destilaria antes da casa. Depois, a casa foi novamente encharcada, os muros de pedra e o telhado, uma operação bastante apressada porque eles tinham que voltar à destilaria, que era muito mais vulnerável. As fagulhas do depósito voavam para o

alto, e fiquei imóvel, temendo ver, com horror, o primeiro brilho no interior da destilaria. Mas com um incêndio tão forte, restava pouco dos depósitos — foi um fogo veloz, poderoso e seguro. Brilhou e morreu quase com a mesma rapidez. E meu avô continuou a dirigir toda a operação para salvaguardar a destilaria, como se impassível diante do holocausto que consumia sua vida e seu trabalho, e dos gritos de Neil Smith, que observava seu chalé simples, ligado ao depósito, também desaparecer.

Só quando eu disse ao meu avô, quando o fogo no depósito pareceu dobrar-se sobre si mesmo, e o regato parou de correr em chamas, que Callum havia entrado no depósito e estava morto, foi que ele se virou e se afastou. Sem dar uma ordem a qualquer dos homens para assumir o seu lugar, ele se afastou abruptamente. Voltou à casa, à sala de jantar, com Samuel Lachlan agarrando-se inutilmente a ele. Permanecemos ali, imóveis, em silêncio, e meu avô manteve as costas viradas para as janelas, de forma que até mesmo o enorme brilho agonizante dos depósitos era apenas, para os seus olhos, um reflexo sobre as paredes.

Mairi Sinclair e eu trouxemos algumas cadeiras de volta, e ela atçou um pouco a lenha, colocando alguma nova. Lembro que forcei meu avô a se sentar, conservando suas costas para o jardim, cuidadosamente, a fim de que não pudesse observar o fulgor que ainda iluminava o céu. Gavin Campbell veio; acho que ele não disse coisa alguma, apenas segurou a mão de meu avô por um instante. Meu avô não pareceu notar sua presença. Ajudei Mairi Sinclair a trazer pão e presunto, e os servimos na louça de barro da cozinha. Ela não parecia preocupada, agora, com a porcelana empilhada na estrada, nem com a prataria de Cluain. Também a ajudei a levar comida para os homens que estavam no pátio da cocheira e continuavam a bombear água para a destilaria. Havia muitas mulheres na cozinha que faziam o trabalho tão bem quanto eu, mas pareceu-me correto que, se meu avô não estava ali, eu devia aparecer.

Depois, voltei à sala de jantar, e comecei a derramar uísque em copos que uma das mulheres trouxera da estrada. Servi o uísque, também, a Neil Smith que estava na soleira da porta, a meio caminho entre o nosso grupo e os homens no pátio. Ele não pertencia a lugar algum, realmente, e seu mundo estava tão acabado quanto o nosso.

— Avô — falei — mandei uísque com comida para os homens. Está ficando frio, e eles ainda devem continuar molhando a destilaria.

Ele me fixou com olhos embotados.

— Sim, está bem. Não poupe o uísque, Kirsty. Tenho alguns barris na

ade... como imposto pago, note bem, Neil Smith — levantou-se e serviu mais uísque da garrafa. — Não, não vamos economizá-lo esta noite. Devemos beber o melhor... tome, Samuel, seu copo.

O velho se balançava em sua cadeira, tomando pequenos goles, e produzindo um som de gemido baixo e contínuo, que poderia ser seu substituto para o choro.

— E você, Campbell — disse meu avô — beba o uísque de Cluain esta noite, e saboreie-o. Porque quando estes poucos barris se acabarem, não haverá mais por longo tempo. E diga a Callum... Diga a Callum Sinclair... Meu Deus!>. Callum...

Calou-se. Estava de costas para nós enquanto se mantinha de pé diante do aparador. A ação foi tão lenta que, em verdade, só vi o copo escorregando de sua mão, e sua luta desesperada para sustentá-lo, e a si mesmo. Em seguida, o copo caiu ao chão e se partiu. Ele se manteve ereto, as mãos pressionando a borda do aparador durante mais alguns segundos, depois o corpo robusto tombou, e uma das mãos jazeu entre o copo quebrado e o líquido derramado de sua vida.

CAPÍTULO ONZE

I

Angus Macdonald foi enterrado dois dias depois na nesga de terra entre sua mulher e sua mãe, Christina. Ao lado de Christina estava a sepultura de William, e, em seguida, a de Callum Sinclair.

Mairi Sinclair havia protestado:

— A senhorita não pode. Não é direito, agora.

— Se não é direito agora, nunca será. Não é o momento de deixarmos nosso orgulho e medos de lado, e aceitarmos a verdade? Quero que Callum descanse ao lado de William, e perto de seu pai. E seu túmulo terá o nome Callum Sinclair Macdonald... como meu avô escreveu na Bíblia. Todos que desejam saber, já deveriam ter sabido há muito tempo. Ele está morto... devemos enterrá-lo em algum canto do cemitério? Ele deve jazer com sua família. Ousa dizer não?

Eu não poderia dizer se ela chorou. Ficou tão calada e retraída como sempre. Como toda a casa estava silenciosa! Samuel Lachlan se sentava em uma cadeira perto da lareira; como parecia frágil, comparado com a corpulência de meu avô; como o silêncio era profundo, sem a voz de Morag para interrompê-lo. Fiz minhas jornadas para alimentar Giorsal, que se tomava dócil na minha mão. Mandeí John caçar um coelho ou pombo para Giorsal, diariamente. Eu permanecia na cabana com Giorsal, acariciando-a com a pena, como Callum costumava fazer, e era ali que chorava sozinha, onde ninguém podia me ver ou ouvir. Cluain precisava de uma presença calma naqueles dias. Eu não podia entregar-me mais à dor do que Mairi Sinclair.

Gavin mandou o landau de Ballochtorra para a ida ao cemitério; tinha que ser emprestado, desde que a aranha de Cluain fora destruída pelo incêndio da cocheira. Mas Rapaz Domingueiro fora encontrado, e era ele que estava entre os varais, e não um dos cavalos de Ballochtorra. Gavin veio com a carruagem a Cluain para nos acompanhar ao cemitério, e para levar Samuel Lachlan. Novamente, houve o confronto entre Mairi Sinclair e eu, quando insisti que ela rompesse com o costume de toda a vida, e se sentasse ao meu lado, na carruagem.

— Estamos enterrando seu filho e meu avô hoje, Sra. Sinclair, na sepultura da mesma família... gravando-as com o mesmo sobrenome. Fará com que eu passe pela senhora na estrada, quando se dirigir ao enterro de seu filho? Chegou a hora de uma mudança em Cluain. É melhor admitir isto.

— Sim, hora de mudança. É melhor admitir isto. Farei minhas malas amanhã,

senhorita. Ficaria grata se pudesse guardar meus livros por algum tempo, até eu encontrar um local para onde levá-los. Meus outros pertences são muito poucos,

— Seus livros ficarão em Cluain para sempre... como a senhora também, Sra. Sinclair. Acho que sua dor a fez perder a razão.

— Não posso ficar onde não sou querida. A senhorita não pode me querer. Não aceito caridade...

— Não faço caridade. Cluain precisa de nós duas, e sabe muito bem disso. É inconcebível que deva partir. Não lhe ofereço caridade... nem descanso. Cluain utilizará nós duas, duramente. Fará suas exigências, como sempre aconteceu. A senhora não existe fora de Cluain. Como meu avô... e Callum. Perdemos muito. Que não percamos mais do que precisamos!

Tudo que ela fez foi concordar com um gesto de cabeça e se afastar. Mas quando a carruagem de Ballochtorra chegou, encontrei-a esperando no vestíbulo, usando, como sempre, o xale em volta da cabeça. Não falamos durante todo o trajeto até o cemitério, nem na volta, mas ela se sentou ao meu lado.

Os dois funerais foram difíceis de suportar. A âncora de Cluain se fora, e quase, sua esperança. Perguntei-me para onde me viraria agora. Com minha mão em seu braço, mais para sustentá-lo do que para outra coisa, senti Samuel Lachlan tremer. Depois, olhei para o rosto de Gavin, do outro lado da cova aberta de Callum, e me lembrei de que, além da multidão que nos cercava agora, Margaret jazia bem próxima, do outro lado da alameda. A grama nem sequer germinara ainda em sua sepultura; e ela jazia tão perto de dois homens que a amaram. Os olhos de Gavin encontraram os meus, então; ambos parecíamos saber o que o outro pensava, e o pensamento era o mesmo.

Gavin nos acompanhou de volta a Cluain, e Samuel Lachlan, como se detestasse o pensamento de uma casa silenciosa e vazia, convidou-o a entrar.

— Angus era mais de 10 anos mais novo que eu — disse Samuel Lachlan. — Não pensei que seria eu quem ficaria...

Depois, pegou o jornal de Inverness, que chegara enquanto estávamos fora. Havia uma foto das ruínas do depósito de Cluain, e um artigo sobre o incêndio, que eu não quis ler. Mas a principal manchete era sobre outro assunto. PÂNICO NA CORRIDA PARA VENDA DE AÇÕES. FERGUSON ESTÁ FALIDO?

Estendeu o jornal a Gavin.

— O que pensa sobre isto?

— O que posso pensar? Lamento por James Ferguson. Não lamento por mim e meu filho.

— Quer dizer que está contente? — Samuel estava assombrado.

Como alguém era capaz de não lamentar a queda do reino de um capitalista?

— Acho que pode ser a salvação do meu filho. Ferguson não pode reivindicar nenhum direito sobre ele agora. Não há nada para o dinheiro de Ferguson comprar, e ele não entende qualquer outro relacionamento, por isto, deixará meu filho em paz. Jamie será o que sou... isto é, um homem pobre. Acho que ele não será pior por isto.

— Mas... Ballochtorra...?

— Ballochtorra não pode ser administrada sem dinheiro. Os criados já foram avisados. Falei-lhes no dia em que minha mulher foi enterrada, antes de saber sobre as dificuldades de Ferguson. Suponho que, se Ferguson falir, o curador poderia reivindicar, justamente, os valores de Ballochtorra... os cavalos e todo o resto. Mas o direito de propriedade da casa e das terras ficará comigo. Tentarei vender a casa, se for possível encontrar um comprador. A terra, tal como está, deve ser conservada para Jamie. Naturalmente, não haverá vigias de caça, mas as charnecas de lagópodes estão lá, e perdurarão, mesmo não proporcionando um dia de caça glorioso para um Príncipe. Poderiam ser arrendadas, talvez... Veremos.

— E você? — Samuel estava tão perturbado pelos acontecimentos dos últimos dias, que seu retraimento e probidade pareciam ter desaparecido.

Não pensei que fosse capaz de fazer tais perguntas a alguém que era quase um estranho para ele.

Gavin tomou o chá que lhe servi e mastigou o sanduíche de presunto como se, de repente, sentisse fome.

— Farei o que sempre quis. Há um pouco de dinheiro... pedirei o resto emprestado... e drenarei a única porção de terra de Ballochtorra que vale a tentativa de se fazer alguma coisa com ela. Poderia produzir uma ou duas colheitas... daria bons pastos. Jamie e eu não passaríamos fome. E a casa do porteiro estará vazia, breve.

— A casa do porteiro! — Samuel Lachlan estava estupefato. — E é o herdeiro do Marquês de Rossmuir!

Gavin riu. Ouvi o som com prazer; rompeu o silêncio do luto na casa, um som que ajudaria a enterrar o passado.

— E o atual Marquês de Rossmuir desejaria ter algum local tão confortável, sem dúvida. Embora eu não possa falar em nome do velho cavalheiro. Nunca o encontrei. Mas servirá muito bem para mim e Jamie... até podermos vender a casa ou encontrar um arrendatário. Então, o dinheiro construirá uma pequena casa para nós na terra que desejo cultivar. Sei onde quero construir. É fora do alcance de visão de Ballochtorra... o que não é grande perda. Jamie pescará no rio e seremos capazes de ter uma ou duas armas. Sempre notei que casas pequenas são mais quentes do que as grandes. Sobreviveremos. E Jamie não irá para a escola na Inglaterra. Foi a única notícia que o deixou feliz desde a morte da mãe. Terá um pônei... não o puro-sangue que possuí agora. Uma garrana do tipo que criamos aqui. Muito mais seguro e resistente. O que ele deseja, naturalmente, é que eu lhe compre Ailis.

— Nunca venderei Ailis.

— Acha que não sei? Mas, deixemos Jamie sonhar. Com o tempo, ele amará seu pônei... e o amará mais ainda por ter que cuidar dele. Assim, Sr. Lachlan, está vendo que a falência de Ferguson é um golpe duro para James Ferguson, mas não creio que seja uma catástrofe para seu neto.

— Mas... mas ele será um conde!

Gavin riu novamente. Por que o som me afetava tanto? Era como a fonte de esperança, de uma nova vida. Ele não via adversidade à sua frente ou à de Jamie. Bebi um gole do chá e pensei em seu comentário sobre casas pequenas, e como ele e Margaret tinham perdido um ao outro na imensidão de Ballochtorra.

— Sim, um conde. Devo tentar lhe explicar isto breve. Aquele pobre velho não viverá muito. Dizem que está muito fraco e mal ouve ou vê. Assim, Jamie será um conde. Acho que seu avô lhe deu a impressão de que uma coroa aparecerá como mágica... uma verdadeira coroa. Mas as crianças esquecem com facilidade. Se ele puder pescar no rio e cavalgar seu pônei em suas próprias charnecas, acho que a coroa não terá muita importância. Lamento que seu avô possa pensar que é uma mudança para pior para seu único neto. Mas James Ferguson jamais verá a coisa de outra maneira. Sem dinheiro e poder, é um homem arruinado em todos os aspectos. Mesmo que tenha que sacrificar minha vida por isso, farei todo o possível para que Jamie não se tome esse tipo de homem.

Depois, pegou seu chapéu e partiu. Eu o vi fazer um sinal ao cocheiro para lhe entregar as rédeas, e ele mesmo guiou. A expressão taciturna no rosto do homem indicava que ele recebera o aviso com os outros, e pensava também que Sir Gavin havia descido realmente no mundo, e não tinha motivo para ficar tão alegre com isso.

— Mandarei John amanhã com o landau — gritei-lhe. — Ele pode trazer

Rapaz Domingueiro de volta, a pé.

— Use o landau o tempo que quiser. Ferguson não pode lhe negar esse pequeno favor. Não creio que o curador esteja aqui amanhã.

Voltei para perto de Samuel Lachlan à lareira, e, de repente, a casa estava novamente silenciosa e vazia. Lutei, em um momento de pânico, contra a depressão que começava a me dominar, a solidão, a sensação de que, agora, a luta apenas se iniciava. Eu precisava do riso de Gavin, de sua alegria, da coragem que transmitia. Mas tinha que voltar para perto do velho próximo à lareira, e tentar lhe dar o que eu mal começara a juntar.

— Extraordinário! — murmurou Samuel. — Acredito que ele fala sério.

— Fala sério sobre o quê?

— Ele não se importa, realmente, com o dinheiro. Imagine, ter que viver sem o dinheiro de Ferguson e não se importar!

— É possível que alguns homens sejam assim. Como Callum... que não queria Cluain. Ele teria preferido se separar do que amava, do que ser um James Ferguson. É possível, Sr. Lachlan... é possível.

Sacudiu a cabeça.

— Não compreendo. Dê-me um pouco de uísque, Kirsty. O cemitério estava frio...

Aqueceu os ossos diante da lareira, e com o uísque de Cluain, lembrando-se, talvez, do que meu avô havia dito — que quando aqueles poucos barris acabassem, não haveria mais até a próxima destilação de Cluain envelhecer. Naquele momento, eu não fazia ideia de quando seria isso.

II

Mesmo depois de terem examinado os destroços do depósito, nada foi encontrado que sequer sugerisse o corpo de Morag MacPherson.

— Mas eu a vi! — dizia Neil Smith.

Repetiu-o uma e outra vez, para os funcionários do Departamento de Imposto de Consumo que vieram investigar o incêndio, e para a polícia.

— Eu a vi, lá no fim, no último depósito onde o fogo começou. E foi um incêndio criminoso. As portas escancaradas daquele jeito! Um fogo deliberadamente posto. Bem, a Srta. Howard lhes dirá a mesma coisa. Ela estava ao meu lado...

Eu tive que dizer que não podia jurar que víramos Morag MacPherson naqueles segundos — alguma coisa que parecera ser o vulto de uma mulher recortado contra o inferno às suas costas. O fulgor fora tão intenso que quase queimava os olhos. Eu sabia que Callum jamais a alcançara — se ela tivesse estado lá.

— Se ela tivesse estado lá — disse um dos funcionários — encontraríamos os restos. Ninguém poderia ter escapado do local onde pensaram tê-la visto. E se for um incêndio premeditado...

— Foi premeditado! Acha que deixo meus depósitos abertos para quem quiser entrar? É por isto que consegui minha reputação? Digo-lhes que a garota pôs fogo nas cocheiras como uma distração... e depois, esperou a chance de iniciar o incêndio que destruiu Cluain, realmente — Neil Smith estava indignado e humilhado.

Mais tarde, quando subíramos a estrada para a cabana de um dos trabalhadores, onde estava hospedado temporariamente, ele se voltou para mim.

— Bem, todos nós sabíamos que já passara o momento de Neil Smith se aposentar... mas ele construiu uma reputação, e aqui, sendo um local tão tranquilo... e ele nunca deixando o lugar... sem família, nenhuma distração, e nunca bebeu um gole de uísque em sua vida. Mas sair e deixar as chaves... não importa o que acontecia fora da cabana. Devia pensar nas chaves primeiro, mesmo se o céu estivesse caindo sobre sua cabeça. As coisas vão mal para ele, Srta. Howard. Não pode esperar permanecer no serviço agora.

— Ele ficará em Cluain, no entanto — falei. — Ninguém pode imaginar que ele partiria.

— Reconstruirá, então? — olhava-me com curiosidade franca. — Produzirá?

— Por que não? — respondi. — Há uma destilaria, não há? Os homens não perderam sua habilidade da noite para o dia, por causa de um incêndio! Encontraremos um local para estocar.

— Terá que ser um local adequado, senhorita. Depósito é depósito. Deve ser seguro e com acomodações para os funcionários do Departamento de Imposto de Consumo. Sabe, não é mais como antigamente, quando o Sr. Macdonald se estabeleceu aqui. Dizem que ele tinha uma cerca e uma espingarda. Esse tipo de coisa não dará resultado agora.

— Será feito exatamente como deve ser — repliquei. — Cluain nunca teve problemas com impostos, não é? Nunca houve escassez do produto, não é? Bem... é assim que tudo continuará.

O fiscal de impostos, fixando-me, perguntava-se como seria feito, exatamente como eu me interrogava também. Mas não tocou mais no assunto. O problema era meu. Sem dúvida o boato de que a neta de Angus Macdonald era tão inflexível e irascível como o velho, e que ele não morreria enquanto ela vivesse, correria por todo o Departamento de Imposto de Consumo. Mas eu não era Angus Macdonald, e esta não era a Cluain de 40 anos atrás, um mundo mais simples e em que se podia confiar mais, onde as coisas podiam ser pequenas no início e crescer depois. A destilaria esperava — mas isso era tudo. Seu produto tinha que ser estocado e vigiado, e cuidado. Havia tanta coisa, e tinha que vir de mim.

Acalmei-me, no entanto, quando pude olhar além das ruínas assustadoras dos depósitos. O mundo de Cluain continuava ali, danificado, mas, essencialmente, o mesmo. O gado luzidio pastava nos campos do rio, a cevada estava seguramente estocada. Angus Macdonald não deixara em minhas mãos uma herança duvidosa.

Quando voltei para jantar com Samuel Lachlan depois da entrevista com os homens do Imposto de Consumo e a polícia, pensei no destino de Morag. Neil Smith e eu a havíamos visto, realmente? Seria uma mágica do fogo? Sombras anormais projetadas por um momento apenas, que nos tinham enganado? Não se encontrou nenhum corpo jovem esmagado e carbonizado entre os destroços. Não era possível que ela tivesse encontrado outra saída. Não existia outra. Imaginei-a, tão calma quanto ficara no pátio da cocheira, observando a ação rápida para retirar os cavalos, depois dirigindo-se, no meio do padrão incoerente do primeiro incêndio, à cabana de Neil Smith, pegando as chaves e voltando diretamente para o final dos depósitos — o local mais difícil de alcançar com a mangueira, o lugar onde o fogo seria menos notado. E lá, ela ateara a primeira pequena labareda que, sabia, iria se alastrar. Depois, tão calmamente quanto antes, escancarou as portas e prendeu cada uma em seu gancho, quando atravessou a construção, já de volta, deixando a porta principal aberta ao vento. Em seguida, com a mesma tranquilidade lenta, recolocou as chaves na prateleira de Neil Smith — porque foi ali que elas estavam quando ele pensara em espiar — exatamente antes de sua cabana se incendiar. Ele ainda tinha as chaves da ruína escurecida, sem telhado.

E onde estava Morag agora? Tinha caminhado até Grantown e tomado o primeiro trem de manhã cedo? Antes que as notícias do incêndio chegassem, antes que alguém pensasse em procurar uma garota? Com um xale cobrindo metade do rosto, ela não seria notada. Pensei nela e no futuro. Morag iria, provavelmente, para Glasgow, e se perderia em seus distritos superpovoados até que a busca e investigações sobre ela morressem. Morag podia se voltar para tantas coisas, e sua língua e inteligência jamais revelariam o background de Cluain. Mas Morag não tinha predileção por lugares apinhados de gente. Com o tempo ela partiria para o

Canadá ou Austrália. Inteligente como era, e conhecendo seu valor, não se entregaria a qualquer um; quando se tratasse de casamento, Morag escolheria bem. Era bonita, jovem e sagaz. E como seu coração devia estar cheio de raiva e ódio para fazer o que fizera. Era terrível pensar no rosto bonito, na pele tomando-se cor de damasco na excitação e paixão, nos cachos ruivos e cintilantes

— e no tipo de loucura interior de cobiça e astúcia que aquele semblante encobria. Ela sonhara em ser Senhora de Cluain, em ter Callum, e no entanto, não tivera eu o mesmo sonho? Quão diferentes éramos nós? Era um pensamento ponderado e humilhante.

Estremecí sob o vento de setembro quando atravesssei correndo o pátio, saindo do escritório da destilaria; gotas finas de chuva trazidas pelo vento molharam meu rosto. Não, eu não acreditava que Morag MacPherson morrera no incêndio. Ela continuava em algum lugar, planejando, sob outro nome, um futuro tão grande quanto havia procurado ali, em Cluain. E sendo Morag, pensei que era muito provável que ela o encontrasse.

III

Naquela noite, quando nos sentamos perto da lareira, enfrentei Samuel Lachlan com os fatos.

— Sr. Lachlan, eu disse aos trabalhadores que todos continuarão. Disse-lhes que, talvez, percamos a produção de uma estação, e que eles teriam que trabalhar em qualquer coisa que aparecesse... operários de construção, lavradores, qualquer coisa que Cluain precise. Mas não necessitam deixar suas cabanas, e seus salários serão os mesmos, como se trabalhassem na destilaria e depósitos. Não posso deixá-los ir... serão necessários, mais que necessários quando voltarmos à produção total.

— E onde conseguirá o dinheiro?

— O senhor me emprestará, Sr. Lachlan.

— Sob que garantia?

— Cluain.

— Cobro uma alta taxa de juros. O que eu faria com Cluain se você falhar?

Se eu falhar, o senhor terá uma bela fazenda... e os prédios da destilaria. Ganhará os bens de Cluain.

— Os bens de Cluain não me devolverão o dinheiro necessário para recomeçar. O seguro cobrirá o que deve aos compradores, cujo uísque estava estocado nos depósitos, mas a riqueza de Cluain jazia naqueles barris de bebida não

vendida que Angus Macdonald guardou para si mesmo. Tem alguma ideia de quanto dinheiro está pedindo?

— Não... pensei que o senhor me diria.

— Espera que eu seja um avaliador e um banqueiro ao mesmo tempo? Está pedindo muito, jovem.

— Sim, peço muito. Meu avô pediu muito ao senhor, no dia em que entrou em seu escritório, em Inverness, e pediu que tomasse conta, de seu caso, não por pagamento, mas pela justiça sobre a qual descansava. E depois, tomou-lhe dinheiro emprestado para começar. Ele pedia menos, realmente, naquela época, do que peço agora?

— Mas ele era... bem, era Angus Macdonald.

— E eu sou a neta de Angus Macdonald. Vai dizer que uma mulher não pode dirigir uma destilaria? Alguma já tentou? Alguma já falhou? Sim... eu sei, minha bisavó fracassou, mas ela estava em um ilhota pobre nas Hébridas. Ela não tinha Cluain.

— Se você fosse casada...

— Se fosse casada, poderia ter um marido louco que esbanjaria dinheiro tolamente. Os homens também fracassam, Sr. Lachlan. Ferguson's está nas mãos do curador agora. O senhor diria que isto ia acontecer, há um ano?

— Eu lhe disse que observava Ferguson de perto. Ouvi as histórias sobre ele, e nunca comprei uma ação de sua sociedade.

— O senhor compraria minha sociedade? O senhor compraria a sociedade e a semente de Angus Macdonald? Isto é tudo de que preciso persuadi-lo. Sou ignorante, sim... estou consciente demais disso. Outros também foram, e aprenderam. Olhe para mim, Sr. Lachlan. Vê alguma coisa de Angus Macdonald em mim, não? Os homens ficarão comigo, e aprenderei, com o senhor e com eles. Há todos aqueles livros de escrituração no escritório do meu avô, e aprenderei também, lendo-os. Espero longos dias... e noites... de trabalho. Dou-lhes boas-vindas. Não verá grande luxo aqui, Sr. Lachlan. E nenhum vestido de seda, exceto aos domingos. O que diz, Sr. Lachlan?

— É um risco. Um grande risco. E o que há para mim? Estou velho. Posso morrer antes de você vender o primeiro barril.

— Isso também é um risco, Sr. Lachlan. E o que há para o senhor? Sou presunçosa se disser que, para o senhor, há o direito de sentar-se onde está agora,

diante da lareira de Cluain... o direito de orientar Cluain, como tem feito durante 40 anos? Sempre poderá voltar para sua casa em Inverness, Sr. Lachlan, se quiser... e não tenho dúvidas de que poderei encontrar compradores. Certamente, haverá compradores para uma boa fazenda, e uma destilaria pronta para funcionar e com mão-de-obra especializada. Oh, acho que há muitos que tomariam Cluain das minhas mãos! Começemos com os Macquaries e Camerons. Eles conhecem o valor de Cluain... mesmo apenas como um nome, uma reputação. Sim, acho que conseguiria vender, e então, Sr. Lachlan, nós dois perderíamos Cluain. Eu teria algum dinheiro no bolso, em lugar de dívidas, e o senhor evitaria correr um grande risco. Mas o que perderíamos, ambos?

— Será enganada. Os homens tentarão enganá-la porque é mulher.

— Que tentem! Não o farão uma segunda vez. Esquece o que aprendi na China? Lá, eu sabia exatamente quanto cada um podia roubar. Tenho bastante prática, Sr. Lachlan, e não foi conseguida no escritório de um contador. Cometerei erros com a fazenda, sim... mas aceitarei conselhos. Nenhum homem, jamais, deixou para fazer suas colheitas tarde demais? Nunca houve uma tempestade antes que as colheitas estivessem terminadas? Bem, meu avô lutou contra esses problemas, e quero tentar lutar também. Seria mais fácil, se não quisesse. Eu teria dinheiro e algum conforto e, sem dúvida, um marido no momento certo, que gostou do dinheiro que eu tinha. E o senhor ainda teria o seu dinheiro, investido com segurança. Ou ambos podemos ter Cluain. O que decide, Sr. Lachlan?

— Está me pressionando muito, jovem. Muito.

— Sou a neta de Angus Macdonald, Sr. Lachlan. Esperava outra coisa?

— Sim... é a neta de Angus Macdonald, e é nisto que porei meu dinheiro.

Servi-lhe um uísque:

— Agora, é de seu estoque particular, Sr. Lachlan. Enquanto houver uísque em Cluain, será apenas seu. Durante os primeiros anos nos contentaremos com um produto inferior para nós mesmos. O senhor viverá... viverá para beber estes últimos barris, e então, a primeira nova destilação de Cluain estará pronta para se beber. O senhor é como Ailis. Viverá até uma idade muito avançada... em Cluain.

— Ah... — engoliu as palavras. — Haverá pouco tempo para eu estar em Cluain. Compreende, Kirsty, como terei que trabalhar para lhe emprestar esse dinheiro? Devo estar de volta a Inverness amanhã, para preparar os documentos. Tudo deve estar em ordem. Regressarei na próxima semana...

E todas as semanas, pensei, enquanto ele vivesse. E seria sempre bem-vindo

perto da lareira de Cluain — não importa com que idade, ou quão irascível, a neta de Angus Macdonald sempre teria que se certificar disso.

CAPÍTULO DOZE

Era cedo ainda, quando, na manhã seguinte, cavalguei em Ailis até o chalé de Callum. Era a primeira vez que Ailis era montada desde a sua doença; a andadura tinha a vivacidade saltitante de um pônei novo, mas, como sempre, nenhum sinal de nervosismo. Era uma manhã cinzenta, fria, com um vento fraco. Mantive o xale ao meu redor, contente por deixar para trás o pátio de Cluain, onde o odor de madeiras calcinadas e da terra encharcada de álcool ainda perdurava, apesar do vento. Ailis não hesitou quando virei sua cabeça para a trilha que levava ao chalé de Callum; se pensou, algum instante, na jornada assustadora, quando chegara ali embaixo, afinal, não o demonstrou. Eu levava um pombo, morto por John naquela manhã, na bolsa de couro. Giorsal não comeria nada a não ser carne fresca.

Examinei Ailis antes de atravessarmos o regato para chegar ao chalé, olhando para o cenário, e pensando que, nos poucos dias em que ficara desabitado, já tinha um ar de desolação. Havia folhas diante da porta do chalé, e contra os muros; dentro de algumas semanas, as ervas daninhas cresceriam ali. A umidade começaria a penetrar no chalé, se não houvesse um fogo aceso regularmente no fogão, e quando as neves de inverno comessem a descer das elevações, os ratos do campo encontrariam uma entrada e se fixariam na habitação, e as gralhas fariam seus ninhos na chaminé da lareira. Não podia tolerar o pensamento do chalé ficar em minas — como aquela outra cabana lá no alto, onde Mairi Sinclair havia crescido. Montada em Ailis, perguntei-me se Neil Smith viria morar ali. Ele não trabalharia mais para o Departamento de Imposto de Consumo, mas permaneceria em Cluain. Eu sabia disso. Ele podia usar o pônei de Callum para ir e vir de Cluain — estava certa de que Mairi Sinclair concordaria com isso. Olhei ao redor. A clareira perto do regato era tão solitária, o silêncio tão completo... Perguntei-me se Neil Smith se importaria com a solidão, já que sempre vivera tão perto do centro da vida de Cluain. Queria ele trazer o Grande Billy e seu bando? E onde faríamos uma lagoa para eles? O regato era muito rápido e estreito. Montada em Ailis, compreendi, olhando para o local que havia sido a casa de Callum, e que seria sempre sua moradia para mim, que os problemas práticos e diários de Cluain já surgiam. O que eu prometera a Samuel Lachlan, na noite anterior, devia ser cumprido. Não podia haver esbanjamento em Cluain. Pensar no chalé habitado por qualquer outra pessoa sem ser Callum era como fazer pressão sobre uma ferida em carne viva, mas alguma providência precisava ser tomada. Imaginei o chalé, como eu o conhecia — os livros amontoados casualmente nas prateleiras, a mesa de tampo laminado, em desordem. Pediria a Mairi Sinclair que subisse até ali e separasse o que não queria deixar para outra pessoa. Quanto a mim, achava que jamais entraria, novamente, por aquela porta.

Coloquei Ailis na cocheira vazia. Giorsal saudou-me com um grito desagradável, e correu para cima e para baixo em seu poleiro. Havia parado de voar à minha chegada, que significava alimento, e me dava as boas-vindas, feliz também pelo fim do tédio de permanecer no poleiro. Estava cada vez mais impaciente. Havia muitos dias que sentara na pedra, tomara banho e alisara suas penas. Dançou para cima e para baixo do poleiro, com ansiedade voraz. Abriu as asas para mim, como se para me lembrar que as possuía, que o voo lhe estava sendo negado. Enfieí a luva e peguei o primeiro pedaço de pombo da bolsa de couro. Giorsal pousou sobre o meu pulso sem hesitação, e começou a puxar a carne da ave, que eu segurava entre os dedos, com uma garra e o bico. Era estranho quão depressa eu me acostumara a manusear o pedaço de pombo, observando Giorsal arrancar algumas penas, e depois engolir o resto. Agora, não me desagradava mais do que ver a carne crua na copa de Cluain. Aquele era o alimento natural de Giorsal; com ele, permanecia saudável.

Mas Giorsal não comia o pombo todo. Continuei estendendo-lhe os pedaços de carne entre os dedos enluvados, mas finalmente voltou ao poleiro, e recomeçou a se mover inquietamente, para lá e para cá, para lá e para cá. Não se acalmou nem mesmo quando a acariciei com a pena. Olhou-me e soltou seu estranho grito.

— Venha, Giorsal. Está na hora.

Em primeiro lugar, removi-lhe o caparão; era mais fácil ali, quando estava no poleiro, e eu tinha as duas mãos livres para a tarefa. Deixei Giorsal sozinha por alguns minutos quando o caparão saiu, falando-lhe durante o tempo todo, contudo, enquanto seus olhos se acostumavam até com a penumbra, depois da longa escuridão. Suei de nervosismo enquanto soltava as peias do suporte giratório, e enrolava-as nos dedos, tentando lembrar como Callum fazia. Giorsal não compreendeu imediatamente o que acontecia, e tive que atraí-la com um pedaço de carcaça fresca para que deixasse o poleiro e pousasse sobre meu pulso. Depois, quando puxou e arrastou a carne, dei os primeiros passos, afastando-me do poleiro. Giorsal se deteve com surpresa. Vi as asas se dobrarem para cima, e perguntei-me o que faria se ela levantasse voo e não voltasse, finalmente, pendurando-se de cabeça para baixo e balançando-se das peias. Giorsal sentiria, naturalmente, que eu estava assustada. A mão tímida e incerta era um convite de encrenca, com um falcão. Desesperada, eu não queria trabalhar mal nos próximos minutos. Se Giorsal não confiasse totalmente em mim, se eu não aprendera o suficiente ao observar a calma de Callum, com completo controle sobre a ave, haveria perigo e encrenca para Giorsal antes de eu levá-la para fora. Se o falcão tentasse bater as asas ali, para escapar, poderia ferir as extremidades e, talvez, sentir dificuldades no voo. Se eu lhe colocasse o caparão, novamente, se acalmaria, mas de qualquer forma, eu teria problemas.

Abri a porta muito devagar, para que Giorsal não visse grande parte do céu imediatamente. Mas a claridade bateu sobre a ave, e as pupilas dos grandes olhos se contraíram em resposta. Novamente, ergueu as asas, e senti um puxão forte em meu pulso. Mas tínhamos atravessado a soleira da porta em segurança e estávamos ao ar livre. Ali, suas asas podiam se estender e Giorsal tinha a chance de tentar voar sem se ferir, exceto pela possibilidade de me fazer perder o equilíbrio.

Mas permaneceu muito tranquila, somente levantando a cabeça para o céu, vendo seu mundo novamente, sentindo-o, cheirando-o. Juro que olhou ao redor da clareira sem pressa, e para cima, além do espaço aberto, onde se podia ver as dobras das montanhas. Senti que, breve, estaria entre tudo aquilo de novo, mas não tinha pressa. Apesar do meu nervosismo, também me deu tique; Callum me havia mostrado uma das mais belas visões observadas pelo homem: o voo do falcão. Agora, olhei para a cabeça maravilhosa e orgulhosa quando ela se virou lentamente, e fiquei grata. Nem o passar do tempo, nem o enfraquecimento da memória me fariam esquecer aquilo.

A próxima fase era a pior e a mais perigosa — perigosa para Giorsal. Se eu me atrapalhasse, Giorsal estaria morta em pouco tempo, e seria uma ave apanhada na armadilha e aleijada enquanto vivesse; morreria infeliz, enredada em uma árvore ou bosque.

Assim peguei o pedaço de carne de lagópode, morto ilegalmente nas charnecas de Ballochtorra naquela manhã, o pedaço que eu havia guardado para aquele momento. Coloquei-o entre o polegar e o dedo indicador da mão esquerda, onde Giorsal pousava; torci-o um pouco, para que Giorsal o visse. Seus olhos maravilhavam-se com o seu mundo, e o papo já estava cheio, mas o odor a alcançou, e começou a puxar a carne delicadamente, como se fosse um brinquedo. Enquanto mantinha a atenção voltada para a carne, enfiei a mão direita na bolsa e agarrei a tesoura. Era pequena, com ponta grossa, mas uma lâmina afiada e cortante, que eu tomara emprestada de Mairi Sinclair, que a usava para cortar roupas. Explicara-lhe para que queria a tesoura, e ela havia sacudido a cabeça, enquanto tentava aguçá-la mais ainda:

— Duvido que corte. Não é feita para cortar couro.

Mas cortou. Callum mantivera o couro oleoso e flexível. Primeiro as tiras, que prendiam os sinos — um som levemente tilintante quando o que estava preso à perna esquerda atingiu o solo. O segundo estava difícil porque se encontrava na perna com que Giorsal agarrava a carne. Mas, afinal, enfiei a tesoura entre sua perna e o couro, e cortei. O segundo sino bateu no solo e rolou entre algumas pedras. Giorsal parou de comer ao ouvir o ruído. Depois, voltou-se para a carne novamente.

Desta vez, dirigí a tesoura para a pema erguida, primeiro; se eu pudesse cortar a peia sem alarmar a ave, a tarefa estava quase realizada. Parou de comer mais uma vez e olhou para mim, erguendo a cabeça e girando, para tentar compreender a coisa estranha e nova que acontecia.' Mas eu avançara a tesoura para perto da pema e a peia caiu. A segunda era mais simples. Giorsal ainda mantinha a pema erguida, com as garras estendidas, examinando sua estranha nudez, sem sino ou peia, quando alcancei a correia e cortei perto da segunda perna, aquela com que Giorsal segurava meu pulso.

— Adeus, Giorsal... — levantei o braço com o movimento que havia visto Callum fazer, quando impelia a ave.

Ergueu as asas, e pairou momentaneamente, as asas roçando meu rosto, como se não soubesse bem o que fazer com sua liberdade. Onde estavam as compridas tiras que tinham sido sua sombra a vida toda? Onde estava o som dos sinos? Mas, afinal, a sensação de alegria conquistou-a, e subiu, ganhando altura devagar, testando as asas. Voou em círculos sobre a clareira algumas vezes, como se decidindo que direção tomaria primeiro. Não teria necessidade de caçar naquele dia. Iria voar alto, flutuar, e se precipitar, fazendo movimentos zombeteiros para as aves de passagem, fingindo, brincando. Depois, se banharia, alisaria as penas com o bico e se secaria. E no dia seguinte, quando sentisse fome, mataria, e estaria sozinha e livre.

Eu voltaria por três dias, para o caso de Giorsal não caçar, e deixaria pombos frescos para ela ali na clareira, sobre o bloco de pedra. Tão cedo Giorsal não esqueceria onde era o seu abrigo, para onde voltara da caçada com Callum, todas as vezes. Então, teria se adaptado ao estado selvagem ou teria fracassado e morreria. Mas melhor morrer ali, na região que amava, em seu próprio elemento, do que passar os dias com o caparão em um abrigo escuro, sobre um poleiro. Ninguém, a não ser Callum, cuidaria de Giorsal adequadamente; agora, ninguém tentaria fazê-lo.

Subiu um pouco mais, acima das árvores da clareira e dos rochedos altos, atrás dela, como se quisesse se orientar, lembrar-se da lei de seu território. Pairou um pouco ali, e, de repente, desceu. Ergui a mão enluvada no momento exato em que se dirigiu a mim. Ficou ali durante três ou cinco segundos talvez, as, asas ainda abertas, os olhos pretos sondando os meus. Depois partiu, ganhando altura rapidamente agora, subindo mais e mais, afastando-se ao vento, atravessando velozmente o vale estreito, em direção ao penhasco de Ballochtorra onde havia nascido.

Abaixei a mão. Giorsal se fora — a mais bela das aves no voo, graciosa, que mergulhava sobre a presa, o fantasma da morte para as outras aves do vale — se fora. Mas havia voltado uma vez à minha mão, durante segundos mágicos,

relacionando o presente de sua liberdade, comigo. Compreendi então, plenamente, a alegria que Callum tivera com Giorsal. Somente por esta vez eu me fundi nele, verdadeiramente.

Mais que seu funeral, aquilo era a nossa real despedida.

— Adeus.

Ergui as peias, as correias, e os pequenos sinos indianos tilintantes. Não conseguia obrigar-me a entrar no chalé para deixá-los lá, assim, guardei-os na bolsa. Voltariam a Cluain comigo. Reuniriam-se ao pergaminho de William na mala de couro que viera da China — e que, raras vezes, eu abriria.

Foi nesse momento que seu vulto saiu da sombra das árvores próximas ao regato. Não se parecia absolutamente com Callum, e, no entanto, havia uma estranha semelhança em sua figura e porte. Acho que nunca havia notado como ele era alto. Usava o saiote verde de Cawdor e meias, uma jaqueta de lã verde-clara que parecia esvaecer-se em seu background. Mas havia o cabelo louro, mais claro em algumas partes porque não usava chapéu, e os olhos azuis estranhamente brilhantes. Não, Gavin não se parecia com Callum, exceto pela maneira familiar como se movia na região, o passo largo e calmo do andarilho de colinas, os movimentos moderados, a serenidade.

— Giorsal lhe dirigiu o maior galanteio, não é, Kirsty? O falcão peregrino de Callum... voltou à sua mão.

— Tenho lhe dado alimento...

— Isso não é tudo. Prendi a respiração quando Giorsal voltou. Sem peias... sem sinos. Uma ave livre.

— Tinha que ser livre. Não há ninguém que pudesse controlá-la. É certo que seja livre. Callum nunca suportaria ficar preso. Sei que fiz o que ele queria.

— E fez de forma magnífica.

— Eu estava assustada. Temia me atrapalhar. Se as peias não se soltassem, ela se enredaria em alguma árvore, e, provavelmente, ficaria pendurada de cabeça para baixo até morrer. Eu jamais me perdoaria por isso.

— Mas você conseguiu... e ela está livre — aproximou-se mais e notei, agora, seu pônei amarrado do outro lado do regato. — Fui a Cluain, e Mairi Sinclair me disse que você havia subido até aqui. Não é comum ela fornecer esse tipo de informação. Sempre mantém a boca fechada.

Tirei a luva e não pude evitar um suspiro. Era fadiga depois da tensão do

esforço, do medo? Era tristeza ao saber que ambos, Giorsal e Callum, tinham partido, finalmente?

— Nenhum de nós deixou de ser abalado por estes últimos dias, Gavin. Talvez ela tenha mantido a boca fechada todos esses anos por causa de Callum. Agora, todos sabem que ele era filho de meu avô. Há menos razão para haver silêncio em Cluain agora... e, no entanto, como a casa está silenciosa! Que silêncio enervante! Tão tranquila, que ouço uma espécie de chiado dentro de mim. Pergunto-me se é medo ou solidão... ou o quê. Há tanta coisa a fazer, e tanto que sei que não fiz no passado, tanto que julguei erradamente. Farei isso de novo?

Ele colocou a mão no meu ombro.

— Calma, Kirsty, calma... Chore quando precisar, mas não chore por qualquer coisa que tenha feito.

— Amei-o... amei Callum, e não devia tê-lo amado.

— Nenhum amor jamais é desperdiçado... ou perdido. Eu também tenho que repetir isto a mim mesmo. Tenho que perguntar a mim mesmo onde julguei mal, onde fracassei com ela. Mas Callum amou você, Kirsty. Como o seu falcão também... como um ser quase selvagem ama algumas vezes. O falcão voltou à sua mão, Kirsty. Nunca o esqueça. Foi como se Callum, da única maneira que podia, estivesse de volta, com você... naquele instante. Ninguém deve esquecer tais coisas, e nenhum amor deve ser esquecido, não importa o que deu errado. É valioso... não tem preço.

O tom era suave quando continuou:

— Como é aquela norma do falcoeiro...? Algo sobre uma águia para um imperador, um falcão para uma rainha...

— Um rei — corriji.

— Um falcão para uma rainha, Kirsty. E você é uma rainha... este território é seu, tão certamente quanto é do falcão. Na natureza, existem os nobres... você e o falcão. Não são feitos para coisas mesquinhas ou pequenas. Só conhecem grandes alegrias e amores... grandes dores. Quando voam, voam alto, com segurança e rapidez. Quando caem, não tropeçam, espatifam-se. Se devem cair, é o fim... e o aceitam. Você e o falcão, Kirsty. Jamais esquecerei essa visão...

Trouxe Ailis da cocheira, e Gavin e eu começamos a descer a trilha. Era tortuosa e encantadora, como eram as altas charnecas e as depressões muito sombrias, e eu sentiria falta delas. Mas a garota que havia cavalgado Ailis pelo vale, naquele verão, desaparecera; ela havia morrido com o incêndio e com o voo do falcão. Eu não estava muito certa sobre que mulher tomaria o seu lugar; uma mulher

de negócios, que administraria Cluain, como eu prometera que seria feito, uma mulher que devia, agora, crescer em espírito e em coração, para que não houvesse lugar para Callum, William — e, sim, Angus Macdonald — mas para outros, que viriam reunir-se a eles.

Virei a cabeça para Gavin:

— Diga a Jamie que tenho um presente para ele.

— Que presente?

— Vou lhe dar Ailis.

Fiquei contente porque ele não protestou. Em vez disso, avançou e nossos dois pôneis ficaram lado a lado.

— Ailis será a coisa mais valiosa que Jamie jamais possuirá — depois, sua mão procurou a minha, rapidamente, um toque apenas: — E eu, Kirsty... haverá alguma coisa para mim, algum dia?

Olhei, não para Gavin, mas para o alto, meus olhos erguidos para o céu, à procura de Giorsal; mas não vi o falcão. Virei-me e olhei para trás. As nuvens subiram mais, levadas pelo vento, e na dobra mais alta e mais distante das Cairngorms, que eu podia ver, o que caíra como chuva no vale na noite anterior, lá em cima, jazia em uma faixa branca e brilhante: a primeira neve do inverno próximo.

— Quem sabe? Talvez no momento certo... no momento certo...

EPÍLOGO

Foi assim que as terras de Cluain e Ballochtorra se juntaram novamente, através de Gavin e de mim. O velho, que morria lentamente em Edinburgh, finalmente perdeu o controle sobre a vida, e quando o Rei Eduardo VII foi coroado, era eu, não Margaret, quem tinha o direito de se sentar na Abadia de Westminster e usar a coroa de marquesa. Mas Gavin e eu não estávamos lá; Gavin nunca havia assumido seu lugar, formalmente, na Câmara dos Pares, e não tínhamos intenção de gastar dinheiro para a extravagância dos mantos e o custo da viagem. Nervosamente, Samuel Lachlan sugeriu a Gavin que lhe desse a permissão de pagar, mas nem sequer levamos o fato em consideração. Havia uma construção interminável acontecendo em Cluain e a dívida para pagar. Não parecia ocasião propícia para tal viagem, mesmo se deixássemos Samuel Lachlan pagar. Acho que ficou desapontado; havia esperado pelas histórias que traríamos de volta. Comemoramos o Dia da Coroação com um piquenique nas charnecas, em um local, não alto e solitário, mas facilmente acessível à estrada. Fomos de aranha, porque Samuel Lachlan não podia caminhar muito, e porque eu esperava meu primeiro filho. Somente Jamie falou de suas recordações da época em que o Príncipe, que era o Rei agora, havia visitado Ballochtorra.

Quando os filhos chegaram, Jamie ainda manteve seu lugar especial comigo — tão amado quanto eles, talvez até mais. Ele era o meu elo, através de Margaret, com William e Callum. Ele sempre fora uma criança encantadora e tornou-se um rapaz bonito. Nós lhe demos o quarto da torre de Cluain; mudei-me de lá para o quarto de meu avô depois de Angus Macdonald morrer. Não queria mais saber da vista extensa do vale até o alto de Ballochtorra, e descendo até o rio. Acho que mesmo Gavin não ficou infeliz que a outra ala de Cluain cortasse a visão de Ballochtorra. Ambos vivíamos com nossos próprios fantasmas, Gavin e eu.

As construções de Cluain continuaram, sem cessar nunca, jamais completamente prontas, parecia, para abrigar a nova produção de uísque. Dois fiscais do imposto de consumo vieram com suas famílias para tomar o lugar de Neil Smith, porque crescíamos muito depressa. Com somente metade do empréstimo pago, Gavin e eu fizemos um outro para uma segunda destilaria, com quatro alambiques. Isto significava estocagem extra.

— Tome cuidado, Kirsty. Você ficará com James Ferguson — disse Samuel Lachlan.

Mas adiantou o dinheiro e continuamos a lhe pagar, e a pagar os juros também. Ele continuou vindo a Cluain, com mais e mais frequência, alcançando uma

idade avançada, como eu havia previsto. Viveu para beber seus barris da reserva especial do uísque de Cluain, e o novo produto destilado já tinha uma idade respeitável, antes que ele o provasse. Achei que se divertia com tudo, do seu próprio modo — a atividade incessante, as dificuldades, os pequenos triunfos. Parecia gostar de ver Gavin e eu juntos em Cluain. Não era um local tão calmo quanto havia sido. Crianças são barulhentas, e precisam de espaço para brincar e de mais criados. Samuel Lachlan não parecia se importar. As crianças brincavam ao seu redor como cãezinhos, e nunca esqueci o dia, não muito depois do meu casamento, em que ele veio a Cluain com um traje de lã cor de urze, porque Jamie o havia provocado, dizendo que somente as gralhas andavam pelas charnecas de roupas pretas. Samuel Lachlan nunca se afastou muito nas charnecas, não por muito tempo, mas amava Jamie. E Jamie parecia lhe retribuir aquele amor, generosamente. Samuel Lachlan teve a fase feliz de sua vida com Cluain, amor e companheirismo.

Mairi Sinclair permaneceu em Cluain, mas suavizou-se apenas um pouco com o passar dos anos, conservando sempre a dignidade reverente e os hábitos austeros, embora Cluain mudasse ao seu redor, tomando-se uma casa quase nova, levemente em desordem, com livros, quadros, música e flores. Mas quando meus filhos lutaram para se manter de pé e dar os primeiros passos, notei que era a sua saia que eles seguravam, sua mão que apertavam, tão depressa quanto a minha. Cresceram respeitando-a, mas sem temê-la. Em momentos de descuido, quando eu via seus olhos sobre cada uma das crianças, parecia-me que a ansiedade angustiada de sua expressão havia desaparecido. Comecei a acreditar que ela, também, viveu aqueles anos mais feliz do que nunca antes.

Jamie foi afinal para a escola, sob protesto, em Edinburgh, e foi na Universidade de Edinburgh que conseguiu seu diploma em ciências. Samuel Lachlan quis pagar para que Jamie fosse para Cambridge, e Jamie recusou.

— Edinburgh é melhor — disse ele, com um chauvinismo de jovem — e além disso, Cambridge é longe demais de casa.

Surpreendeu a todos, então, quando, com o diploma na mão, disse que queria ficar em Cluain e trabalhar na destilaria. Samuel Lachlan hesitou:

— Parece bom ter um nome de conde no cabeçalho do papel de cartas, mas já temos o de um marquês! Pode um conde trabalhar na destilaria?

— Sou um químico — disse Jamie, e foi trabalhar.

E os trabalhadores da destilaria nunca o chamaram de outra coisa a não ser de Master Jamie.

— O uísque está se tornando a bebida do mundo, Sr. Lachlan — dissera ele, tão ardentemente, como se acabássemos de descobrir a bebida. — Quero trabalhar em uísque.

Cumpria o horário de trabalho na destilaria, e nas horas de folga, percorria o vale com o pônei que Samuel Lachlan lhe dera, depois da morte de Ailis, pescava no rio e caçava nas charnecas. Aprendeu a tocar órgão com Gavin, bastante bem, mas sem o talento do pai. Samuel Lachlan pagou petos concertos do órgão, quando se tornaram necessários. Samuel costumava ouvir as lições de órgão de Jamie com Gavin, e depois começou a ficar para ouvir Gavin tocar. A descoberta da música chegou tarde para ele na vida.

Depois, Jamie foi morto na Batalha do Somme em 1916, e houve uma sepultura para ele em Flandres, e somente uma placa de mármore em sua memória na igreja de Ballochtorra.

Após a morte de Jamie, Samuel Lachlan enfraqueceu rapidamente. Ele amava meus filhos, mas não amava nenhum tanto quanto amara Jamie.

— Estou velho demais — falou, como havia dito quando meu avô morrera.

Ver a dor daquele velho era pior que observar a tristeza de Gavin. Insisti com ele para desistir da casa em Inverness, o símbolo de sua independência, e vir para Cluain. Concordou, depois de discutir, mas não sobreviveu muito a Jamie. Foi estranho ouvir a leitura do seu testamento, redigido com tanto cuidado em sua linguagem de advogado. Gavin e eu trabalháramos tanto para pagar o empréstimo e os juros — mas isso estava de acordo com os princípios de Samuel Lachlan, e fora o que eu havia prometido. Seu testamento, o último feito logo após a morte de Jamie, deixava todos os seus bens para mim. Foi enterrado no cemitério de Ballochtorra, e outro túmulo de granito se ergueu ali.

Ninguém nunca comprou Ballochtorra, embora as charnecas fossem arrendadas todos os anos para a caça. Gavin não tentou manter Ballochtorra em bom estado de conservação.

— Terei que empobrecer meus filhos para manter uma fachada de que ninguém precisa? — respondera às críticas de Samuel Lachlan, sobre uma construção caindo em ruínas. — Começou como uma pequena fortaleza e castelo. O resto é criação de James Ferguson. Por que eu tentaria preservar isso?

Gavin tivera total recompensa no aproveitamento dos campos do rio, além da curva de Ballochtorra — campos onde um gado tão luzidio, quanto qualquer um que Cluain jamais possuísse, pastava agora.

Assim o jardim em socalco de Ballochtorra obscureceu com ervas daninhas e árvores novas surgiram. A massa das janelas se soltou, e as vidraças caíram e se despedaçaram; o telhado começou a deixar entrar neve e chuva. A hera penetrou na casa. As gralhas fizeram ninho em todas as fendas das torres de ameias, seus gritos roucos, uma parte de nossas vidas. Quase todo domingo eu caminhava com Gavin e nossos filhos pelo cemitério de Ballochtorra, e via os túmulos de granito, e toda primavera, quando as neves derretiam, ia cortar a erva crescida sobre as sepulturas, deixando as flores silvestres se estenderem para a luz. E toda primavera, eu procurava falcões trazendo alimento para um ninho no alto do penhasco de Ballochtorra. Acalentava o pensamento de que Giorsal encontrara um companheiro, e fizera seu ninho lá no alto, em algum lugar das saliências rochosas onde nascera; fiz-me acreditar que seus descendentes voltavam para lá a fim de acasalar-se e constituir seus ninhos. Algumas vezes, vi a mancha flutuante, alta, de um falcão. E nunca esqueci aquele momento irresistível e milagroso, quando um peregrino chamado Giorsal havia pousado, voluntariamente, na minha mão estendida. Gavin tinha razão; não se pode esquecer.

E não empobrecemos nossos filhos; não mantivemos uma fachada. Talvez tivéssemos aprendido, afinal, o verdadeiro significado do mote de Cawdor — Sê Vigilante.

* * *

Table of Contents

Orelhas:

Contracapa:

OS CLÃS - OS MOTES

PRÓLOGO

CAPÍTULO UM

I

II

CAPÍTULO DOIS

I

II

CAPÍTULO TRÊS

I

II

CAPÍTULO QUATRO

I

II

III

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

I

II

III

IV

CAPÍTULO NOVE

I

II

CAPÍTULO DEZ

I

II

CAPÍTULO ONZE

I

II

III

CAPÍTULO DOZE

EPÍLOGO